ALQUIMIA DA PEDRA

Bestseller do LA Times Reading
Indicado como melhor leitura
pela James Tiptree Award List
e pela Locus Reading List

EKATERINA SEDIA

VENCEDORA DO WORLD FANTASY AWARDS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

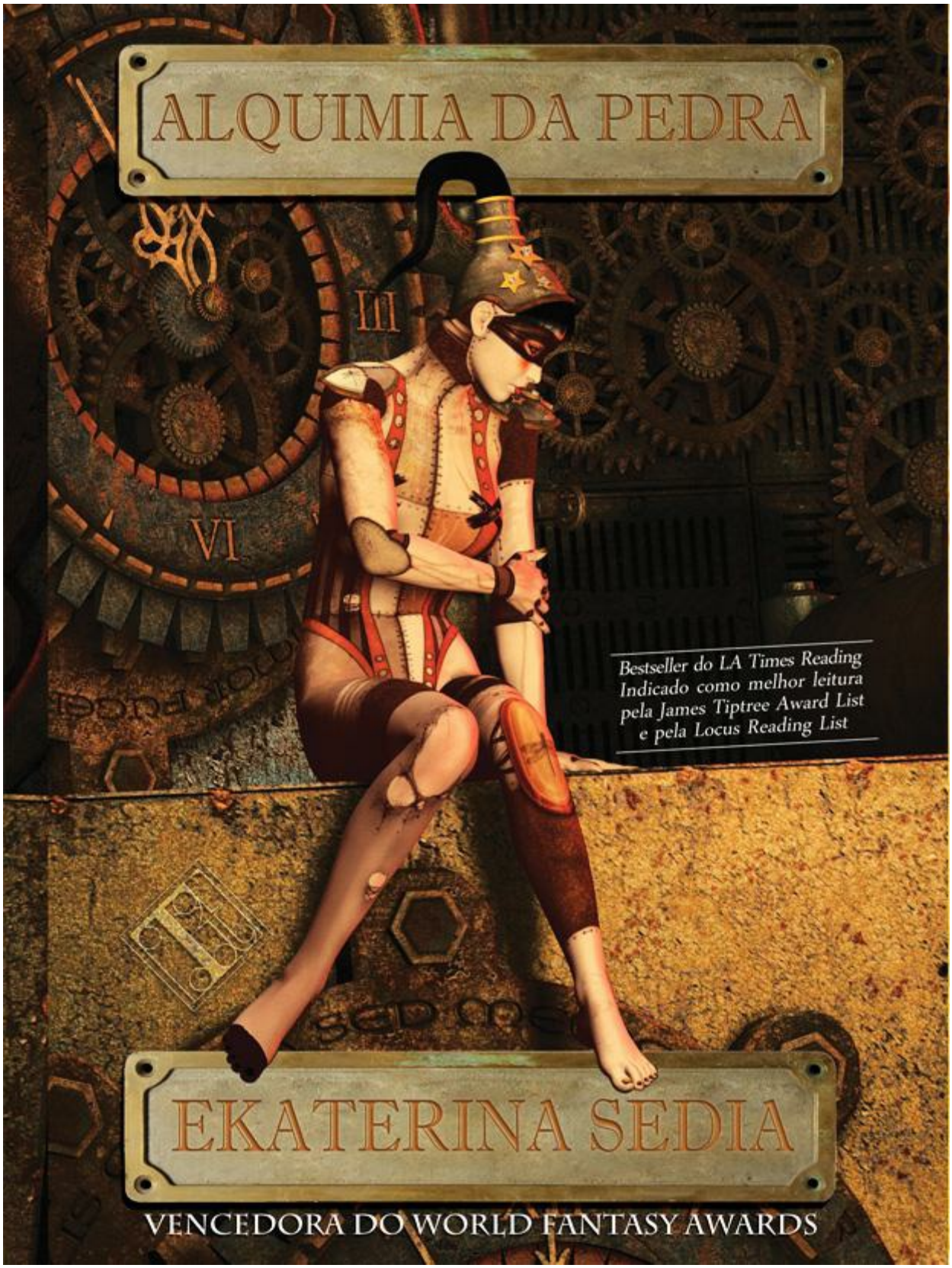
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


ALQUIMIA DA PEDRA
Bestseller do LA Times Reading
Indicado como melhor leitura
pela James Tiptree Award List
e pela Locus Reading List
EKATERINA SEDIA
VENCEDORA DO WORLD FANTASY AWARDS

Índice

CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS
Sobre a Autora
Sobre a Editora

CAPÍTULO I

Nós escalamos os tijolos ásperos da fachada do prédio. Suas bordas esfarelavam-se sob nossas garras; eles se projetavam da face plana da parede, fornecendo um excelente apoio para nossos pés. Poderíamos ter usado a escada de incêndio, poderíamos ter subido pulando as janelas opacas com persianas, poderíamos ter evitado a cacofonia alegre de metal e os sussurros quase inaudíveis da ferrugem soltando-se e caindo devido a nossa ascensão.

Nós poderíamos ter voado.

Mas, ao invés disso, abraçamos a parede, pressionando nossas faces contra os tijolos quentes, o bordado do tempo em suas superfícies, estampado em nossa pele cinzenta, como o céu trovejante acima de nós. Descansamos na parede, nossos dedos agarrados às depressões dos tijolos como se fossem feitos especialmente para isso, agarrar-se.

Já havíamos percorrido quase todo o caminho até o telhado vermelho e íngreme, com telhas em formato de escamas de peixe.

Nós olhamos para a janela solitária iluminada por um brilho quente, a única aberta, com os cheiros de sálvia, cordeiro e cloro escapando. Nós olhamos para a longa bancada decorada com alambiques e retortas e poções coloridas e ramos de ervas secas e vasos contendo olhos lacrimejantes de ovelhas, vindos do açougue.

Nós encontramos a garota.

Seu rosto de porcelana estava quebrado — uma queda recente, um acidente? —, notamos as teias de rachaduras em sua bochecha e testa, irradiando-se a partir do ponto de impacto como raios solares. Sim, nós nos lembramos do sol.

Seus olhos azuis, lapidados em vidro caríssimo e coloridos com sais de cobre, olhavam para a escuridão, e não sabíamos se ela podia nos ver.

Mas então ela sorriu e acenou para nós, e as engrenagens e rolamentos de bronze de suas articulações guincharam sua saudação mecânica. Ela empurrou a mecha de cabelo escuro (ela não sabe, mas o cabelo pertencera a um menino morto) para detrás da orelha delicada, uma concha perfeita e rosa. Suas mãos hábeis, projetadas para moer, misturar e medir, deslizaram na saia larga, acenando.

— Entrem — ela disse.

Rastejamos para dentro do quarto através da janela; a contragosto e cautelosamente, nós rastejamos (mas poderíamos ter voado). Crescemos conscientes daquilo que não nos pertence, conscientes do cinza de nossa pele, do nosso cheiro de merda de pombo, e nos perguntamos se ela o percebia — enchemos o quarto com nossos corpos azedos, ásperos e embrutecidos.

— Buscamos sua ajuda — nós dissemos.

Seu rosto de porcelana rachado permaneceu sem expressão como o nosso.

— Estou honrada — disse ela.

Seus olhos azuis destacaram-se um pouco de seus encaixes. Sua estrutura estalou ao inclinar-se para a frente, curiosa a nosso respeito. Seu vestido era decotado e vimos que havia uma pequena janela transparente em seu peito, onde um coração-relógio estava tiquetaqueando constante, e não pudemos deixar de nos sentir ressentidos com esse som e, por extensão, com ela. O som do tempo esvaindo-se de grão em grão, o tempo que entorpece nossos sentidos e endurece nossas peles, o tempo com o qual pouco fomos agraciados.

— Farei tudo o que puder — ela disse, e nossos ressentimentos se esvaíram, dando lugar à gratidão — caindo como pele morta. Nós nos curvamos e saltamos para fora da janela, um por um, e voamos esperançosos, pela primeira vez em séculos.

A sala de Loharri recendia a incenso e fumaça, o ar denso como caramelo. Mattie provou-o com seus lábios e olhou através da névoa espessa que ocultava seu habitante.

— Mattie — disse Loharri da poltrona ao lado da lareira, onde estava esparramado em sua languidez habitual, um copo meio vazio ao chão. Um gato preto e gordo farejou seu conteúdo afetadamente, não achando-o apetitoso, mas bateu no vidro, virando-o e acrescentando o perfume da cerveja à mistura de odores já avassaladora, em que mal se conseguia respirar.

— Que bom vê-la.

— Você deveria abrir a janela — disse ela.

— Você não precisa de ar — Loharri disse petulante. Ele estava com um péssimo humor novamente.

— Mas você, sim — ela respondeu. — Você está a um peido de distância da morte por asfixia. Ar fresco não vai matá-lo.

— Pode ser — disse ele, ainda de mau humor.

— Só existe uma maneira de descobrir. — Ela deslizou até lá, o zumbido abafado de suas engrenagens no quarto repleto de cortinas e tapetes antigos enroladas de modo desordenado nos cantos, entre pedaços de máquinas e pratos vazios. Mattie estendeu a mão e abriu as persianas, recebendo a onda doce de lilases desabrochando, o cheiro de lama fresca do rio e nozes torradas da praça do mercado rua abaixo.

— Ainda está vivo?

— Muito mal. — Loharri sentou-se esticando e estalando a coluna. Então, bocejou, a boca escancarada e escura em seu rosto pálido. — O que a traz aqui, minha querida?

Ela estendeu a mão. Seus dedos finos e delgados seguravam um frasco de vidro azul.

— Uma de suas admiradoras me disse que você estava doente. Fiz-lhe uma poção.

Loharri retirou a rolha que tampava o frasco e cheirou o conteúdo com suspeita.

— Uma mulher? Qual? — perguntou ele. — Porque, se for uma amante rejeitada, eu não vou beber isso.

— Amélia — disse Mattie. — Eu não acho que ela queira você morto.

— Ainda não — Loharri disse sombriamente e bebeu. — O que isso faz?

— Ainda não — concordou Mattie. — É apenas um tônico. Vai dissipar seu tédio, embora eu imagine que uma brisa fresca possa fazer o mesmo.

Loharri fez uma careta. Não era um homem belo, para começar, e a careta de desgosto não melhorava sua aparência.

Mattie sorriu.

— Se um anjo passasse agora, sua cara ficaria assim para sempre.

Loharri zombou:

— Querida, só isso poderia piorar meu aspecto. Mas, falando de faces... a sua tem me incomodado ultimamente. O que você fez?

Mattie tocou as rachaduras, sentindo o inchaço familiar na superfície de porcelana lisa.

— Acidente — disse ela.

Loharri arqueou a sobrancelha esquerda — a direita era paralisada pela cicatriz e a pele manchada enodoada que arruinara metade de seu rosto. Era um milagre que seu olho houvesse sido poupado. Mattie ouvira dizer que algumas mulheres achavam as cicatrizes atraentes de uma forma romântica, mas estava certa de que a de Loharri estava longe do romântico.

— Outro acidente — disse ele. — Você é um autômato muito desajeitado, sabia disso?

— Não sou desajeitada — disse Mattie. — Não com minhas mãos

Ele fez uma careta para o frasco à mão.

— Acho que não, embora minhas papilas gustativas jurem o oposto. Ainda assim, eu lhe fiz algo.

— Um novo rosto — Mattie adivinhou.

Loharri sorriu torto e pôs-se de pé, esticando e estalando novamente a coluna. Passou a procurar pela sala entulhada até uma bancada que de alguma forma ficara escondida e perdida sob uma pilha de molas, bobinas, aparas de madeira e armaduras semiacabadas — que pareciam mais decorativas do que funcionais — em cobre brilhante.

Engrenagens e peças de motores e coisas que pareciam não totalmente animadas nem inteiramente mortas, e por um curto espaço de tempo Mattie ficou preocupada que a pilha caótica tivesse engolido Loharri. No entanto, logo surgiu com um grito triunfante, com um objeto redondo e branco às mãos.

Parecia uma máscara e Mattie desviou o olhar — ela não gostava de ver suas faces assim, cegas e descarnadas. Fechou os olhos e estendeu o pescoço na direção de Loharri em um gesto habitual. Dedos fortes e treinados puxaram o cabelo de sua testa, demorando apenas um segundo, e sentiu-os em torno da linha da mandíbula, procurando as engrenagens pequenas e os pistões que prendiam o rosto ao resto de sua cabeça.

Sentiu sua face desprender-se e aquele breve momento quando se sentiu exposta, nua, pareceu durar uma eternidade. Zumbiu de alívio quando sentiu o toque da nova superfície côncava envolvê-la, ocultando-a do mundo.

Loharri afixara o novo rosto no lugar e ela abriu os olhos, que levaram um momento para se ajustar aos novos encaixes.

— Como ficou? — Loharri perguntou.

— Bom o bastante — disse ela. — Deixe-me ver como estou.

Ela estendeu uma das articulações flexíveis que seguravam os olhos e inclinou-a para ver a máscara de porcelana branca. Loharri não a tinha pintado. Ele se lembrara das queixas dela sobre a face anterior, que era muito clara, muito berrante (e foi por isso que ela a quebrou, em primeiro lugar), e ele deixara esta completamente lisa, impregnada com sua cor natural, azulada, que lembrava o céu pálido sobre a cidade em julho.

Só os lábios, cobertos com sensores de odor e sabor, foram pintados da mesma cor, vermelha pálida, dos telhados do bairro dos comerciantes.

— Muito bom — disse Mattie. — Obrigada.

Loharri assentiu.

— Não há de quê. Não importa quão emancipada você seja, ainda é minha. — Sua voz perdeu a acidez habitual, e ele estudou seu rosto novo com uma expressão séria. Havia coisas a respeito das quais Mattie e Loharri não falavam e uma delas eram as características físicas

de Mattie, que se mantiveram constantes de uma máscara para outra, não importando quanto ele experimentasse as cores.

— Parece bom — ele finalmente concluiu. — Agora, me diga o verdadeiro motivo para sua visita. Certamente você não se apressa em me ver cada vez que alguém diz a você que eu poderia estar doente.

— As gárgulas — disse Mattie. — Elas querem me contratar, e eu quero sua permissão para fazê-las minha prioridade, em detrimento do seu projeto.

Loharri assentiu.

— É uma boa ideia. Acha que nossos senhores cinzentos estão cansados de serem transformados em pedra?

— Sim. Eles sabem que suas expectativas de vida são muito curtas e seu destino é muito cruel, e eu não posso dizer que discordo. Apenas... eu realmente não sei por onde começar. Pensei em poções de vitalidade e em misturas para amaciar couro, elixires para soltar as articulações calcificadas... é só do que parecem sentir falta.

Loharri sorriu e tamborilou com os dedos em seu joelho.

— Entendo seu problema e, sim, você pode trabalhar nesse projeto, para a felicidade do seu pequeno coração de relógio.

— Obrigada — disse Mattie. Se ela fosse capaz de sorrir, teria sorrido. — Eu lhe trouxe o que fiz até agora, uma lista de produtos químicos que mudam de cor quando expostos à luz.

Loharri pegou o pedaço de papel oferecido por dois dedos longos e abriu-o, distraído.

— Conheço pouco de alquimia — disse ele. — Eu não sou amigo de nenhum dos seus colegas, mas suponho que poderia encontrar alguém para me ajudar, embora eu duvide que haja alguém que saiba mais sobre o assunto do que você. Apesar disso, tenho uma dica sobre as gárgulas.

Mattie inclinou a cabeça por sobre o ombro, expectante. Ela tinha aprendido poses de expressividade e sabia que elas divertiam seu criador, mas se perguntava se deveria sentir vergonha de ser manipuladora.

Como esperado, ele riu.

— Quem é a mais doce máquina nesta cidade? Escute minhas palavras, então. Eu me lembro de uma mulher que trabalhou no problema das gárgulas alguns anos atrás. Beresta era o nome dela, uma estrangeira do distrito oriental. Mas ela morreu — uma coisa triste, triste mesmo.

— Oh — Mattie disse desapontada. — Será que ela deixou alguma anotação?

Loharri balançou a cabeça.

— Não, nada. Mas, para sua sorte, ela tornou-se um espírito inquieto, um fantasma sorrateiro que se escondeu no telhado da velha casa dela. E você sabe o que fazem com fantasmas impertinentes.

Mattie inclinou a cabeça em concordância.

— Eles chamam o Fumante de Almas.

— De fato. E se há alguém que sabe os segredos de Beresta, é ele. Você não tem medo do Fumante de Almas, não é?

— Claro que não — Mattie disse suavemente. — Eu não tenho alma, temê-lo seria uma mera superstição. — Levantou-se e alisou a saia, sentindo sob o tecido fino a barbatana rígida que mantinha sua saia armada e cheia. — Obrigada, Loharri. Você foi muito gentil.

— Obrigado pelo tônico. Mas, por favor, não deixe de me visitar ocasionalmente, mesmo não havendo nada que você deseje de mim. Sou um homem sentimental.

— Farei isso — respondeu Mattie, e foi-se embora.

Após sair, ocorreu a Loharri que, se ela quisesse ser gentil com ele, poderia oferecer-lhe coisas que sabia que ele queria, mas que nunca pediria. Ela poderia convidá-lo a tocar seu cabelo ou deixá-lo ouvir o tique-taque de seu coração. Sentar com ele na escuridão, nas horas mortas entre a noite e a manhã, quando os demônios o atormentavam mais do que o habitual, e então, talvez, ele falasse sobre coisas que de outra forma não falaria. Talvez, em seguida, dissesse a ela por que a tinha feito e por que ficara tão desesperado quando ela resolvera morar sozinha e estudar para se tornar algo mais do que uma parte dele.

O problema era que aquelas eram coisas de que ela preferia não saber.

Mattie tomou o caminho mais longo, serpenteando através do mercado entre as muitas barracas de comes e bebes, tecidos e especiarias; demorou-se em uma tenda que vendia ervas importadas e produtos químicos, onde comprou um punhado de salamandras secas e uma garrafa de sais de cobre. Continuou seguindo ao leste do rio e dedicou um tempo à margem, observando os barcos a vapor que cruzavam o rio bufando, transportando mármore para a nova construção na margem norte. Comentava-se que se tratava do novo prédio do Parlamento, e Mattie supôs ser mais do que uma fofoca das festas de Loharri.

Desde que os Mecânicos ganharam a maioria das vagas no governo, a renovação da cidade adquirira um ritmo febril e as ruas pareciam mudar diariamente, acomodando novas estradas e mais e mais fábricas que expeliam fumaça e vapor e fabricavam novas e assustadoras máquinas.

Ainda assim, Mattie tentava não pensar demais em política. Pensou nas gárgulas e também nas palavras de Loharri.

Ele as chamara de seus senhores.

Embora a cidade devesse sua existência às gárgulas, elas não tinham sido nada além de benfeitores para o povo. Ele sabia algo de que ela não sabia? E, se era tão desdenhoso com relação às gárgulas, por que se ofereceria para ajudar?

Mattie caminhou sem pressa ao longo do rio. Era um belo dia e muitas pessoas passeavam ao longo do aterro, aproveitando o calor da primavera e o cheiro doce e úmido do rio. Ela recebeu alguns olhares curiosos, mas as pessoas em geral não se importavam com ela. Passou por uma fábrica de papel que se agachava sobre o rio como um sapo feio, despejando um fluxo de espuma branca n'água, e um odor forte de sanitário a cercou como uma nuvem. A partir da fábrica, virou-se para as ruas sinuosas do distrito oriental, onde edifícios de três andares agarravam-se como ninhos de andorinha na face de um penhasco. O mar de telhados vermelhos fluía e refluía, tanto quanto os olhos podiam ver, e Mattie sorriu. Gostava do distrito do jeito que era, entupido de pessoas e pequenas lojas ocupando os primeiros andares, sem fábricas e com as ruas estreitas demais para qualquer meio de transporte mecanizado.

Entrou por sua rua e foi para casa, o tique-taque de seu coração mantendo o ritmo de seus pensamentos sobre as gárgulas e a relação de Loharri para com eles.

O quarto-laboratório de Mattie localizava-se acima de um boticário, para o qual ela

ocasionalmente fornecia elixires e pomadas. Remédios menos convencionais permaneciam em seu laboratório, e aqueles que procuravam por eles visitavam seus aposentos no andar de cima, pois geralmente usavam a entrada dos fundos e a escada frágil que subia a partir da loja.

Quando chegou em casa, Mattie encontrou em seu sótão uma visitante esperando nos degraus. Ela conhecera a mulher antes, em uma das reuniões de Loharri — o nome dela era Iolanda e se destacava fácil da multidão, Mattie lembrou —, enérgica e de riso alto, e olhara Mattie diretamente nos olhos quando foram apresentadas. E agora o olhar de Iolanda novamente não hesitou.

— Posso entrar? — disse ela logo que viu Mattie, e sorriu.

— É claro — disse Mattie, e destrancou a porta.

O corredor era estreito e levava diretamente para o quarto dela, que continha uma mesa alta e seus poucos livros; Mattie conduziu a visitante até o laboratório, onde havia espaço para sentar e conversar.

— Gostaria de uma bebida? — Mattie perguntou. — Eu tenho um licor sabor de jasmim maravilhoso.

Iolanda assentiu.

— Eu adoraria. É muita consideração sua ter refrescos.

Mattie serviu-a.

— É claro — disse ela. — Consideração sua perceber isso.

Iolanda pegou o copo oferecido dos dedos de cobre de Mattie, estudando-os, e tomou um longo gole.

— Na verdade, é divino. Agora, se você não se importa, eu gostaria de dispensar as gentilezas e tratar de negócios.

Mattie inclinou a cabeça e sentou em um banquinho à bancada, oferecendo o outro para Iolanda com um gesto.

— Você não é rica — disse Iolanda. — Não é uma pergunta, mas uma constatação.

— Não mesmo — Mattie concordou. — Mas eu não preciso de muito.

— Mmmm — fez Iolanda. — Suspeito que um alquimista, para ser conhecido e bem-sucedido, precise comprar ingredientes, e alguns são mais caros do que outros.

— Isso é verdade — disse Mattie. — Agora, como isso se relaciona com os “negócios”?

— Eu posso torná-la rica — disse Iolanda. — Preciso de um alquimista discreto e habilidoso. Mas, antes de explicar minhas necessidades, deixe-me perguntar-lhe: você se considera uma mulher?

— É claro — disse Mattie, surpresa e perplexa. — O que mais eu poderia me considerar?

— Talvez eu não tenha me expressado bem — disse Iolanda, e jogou para dentro da boca o restante da bebida com um gesto inesperado e abrupto. — O que eu quis dizer foi: por que você se considera uma mulher? É porque você foi criada como uma?

— Sim — respondeu Mattie, embora crescesse cada vez mais seu desconforto com a conversa. — E por causa da roupa que eu visto.

— Então, se você mudasse de roupa...

— Mas eu não posso — disse Mattie. — Sei que você tem que usar corselete e aros para dar às suas roupas a forma adequada. Mas eu fui criada com tudo isso já no lugar, elas são parte de mim tanto quanto meus olhos. Então, eu lhe pergunto: o que mais poderia considerar-

me?

— Não procurei ofendê-la — disse Iolanda. — Confesso meu preconceito. Não faria negócio nem empregaria uma pessoa ou um autômato de um gênero diferente do meu, e eu simplesmente tinha que saber se seu gênero não era apenas coincidência.

— Eu entendo. E garanto-lhe que a minha feminilidade é tão arraigada quanto a sua própria.

Iolanda suspirou. Mattie intuiu que Iolanda era bonita, com seus cachos negros brilhando em cascata sobre seus ombros e peito, pálpebras lânguidas meio que escondendo seus olhos escuros.

— Está ótimo para mim. E quanto a Loharri... você pode guardar segredos dele?

— Eu posso e eu guardo disse Mattie.

— Neste caso, apreciarei se você mantiver nosso acordo em segredo — disse Iolanda.

— Farei isso, uma vez que você me diga do que se trata — respondeu Mattie.

Ela atirou um olhar involuntário para sua banca, onde os ingredientes esperavam por ela para moê-los e misturá-los e evaporá-los. O aludel permanecia vazio, como se com fome, e ela estivera sentada inquieta por muito tempo, de mãos vazias e imóvel.

Iolanda levantou as sobrancelhas, sem muita certeza de que entendera Mattie. Parecia uma daquelas pessoas que não estavam acostumadas a serem apressadas.

— Bem, eu quero que você esteja disponível para minhas necessidades e cumpra minhas ordens em um curto espaço de tempo. Poções, perfumes, tônicos... esse tipo de coisa. Pagarei uma comissão, assim você receberá mesmo quando não houver necessidade de você.

— Tenho outros clientes e projetos — disse Mattie.

Iolanda acenou-lhe com desdém.

— Não importa. Contanto que eu possa encontrá-la quando precisar.

— Parece razoável — Mattie concordou. — Eu me esforçarei para cumprir ordens simples em um dia e complexas a partir de dois dias até uma semana. Você não encontrará quem o faça mais rápido em qualquer outro lugar.

— É aceitável. E, para seu primeiro serviço, eu preciso que você me crie uma fragrância que cause arrependimento.

— Volte amanhã — disse Mattie. — Ou deixe seu endereço e eu mando um mensageiro.

— Não há necessidade — disse Iolanda. — Enviarei alguém para buscá-la. E aqui está seu salário da primeira semana.

Ela levantou de seu banquinho e colocou nele uma pequenina bolsa.

— E, se alguém perguntar, nós somos conhecidas casuais, nada mais.

Iolanda partiu e Mattie sentiu-se preocupada demais para sequer olhar para seu pagamento. Quase se arrependeu de seu acordo com Iolanda. Enquanto fossem pedidos simples, não era tão incomum que cortesãs empregassem alquimistas ou quaisquer outros artesãos com base em um contrato, mas algo sobre Iolanda parecia errado.

Mais intrigante era que, se ela quisesse manter segredo de Loharri, poderia fazer melhor do que contratar o autômato feito pelas mãos dele. Mattie não era tão vaidosa a ponto de pressupor que sua reputação como alquimista superasse o bom senso comum.

Mas, de qualquer forma, era trabalho, e perfume certamente parecia menos assustador do que conceder uma extensão de vida útil às gárgulas, então ela misturou âmbar e sálvia, mirra e a casca de ciprestes mortos, sublimando cânfora seca. O cheiro obtido era agradável e triste, e

ainda assim não era certo que fosse o suficiente para evocar arrependimento — algo parecia faltar.

Fechou os olhos e cheirou-provou a mistura com seus sensores, esforçando-se para lembrar da última vez que sentira remorso.

CAPÍTULO II

Ratos fugiam do casarão empoleirado sobre o Lago Estorninho e Mattie assentiu para si mesma. O Fumante de Almas não poderia estar longe agora, e ela apressou o passo, os saltos de madeira batendo nas pedras do calçamento, o fluxo de ratos fugindo na direção oposta, separando-se ao redor de seus pés.

A casa alta sustentava-se envolta em coroas de luto, ramos escuros de ciprestes mergulhados em fumaça líquida, com janelas escuras e lacradas. O êxodo de ratos estava quase no final e a família, vestida de luto, esperava amontoada na varanda, com medo de voltar para dentro da casa até que a alma relutante fosse expulsa de lá.

Mattie tinha curiosidade sobre as almas deixadas para trás, pequenas entidades sem corpo feitas de neblina, transparentes, que gostavam de se encaracolar dentro de locais secretos das casas — por detrás de lambris, entre as tábuas de madeira dos painéis, nos buracos dos ratos, em armários. Imaginava por que eles permaneciam onde não era seu lugar, de onde até mesmo os ratos fugiam. O que queriam? Imaginou que só o Fumante de Almas saberia responder.

Fez uma reverência à família — duas meninas e um menino pequeno, agrupados em torno de uma mulher idosa e debilitada, a avó, aparentemente.

— Sinto muito pela sua perda — disse ela.

Eles acenaram para ela, respeitosos com sua dor. Autômatos emancipados não eram numerosos, e até mesmo os mais ricos (e Mattie assumia a riqueza dessa família com base no tamanho de sua morada e na localização conveniente junto ao lago) tratavam-nos com reverência por seu mérito presumido.

— Nós colocamos o ópio — disseram eles. — O Fumante deve aparecer em breve.

— Eu esperarei com vocês, com sua licença — disse Mattie. — Tenho negócios com ele.

Eles não disseram nada, mas Mattie deduziu das pálpebras abaixadas — através de delicadas veias ramificadas como árvores nuas no inverno — que não estavam à vontade para discutir o assunto.

Afastou-se da varanda e ficou de pé, ereta, junto de uma velha árvore sobrecarregada com hera e longas guirlandas de liquens.

Esperou o Fumante em silêncio e calma adequados.

Viu-o assim que ele surgiu vindo do aterro, percorrendo o caminho lentamente ao longo da borda da lagoa negra. O homem era pequeno e fino, preto e branco em seu terno preto e cabelos brancos. Sua bengala batia em um ritmo constante nos paralelepípedos e seus olhos, cegos e brancos, olhavam para cima, para o céu escuro.

Aqueles na lagoa que estavam apreciando o ar noturno saíam de seu caminho com pressa quase indecorosa, arriscando-se a pisar na lama e a manchar seus sapatos e vestidos de brocados, evitando olhar seus olhos vazios como nuvens.

Quando se aproximou da casa, a família deixou a varanda, retirando-se para as profundezas do jardim e deixando a porta aberta para ele. Sua bengala bateu na escada e de lado a lado, como a língua de uma cobra venenosa. Ele estava prestes a colocar o pé sobre o primeiro degrau, mas então virou-se para Mattie, sem dúvida alertado para a presença dela e o tique-taque de seu coração.

— Gentil senhor — Mattie disse educadamente. — Uma palavra, por favor.

— Me chame de Ilmarekh — disse ele com uma voz suave, quase feminina e com um ligeiro sotaque não identificável. — Faz bastante tempo desde que alguém quis trocar uma palavra comigo.

— Eu sou Mattie — disse ela, e suavemente tocou a mão do homem cego.

Ele respondeu a seu toque.

— Querida menina, você é um autômato?

— Sim, senhor — disse Mattie. — Sou uma alquimista e necessito de sua ajuda. O senhor se importaria se eu o observasse enquanto faz seu trabalho?

— De forma alguma — disse ele. — Venha para dentro.

O corredor de entrada fora tomado pelo crepúsculo e longos dedos de sombras se estendiam desde o teto em concha por todo o caminho até as paredes, só recuando nas janelas a oeste, que recebiam a última luz do sol.

Ilmarekh farejou o ar e Mattie provou-o também. Ambos seguiram o doce perfume enjoativo do ópio até a cozinha.

A alma do falecido já o havia encontrado. Havia um brilho fraco na tigela de pó marrom na mesa da cozinha e um halo estranho aquoso o cercava, como Mattie imaginara, tal qual um véu de lágrimas.

O cego cuidadosamente vasculhou os bolsos de sua jaqueta escura e extraiu um cachimbo. Sem qualquer cerimônia, enfiou o ópio no fornilho e acendeu-o com um fósforo sulfuroso. Fumo doce encheu a cozinha e a sombra líquida dançou, subindo e contorcendo-se sob o teto, tornando-se fumaça, tornando-se sombra e desaparecendo, sugada pela boca estreita sem lábios de Ilmarekh. Seu peito subia e descia na respiração, parecendo grande demais para sua diminuta estrutura, e cada filamento de fumaça foi sugado para seu peito e consumido.

Quando não havia mais ópio, Ilmarekh suspirou e tombou no banco à mesa da cozinha. Panelas de bronze refletiam seu rosto e cabelos brancos e parecia ele mesmo um fantasma. O ópio levara-lhe a cor dos lábios e seus olhos brancos estavam meio escondidos sob as pálpebras pesadas.

— O senhor está bem? — Mattie perguntou. — Eu tenho tônicos comigo, se estiver se sentindo fraco.

Sentou-se, como se lembrando da presença dela.

— Estou bem, eu lhe garanto. A nova alma leva um tempo para ajeitar-se.

— Quantas o senhor contêm? — Mattie perguntou.

— Centenas — respondeu ele sem qualquer orgulho ou remorso. — Eu imagino que você tenha vindo me perguntar sobre uma delas?

— Sim. Havia uma mulher, alguns anos atrás, uma alquimista... ela morava perto do rio, no distrito oriental. Seu nome era Beresta.

O cego permaneceu em silêncio, mastigando o ar como se provasse algo nele.

— Sim — disse depois de um tempo. — Eu a conheço.

Ilmarekh disse que desejava que o mundo fosse mais simples. Ele era cego desde o nascimento e imaginava poder ver a partir das memórias vagas e distantes das almas que viviam dentro dele. Suas coisas favoritas para imaginar eram reflexos e sombras, e reflexos de sombras ao longo de um painel longo e interminável de vidro. Isso é o que ele imaginava

que as almas que consumia eram, e ele imaginava-se como um mero reflexo da superfície, e, em vez de vaguear sozinhas pelo mundo, que não era gentil com as sombras, elas encontravam consolo em ver seu reflexo na alma de Ilmarekh, e o reflexo dava-lhes substância e contentamento.

Entre as centenas que conhecia por seus pensamentos e memórias entrelaçadas com a sua própria, conseguiu localizar Beresta com facilidade. Ele disse para Mattie que ela era uma alma tímida, reservada, que preferia permanecer despercebida a comunicar-se com ele.

— Mas eu posso persuadi-la — disse ele.

Mattie tentou imaginar o que era ter outra pessoa dentro de si, nítida e esquiva como um peixe pequeno e rápido, que se podia sentir na palma da mão aberta, cheia d'água, mas nunca se poderia segurá-la sem infligir ferimentos e sofrimento.

Isso era provavelmente o que seria ter uma alma dentro de si, pensou ela.

— Ela diz que a conhece — disse Ilmarekh depois de um silêncio prolongado. —Quero dizer, ela conhece o homem que a fez.

— Ele me enviou — disse Mattie.

Sentada na cozinha de alguém, sem a preocupação de que os proprietários se intrometessem em sua comunhão com o homem pequeno e estranho, sentiu-se quase criminosa. Os raios oblíquos e vermelhos do sol poente incendiavam as panelas e derramavam poças âmbar espessas no chão.

O ar cheirava a cedro e âmbar.

— Ela diz que conhece seu mestre — disse Ilmarekh. — Ela diz que dirá o que você quer saber se você contar a ela porque você se tornou uma alquimista.

Ambas as perguntas tinham a mesma resposta. Mattie se lembrava de quando tinha sido um simples autômato com mãos de metal robustas, projetadas para segurar cabos de vassouras e manusear panelas. Ela era inteligente o suficiente para conversar, para Loharri não ficar entediado. Costumava varrer o chão da oficina, repleta de peças de reposição mecânica, levantando nuvens de pó com raiva, e cozinhava refeições para ele, carne no vapor para animar a tez pálida de seu mestre e espantar a melancolia e dar-lhe disposição. Ela travara guerras prolongadas com ratos pequenos, que relutavam em deixar a casa e insistiam em dividir a comida que ela trazia do mercado. Às vezes, saía à rua com Loharri quando este precisava dar recados ou queria a companhia de alguém para levar as coisas para ele. Ela nunca pedira nada e não tinha sequer ouvido falar sobre emancipação, embora uma pontada ocasional de insatisfação viesse espontaneamente, vez por outra.

Tudo mudou um dia de junho, quando Loharri, ao contrário de reclamar sobre o calor sufocante e repetir que não sairia de casa até que o tempo mudasse para algo minimamente civilizado, chamou-a para sair com ele. Deu a ela uma máquina para carregar — um dispositivo simples, consistindo de um recipiente de bronze para água e um bico estreito; Mattie sabia o suficiente sobre as bugigangas inventadas por Loharri para adivinhar que, quando a água fervia, o vapor seria forçado através do bocal para as lâminas de um ventilador acima dela, girando a plataforma montada sobre ele.

Havia depressões profundas na plataforma, naquele momento vazias, e Mattie adivinhara que foram feitas para conter alguma coisa, provavelmente pequenas coisas que precisavam ser giradas. Intrigada com a máquina enquanto caminhavam, virando-a para lá e para cá, não notou que haviam caminhado até o distrito leste, um lugar povoado por aqueles que não eram tão

ricos quanto seu criador, mas não de todo um lugar ruim. Apartamentos agrupados uns sobre outros sabiamente, para evitar o contato com a terra abaixo; o ar cheirava a lixívia e peixe defumado, flores velhas e roupa secando ao sol. Seguiram para um dos cortiços, não diferente de outros com seus telhados de telhas vermelhas sobrepostas. Subiram escadas; Loharri, pálido e mais suado do que o habitual em sua roupa escura, sem nenhuma queixa a escapar de seus lábios bem fechados e sem cor.

Mattie seguiu-o, contando os passos nos degraus que rangiam, perguntando-se sobre a razão para tal silêncio incomum. Normalmente seu criador estava sempre ansioso para oferecer suas opiniões sobre o clima, as pessoas, as últimas eleições, quer ela escutasse ou não. Aquele desconforto corporal pelo qual ele estava passando e a falta de suas reclamações pareciam absolutamente estranhos até o momento em que chegaram a seu destino, um sótão estreito no topo de um prédio, onde todo o calor do dia e cada gota de cheiro dos peixes tinha confortavelmente tomado lugar, recusando-se a sair.

Loharri bateu numa porta coberta com estreitas faixas de cascas trituradas e ouviu passos lentos no interior. Mattie ouviu também, a cabeça inclinada para o ombro, a coisa em suas mãos zunindo baixo na brisa morna. Uma empregada de olhos selvagens, uma menina pequena e magra, com espinhas e dentes lascados, abriu a porta, olhando com cautela. Sorriu para Loharri e abriu mais a porta, ordenando-lhe que entrasse.

— Espere na sala de estar — disse ela. — Madame Ogdela estará com você em breve.

"Sala de estar" era um nome muito grande para o estreito corredor separado do resto do pequeno apartamento por uma divisória decorada com borboletas. O longo e irregular sofá, coberto por um tecido xadrez de branco e amarelo, deixava apenas uma passagem estreita que conduzia para o resto do apartamento. Um prato de doces com vários maçapães empoeirados repousava sobre a mesa manchada.

Loharri tamborilou os dedos sobre a superfície da mesa, inconscientemente, observando o padrão de manchas circulares deixadas por copos de tamanhos variados. Seu olhar era estranho para Mattie e sua boca torta estava especialmente torta.

Mattie permaneceu de pé, a máquina em suas mãos, em frente a seu peito. O comportamento de um autômato sem vida, que ela assumia sempre que Loharri tinha companhia — parecendo inanimada e discreta, as pessoas falavam como fariam se ela não estivesse ali —, ela se perguntava o que acontecia e por que ele estava tão diferente.

A resposta veio quando passos foram ouvidos de fora e Loharri piscou na direção dela. A luz dos olhos dele de repente mostrou-se perturbada — medo, Mattie percebeu.

Ela nunca tinha visto Loharri com medo, e seu coração bateu mecanicamente mais rápido, ansiosa para ver a criatura que tinha tal poder sobre seu criador.

A divisória dobrou-se para o lado, admitindo a passagem de uma mulher pequena, de cabelos brancos, com um rosto esculpido em fatias estreitas por inúmeras rugas paralelas. Seus olhos escuros e brilhantes fitaram Mattie com curiosidade.

— Ah — disse ela. — Você fez minha máquina, eu lhe agradeço. Agora, o que posso fazer por você?

Loharri, de pé, inclinou-se.

— Precisarei de sua alquimia, mas prefiro falar-lhe em particular, venerável Madame Ogdela.

A mulher levantou as sobrancelhas, temporariamente alisando algumas das rugas.

— Segredos para com seu próprio autômato. Muito pitoresco. Venha, então, jovem, vamos conversar.

Os dois se retiraram, deixando Mattie com as borboletas pintadas de amarelo e azul que esvoaçavam por toda a madeira laqueada. Ela ouviu o baixo burburinho de vozes atrás da divisória e uma palavra rolou em sua língua: alquimia.

A palavra era poderosa o suficiente para apaziguar Loharri. Ela não sabia por que era tão atraente para ela; tudo o que sabia era que queria aprender sobre o negócio de Ogdela. Quando Loharri retornou, trazendo um frasco de líquido claro — mais transparente que água! — apertado em suas mãos, Mattie já tinha decidido.

— Venerável Madame Ogdela — ela dirigiu-se à velha. — Com a permissão de meu senhor, gostaria de pedir-lhe para ser sua aprendiz.

Foi uma escolha inteligente pedir na presença de Loharri; ele não lhe negaria nada sem uma boa razão, enquanto outros estivessem observando, e não exibiria seu medo. Ele atirou um olhar para Mattie e disse:

— Não vejo por que não — disse depois de uma pausa curta. — Desde que não interfira com seus outros deveres.

— Eu nunca ensinei um autômato — disse Ogdela a Loharri. — Ela está à altura da tarefa?

Loharri suspirou e entregou o frasco a Mattie.

— Infelizmente, sim.

Mattie conviveu com Ogdela até a velha decidir que ela estava apta para abrir sua própria loja. Mattie tinha encontrado um lugar como o de Ogdela.

— Para ser mais parecida com ela — explicou a Ilmarekh.

Ilmarekh ouviu sua história, o rosto sem cor, calmo e plácido como a superfície do Lago Estorninho lá fora. A fumaça de ópio havia se dissipado e Mattie imaginou que a alma dentro de sua cadeia de carne começara a se estabelecer em seu novo lar.

— Então, foi assim — disse Mattie. — Eu estudei com Ogdela... Eu queria ser uma alquimista por causa do poder que eles detêm sobre os outros. Eu não tinha percebido, então, que nem todo mundo tem medo deles, mas nunca me arrependi, por isso, não importa.

— O fantasma... Beresta, ela diz que também estudou com Ogdela. Ela responderá às suas perguntas.

Ilmarekh gaguejou e parou. Grandes gotas de suor brotaram em sua testa e ele engoliu em seco algumas vezes. Mattie adivinhava que o ópio estava afetando-o. Com a escuridão descendo do lado de fora, ela se lembrou da família ainda esperando, com muito medo de entrar em sua própria casa.

— Talvez eu devesse levá-lo para casa — disse ela. — Parece que o senhor precisa descansar.

Ilmarekh sentou-se, a tigela vazia atingida pelo cotovelo com o movimento brusco.

— Você faria isso?

— É claro. Por que não o faria? — Ela lamentou ter dito aquilo, tão logo as palavras tocaram o ar escuro. É claro que sabia por que ninguém nunca fora à casa de um Fumante, e Ilmarekh sabia que ela sabia. Para ele, sua falsa ignorância só poderia ser interpretada como condescendência, uma débil tentativa de fingir que ela não sabia do modo como as pessoas o tratavam.

— Eu gostaria de levá-lo de qualquer maneira — disse ela.

Ele balançou a cabeça, concordando lentamente, e levantou-se, inclinando-se fortemente em sua bengala. Ela enganchou o braço sob o dele e ele sacudiu-se, reagindo ao toque. Qualquer toque, ela adivinhou, seria uma novidade para ele.

— Você pode ver no escuro? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela.

Ele parecia aliviado por não ter que se preocupar em usar a bengala para encontrar seu caminho e então ser capaz de usá-la somente para suportar o peso, pequeno como era, pressionado ao braço de Mattie, que sentia a magreza de seus ossos.

Nós observamos a partir de lugares secretos da cidade — dos telhados e das calhas de chuva, toldos de padarias e andaimes em torno de novos edifícios — a garota e o homem andando por ruas escuras. Ela não se incomoda em escolher as ruas iluminadas; atravessam vielas escuras em torno de lagoas que refletem um céu sem estrelas na noite nublada. É escuro demais para temer bandidos ou ladrões, mas mesmo assim nós os observamos.

Vemos enquanto ela leva o homem frágil, que parece inseguro sobre seus pés, todo o caminho através das ruas estreitas, através de labirintos de terra suja, da orla das favelas da cidade, até o portão e o muro.

De lá em diante, nós não seguimos observando-os, mas vemos ao longe os dois ultrapassarem o portão e se encaminharem para a colina. A chuva começa, tornando escorregadio o caminho, e suas partes mecânicas rangem mais alto quando a água fica presa em suas articulações e delicados rolamentos. Eles são apenas um borrão agora, uma forma dupla através da cortina cinzenta da chuva e da noite. O chão ainda está quente do sol e uma neblina sobe prateada, serpenteando ao longo da vereda, agarrando-se à grama molhada.

Há uma casa no topo da colina — terra de ninguém, íngreme demais para a agricultura e rochosa demais para pastagem, fora de caminho e inconveniente tanto para moradores da cidade como agricultores. Essa é a colina Crânio de Carneiro, a testa careca da montanha desgastada (escorregar, escorregar, mais e mais rápido) não é senão rocha e pedras soltas. A casa fica no topo, desequilibrada. A parte norte afundou com a falha do declive.

A garota mecânica e o Fumante de Almas entram na casa — ouve-se o lamento de uma porta, uma vez, ao ser aberta, e uma batida, ao se fechar atrás deles. Nós não sabemos o que está acontecendo lá dentro, mas podemos supor — há luz vinda da lareira e o gorgolejar baixo de uma chaleira e vozes ressentidas. E pensamos nas almas — tínhamos conhecido certa vez todos os fantasmas da cidade e podíamos recordar seus nomes. Maravilhados com a crueldade de seus destinos, sem a capacidade de realmente compreendê-lo, não mais do que apenas reconhecê-lo como grotesco.

Mas, como a garota mecânica, nós não temos almas e não temos medo do Fumante de Almas. Não temos razão para nos preocupar com as almas dentro dele, para nos preocupar com que alguma forma nos atraia e que caiamos mortos no local, abandonados por nossa essência. Pensamos sobre a natureza das almas e ouvimos os pequenos ruídos domésticos que nos chegam a partir da casa no alto da colina.

Nós nos sentamos todos ao longo do grande muro, como pombos gigantes cinzentos, e

apertamos nossas mãos sob os queixos afiados, nossas asas dobradas. Nossos olhos se estreitam e nossas orelhas ficam de pé. Qualquer um vagando a esta hora molhada e ímpia acreditaria que nos transformamos em pedra, inanimados como o muro ao qual aderimos com nossas garras. Ou quereria saber o que as gárgulas estão fazendo fora de seus postos e por que estamos ali. Mas não há ninguém para bisbilhotar ou perguntar, e nós assistimos e ouvimos e esperamos, e nós não sabemos o que eles estão conversando.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, Mattie lembrou que ainda precisava terminar o perfume de Iolanda. Felizmente, a noite passada em claro conversando com o Fumante de Almas lhe ensinara mais sobre arrependimento, ela suspeitava, do que a cidade inteira poderia ter ensinado.

Encontrou absinto seco em seu abrangente boticário e preparou-o para sublimar seus óleos essenciais. Acendeu o queimador e limpou o aludel, montado-o de modo que o vasilhame menor, ajustado em cima do maior, estivesse inclinado em um ângulo suficiente para que a condensação do vapor deslizasse para baixo pelas paredes côncavas até o receptáculo de coleta. Com o absinto aquecido, esmagou as folhas frágeis de alecrim cinzento e misturou-as com extratores e solventes para potencializar suas propriedades de memória.

Ninguém pode se arrepender daquilo que não pode lembrar; Ilmarekh, que lembrava cada momento, cada pontada de dor de centenas de antigos habitantes da cidade, dissera-lhe isso. O ópio o fizera tagarela ontem à noite e as almas de sua posse o pressionaram, tentando desesperadamente olhar para fora através de seus olhos cegos, lutando tão valentemente para mover sua língua macia como algodão. Ele falara em uma centena de vozes e apenas um delas era Beresta, mas Mattie sentira que seria indelicado ignorar o resto delas e ouvira seus lamentos e reminiscências, suas queixas sobre as crianças que cresceram e nunca as visitaram, sobre a tristeza dos becos escuros e do frio, o deslizar úmido da faca de um ladrão.

Mattie esperara ouvir a voz baixa da mulher alquimista, que poderia contar a ela sobre as gárgulas. Mas eram tantas vozes que ela só tivera a chance de pronunciar o nome de seu filho, Sebastian, e da rua onde morava. Ela não dissera mais nada, mas fora o suficiente por agora. Mattie considerou visitar Ilmarekh novamente, talvez visitá-lo frequentemente. Ele sabia muita coisa, e ninguém se atrevia a lhe fazer perguntas, por medo de perder suas próprias almas. Ele era todo de Mattie, e ela não era mulher de desprezar oportunidades como aquela.

O cheiro quente do absinto encheu seu laboratório e ela recolheu as poucas gotas pálidas e amarelas que esperavam por ela no vaso coletor. Misturou-as com alecrim e com uma preparação de sálvia e mirra que havia preparado na noite passada. O almíscar de âmbar cinza e o resto dos ingredientes envolveram a mistura em seu abraço sensual, unindo-os todos, a casca do cipreste e o amargo da cânfora amenizados pelos aromas delicados de ervas.

Satisfeita com seu trabalho, Mattie assentiu para si mesma, deixando a mistura descansar e combinar-se. Ela estava prestes a sair para uma caminhada, e talvez comprar algumas substâncias químicas que tinha cogitado obter, mas não tinha meios para pagar; até agora, quando uma batida aguda na porta anunciou um visitante.

Ela abriu a porta para ver Loharri — vestido com um casaco formal, parecia especialmente magro e distinto.

— Ocupada? — perguntou.

— Não. — Ela estava na porta, impedindo-o de entrar. O cheiro de perfume para Iolanda saturava o ar e ela não podia arriscar que ele o reconhecesse mais tarde, adivinhando a conexão de Mattie com Iolanda. — Vai sair?

— Apenas um encontro informal — disse ele, embora suas roupas claramente discordassem. — Um almoço com alguns amigos e colegas. Gostaria de vir?

— É claro — disse Mattie. Ele raramente lhe fazia convites hoje em dia, e ela não viu

nenhuma razão para recusá-lo. Além disso, encontros como aqueles sempre ofereciam oportunidades para escutar segredos. Após sua emancipação, ela, no começo, se ressentira dos amigos de Loharri tratando-a como antes, isto é, como o autômato dele, uma propriedade dele, que não merecia reconhecimento como uma entidade independente. Depois, percebera a vantagem de ser invisível — ela entrara em uma sala onde os Mecânicos falavam sobre negócios secretos e eles não se abalaram, não notaram nem se importaram o suficiente para identificá-la como uma alquimista e, portanto, uma inimiga político. Ela só não sabia por que Loharri continuava a dar-lhe tais oportunidades.

— Apresse-se — disse ele. — Você pode até aprender algo sobre seus novos amigos.

— Espere lá fora — disse Mattie. — Preciso me trocar.

Enquanto fazia isso — meias listradas de branco e preto e um vestido preto com decote aberto orlado com um laço branco espumoso —, Mattie estava intrigada com as palavras de Loharri. Por que o interesse dos Mecânicos, de repente, nas gárgulas? Pouco afetavam a política da cidade — títeres, externamente respeitados, mas inconsequentes. Permaneciam fora do cotidiano da cidade, sujeitos mais à tradição e às superstições do que às leis e eleições. Seu patrocínio à família do Duque e sua corte eram simbólicos, exatamente como os de seus antecessores, que haviam sido submetidos à transformação inevitável e, agora, decoravam o palácio... eles eram ainda menos importantes do que a corte, que persistia somente, como Loharri dissera muitas vezes, devido à inércia e ao hábito. Apenas os partidos eleitos podiam aprovar leis, somente eles podiam autorizar novas construções e regular o comércio. Mas o Duque permanecera em seu palácio, inútil e, como Mattie imaginava, solitário.

Mattie desceu as escadas e acenou para Loharri. Ele fez uma careta, pálida e desconfortável em suas roupas pomposas.

— Pronta para ir?

Ela enroscou seu braço sob o dele e sentiu o nervos tensos relaxarem sob as molas de cobre de seus dedos. Ela odiava admiti-lo para si mesma, mas ficava perto dele por causa de sua influência — o poder de torná-lo menos preocupado e mais à vontade, de fazê-lo sorrir, mesmo que doesse em seu rosto desfigurado. Ela perguntou a si mesma se seria capaz, um dia, de perdoá-lo por ser seu criador, por ter controle tão absoluto sobre seu funcionamento interno. Por seu amor.

Dirigiram-se ao palácio, rumando na direção dos edifícios antigos e sua arquitetura pesada e cinza. Mattie suspeitava que a pedra da qual os grandes e brutos blocos do palácio haviam sido lavrados fosse a mesma pedra que as gárgulas haviam se tornado e perguntou se não haveria uma possibilidade promissora de investigação por lá. Fez uma anotação mental para conseguir uma amostra mineral quando estivessem na cidade velha.

— Está quente demais para andar — disse Loharri, mesmo com o sol ainda baixo sobre os telhados, mal beijando o chão, e o ar ainda mantendo o agradável frescor da noite. Seu olhar buscou uma carruagem ou um carro fechado.

— Está tudo bem — disse Mattie. — Gosto de andar, e você poderia usar esta caminhada para sua saúde. Você passa muito tempo em ambientes fechados.

Loharri zombou:

— Eu deveria tê-la feito sem uma caixa-de-voz. Recebendo lições de moral de meu próprio autômato — uma indignidade que nenhum homem deveria ser obrigado a tolerar.

Mattie usou seu tom lamentoso e simplesmente mudou de assunto.

— Você sabia que Beresta teve um filho?

— Eu ouvi dizer — respondeu ele, sorrindo. — Vejo que você falou com o Fumante de Almas.

Mattie inclinou a cabeça com um rangido lento das articulações do pescoço.

— Sim, fiz isso. Você deveria conhecê-lo.

— Não, obrigado — disse Loharri. — Eu prefiro manter a posse de minha alma, obrigado. — Ele quase tropeçou em uma grande poça que de repente se abriu diante deles na calçada, e precisaram contorná-la.

Mattie, cujas pernas eram ágeis, mas não tão longas quanto as de Loharri, pisou nela, molhando a bainha de seu vestido e seus chinelos, que usava somente por conta da ocasião, já que não tinha necessidade de calçados.

Loharri agarrou seu cotovelo, puxando-a para fora.

— Olhe para isso — disse ele. — Eu juro, a condição destas ruas é vergonhosa.

— Por que você não faz algo a respeito disso? — Mattie sacudiu sua saia, derramando as gotas escuras no pavimento. — Você está no comando da cidade, você e seus amigos, quero dizer.

— Prioridades, querida. — Loharri ainda manteve a mão em seu cotovelo e arrastou-a consigo. O ar fresco aparentemente tinha-o energizado, já que agora ele estava se movendo em passos largos e confiantes. — E, além disso, este é um território do Duque, e ele quer mantê-lo antigo e pitoresco. É seu direito agir de acordo com seus desejos, desde que não interfiram com nossos planos.

Mattie captara aquele sentimento particular sobre a disposição de Loharri para discutir assuntos políticos e urbanos com ela. Tinha um objetivo oculto — talvez quisesse que ela falasse... mas com quem? Mattie não era membro pleno do partido dos Alquimistas e, como tal, tinha pouco interesse em política. Por que se preocupar com algo em que ela jamais poderia causar qualquer impacto? Ela balançou a cabeça. Loharri estava aproveitando-se dela, planejando e tentando adivinhar os motivos das pessoas, questionando tudo que dizia respeito a ele, não a ela. Mattie só queria exercer seu ofício, não ter que se preocupar com o planejamento cívico.

— Quais são as principais prioridades, então? — perguntou ela.

— Governança. — Deu-lhe um olhar demorado. — Então, o que você ouviu sobre o filho de Beresta?

— Nada. — Mattie sacudiu o braço livre e passou-o sobre o dele, como era apropriado. — Ele é famoso?

— Não da maneira como você gostaria de ser — disse Loharri. — Então, nada sobre seu paradeiro atual?

Mattie levou a cabeça de um lado para o outro em um gesto lento de negação.

— Só o que lhe disse. Só soube que ela tinha um filho... ela não era comunicativa.

— Hum — Loharri fez. — Suponho que você tentará achá-lo, certo? Para ver o que ele sabe do trabalho da mãe?

— Talvez — disse Mattie. — Por quê?

— Só curiosidade. Ele está desaparecido há algum tempo. Você me diria se o encontrasse, não?

Loharri não esperou a resposta dela — virou sob um arco de pedra em ruínas, incrustado

com círculos de líquen crescendo em um pátio coberto. A parede do edifício, cinzenta como o resto do distrito, estava meio escondida debaixo do tapete verde vivo de linárias, já repletas de pequenas flores brancas. Mattie reconheceu o prédio por causa disso, uma entrada lateral pouco usada do Ossuário adjacente ao edifício do Parlamento. Essa ala não continha ossos ainda e os corredores ecoantes eram usados ocasionalmente para grandes festas, porém clandestinas.

Loharri bateu na pequena porta meio escondida sob a cortina de vegetação e eles foram admitidos em seu interior. As lâmpadas nas paredes criavam semicírculos quentes de luz amarela, iluminando cavidades nas paredes e o chão, repleto de lajes retangulares de grande porte, destinadas a um dia tornarem-se tampas dos caixões de cidadãos notáveis.

O piso oco ressoou sob os pés deles, lembrando sua finalidade.

Os Mecânicos aparentemente davam uma festa, mas negócios sub-reptícios eram o efeito colateral habitual de tais eventos. Esses homens, meticulosos e solenes, não pareciam capazes de permanecer na mesma sala com outro ser humano sem tentar descobrir como este poderia ser útil, prejudicial ou nenhum dos dois.

Não se importavam com Mattie nem um pouco — pessoas comuns eram meros mecanismos para eles, para serem examinados e, se necessário, desmontados — e autômatos passavam despercebidos.

Vários companheiros cumprimentaram Loharri com acenos e sorrisos reservados — Mattie suspeitava que ele fosse vigoroso demais para eles, além de mal-humorado e bastante imprevisível. Sua posição de influência era garantida por sua proficiência e por suas invenções — as mais recentes já arrotavam fogo em cada fundição, aumentando sua eficiência por alguma porcentagem sutil, mas importante —, porém seu comportamento e sua vida pessoal desordenada lhe rendiam alguns poucos olhares de desaprovação.

Loharri agiu como se não notasse: apertou as mãos, conversou e até chegou a dizer “olá” para as várias mulheres sentadas ao redor das mesas longas, longe dos homens. Elas eram como uma decoração, e mais ninguém parecia prestar muita atenção a elas. Mattie imaginou se deveria se juntar a elas e manter-se longe de problemas, mas os pés dela já a levavam atrás de Loharri — o papel de um autômato obediente, tão familiar a ela como a visão de seu próprio rosto.

Pegava trechos de conversas. Alguns falavam sobre a reunião de Alquimistas para a próxima eleição; havia rumores de que eles estavam guardando seus medicamentos mais potentes para serem revelados logo antes da eleição, para impressionar e chocar a população. Imagine, curar a febre tifoide! Não haveria nada além de gratidão? Outros mencionaram que os Alquimistas tinham acolhido alguns dos cortesãos do Duque, em busca de influência graças à tradição, ao invés de popularidade.

E outros ainda falavam sobre as gárgulas.

Mattie parou na sombra de Loharri por um momento e ouviu, sem se mover, olhando fixamente para as costas de seu criador. Aquele que falava — um homem pequeno e rechonchudo de meia-idade que ela encontrara muitas vezes antes, mas cujo nome não conseguia lembrar, conversava com Bergen, o homem para quem olhava por sobre a cabeça careca do sujeito. As roupas escuras de Bergen caíam folgadamente sobre seu corpo seco e de mente afiada. Ele era, talvez, o único ali que Loharri chamaria de amigo.

— Pense nisso — disse o homem rotundo com o rosto de cor vermelha. — Sem as

gárgulas, o que seria do Duque?

— O Duque — respondeu Bergen. — Claro, as gárgulas e suas sanções podem parecer irrelevantes, e talvez sejam. Mas, sem a terceira perna, este governo não será estável. Precisamos da corte, você sabe. Caso contrário, não sobra nada a não ser nossas brigas.

— E isso seria uma coisa ruim?

— É claro — disse Bergen, firme. — Eu, pelo menos, não acho que uma guerra civil seja uma ideia tão boa e, sem o Duque, podemos ter apenas isso. Como se não tivéssemos problemas suficientes.

— Mas as gárgulas...

— Elas são nossa história. Esta cidade se orgulha das suas gárgulas e não há muito que fazer sobre isso — concluiu Bergen, e começou a afastar-se de seu interlocutor. — A orientação espiritual, seja por superstição ou tradição, nem sempre é uma coisa ruim. Algumas pessoas precisam de uma bússola externa. — Seus olhos lacrimejantes de velho pararam em Mattie e ele sorriu.

— Boa tarde, Messer Bergen — Mattie disse em uma voz sem qualquer afetação.

— Olá, Mattie — disse ele. — Seu mestre está por perto?

Ela apontou Loharri, ainda debruçado sobre a mesa junto a um grupo de mulheres vestidas com muito brilho. Bergen riu.

— Eu não entendo o que as mulheres veem nele.

— Seria sua lábia? — Mattie sugeriu.

— Em todo caso, preciso falar com ele — disse Bergen, e caminhou até Loharri, mancando da perna direita. Gota, Mattie lembrou. O velho tinha gota.

Ela foi para as costas de Loharri, ficando parada à escuta. Loharri lançou-lhe um rápido olhar e um sorriso e ela sentiu-se momentaneamente grata por esse reconhecimento. Mesmo sabendo que ele a tinha feito com suas próprias mãos, montando o conjunto de articulações e ossos de metal fino; mesmo que ele soubesse mais de seu funcionamento interno do que qualquer outro, ele ainda conseguia vê-la como um ser completo.

Sua atenção foi desviada por vários autômatos no corredor, seus pés de metal reverberando no chão oco do sepulcro, levando vinho engarrafado e água, bandejas com frutas, pães e doces, assim como pilhas de pratos e utensílios.

Eles se moviam em uníssono e seus movimentos calculados eram desprovidos de qualquer indício de livre arbítrio. Ela tinha visto autômatos serviçais como aqueles antes, o trabalho duro e acéfalo que permitia o ócio dos habitantes da cidade. E, cada vez que ela os via, sentia um mal-estar profundo, um sentimento penetrante de injustiça — como puderam fazê-los assim? Se possuíssem uma mente, seriam infelizes com sua vida de servidão — Mattie lembrou de sua triste sensação de injustiça quando era pequena, uma empregada doméstica —, mas ao mesmo tempo, eles teriam escolha. Fazendo-os sem consciência, removia-se um conflito em potencial e Mattie pensou nos matadouros da periferia da cidade, os lugares úmidos cheirando a ferrugem, ferro e podridão. Ela se aventurara por lá certa vez, para comprar miudezas que seriam usadas em algumas de suas pomadas, mas às vezes observava os animais. Lembrou-se do pânico nos olhos de um carneiro; era como se eles conseguissem criar uma ovelha que não se importava em ser abatida depois de ter sido levada dentro de um barril escuro para uma sala fumegante com sangue até os joelhos.

Loharri tocou a mão dela.

— No que está pensando? — Ele falou baixinho, solícito. Mattie desviou o olhar.

— Obrigada por não me fazer igual a eles. — E acrescentou, antes que ele tivesse a chance de responder: — Você deveria comer alguma coisa. Está pálido.

— Eu sempre pareço pálido — disse ele, mas não sorriu como normalmente. — Isso realmente incomoda você, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Eles nunca tiveram uma chance. Vocês removeram até mesmo a possibilidade deles questionarem se isso era errado.

Ele franziu a testa um pouco.

— Falaremos sobre isso mais tarde, se não se importa.

Ela não se importava. As criaturas mecânicas continuavam a se misturar, a maioria delas agora carregando baixelas e falando com suas vozes sedadas.

Mattie seguia Loharri, escutando qualquer menção às gárgulas, mas todos pareciam mais preocupados em resolver o problema dos transportes. Mattie ouviu apenas o suficiente para concluir que o problema alegado não era de todo um problema, mas sim a forma como as coisas sempre foram.

Os Mecânicos não se cansavam de melhorar aquilo que ainda não fora quebrado. Eles perceberam que os produtos demoravam a chegar vindos das fazendas e que, durante a colheita, as estradas mal podiam sustentar o tráfego rastejante das carroças e os lagartos de seis patas que se arrastavam em seu ritmo tranquilo. Isso afetava as minas e, durante a colheita, a produção das fábricas muitas vezes minguava.

Os Mecânicos, é claro, viam isso como uma necessidade de mecanizar os lagartos, as carroças ou ambos. Mattie se perguntou se alguma vez eles haviam cogitado mecanizar os camponeses.

— Nós também precisamos de uma estrada mais larga — sugeriu Bergen.

— Ou simplesmente uma melhor — disse Loharri.

Mattie logo ficou entediada com a conversa centrada em estradas, e se valia a pena projetar uma estrada que moveria e transportaria produtos estacionários para a cidade, e vagou por entre a multidão, zumbindo, estalando e escutando.

Parou junto a um pequeno grupo de Mecânicos que falava em voz baixa, olhando por cima dos ombros curvados com preocupação palpável de sigilo. Mattie parou a poucos passos de distância, longe o suficiente para não levantar suspeitas, mas perto o bastante para ouvir os sussurros deles com sua audição excepcional.

— Eu sei que eles estão aprontando alguma coisa” disse o homem rotundo que ela reconhecera mais cedo, e olhou em volta, furtivamente. “Escreva minhas palavras —exilados nunca se vão pacificamente, sempre querem ficar mias tempo. Sempre.”

— Suponha que você esteja certo — disse um jovem cujas espinhas atestavam que era recém-saído do Liceu. — O que podemos fazer a respeito disso?

— Construir fortificações — o homem rotundo disse. O resto do grupo riu.

— Não é um pouco prematuro? — disse um deles. — Se você está preocupado, talvez um reconhecimento cuidadoso...

— Chega de bobagem — interrompeu o homem que parecia ser o mais velho e rancoroso do grupo. — Esperem o problema surgir, depois busquem soluções.

Mattie achava que os Mecânicos geralmente estavam inclinados a resolver problemas

inexistentes. Ela deu um passo, distanciando-se do grupo, quando sua perna tremeu e ela sentiu-se desmaiar. Seus movimentos vacilaram, um tremor leve espalhando-se por seus braços e pernas, enquanto sua cabeça tombava de repente, difícil de controlar.

Tropeçou e teria caído se a borda da mesa não tivesse surgido antes do escurecimento de sua visão; Mattie agarrou-a, seus dedos finos estilhaçando-se sob seu peso.

Ela viu Loharri vindo em sua direção, a preocupação no rosto e os dedos já desabotoando o colarinho alto da casaca dele.

Antes de seus olhos se fecharem, Mattie o viu puxar uma fina corrente e um clarão de luz refletido por uma superfície de metal polido. O flash se tornou maior e obscureceu a sala e os rostos consternados dos Mecânicos, aborrecidos com o insolente autômato com defeito, e Mattie só pôde sentir as mãos amáveis de seu criador puxando o vestido em seu peito para baixo, expondo sua vergonha para todos.

E então ela parou de sentir por completo.

Mattie voltou a si.

Em um primeiro momento, não percebeu que estava na mesma sala, deitada no mesmo chão. A maioria dos lampiões estavam apagados e as pessoas tinham ido embora e apenas Loharri estava à beira da mesa, imóvel e no escuro, como uma gárgula na penumbra do anoitecer.

Ela se ergueu e suas mãos acertaram o piso oco, fazendo-o ressoar. Seus dedos encontraram a janela no peito e tatearam a forma oval familiar. Ela fora fechada novamente e agora parecia segura e confortável e seu coração zumbia forte por detrás, pronto para mais alguns meses de trabalho.

— Sinto muito — disse ela.

— Não é culpa sua. — Ele não se moveu e ela não conseguia decidir se estava cansado ou irritado. — Não foi a melhor hora, mas essas coisas acontecem.

Ela parou, testando seus membros. Ele não parecia bravo com ela, apesar do constrangimento que lhe causara. Deveria ser grata por isso, pensou, mas sentia-se ferida. Violada. Ele expusera seu coração para que todos o vissem, ele a reanimara com a chave em seu pescoço na frente de seus amigos.

— Quero ir para casa — disse ela.

Ele pulou da mesa e o chão ecoou novamente.

— Como quiser. Eu a acompanharei.

— Não há necessidade — disse ela.

— Prefiro ficar de olho em você. Para ter certeza de que está tudo bem. Eu só gostaria que você me dissesse quando precisa de corda.

— Eu não sei dizer quando — respondeu Mattie. — Só queria que você tivesse me dado a chave.

Loharri a levou para fora na ainda trêmula luz dos lampiões que mal haviam sido acesos.

— Se eu lhe der a chave — disse ele, tomando a mão dela na sua —, você não terá nenhuma razão para passar algum tempo comigo.

Já haviam tido essa conversa, e com frequência era assim: cíclica. Mattie garantia-lhe

que viria vê-lo, mas ele balançava a cabeça e insistia até que Mattie concordasse que ele estava certo. Ela não o faria — por um tempo ela se sentiria em débito e o visitaria, e depois a obrigação se tornaria uma tarefa sem sentido quando as razões por detrás desaparecessem e o ressentimento superasse a lealdade.

Ela desviou o olhar.

— Por que você me odeia? — Loharri perguntou.

— Eu não o odeio. — Mattie vacilou, sem saber a causa da súbita mudança de tom e de assunto. Ela não o odiava, não realmente. Ele só estava tentando confundi-la, zelando por ela quando naquele estado vulnerável, enquanto seu mecanismos se ajustavam após a interrupção recente.

— Eu honestamente não o odeio. Eu só... só gostaria que você me desse a chave.

Ele deu um tapinha no braço dela.

— Tudo a seu tempo — disse ele.

CAPÍTULO IV

Iolanda aspirou do frasco de cristal — Mattie havia encontrado o frasco mais caro, e os raios solares oblíquos iluminavam suas facetas com faíscas de vermelho, amarelo e azul — e ela sorriu.

— Nada mal — disse. — Um pouquinho amargo para o meu gosto, mas suponho que sirva. Estou satisfeita por ter posto minha fé em você.

— Eu passei? — Mattie perguntou.

As sobrancelhas de Iolanda se arquearam em um perfeito e negro crescente de surpresa dissimulada.

— Passou no quê?

— Foi um teste, não foi? Você queria ver se eu poderia seguir suas ordens.

— Achei que você poderia fazer isso — disse Iolanda e escolheu um assento. — Mas, sim, eu queria ter certeza de que você era boa com prazos e sentimentos. Sei pouco sobre autômatos e me perguntava se as emoções seriam algo que você entenderia...

— Por que não? — Mattie imediatamente preocupou-se se suas palavras saíram demasiado defensivas.

Iolanda encolheu os ombros, lânguida demais para disfarçar sua indiferença.

— Vocês são feitos principalmente de metal.

— Não vou discutir o óbvio — disse Mattie. — Mas o que isso tem a ver com sentimentos?

— Você tem uma boca inteligente — disse Iolanda e sorriu com débil aprovação. — Acho que vai funcionar bem com você. Agora vou partir, a não ser que...

Mattie esperou educadamente pelo restante da frase, mas, já que não se concretizou, ela viu-se apta a perguntar:

— A não ser o quê?

Iolanda revirou os olhos.

— Como eu suspeitava, você não percebe algumas sutilezas. Eu estava apenas tentando dar-lhe uma abertura para pedir favores.

— Obrigada — disse Mattie.

Ela considerou perguntar sobre Sebastian — Loharri parecia tão relutante em falar sobre ele e seu desaparecimento que sentiu que não tinha outro recurso. No entanto, temia estar se tornando uma parte de algo que não entendia.

— Bem? — Iolanda se levantou. — Não tenho o dia todo.

— Quero encontrar os parentes de uma... uma amiga. Não realmente uma amiga, mas uma colega falecida. Beresta.

— Nunca ouvi falar — disse Iolanda. — Quais são os nomes desses parentes?

— Conheço apenas um. O nome dele é Sebastian, ele é um Mecânico, eu acho... do distrito oriental.

A testa lisa de Iolanda adquiriu uma ruga horizontal fina, que logo suavizou assim que ela começou a falar.

— Você me pede favores interessantes, Mattie. Certamente, você entende que se associar com pessoas como Sebastian não será bom para você.

Que ótimo, pensou Mattie. Dera um fora novamente.

— Não. Eu só preciso falar com ele sobre os trabalhos da mãe dele. Estou interessada no trabalho dela, não nele.

— Eu acredito em você — disse Iolanda. — Mas isso não tem importância. Sebastian não é bem-vindo na cidade. Imagino que ele viva fora dos muros, talvez em uma fazenda em algum lugar.

— Ou pode ter mudado para outra cidade.

— Eu duvido. Ele ainda mantém contato com algumas pessoas daqui e há um boato de que ele e seus associados não estão muito longe.

— O que ele fez? O que ele quer aqui?

— Ele era um Mecânico — disse Iolanda. — Os Mecânicos o expulsaram. É melhor perguntar a eles.

Mattie dobrou o pescoço, indicando que entendera.

— Farei isso. Obrigada por sua ajuda.

— Não tem de quê. — Iolanda endireitou sua saia e alisou a frente da blusa. — Eu confiei em você, contratando-a — é justo que seja direta com você. Claro, eu espero receber o mesmo tratamento.

Mattie inclinou-se e esperou. Com o frasco de cristal seguro com firmeza em suas mãos suaves, Iolanda saiu. Tão estranha — Mattie não tinha considerado antes, mas Iolanda e sua abundância de carne faziam Mattie consciente de sua própria pequeneza, de seu corpo de pernas compridas de metal e madeira, articulado e angular.

A única pessoa com quem tivera proximidade antes fora Ogdela, velha e seca como um palito de fósforo. E Loharri, mas ele estivera sempre presente e não contava. Mas mesmo ele era longo e fino como um inseto, especialmente quando trabalhava com seus movimentos lentos e deliberados, que lembravam para Mattie os louva-a-deuses que pululavam nas roseiras silvestres do quintal dos fundos da casa de Loharri.

Mattie não conseguia se decidir se gostava de Iolanda. Ela gostava de suas palavras e sua aparente sinceridade. Mas sua carnalidade a fazia inquieta e Mattie sentiu-se superficial por causa disso.

E o sentimento persistia.

Para tirar Iolanda de sua mente, Mattie decidiu ir às compras. O dinheiro que Iolanda lhe dera era certamente bem-vindo e Mattie decidiu parar em uma livraria perto da fábrica de papel. Havia alguns livros que cobiçava após ter terminado seu aprendizado com Ogdela — pequenos livros adornados, pesados e de páginas esfarrapadas, livros encadernados em tecido e couro, livros com desenhos desbotados, pintados com um pincel fino embebido em sangue de boi.

Ogdela tinha lhe dado um livro impresso em casca bruta de bétula e contendo uma série de receitas simples e uma lista de ingredientes comuns. Era o tesouro de Mattie, e conhecia cada palavra de cor. Era a prova de que era uma alquimista de verdade. E havia outros, adquiridos através de variados meios: alguns como forma de pagamento, outros comprados com dinheiro que deveria ter gasto em outras coisas. Mas ela desejava os livros caros. Justificou a si mesma por sua necessidade de aprender mais coisas misteriosas, afinal, para lidar com as gárgulas ela precisava de poções mais complexas e misturas novas e ingredientes exóticos. Mas em seu coração sabia que só queria os livros como objetos, pequenos artigos

palpáveis de luxo.

Caminhou até a loja. Era meio-dia e as ruas estavam repletas de bois, lagartos e besouros mecanizados transportando pessoas e bens para os mercados; poucos pedestres misturavam-se ao tráfego, e cada vez menos à medida que ela se aproximava da fábrica de papel — o sol tinha aquecido os gases nocivos que dela emanavam, tornando o ar amarelo e espesso. Mattie experimentou a água sanitária e o enxofre nos lábios, até já longe do rio e da fábrica, e entrou em um labirinto de ruas estreitas ocupadas por cortiços e lojas pequenas, que vendiam produtos caros e misteriosos.

Um leve perfume de polidor de madeira e tecidos antigos pairava sobre a área. Podia ver ao longe as torres palacianas do Duque perfurando as nuvens baixas.

Ao aproximar-se da livraria, sentiu um estrondo subterrâneo distante, como se um trovão tivesse batido nas profundezas da terra sob seus pés. O ar reverberou e as janelas da loja, grandes vidraças, estremeceram em um grito estridente, mas quase inaudível. Mattie parou com a mão na maçaneta.

O tremor, apenas no limite de detecção, transmitido para seus dedos, os fez coçar.

Ela abriu a porta.

— O que foi isso? — perguntou Mattie para a dona da loja, uma velha curvada pela cintura precisamente no ângulo de 90 graus.

Ela olhou para Mattie e sorriu.

— O que foi o que, doçura?

— Esse... barulho.

— Eu não ouvi nada. Quer que eu lhe mostre alguns livros?

— A senhora tem algum livro sobre gárgulas?

A mulher riu.

— Se eu tenho? Venha comigo, doçura.

Ela levou Mattie para o fundo da loja, onde as prateleiras eram cobertas com uma fina camada de poeira e os livros se erguiam em pilhas ao acaso, em uma opulência e generosidade quase insuportáveis. A dona da loja agarrou uma das prateleiras e, milagrosamente, endireitou as costas, enquanto suas mãos escalavam de uma prateleira para a outra. Puxou alguns livros pesados, grossos e quadrados de cima.

— Aqui está algo para começar.

Nós não vivemos nos livros escritos sobre nós — nós rastejamos pelas paredes e nos escondemos, mas não nas páginas. Nós nem mesmo acreditamos nesses livros.

Não que sejam falsos, mas essas descrições falham na compreensão, e queremos dizer para a menina se afastar — esses livros a levarão por caminhos sinuosos, longos, confusos, para longe de nós. Queremos bater na janela, mas ela está debruçada sobre as páginas, perdida em si, e nós queremos chorar.

E então outra explosão abala o ar e nós olhamos para longe da janela, assustados, e no início nós não vemos, não entendemos, mas há um espaço vazio nas nuvens, um espaço onde uma torre costumava sinalizar nossa casa.

Mattie acariciou a página do livro com prazer, recusando-se a acreditar que a imagem à sua frente era obra de algum artifício — tinha a aparência e a textura de algo completamente natural, surgindo espontaneamente do papel graças a alguma magia obscura. A gárgula na imagem estava agachada, suas asas dobradas, seus punhos apoiando o queixo pontudo, o rosto sereno. Exatamente como Mattie lembrava das gárgulas da noite em que a visitaram — tão cinzas e estranhas e elegantes em sua beleza alada, a carne dura e fria como pedra.

Ela leu as palavras abaixo da imagem e logo estava enfeitiçada pela história delas — de como surgiram do chão, incontáveis eras atrás, de como falaram com a pedra e a fizeram crescer — primeiro em penhascos brutos, varados por cavernas e incrustados de ninhos de andorinhas; então, com habilidade e em número maior, elas moldaram a pedra viva, cujo destino compartilhavam — moldadas tão somente por sua vontade — em estruturas altas e decoradas com espirais e paredes de tirar o fôlego, em delicadas treliças e robustos edifícios. As gárgulas não precisavam de edifícios, mas, quando as pessoas vieram, as gárgulas os construíram — o Palácio Ducal foi o primeiro a surgir dentre suas criações anteriores. Elas o construíam pela alegria de construir, permanecendo escondidas. E, quando as pessoas começaram a construir suas próprias casas e lojas e fábricas, então surgiram mais lugares para se esconderem.

À noite, as gárgulas voltavam para o mais antigo dos edifícios, para o palácio, e descansavam em seus telhados e torres, coxa a coxa e ombro a ombro com seus antecessores, que se tornaram um só com a pedra que haviam moldado.

Olhavam pela cidade do alto, como se faz por uma criança.

Mattie fechou o livro e folheou outro — este não tinha imagens e as palavras o lotavam, densamente juntas. Ela teve que estender os olhos um pouco para focar melhor.

Esse livro estava cheio de datas e histórias e, tanto quanto Mattie poderia determinar por uma espiada superficial, dedicava-se a provar que as gárgulas não só podiam manipular a pedra, mas também tinham o poder de controlar as almas humanas, seus pensamentos e desejos. O autor argumentava acalorado, em longas sentenças, que a dinastia dos Duques — descendentes das primeiras pessoas a preencher as criações das gárgulas — era cúmplice na conspiração das gárgulas e que a fonte de sua influência não era tão somente a inércia social, mas o apoio oculto das criaturas cinzentas.

Mattie decidiu comprar o segundo livro como um presente para Loharri — mesmo que ele não tivesse lhe dado a chave, fora gentil com ela. E, mais importante, parecia algo de que ele gostaria, e Mattie acreditava que todos deveriam ter aquilo que desejavam, apenas por este motivo. Ela virou a página para ler mais e então sentiu outro abalo, tremores e o estremecimento das vidraças. Desta vez, foi mais forte e o chão debaixo de seus pés gemeu e as tábuas entortaram, como se sacudidas de dentro do chão para fora. As prateleiras se inclinaram e rangeram e, antes que ela pudesse se afastar, foi agredida por volumes pesados que caíam sobre ela, as páginas fremindo como se com raiva e as capas de couro raspando seu rosto. Ela protegeu-se com as mãos — gostava daquele rosto o bastante para protegê-lo e a porcelana era frágil.

Um livro atingiu a mão dela e algo se quebrou, ficando deslocado e pendurado — Mattie

viu que dois dedos da mão direita estavam quase partidos, e duas molas metálicas delgadas permaneciam ligadas a ela apenas por lascas de metal.

A agitação e barulho cessaram e Mattie olhou à sua volta para as estantes derrubadas e os livros espalhados e a proprietária, que havia voltado para sua forma dobrada, de boca aberta, avaliando a destruição.

— Sinto muito — disse Mattie.

— Por quê? — perguntou a proprietária. — Você não fez isso... fez?

— Não, não. — Mattie balançou a cabeça para dar ênfase. — Como poderia? Eu só queria esses livros.

— Pode levá-los, volte em outra ocasião — a velha disse com um sorriso triste. —Tenho um trabalhinho por fazer aqui.

Mattie pagou e se dirigiu para fora, mas parou na porta.

— A senhora tem alguém para ajudá-la a limpar, certo?

— Sim, sim. — A mulher acenou com a mão impotente. — As crianças da vizinhança, elas sempre vêm para me ajudar. Basta ir embora agora, por favor.

Mattie se foi com seus dois livros debaixo do braço, a mão esquerda segurando a mão direita ferida. Havia pessoas na rua — todas haviam saído de suas casas e lojas devido aos estrondos e tremores e conversavam animadamente na rua. Todas apontavam na mesma direção — oeste. Mattie olhou e olhou, mas no início não conseguia discernir para que era que todos estavam apontando. Teve que ajustar seus olhos novamente e finalmente percebeu que, misturada com as nuvens baixas, havia uma grande baforada de fumaça e pó no céu, e a torre do palácio tinha desaparecido de vista.

— O que aconteceu? — ela perguntou a uma jovem, uma trabalhadora de fábrica, a julgar por seu rosto pálido, cabelos maltratados e mãos calejadas.

A garota olhou para o céu, seus dedos grandes puxando a manga do vestido escuro.

— O palácio se foi, eu acho — disse ela em um sotaque arrastado, lento e pensativo. — Talvez um terremoto ou talvez a guerra.

— Não seja idiota — disse um homem alto e austero para a garota, sem notar Mattie, nem mesmo olhar para ela. Usava um avental de couro grosso e Mattie intuiu que fosse um lojista. — Não existe guerra.

— As gárgulas estão tomando de volta o que era delas — disse uma mulher idosa, segurando uma camisa molhada em suas mãos em aparente desespero, ou apenas por hábito — ela deveria estar na lavanderia quando o tremor começou. — Guarde minhas palavras: elas estão devolvendo as pedras de volta à terra à qual pertencem.

Eles olhavam para o céu, relutantes em se mover, como se qualquer movimento perturbasse o equilíbrio de suas almas e trouxesse a realidade e suas consequências a este mundo, ao seu redor, como uma avalanche de livros pesados.

Mattie foi a primeira a quebrar o feitiço.

Ela precisava saber o que acontecera. Tinha que falar com Loharri.

Um formigueiro em seu estômago, onde todos os relógios sofisticados e mecanismos de funcionamento interno estavam aninhados, dizia que sua angústia era maior do que estimara. As gárgulas, ela pensou, as gárgulas. Estariam no palácio? Teriam se ferido?

Ela já estava quase em casa quando sentiu uma onda de culpa por nem sequer ter pensado na vida das pessoas dentro da torre. O Duque e os cortesãos estavam fora — época de plantio,

e eles visitavam as fazendas para abençoar os campos. Mas os servos... Mattie não tinha certeza se o palácio empregava servos humanos, exceto governantas e caseiros, e eles estariam mortos, pensou. Mas seu coração doeu mais quando imaginou os autômatos enterrados nos escombros, seus olhos sem vida e membros quebrados, agora apenas lixo, apenas metal abandonado na esteira das necessidades humanas por algo... que ela não sabia o que era. Como as ovelhas que nunca tiveram a chance de sentir qualquer dor ou considerar sua desgraça iminente.

No caminho, Mattie pescara algumas fofocas. Parou no telégrafo público, uma pequena estrutura pintada de amarelo, onde uma caneta de tinta em um longo e flexível cabo registrava sem parar qualquer notícia que seus operadores alimentassem.

Ela não tinha nenhuma esperança de poder ler por si mesma — a cabine do telégrafo estava repleta de pessoas ansiosas pelas notícias, que a empurraram de lado como se ela fosse apenas um mero obstáculo. A maioria ignorava suas perguntas, mas era através dos trechos das animadas conversas que tomava ciência dos eventos, mesmo sem detalhes precisos ou as razões.

Enquanto caminhava para a casa de Loharri, as informações continuaram repetindo-se em sua mente. O Palácio Ducal tinha desmoronado; falava-se de um ataque de fora, mas a estrutura implodira, desmoronando para dentro, e o consenso entre os Mecânicos era que explosivos haviam sido colocados dentro do palácio. A primeira explosão destruíra as paredes exteriores e a segunda destruíra o palácio.

Loharri estava em casa. Como a maioria dos Mecânicos, ele tinha suas próprias fontes de informação.

— O que você fez? — Loharri disse quando Mattie, tremendo de choque e desarticulada como um animal ferido, apareceu em sua porta.

— Não sei — ela gemeu constrangida. — Tenho que me sentar.

Loharri passou o braço em volta dos ombros dela, e ela ficou grata pelo apoio e o calor suave de sua respiração. Ele a arrastou para sua sala de estar, que tinha se tornado ainda mais confusa desde que ela o visitara pela última vez, e sentou-a na chaise que trazia uma marca pequena, mas inconfundível, da forma angular de Loharri.

Ele examinou sua mão danificada, reprovando o ocorrido, e pegou ferro de solda.

— Vou desligar seus sensores enquanto trabalho — disse ele. — Você vai perder todas as sensações neste braço. Não se assuste.

— Obrigada — disse ela. — Comprei-lhe um livro.

Ele olhou para o tomo ofertado e sorriu.

— Obrigado, Mattie. Não precisava.

— Eu estava na livraria quando as explosões aconteceram. Não entendo quem faria isso. A menos...

Ela vacilou e mordeu a língua, mas Loharri estava absorto em seus próprios pensamentos e especulações.

— Há um padrão — disse ele. O ferro de soldar em sua mão chiou, exalando finos ramos de fumaça âmbar. — Hoje era o dia em que a maior parte da corte estava nos campos. Quem quer que tenha planejado isso não queria vítimas.

— Ou estava procurando acesso fácil, sem temer ser preso ou interrogado.

Loharri assentiu.

— É um bom ponto, querida. Isso indicaria um estranho; eu estava pensando mais em um trabalho interno, mas você pode estar certa. Além disso, pense em como os explosivos foram manipulados.

— O lugar desmoronou sobre si. Não queriam destruir outros edifícios próximos.

— Sim, mas os explosivos... toda a cidade tremeu. Eu gostaria de saber quem poderia fazer algo assim.

Mattie não teve que responder — ambos sabiam que os Alquimistas eram os únicos com a capacidade de fazer tais coisas; Loharri ainda estava enfezado desde que os Mecânicos tivera que ir aos Alquimistas, com a cabeça baixa, e pedir ajuda na detonação de uma passagem através das montanhas.

— É claro que as gárgulas também podem comandar a pedra — disse Loharri. — Ele folheou o livro que Mattie trouxe. — Olhe, aqui diz que elas reconstruíram o Palácio após o terremoto de 500 anos atrás. Eles poderiam ter feito isso se quisessem.

Ele colocou o ferro de lado e reconectou os sensores no ombro de Mattie. Ela mexeu os dedos, hesitante. Havia alguma rigidez, mas pouca dor. Esperava que desaparecesse com o uso.

— Por que as gárgulas fariam isso? Elas têm sido aliadas da família ducal desde tempos imemoriais.

Loharri deu-lhe um olhar demorado.

— Estivemos cavoucando nossa história? Tenha cuidado, querida — a história conduz à política com mais frequência do que pode imaginar.

— Eu não estou interessada. A menos que mais edifícios explodam.

Loharri caminhou pela sala com suas longas pernas de camelo.

— Eu me pergunto se ocorrerá, de qualquer modo... Você disse alguma coisa sobre ter certas suspeitas?

— Provavelmente não é nada. Mas, na sua reunião na noite passada, ouvi alguns Mecânicos falando de se livrar do Duque.

— Eles sempre falam sobre isso — Loharri zombou. — É só por falar, entende?

— Até onde você sabe. — Mattie não pôde resistir a essa observação.

Loharri insistiu:

— Você está insinuando que meus irmãos podem ter segredos para mim?

Mattie encolheu os ombros.

— Fale com Bergen, se você estiver em dúvida.

Loharri riu-se — a mesma risada praticamente silenciosa que ela aprendera que precedia as birras mais extremas dele.

— E ainda assim você se atreve a enganar a si mesma dizendo que não tem nenhum interesse em política.

Mattie levantou de seu assento.

— O seu bem-estar é do meu interesse. Converse com seus amigos. Vou falar com os meus. Procure-me quando achar que pode falar sem estar com raiva.

Loharri parecia surpreso.

— Como quiser, Mattie. De alguma forma, perdi algo — você fala comigo como se você fosse minha mestra.

Mattie encolheu os ombros e esticou o pescoço, fingindo-se compenetrada.

— Ou talvez você só ache que alguém que não quer ser sua escrava está destinada a ser sua mestra.

Ela não se virou ao se dirigir para a porta, mas por todo o caminho sentiu o olhar ardente de Loharri na parte de trás de seu pescoço.

CAPÍTULO V

A Sociedade dos Alquimistas nunca mantinha reuniões periódicas. As notícias se espalhavam através de boatos e, ocasionalmente, quando as circunstâncias pediam por uma atenção especial, faziam uso do telégrafo público.

Naquela tarde, Mattie decidiu parar no telégrafo para ver se fora convocada uma reunião; afinal, o colapso do palácio ducal parecia motivo suficiente para uma. Além disso, Mattie pensava, os outros Alquimistas não poderiam deixar de ter percebido as implicações de grandes quantidades de explosivos como responsáveis pelo desastre. Era só uma questão de tempo antes do Duque e os seus voltarem de sua viagem e começarem a questionar os Alquimistas. Havia também uma preocupação em relação às gárgulas; sempre esquivas, elas nunca se envolveram em disputas humanas, mas também ninguém nunca tinha destruído suas criações antes, pelo menos de acordo com o livro de Mattie.

No telegrama redigido cuidadosamente com a marca "Somente para Alquimistas" e protegido por codificação, Bokker, o presidente eleito da Sociedade dos Alquimistas, expressava sua preocupação de que as gárgulas pudessem dirigir seu descontentamento aos membros da Sociedade. Esperava também encontrá-los na reunião em seu galpão — que mais parecia uma construção reservada a guardar décadas de equipamentos obsoletos, mas grande o suficiente para caber todos os Alquimistas envolvidos o bastante para participar da reunião. Mattie supunha que uma centena, ou quase, apareceria — os mesmos que estavam sempre metidos na política. Desta vez, Mattie decidiu que participaria também. Depois de ler a missiva, ela enfiou o anel revelador em seu bolso e seu pescoço clicou, pensativo. Ela temia que o evento afetasse sua relação com as estranhas criaturas por quem era fascinada. Pensou que não a perdoariam se sua Sociedade realmente tivesse feito aquilo.

Fumegando e capturada por pensamentos obscuros, seguiu no caminho do galpão.

Os Alquimistas não eram o partido majoritário e, como tal, sua Sociedade não frequentava a área dos palácios. Mattie se lamentava — ela teria gostado de ver a devastação de perto, mas estava cercada por cordões de isolamento.

Ela se aventurou o mais perto que pôde do palácio em seu caminho e foi detida por uma figura ameaçadora cuja armadura ornamentada não possuía um rosto, montada em um inseto mecânico. Mattie podia jurar que, a cada dia, esses veículos feiosos, soltando assovios e ruídos de metal, envoltos em armação de madeira, com motores cuspindo vapor sobre cascos de bronze, tornavam-se mais e mais numerosos.

— Área restrita — o homem na armadura disse. — Somente Mecânicos e autômatos de construção são permitidos.

— Houve muitas vítimas? — Mattie perguntou.

Ele balançou a cabeça revestida de metal e, por um breve momento, Mattie imaginou tratar-se de outro autômato inteligente como ela. Sentiu um tipo de parentesco.

— Tenha cuidado com esse motor — Mattie disse antes de se virar. — Parece quente... e perigoso.

— Cuide da sua vida, ferro-velho — respondeu o cavaleiro de metal.

Mattie saiu correndo, com o coração batendo mais forte e mais rápido que seus passos e uma fúria reprimida.

Ninguém jamais se atrevera a chamá-la assim em sua cara e tal calúnia a pegou desprevenida — como uma falha súbita de seus sensores, quando tudo formigava e depois ficava dormente. Ela quase deixou o distrito, indo para longe das pilhas de pedra e do pó calcário fino cobrindo tudo.

Mattie percebeu que estava atrasada.

Em seu desvio, vagou para longe do distrito leste e do Lago Estorninho e teve que apressar-se, traçando um amplo arco em torno do lago e saindo não muito longe da casa onde conhecera o Fumante.

Uma preocupação a importunou — teria que visitá-lo e ver se Beresta falaria novamente com ela. E Iolanda tinha dito que Sebastian provavelmente estaria fora da cidade... Talvez Ilmarekh soubesse de algo ou pudesse ter ouvido alguma coisa.

Passou pela casa com as coroas murchas — o fumo líquido já havia se dissipado — e entrou pelas ruas largas dos ricos. Mattie olhou para as casas, avaliando o aluguel. Este seria um lugar agradável para se viver, ela pensou, tanto pela vista quanto pela conveniência. Loharri estaria muito mais próximo e as lojas que vendiam plantas, especialmente as exóticas, e partes de animais ficavam nas proximidades. E isso lhe daria mais tempo para trabalhar, o que certamente compensaria a despesa, e, com o apoio financeiro de Iolanda... Parou de pensar de tal maneira, uma vez que sua aliança com Iolanda era um assunto novo e incerto, dados os eventos recentes. Se a corte fosse obrigada a sair da cidade, pensou, Iolanda e sua renda iriam embora. Ela não tinha certeza se devia estar orgulhosa de visualizar seus interesses pessoais tão claramente ou envergonhada por ser tão mercenária. Iolanda estava certa, ela ainda tinha dificuldade em saber qual era a emoção certa para uma dada circunstância. Imaginava se as pessoas também, ocasionalmente, tinham o mesmo problema, e assim Iolanda seria, portanto, incapaz de pegá-la em uma mentira.

Quando chegou ao lugar indicado, encontrou o dobro de pessoas que esperava — o galpão não pudera comportar a todos e a reunião fora transferida para a estufa, que ocupava a maior parte do considerável terreno da propriedade de Bokker.

Bokker era um homem de meia-idade com cabelos brancos e sem pescoço. Coordenava aqueles que mal acabavam de chegar sob a grande abóbada de vidro.

Era um milagre que ainda estivesse inteira, após a explosão do dia anterior.

Bokker acenou para Mattie e mesmo esse pequeno gesto tornou o rosto dela vermelho.

— Eu não a vejo faz um bom tempo — disse ele.

— Isto parecia importante — disse ela.

Bokker suspirou.

— Sabe, Mattie, todo mundo me disse isso. Isso me faz pensar, será que realmente só um desastre pode nos unir? Somos assim tão egoístas, envolvidos em nossas próprias vidas? Existe motivo para manter esta Sociedade?

— Claro que há — disse Mattie, e se atreveu a tocar a manga roxa dele com a ponta dos dedos, tão tranquilizadora quanto podia. — Nós não precisamos ver um ao outro todo o tempo para podermos trabalhar juntos, não é?

Ele suspirou, mas parecia um pouco consolado.

— Acho que sim, querida menina, acho que sim. Temos sorte de ter dois representantes nossos no Parlamento hoje. Eles nos contarão os últimos rumores na corte e no governo.

Mattie dirigiu-se para dentro.

A estufa não era exatamente adequada para reuniões: era um enorme jardim coberto, com vasos e plantas penduradas cobrindo prateleiras, paredes e o teto. A maioria das plantas ela não conseguiu reconhecer — raras flores exóticas acenavam com seus azuis iridescentes e vermelhos e o ar era grosso com sua fragrância inebriante. Distinguia o cheiro das rosas e outras flores dos das orquídeas, da resina de fusão quente e do doce néctar.

Os Alquimistas reunidos entre os bancos cheiravam e admiravam as plantas com apreço. A coleção de Bokker era lendária entre eles, era o resultado e o perpetuador de sua riqueza. Bokker não vendia seu excedente e os Alquimistas estavam sempre dispostos a comprar as plantas dele. Bokker tinha a reputação de não ser mesquinho, mas tolerante com suas contas e generoso com seus gastos.

Mattie seguiu por uma fileira de plantas envasadas, todas em jubiloso florescer — vermelhas e amarelas, brancas e azuis — e os perfumes almiscarados de lírios e íris da terra serpenteavam para os sensores em seus lábios, preenchendo-os até a saturação. Ainda assim, ela discerniu o cheiro de vegetação exuberante e pêssegos podres, a decadência doce da palha que revestia os vasos de flores, o odor obscuro de raras orquídeas retorcidas em suas grossas raízes brancas ao redor dos galhos de pequenas árvores cultivadas com a finalidade de servir de pedestal e sustento delas.

Roçou a ponta dos dedos em uma pétala de veludo vermelho brilhante com listras de ouro, particularmente exuberante, que tingiu seus dedos com pólen amarelo. Seus dedos cheiravam a açafrão.

Impressionou-se, tão grande era a estufa — duzentos Alquimistas circulavam sem empurrões e sem bater com os cotovelos, e alguns conseguiam manter conversas privadas em vozes suaves e trêmulas, apesar do ruído da audiência. Mattie não conseguia distinguir as palavras, mas o tom geral parecia misterioso.

A reunião preenchia uma área aberta na parte de trás do pavilhão retangular e os retardatários tinham que se esforçar para ouvir dos corredores entre as bancadas.

Bokker empurrara Mattie ao passar e tomou seu lugar na abertura, entre mangueiras de jardim, baldes e pilhas de musgo de turfa.

— Queridos Alquimistas — ele começou a partir de seu pouco auspicioso pódio. — Não preciso explicar por que estamos aqui reunidos. Não preciso dizer-lhe que coisas que parecem ruins têm uma tendência a piorar. Mas preciso prepará-los para a culpa que será atirada sobre nós pelos pela Mecânica e preciso de vocês para evitar culpá-los de volta.

— Ele deve estar brincando — a mulher de pé atrás de Mattie sussurrou. Mattie nunca a tinha visto antes disso. O anel revelador estava pendurado em torno de seu pescoço por uma tira de couro fino. A mulher falava com um leve sotaque e sua pele escura traía sua origem estrangeira; nenhuma outra sociedade na cidade a teria tolerado. — Ele espera que fiquemos sentados sem fazer nada?

A julgar pelo murmúrio crescente à sua volta, muitos alquimistas compartilhavam da posição dela. Bokker virou-se quase roxo e levantou as mãos, à espera de silêncio.

— Eu não peço sua aquiescência em face de acusações. Peço sua tolerância e perdão. Não atacaremos aqueles que nos acusam, não daremos a eles uma desculpa para reunir as pessoas e dar poder à Mecânica. Percebam que, sem o apoio ducal à nossa Sociedade, os Mecânicos governarão a cidade.

— Eles já o fazem — alguém gritou na frente.

— A maré muda — Bokker respondeu misteriosamente.

A mulher atrás de Mattie puxou o vestido dela.

— Desculpe-me. Por que os alquimistas precisam do apoio ducal? Eu sou nova aqui, ainda estou aprendendo...

— O Duque sempre insistiu que ambos, Alquimistas e Mecânicos, estejam representados no governo — explicou Mattie. — Eles representam dois aspectos da criação — o comando do espiritual e do mágico e o domínio do físico. Juntos, nós possuímos os mesmos aspectos, como as gárgulas, que podem moldar o físico com suas mentes.

A mulher acenou com a cabeça.

— Eu sou Níobe. E agradeço pela explicação. Ninguém nunca foi tão bom para mim aqui.

Mattie percebeu a tensão nos ombros da mulher, como se não soubesse ao certo o que esperar.

— Está tudo bem — disse Mattie. — Eu sou uma máquina. Ninguém explica nada para mim.

— Vamos manter a calma e ficar vigilantes— disse Bokker. — Proponho começarmos descobrindo se alguém fez pedidos de explosivos recentemente.

— Apenas os Mecânicos malditos — disse uma mulher idosa à esquerda de Mattie. — Você sabe. Parece que comem essas coisas.

— Isso é um começo — disse Bokker. — Alguma outra pessoa?

Mais alguns poucos alquimistas disseram ter recebido pedidos dos Mecânicos, para as habituais demolições.

Níobe pigarreou.

— Como vocês sabem que as pessoas que pedem explosivos são realmente Mecânicos? — Ela levantou a voz o suficiente para todo mundo ouvir.

— Temos um sistema de identificação — explicou Bokker. — Os Mecânicos distribuem medalhões aos sócios. A menos que a pessoa se forme a partir do Liceu e seja iniciada, ela não pode conseguir um desses.

— Esses medalhões poderiam ser falsificados ou roubados? — Níobe perguntou.

— Eu não vejo por que não — Mattie disse em voz alta. — É possível.

Níobe sorriu com gratidão e o coração de Mattie palpitou de tristeza. Níobe parecia preparada para a raiva e o desprezo e mostrava-se surpresa diante de qualquer sinal de bondade... Mattie lembrou-se de que ela mesmo passara por problemas. Nesse momento, percebeu que todos estavam olhando para ela e Níobe.

Bokker bateu palmas.

— Todo aquele que recebeu um pedido de explosivo venha ver-me imediatamente. Montaremos montar uma lista de nomes e verificaremos com os Mecânicos se essas pessoas são membros e se seus pedidos são legítimos. Nós também precisamos descobrir se algum medalhão foi perdido ou roubado.

— Como eles nos dirão se perderam alguma coisa? — alguém disse. Mattie não podia ver quem em meio ao verde. — Colocarão a culpa em quem perdeu um medalhão.

— Alguma ideia? — Bokker perguntou.

Mattie levantou a mão timidamente.

— Eu poderia descobrir — ela disse.

Booker sorriu para ela.

— Fabuloso. Mas não vá fazer nenhuma tolice... ou algo que levante suspeita.

— Não farei.

A reunião se dissolveu logo após e Booker e outros poucos permaneceram elaborando a lista. Níobe e Mattie seguiram para a casa de Bokker juntas.

— De onde você é? — Mattie perguntou. Níobe continuava acompanhando-a e Mattie sentiu vergonha em seu silêncio.

Níobe gesticulou vagamente para o leste, indicando o vasto mundo fora dos muros da cidade.

— De uma cidade grande — disse ela. — Além-mar.

— Você não estava feliz lá?

Níobe suspirou.

— Era feliz o suficiente. É que... Como você pode dormir quando a noite está tão escura que sufoca, que você pode sentir o cheiro de incenso no ar e quer saber se existem lugares diferentes, que seu coração anseia por ver? Você nunca acorda no meio da noite e se pergunta se há lugares onde os Alquimistas utilizam metais e não plantas? Fogo sem óleo. Como você pode ficar em um lugar e não querer sair?

— Eu não durmo — disse Mattie. — E não quero saber sobre outros lugares.

Níobe arregalou os olhos para Mattie, simulando horror, e riu.

— Talvez você não precise. Você vive na Cidade das Gárgulas, talvez no coração de todas as maravilhas, e talvez não existam mais maravilhas fora daqui. Mas eu... eu queria muito vir até aqui. Estou nesta cidade faz um mês agora e ainda não vi uma gárgula sequer. — Ela fez um beicinho de decepção.

Chegaram ao Lago Estorninho e Mattie apontou para um dos bancos de ferro forjado decorando a margem. Ficava à sombra de uma cascata delgada de ramos de salgueiro peludo, com pálidas folhas jovens, e Mattie pensou que ali elas poderiam se sentar em paz, apreciando a vista e atraindo pouca atenção.

— Vamos descansar um pouco — disse ela, mesmo sem estar cansada.

Confiava em Níobe. Parecia-se muito com ela, mesmo sendo grande e de ombros largos. Sua pele parecia dura como se esculpida em madeira, tão diferente de Iolanda.

Níobe se sentou no banco e esticou as pernas, suspirando confortavelmente.

— Vamos — disse ela para Mattie. — Conte-me sobre as gárgulas. Você já as viu, não é?

— Sim — disse Mattie. Ela não tinha certeza de quanto deveria divulgar. — Apenas uma vez. Elas se escondem durante o dia e você pode vê-las à noite, se quiser, de longe. Elas dormiam no telhado do Palácio do Duque.

— Sim, eu vi isso — disse Níobe. — Mas... nenhuma delas se moveu e eu não consegui saber dizer quais eram reais.

— Todas são. A maioria virou pedra, algumas ainda estão se movendo... mas todas viram pedra eventualmente.

— Nós todos nos tornamos aquilo de que nascemos — disse Níobe.

Mattie olhou fixamente para ela.

— É só um ditado que temos — disse Níobe, e riu, apontando para um bando de patos e patinhos na praia. Seus olhos negros e redondos de alguma forma geravam uma expressão expectante. — Oh, eles são tão bonitos!

— Sim — Mattie disse sem olhar. — O que você quis dizer com nos tornarmos aquilo de

que nascemos?

Níobe encolheu os ombros.

— As pessoas vêm da terra e voltam a ela; uma vez que morrem, tornam-se terra. As gárgulas nascem da pedra. Então, elas tornam-se pedra. — Ela riu de novo. — Ou algo assim.

— E os autômatos? — Mattie perguntou.

Níobe olhou para os patos que timidamente se balançavam em uma fila estreita.

— Eu não sei. Nós não temos nada... ninguém como você.

Mattie assentiu. Ela não precisava perguntar, na verdade — tinha nascido no laboratório de Loharri, de metal e de bobinas e peças de reposição e tédio, e era para isso que, ao final, voltaria.

Mattie ficara fascinada com a mudança de Níobe — uma vez que saíra da presença dos Alquimistas, Níobe parecia uma nova mulher, rindo e movendo-se livremente. Era assim que Mattie se sentia quando longe dos olhares de julgamento, e era esse o problema; isso só acontecia quando estava sozinha ou com as gárgulas. Ou com Ilmarekh.

Seus pensamentos se voltaram para Fumante e os segredos das almas que habitavam o corpo fraco e debilitado dele. Ela se sentiu egoísta por não pensar nele há muito tempo. Nele ou em Beresta. Ou em seu trabalho. Ela gemeu.

— Não fique de mau humor — disse Níobe, e imediatamente colocou a mão sobre a própria boca. — Sinto muito. Eu sei que o Palácio era importante para você e seu povo.

Mattie assentiu.

— E as gárgulas. Eu me pergunto se elas levantarão o palácio de novo ou se sobraram poucas delas. Para onde irão, se não puderem reconstruir? Para onde é que o Duque e sua corte irão?

— Tenho certeza que ele vai pensar em algo. — Níobe deu tapinhas no ombro de Mattie e o tilintar de seus anéis pareceu abafado pelo pano que cobria o metal de Mattie. —Sinto muito por vê-la triste, mas ainda assim estou feliz que essa infelicidade tenha me permitido conhecê-la. Eu ainda não fiz nenhum amigo aqui.

— Pode ser difícil aqui — disse Mattie. — Os Alquimistas não são ruins — eles não serão rudes com você, pelo menos não na sua cara. Mas os Mecânicos... eles são muito vaidosos e, se você não for um deles, cuspirão em você. O homem que me fez não é assim, mas ele também tem seus defeitos.

— Eu me pergunto se gostaria de conhecer esse seu criador — Níobe disse.

Mattie inclinou a cabeça.

— Ele é terrível. E às vezes gosta de humilhar. Loharri... ele pode ser difícil. Possessivo.

Níobe riu.

— Claro que ele é. Você é... — Ela fez uma pausa, como se estivesse procurando a palavra certa. — Você é preciosa, Mattie. Não há ninguém no mundo como você. Se eu tivesse feito você, eu não a deixaria sair de casa.

— Suponho que isso deveria soar lisonjeiro — disse Mattie, e se levantou. — Foi bom conhecê-la, realmente, mas eu preciso ir.

— Oh, não. — Níobe agarrou a mão de Mattie e encarou seu rosto de porcelana azul. — Eu a ofendi!

— Não importa. Isso passará.

Níobe ficou de pé também.

— Ouça. Venha visitar-me no próximo feriado, sim? Eu moro no mercado, do outro lado da Praça do Comerciante. Em uma loja de joias.

— Eu conheço o lugar. É propriedade de... orientais? Como você?

Níobe sorriu.

— É isso mesmo. Você irá?

Mesmo que se ressentisse de ser tratada como uma coisa que poderia ser mantida dentro de casa por capricho, ela pensou que Níobe merecia outra chance. Afinal, onde mais ela encontraria alguém tão sozinha e desconfiada como ela própria?

— Sim. Irei visitá-la. Talvez você possa me mostrar a alquimia que pratica.

O rosto de Níobe se iluminou com um sorriso.

— Sim! E prometo que você fará o mesmo por mim. Os Alquimistas aqui parecem proteger muito seus segredos.

— Eles não gostam de estranhos.

Níobe ergueu as sobrancelhas.

— Sério? Eu não notei.

Mattie encolheu os ombros.

— Eles a aceitarão como me aceitaram. Acredite em mim, não farão muito mais do que isso.

— A menos que mudemos isso — disse Níobe. — Vejo-a no próximo feriado.

Mattie seguiu em direção à lagoa; não tinha certeza se iria para casa ou visitaria Ilmarekh. Ela decidiu pelo último, não apenas por Beresta e os segredos de seu filho, mas porque estava preocupada com Ilmarekh, com como ele resistira ao assalto dos fantasmas dentro de si. Dirigiu-se para os portões da cidade.

Nós lamentamos hoje como lamentaremos amanhã e nos escondemos nas calhas de chuva e nos sótãos. Nós sentimos o cheiro da poeira e do povo cozinhando.

À noite, nós nos amontoamos sobre os telhados, as telhas ásperas sob nossos pés, nossas asas dobradas, o atrito contra os tijolos das chaminés. Às vezes, o vento sopra e traz consigo o som do riso calmo e o perfume dos lilases, um sopro úmido dos nenúfares no Lago Estorninho e o cheiro da água sanitária da fábrica.

Estamos tristes por não poder cheirar a pedra fria, o musgo escuro de sua superfície, a chuva e a neve açoitando seu volume inerte e, lentamente, erodindo-a, imperceptivelmente. E, com nossos pensamentos de pedra, pensamos nas coisas que ainda não pensamos em eras — em como a pedra se soltou e se dobrou e se dividiu, libertando-nos para o mundo; em como ela nos acompanhou, como o oceano à noite segue a lua; como ela atende às nossas mãos, como um cão fiel ao gesto de seu mestre. Quando éramos muitas, ela ouvia e obedecia. Agora, nossas vozes são poucas e fracas e nós não podemos reconstruir o que foi arruinado.

CAPÍTULO VI

Mattie encontrou Ilmarekh em sua casa no topo da colina Crânio de Carneiro e imediatamente percebeu que ele estava indisposto. Amaldiçoou a si mesma por não pensar em trazer consigo um tônico ou um elixir para fortalecê-lo.

— O que há de errado? — ela perguntou a Ilmarekh, que estava sentado e enrolado em um cobertor em frente à lareira, apesar de ser um dia quente e agradável lá fora.

Ele estremeceu. Seus dentes batiam tão alto que as palavras não podiam sair.

Mattie se aproximou, pisando cuidadosamente em torno de pratos sujos no chão e uma tigela comum de cinzas. Ela tocou a testa dele e seus dedos sensíveis não registraram nenhuma febre, apenas um suor pegajoso que cobria a testa.

Não demorou muito para Mattie reconhecer os sintomas de abstinência de ópio, a alternância de suores e calafrios, as dores no corpo, as náuseas, os espirros incontroláveis e os olhos úmidos — ela catalogou-os em sua mente e correu de volta para sua loja.

Havia pouco a ser feito sobre isso, somente esperar, mas Mattie queria diminuir a dor antes de curar. Pensou em comprar mais ópio, mas decidiu usar algumas poucas flores de papoula secas — seria suficiente para aliviar o sofrimento de Ilmarekh e permitir-lhe dormir.

Ela se atirou às escadas, o metal leve de suas pernas balançando enquanto subia dois degraus de cada vez, e começou a preparação.

Ao ópio acrescentou capim-limão contra náuseas, camomila para acalmar e baunilha para relaxar os músculos e deixá-lo dormir.

Atravessou sua loja misturando e moendo, medindo e destilando, filtrando e decantando. Um frasco simples seria suficiente, ela disse para si mesma. Ele não se importaria. Vasculhou os frascos e garrafas e decantadores na prateleira sobre a bancada e pegou um frasco antigo de boticário envolto em pó e teias de aranha. Limpou a sujeira e descobriu gravada nele uma imagem de uma gárgula em relevo, um medalhão chato com filigrana de ouro.

Quando ela ainda morava com Loharri, às vezes ele retirava seus olhos, como uma punição por alguma desobediência, e ela precisava se virar às cegas. Ainda se lembrava do prazer quando os dedos tropeçavam em uma forma familiar e reconhecia, surpresa, que isso fazia seu coração borbulhar de alegria. Lembrou que, ao encontrar o frasco com a gárgula, escondera-o nas dobras de seu vestido para poder, em segredo, em seu quarto, seguir o desenho das asas da gárgula e, assim, desafiar sua cegueira.

Lavou o frasco e derramou sua mistura nele. Certamente, um homem cego por toda a sua vida não seria imune à alegria do reconhecimento tátil, pensou, e voltou correndo para os portões com o frasco seguro nas bobinas apertadas dos dedos.

O elixir o faria sentir-se melhor. Afugentou os pensamentos egoístas das perguntas para as quais quereria respostas logo que ele estivesse novamente coerente. Precisava ajudá-lo, e não se atrevia a pensar em nada além.

De volta à cabana, viu que Ilmarekh havia se mudado para longe do fogo, que não mais

ardia, as cinzas molhadas por um balde de água despejado sem cuidado.

Ele agora estava enrolado na cama. O colchão era pouco mais do que uma camada de palha. Mattie sacudiu a cabeça e cutucou as cinzas molhadas com a ponta do pé.

— O que você fará se você quiser fazer fogo mais tarde?

Ele encolheu os ombros, mal-humorado.

— Eu lhe trouxe uma coisa — disse Mattie, mais suave agora. — Por favor, beba.

— Será que tem ópio nisso? — Ilmarekh disse.

— Muito pouco, só para fazê-lo sentir-se melhor. Por quê?

Ele tremeu ou encolheu os ombros.

— Quando eu não fumo, minha mente fica clara, as almas param de falar. Eu quero que elas parem de falar.

— Apenas beba isso e durma — eu prometo que não vão incomodá-lo.

— Você não vai... você não vai fazer nada para me machucar, vai?

A partir de experiências anteriores, Mattie sabia que as pessoas não confiavam nela só porque ela mencionara sua boa vontade ou sua natureza gentil.

— Por que eu faria isso? Ainda tenho perguntas para lhe fazer.

Suas palavras pareceram tranquilizá-lo e ele se apoiou sobre um cotovelo, puxando um cobertor de lã áspera em torno de si. Ele pegou o frasco e bebeu, seus longos dedos brancos em espasmos no vidro, pulsando com cada gole como se fossem tentáculos de um polvo a testar a força de sua sucção. Estava quase terminando quando as pontas dos dedos roçaram o medalhão no vidro com a gárgula estampada e seus olhos cegos e brancos se arregalaram de surpresa.

Mattie ficou aliviada ao ver o fantasma de um sorriso nos lábios dele.

— Mattie... Esta é uma gravação verdadeiramente encantadora. Obrigado.

Ele caiu de costas no colchão, ainda segurando o frasco, e estava dormindo antes de se lembrar de parar de sorrir.

Mattie vigiou o sono dele, o que lhe deu bastante tempo para olhar ao redor. Ela sabia que o Fumante de Almas era pobre, mas até então não tinha percebido o quanto.

A casa era uma choça, honestamente, que não atendia nem mesmo as necessidades mais básicas. Não havia água corrente e a lareira parecia ser a única maneira de cozinhar as refeições e aquecer água para um banho quente. Havia apenas um quarto, um canto flácido que perigosamente ameaçava derrubar a casa inteira. O piso de madeira não detinha as correntes de ar e não estava coberto senão por serragem, um brilho gasto pelos pés de muitas gerações de Fumantes. Seus caminhos habituais estavam claramente visíveis: um caminho era da lareira para a mesa raquítica sobre pernas finas e deformadas, outro caminho, da mesa para a cama e para a banheira de cerâmica no canto, o terceiro, da cama para a lareira.

Um triângulo simples confinando uma vida de privações.

Mattie não precisava perguntar a Ilmarekh sobre sua história — Fumantes de Almas eram sempre os mesmos, recrutados, e não tinham outra escolha. Normalmente órfãos, geralmente mutilados, eram aqueles que não tinham mais para onde ir e ninguém a quem recorrer, aqueles que não tiveram chance de sobreviver por conta própria, sem a caridade duvidosa dos Monges de Pedra.

O orfanato dirigido pelos Monges de Pedra era o edifício mais ao norte da cidade. Sua parede ficava apenas a um fio de cabelo da muralha norte. Mattie lembrava de ter ido lá com

Loharri — ele parecia gostava de ir lá, sem outro propósito aparente senão ficar de frente à muralha sólida, com as mãos nos bolsos e o rosto desfigurado em uma careta torcida, ainda mais desagradável do que o habitual. Mattie ficava ao lado dele e, ocasionalmente, fazia perguntas para afastar o tédio.

— Por que colocaram este edifício aqui? — ela lhe perguntou certa vez. — O templo e as gárgulas estão na área do palácio.

— Barulho — Loharri disse com uma voz tensa. — Muito barulho. Eles não queriam ninguém ouvindo.

Mattie inclinou em seguida a cabeça para ouvir, mas não conseguiu capturar nenhum som vindo através das espessas paredes, apenas uma porta e nenhuma janela. A pedra era muito grossa — muito parecida com as do distrito ducal, mas as linhas finas entre os blocos diziam-lhe ser obra dos homens.

— Por que não há nenhuma janela? — ela perguntou então.

Loharri virou-se bruscamente e foi embora. Quando ela correu para alcançá-lo com suas saias batendo no vento crescente, ela capturou o som agudo de ranger de dentes.

— Janelas dão esperança, Mattie — disse ele. — Este lugar não é para isso.

Agora, ela tentava adivinhar que tipo de horrores ocorriam lá dentro e não conseguiu pensar em nada que pudesse levar Ilmarekh e seus predecessores a escolher viver em uma pequena cabana com centenas de fantasmas assombrando-os a cada momento, nunca deixando-os em paz, só tendo tempo para ficarem sozinhos durante o ópio. Ela percebeu que suas próprias experiências tinham sido bastante benignas e de âmbito limitado, e isso a fez temer ainda mais. Se eles podiam fazer isso com um homem, o que fariam a uma menina autômato cujo status na sociedade era, no máximo, ainda muito tênue?

Ela se levantou de seu assento no chão com um movimento brusco, ansiosa por fazer qualquer coisa para não pensar nas coisas terríveis que ameaçavam dominá-la. Lamentou gastar dinheiro em livros; ela precisava acumulá-lo, guardá-lo, porque poderia chegar o dia em que precisaria subornar pessoas para salvar sua vida...

Mattie pegou cada prato sujo espalhado no chão e em cima da mesa e jogou-os todos na banheira. Irritada, correu para fora na chuva fraca e encontrou um pequeno e primitivo poço, bem atrás da casa, no meio da encosta. Encheu o balde que encontrou junto ao poço com água e levou-o de volta, despejando-o na banheira, e voltou para buscar mais. Ela estava acostumava a ser um autômato dedicado às tarefas de casa, afinal de contas; esfregou os pratos e enxaguou-os em água fria, varreu o chão com a fúria de um tornado, girando como uma dançarina mecanizada defeituosa.

A familiaridade do movimento confortou-a momentaneamente, mas logo foi suplantada por outras memórias. Lembrou-se da casa de Loharri como um serviçal a veria — mesas e bancadas e prateleiras que reuniam poeira, sua irritação habitual pelas peças empilhadas e os mecanismos de contrapesos que tomavam todo o lugar e a insistência de Loharri de que ela não devia tocá-los e ainda assim manter o local limpo; os pisos de madeira que precisavam ser encerados.

Trouxe outro balde de água e limpou o chão com força desnecessária e vigor, seus ossos de metal rangendo com o esforço. Quanto mais tentava entender o que movia aqueles a seu redor, mais ela falhava, especialmente com Loharri. Lembrou-se das mulheres que iam e vinham como as estações, lembrou-se dos longos períodos de tédio e solidão e, em seguida, a

visita ao templo e ao orfanato, à noite, espreitando as gárgulas dormindo, imóveis como pássaros. E como ele sempre a mantinha junto de si.

Ela o acalmava; oh, como ela o acalmava.

Lembrou-se dos lábios frios em seu rosto de porcelana, o ligeiro tremor das mãos enquanto tocavam o metal e as incrustações de seu peito, a respiração embaçando a janela atrás da qual seu coração zunia nervoso.

A carícia faminta das pontas dos dedos traçando o contorno da fechadura sobre o peito, fazendo seu coração tiquetaquear mais rápido. O gosto da pele humana nos sensores dos lábios, salgada, e a sensação em seu abdômen de que alguma grande desgraça estava prestes a cair sobre ela, junto com a tontura e a cabeça leve.

E o cheiro de couro e tabaco em seu cabelo depois.

Então ele se recuperava e voltava a trabalhar em sua loja e ela retornava à limpeza, à procissão das mulheres de cabelo espesso e pequenos sorrisos secretos. Mulheres como Iolanda, com perguntas enervantes.

Mattie era uma mulher por causa do espartilho de osso de baleia, da elevação no peito de metal, dos arcos ósseos de seus quadris que seguravam suas saias largas, mas também porque Loharri dissera que ela era uma.

Pensou então que ele a amava e que, assim que se emancipara, ela o proibira de tocá-la.

Secou os pratos e empilhou-os ordenadamente na prateleira ao lado da lareira.

Esfregou a lareira, limpando-a das cinzas molhadas, e trouxe uma braçada da madeira que estava empilhada do lado de fora, sob um dossel de lona que a protegia da chuva.

Ilmarekh agitou-se durante o sono e suspirou. Mattie sentou-se no chão perto da lareira e esperou que ele acordasse. Tentou manter seus pensamentos em uma única faixa, de Sebastian às gárgulas, dos Alquimistas aos Mecânicos. A máquina em sua cabeça fazia pequenos cliques de insetos, um som familiar e confortável, e, se ouvisse atentamente, ela poderia escutar o sussurro da membrana ondulante que, como Loharri tinha dito a ela, imprimia seus pensamentos em sua memória.

Ilmarekh sentou-se e cheirou o ar, as narinas estreitas alargando-se.

— Quem está aqui? — perguntou com uma voz rouca.

— É Mattie. Eu não queria deixá-lo sozinho.

Ele se enrolou no cobertor, mas não tremia mais.

— Obrigado. Você não tinha que fazer isso. E obrigado por seu remédio — é maravilhoso.

— As almas estão incomodando-o agora?

Ele inclinou a cabeça, escutando.

— Não ouço nada, só sussurros. Obrigado. Eu raramente poderia ter tal pausa.

— Por que não?

Ele fez uma careta.

— As almas precisam de uma ligação com o mundo. Se eu cortar essa ligação, elas se recusarão a abrir minha mente para elas com o ópio e enlouquecerão. E almas ensandecidas não são uma bela visão.

Mattie pensou um pouco.

— Quanto tempo elas ficam com você?

— Até eu morrer. Cada uma delas. Quando morrer, minha alma original as levará para

seu descanso e seremos livres. — Ele sorriu. — Meu antecessor morreu velho, muito velho, mas o que veio antes dele era jovem. Dizem que ele ficou louco por ser incapaz de contê-las. Elas o mataram, então. Eu só espero poder conseguir mais do que ele.

— Eu sinto muito. — Mattie não conseguia pensar em mais nada para dizer.

Ele estendeu a mão e ela se aproximou para deixar que os dedos dele a tocassem.

— Não sinta. Você tem sido gentil comigo. Mais do que qualquer um jamais foi. Eu gostaria de ajudá-la.

— Basta perguntar para Beresta sobre o paradeiro do filho dela. Quero dizer, quando elas... as almas falarem com você de novo.

— Eu sei onde ele está. Desculpe-me por não ter dito antes, mas achava que não era problema meu.

Mattie apertou a mão dele.

— Onde ele está?

— Onde você não procuraria por um exilado. No coração da cidade. No templo — Beresta o reconheceu. Ela não me disse, mas eu senti.

Mattie sacudiu a cabeça.

— No templo? Mas... por que ninguém o reconheceu?

— Porque as pessoas não prestam atenção àqueles que estão cobertos de lama e carregam baldes de cascalho para os alimentadores das gárgulas — disse Ilmarekh, e espirrou com força.

— Obrigada — disse Mattie, e se levantou. — Eu limpei a casa e agora você pode simplesmente descansar. Se quiser, posso lhe trazer comida amanhã de manhã do mercado.

Ele balançou a cabeça.

— Não, querida menina. Deixe-me — comida não combina comigo neste estado. Mas com certeza gostarei de suas visitas.

— Tem que haver outra coisa que eu possa fazer.

Ele balançou a cabeça, triste.

— Não há nada a ser feito. Basta ir, deixe-me com meu silêncio.

Mattie saiu porta afora sem sentir nenhuma alegria por saber que o objeto de sua busca estava tão próximo. Tentou imaginar como era para o Fumante de Almas estar finalmente livre dos tormentos da multidão de vidas residuais sussurrantes e estar doente demais para desfrutar do silêncio. Se sua única felicidade era apenas deitar sobre um colchão de palha miserável, os olhos abertos, bebendo do silêncio como um andarilho do deserto sorve a água, o que ela poderia fazer?

E, no entanto, não podia livrar-se de sua raiva enquanto caminhava colina abaixo. Não podia culpar Ilmarekh, mas sim aqueles que escolheram aquela vida para ele — como a raiva que sentira quando o soldado vestido de metal a chamara de ferro-velho. Eram essas pessoas — ela não sabia exatamente quem eram — que costumavam dizer-lhe o que podia e o que não podia ser. E Mattie estava certa de que não pedira sua emancipação tão somente para que pudesse obedecer a outros, além de Loharri.

Ela esperava a proteção e a ajuda de Iolanda, mas esperava pelo dia em que não

precisaria dela também.

Na noite, os saltos de Mattie estalavam alto na pedra cinza do Palácio Ducal.

Os guardas já haviam ido embora e restavam apenas as correntes estendidas entre os postes de luz pretos e brilhantes. Sua luz era fraca naquela noite, como se a energia fora solapada pela recente catástrofe. Nem mesmo as gárgulas agitavam-se na escuridão.

Estava sozinha, tão sozinha quanto Ilmarekh dentro de seu crânio.

Ela afastou o medo o melhor que pôde. Atravessou uma grande área do pavimento de paralelepípedos que costumava cercar o palácio, mas, agora que ele se fora, parecia uma terra de ninguém, vazia e coberta de escombros, semeada com um cheiro forte de enxofre e carvão. Ela contornou o entulho amontoado de pedra — quanta pedra — o mais rápido que pôde, com medo de olhar mais atentamente se havia alguém olhando para ela, achando que ele a veria no momento em que cruzasse seu olhar.

A construção que abrigava o templo apareceu por trás do antigo palácio. Era um lugar escuro, raramente visitado por ninguém a não ser os Monges da Pedra. E, aparentemente, as gárgulas — ornando o telhado do templo em concha, imóveis e adormecidas. Mattie pensou se elas lamentaram os amigos de pedra que morreram na explosão, se as gárgulas ficavam em luto por alguém.

Mattie parou e observou qualquer sinal de movimento no telhado, mas as gárgulas pareciam profundamente adormecidas. Nenhum monge se aventurava do lado de fora nesta hora morta, e agora ela estava suficientemente longe do palácio para sentir a frescura no ar, a poeira e a pedra molhada, um lembrete da chuva recente.

Passou o templo e se aproximou do muro baixo que estava ali mais como um lembrete do que um verdadeiro obstáculo — ela poderia saltá-lo com um único pulo se quisesse, e Mattie o fez. Pegou sua saia com uma mão, colocou a outra no topo peludo de musgo do muro e saltou sobre ele, as molas de seus músculos enrolando-se e impulsionando-a com facilidade. Ela agora estava em um pequeno pátio que continha nada além de grandes urnas de pedra, parcialmente cheias de cascalho, e uma única árvore, morta há muito tempo, mas ainda alcançando a lua com os dedos negros de seus galhos quebrados.

Mattie encontrou a urna cujo nível estava mais baixo e se agachou ao lado dela.

Os comedores eram recarregados à noite e ela esperou. Esperou os passos e o chacoalhar do balde cheio de pedra quebrada, o alimento preferido das gárgulas.

Mas não teve que esperar muito tempo. Antes do amanhecer, o portão baixo que ligava o pátio ao templo se abriu e uma figura alta apareceu com um balde em cada mão.

Mattie sentiu decepção. Tinha que ser um autômato para carregar todo esse peso. Ela estava prestes a deixar seu esconderijo e sair quando a figura começou a assobiar.

Autômatos não assobiavam, e o coração de Mattie acelerou.

O homem com os baldes caminhou na direção do esconderijo dela e, ao se aproximar, Mattie percebeu que sua pele era da mesma cor da de Níobe e lembrou que Loharri referira-se a Beresta, mãe dele, como sendo uma oriental.

Quis saber como ele conseguira manter-se oculto.

O homem descansou um balde sobre o calçamento do pátio com um baque surdo e pegou

o outro com as duas mãos. Mattie estava perto o suficiente para ver os músculos tensos em seus braços, sob o linho rasgado, assim que despejou o conteúdo do balde no comedor.

O cascalho sacudiu-se contra a parede de pedra da urna e Mattie pressionou a bochecha contra a superfície áspera, ouvindo a pedra cair dentro dela.

O homem pegou o outro balde e esvaziou-o na urna. Então, pegou os dois baldes e fez um movimento como se quisesse sair, mas então se virou e olhou para Mattie.

— Você vai ficar aí a noite toda ou vai dizer olá?

Ela se levantou, tremendo e sentindo-se estúpida. Como um ser humano, ele não podia ver no escuro.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Você está tiquetaqueando, menina — disse ele, e inclinou a cabeça para seu ombro. — Você precisa fazer uma geral.

— Não, não preciso — disse Mattie. — É meu coração, e não há nada de errado com isso.

— Eu estava brincando. — Seus dentes brilharam brevemente no escuro. — Você é um autômato, não é? Ainda não tinha visto um tão inteligente antes.

— Não sou inteligente o suficiente para lembrar que meu coração faz um som — disse ela, e estendeu a mão. — Eu sou Mattie. E você é Sebastian.

Ele tocou a mão dela com cuidado.

— Meu nome é Zeneis. Eu não sei quem é Sebastian.

— Eu procurava por você. Ouvi o relato de sua mãe morta — disse ela, olhando-o diretamente nos olhos, tão perdidos e dilatados pela escuridão. — Eu falei com o Fumante de Almas e Beresta me disse para procurá-lo.

Ele hesitou apenas o suficiente para convencer Mattie de que era de fato filho dela.

— Eu não...

— Quieto. — Ela interrompeu-o com a melhor imitação do tom imperioso de Loharri. — Não minta quando não há necessidade. Não tenho interesse em nada seu, mas no trabalho de sua mãe. Eu sou uma Alquimista e quero saber o que ela estava fazendo para as gárgulas. Claro, se você decidir não me ajudar...

Ele suspirou.

— Querida Mattie, não ameace aqueles que são mais fortes do que você. Eu vou torcer seu pescoço de metal mais rápido do que você pode dizer “Aqua Regis”. Você foi estúpida o bastante para vir aqui sozinha, não?

Ela se afastou dele. Ele parecia forte, mas Mattie suspeitava que não fosse tão poderoso.

O problema era que ela não sabia lutar.

Ele chegou mais perto e os baldes vazios caíram ao chão.

— Sinto muito. Eu odeio machucar alguém, mesmo que você seja apenas uma coisa mecânica. Mas não confio em quem ameaça minha segurança e conhece meu paradeiro.

— Eu não o estou ameaçando — disse Mattie, e deu mais um passo para trás. —Eu estava tentando ajudá-lo.

Sebastian sorriu.

— Ajudar, não é? Eu já ouvi isso antes. Mas, cada vez que alguém nesta cidade se oferece para me ajudar, eu fico preocupado. E, lembre-se, você veio me pedir ajuda, não o contrário.

Ele saltou para frente, os braços estendidos com a velocidade e a força de pistões, e agarrou o braço de Mattie.

Ela o puxou, livrando-se, e ouviu os ossos finos de seu antebraço reclamarem.

A dor veio um momento mais tarde. Ela esticou a mão, com o objetivo de acertar a mandíbula dele, mas ele se esquivou e ela simplesmente pegou a ponta de sua orelha.

Ele sussurrou, dolorido:

— Você realmente vai levar uma lição.

Mattie levantou as mãos para proteger o rosto e esperou o golpe.

Não devemos intervir, nem mesmo para ajudar a menina com o cabelo do menino morto, e ela está se encolhendo em antecipação a um golpe. Não podemos suportar a ideia de ver seu rosto despedaçado, as engrenagens subjacentes expostas para todos verem. Não podemos suportar ter que pedir ajuda a outro. E os homens, nós sabemos como são agora e o que costumavam ser, e ainda assim não deveríamos intervir.

Nós batemos asas e eles ficam parados como estão; ela está cobrindo o rosto, um olho azul olhando entre os dedos finos em nossa direção, e ele puxou para trás seu cotovelo, pronto para liberar a tensão dos músculos, o punho pesado, e nós sentimos agora sua determinação esvaindo-se. E então chegamos pairando como folhas, como folhas de pedra cinza e feia, descemos em um arco gracioso, nós flutuamos. Nós os cercamos, estamos entre eles, puxamos um para longe do outro. Nós alisamos o cabelo dela e afastamos o medo de cada faceta de seus olhos, ternamente tomamos a mão dele como um amante faria, talvez, e descerramos os dedos, descansando o braço. Nós apagamos a carranca da testa alta dele, alisamos o vestido dela. Nós os posicionamos com cuidado, um à frente do outro.

— Agora, falem — dizemos. E esperamos por um deles pronunciar a primeira palavra.

CAPÍTULO VII

Todos tinham uma história. Mattie tinha aprendido isso muito tempo atrás, quando Loharri explicara complexidades tais com essa. Ela se lembrava bem — era uma tarde ensolarada, quando largas listras de sol pintavam o piso de madeira escura e os móveis, dando-lhes a aparência de uma vida muito tranquila.

— Sente-se — Loharri disse.

Ela obedeceu, afundando-se no sofá de sua sala de estar. Não seria uma lição, pensou ela. Ainda não tinha certeza de como se sentia a respeito delas.

— Sabe de onde você veio, Mattie?

Ele não se sentara. Andava por toda a sala, seus pés metidos nas meias não faziam som nenhum. Isso a irritou, o silêncio de seus movimentos — os dela não eram assim.

— Sim — respondeu ela. Já estava aprendendo a imitar algumas linguagens corporais. Cruzou as mãos sobre o peito e inclinou a cabeça como uma criança recitando poesias de cor. — Você me disse na semana passada.

— Duas semanas — ele corrigiu. — Uma semana se passou; o tempo não para.

— Então, na próxima semana, terão sido três semanas? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— O tempo passa, coisas acontecem a você. Você aprende coisas novas. Você constrói uma história, a sua história. Todo mundo tem uma.

— Eu tenho? — Mattie perguntou. Ela não tinha certeza por que, mas queria desesperadamente ter.

Ele suspirou e atravessou seu cabelo escuro com os dedos, que eram longos o suficiente para tocar o colarinho.

— Ainda não, Mattie. Mas terá.

— Na próxima semana?

Ele soltou um riso.

— Veremos. Geralmente, é preciso mais tempo.

— Qual é a sua história? — ela perguntou-lhe então.

— Isso não é importante — disse ele e caminhou novamente. — Vamos nos concentrar em fazer uma para você.

A História de Mattie começou na oficina do Mecânico e continuou entre panelas brilhando na cozinha, o piso encerado e as janelas amplas que acumulavam fuligem, e culminou em seu próprio pequeno laboratório alquímico.

E lá a história de Sebastian começou.

Ele olhou ao redor da bancada de Mattie e sorriu para os olhos de ovelhas e cachos de salamandras secas como se fossem velhos amigos.

— É como o da minha mãe. Ela não vivia muito longe daqui.

— Distrito oriental — disse Mattie. Ela ainda estava um pouco preocupada sobre a presença dele entre tantos produtos químicos frágeis e vidros valiosos. Ele parecia tão desajeitadamente grande no espaço estreito e apertado que, toda vez que ele movia os braços, ela estendia a mão involuntariamente, pronta para segurar os alambiques e o aludel, certa de que ele os derrubaria.

Ele assentiu e afastou-se para sentar-se na cozinha.

— Eu cresci assistindo ao trabalho dela... Provavelmente ainda me lembro de algumas das pomadas que ela costumava fazer para os vizinhos em dificuldade.

Ela correu atrás dele, secretamente aliviada e já lamentando deixá-lo ficar em sua casa, que não era nada segura, com Iolanda e Loharri suscetíveis de aparecer ali.

Por que ele aceitara o convite?

— Então, você queria saber sobre o trabalho da minha mãe.

— Sim. Será que ela descobriu como impedir as gárgulas de se transformarem em pedra?

— Elas ainda se transformam, não? Ela não encontrou a cura. Ela continuou dizendo que era a pedra que as mantinham reféns, que eram uma só carne. E só se ela pudesse quebrar o vínculo com a pedra... — Ele interrompeu-se abruptamente e sorriu malicioso. — Tudo isso soa como absurdo para você, não é?

— Não — disse Mattie. — Nem um pouco. Faz todo o sentido.

— É por isso que eu me tornei um Mecânico — disse Sebastian e parou de sorrir. — Os Alquimistas... Vocês apenas balbuciam disparates e fingem que isso significa alguma coisa.

— E significa. Como é que eles o admitiram no Liceu? Você... você não é como eles.

— Minha mãe contava com alguns favores — respondeu, franzindo a testa. Quando ficava com raiva ele aparentava ficar maior e o banco sob ele parecia prestes a desintegrar-se. — Mas, claro, uma vez que me deixaram entrar, passaram a me olhar como a um ladrão em uma loja de joias. Eu não conseguia fazer nada direito. Não importava o que eu propusesse, eles recusavam e, em seguida, um deles aparecia com minha ideia. E isso era inaceitável! — Ele bateu no joelho. — Todo dia isso, todo dia! — Seu discurso inflamado trouxe-lhe cor às bochechas e, apesar de sua preocupação, Mattie percebeu quão atraente ele era.

— Você é muito bonito — ela disse.

Ele olhou para ela e ela não conseguiu compreender sua expressão, mas lembrou de quando pedira sua chave pela primeira vez a Loharri.

— Não faz nem uma hora, eu quase bati em você — disse ele, calma e lentamente. — Se não fossem as gárgulas, eu a teria matado e você seria apenas uma pilha de molas e engrenagens. Por que fala assim comigo?

Mattie percebeu que tinha dito algo errado.

— Você não me matou, no entanto. Você não é meu inimigo.

Ele balançou a cabeça.

— Como você se tornou uma Alquimista, afinal? E como as gárgulas a escolheram?

— Isso é o que eu queria saber. Você se tornou um Mecânico porque você foi criado por uma Alquimista, eu me tornei uma Alquimista porque um Mecânico me fez.

Ele sorriu, mostrando pequenos dentes irregulares.

— É justo. E quanto às gárgulas? Elas parecem protegê-la.

Mattie assentiu.

— Sim. Mas eu não sei por que elas me escolheram depois da sua mãe. Porque nós somos mulheres? Porque somos odiadas por causa do que somos?

— Você tem razão. Ela me disse que os Alquimistas eram melhores com os estrangeiros do que os Mecânicos, mas não muito. Eles só fingem serem melhores.

— E isso já é algo, não é? Eu me sinto grata por ter sido emancipada, sem falar em ser aceita na sociedade.

Sebastian estudou-a por um tempo, como se considerando como ela se encaixava em sua visão do mundo.

— Emancipada, hein? E como você conseguiu isso?

— Eu perguntei ao meu mestre se poderia ser uma Alquimista. Como me tornei muito boa nisso, ele decidiu que seria um desperdício fazer-me limpar a casa dele e me fez mãos novas e construiu outro autômato para o trabalho doméstico.

— Deve ser bom ter alguém para fazer por você o trabalho que você detesta — disse ele. Havia uma sugestão de desaprovação em sua voz.

— É um autômato sem cérebro. Quando pedi para ser emancipada, meu mestre concordou e assinou os papéis. Só o vejo quando eu quero.

— Parabéns. Quem é seu mestre?

— Loharri. Você o conhece?

— Um pouco. Não é tão terrível como o resto deles.

— Ele pode ser terrível quando quer. Foi ele quem me disse que você estava exilado... mas não me disse o porquê, e nem você.

Sebastian riu.

— Eu acabei de conhecer você. Basta dizer que não fiz nada de errado.

Mattie não acho suficiente, mas apenas balançou a cabeça, concordando.

— Por que você ainda está na cidade, então?

Ele se levantou.

— Eu ainda tenho negócios aqui. Faça-me um favor, não conte para ninguém que me viu.

Mattie sacudiu a cabeça.

— Não direi nada. Antes de ir, prometa que me contará se você se lembrar de alguma coisa sobre as gárgulas e o trabalho da sua mãe.

— Farei isso. — Ele deu um passo em direção à porta, mas parou no limiar. — Lembrei-me de uma coisa. As gárgulas não têm alma.

— Todo mundo sabe disso — Mattie disse, desapontada.

— Foi o que ela disse — Sebastian respondeu com um encolher de ombros, e saiu. Seus passos pesados sacudiram as escadas ao descer.

Mattie recomeçou seu trabalho diário — poções e unguentos que o boticário do andar de baixo comprava sempre que ela lhe oferecia —, seus movimentos suaves, precisos graças a longas horas repetitivas no mesmo espaço apertado.

Uma pequena janela sobre a bancada oferecia um pequeno vislumbre, porém bem-vindo, do céu matutino, as nuvens douradas pelo sol ainda invisível.

Mattie estava ainda preocupada se Sebastian conseguiria chegar ao templo sem ser detectado — é claro que ele conseguiria, ele sobrevivera muito bem sem ela saber dele ou se preocupar com ele.

Havia uma cadência nos movimentos de suas mãos, um ritmo nos pequenos passos quando se movia para trás e para a frente ao longo da bancada, misturando ervas e pós ou cortando olhos de ovelha e apertando a geleia opaca com cheiro de carne de carneiro na tigela. Mattie provou o ar — estava bom, mas em breve ela precisaria passar no açougueiro.

Deixou seus pensamentos à deriva e eles chocalhavam em sua cabeça preguiçosamente em meio ao zumbido de suas entranhas. Memórias flutuavam para dentro e para fora de sua mente, e ela as observava com desapego.

Quando fora criada, Mattie não era capaz de sentir dor. Uma vez, caíra e quebrara seu rosto e Loharri quisera ter a certeza de que ela saberia estar ferida.

— É para sua própria proteção. A dor é boa, pois avisa que você está prestes a se ferir.

Uma semana depois, ela desmaiara ao chão. Ele pegara sua chave e a escondera, e ela se ressentira disso. Logo depois, ele a fizera sentir prazer. Até então, ser ferida tinha sido o único prazer que ela conhecera.

Até agora, pensou, até ela ter se tornado uma Alquimista.

Suas mãos agora voavam com sua mente à deriva e seu coração batia em um ritmo constante e feliz.

Mattie saiu da casa e desceu a rua em direção ao rio. Precisava fazer compras no açougue, mas por enquanto decidiu dar um passeio ao longo da lagoa, longe da fábrica de papel, em direção ao distrito oeste, onde as árvores tinham um cheiro doce e sombras frescas, onde suas folhas grandes e macias absorviam o rumor do tráfego.

Caminhou pelas alamedas sombreadas, desfrutando da paz e do silêncio que não pertenciam a ela. Observou as casas caiadas de branco, as árvores bem cuidadas na frente delas. Esta fora a única coisa que ela perdera por deixar Loharri — a satisfação de viver em um distrito tranquilo e reservado. Ela agora se sentia exilada sem razão.

Quando entrou na rua que a levaria ao mercado, o ruído cresceu — um clop-clop de cascos de bois, de garras de lagartos arranhando e o assobio suave dos besouros e um ruído de metal de alguma fonte indeterminada.

— Saia do caminho! — Ela ouviu a voz por detrás de si e correu para a calçada.

Virou-se para ver uma geringonça mecânica que nunca tinha visto antes — aquilo arrotou fogo e o vapor espalhou-se pela rua. A engenhoca tinha vários pares de pernas curtas de pistão que se seguram às pedras do calçamento. Nas juntas traseiras articuladas havia várias cadeiras (vazias por enquanto) movendo-se em uma curva senoide conforme a coisa deslizava pela rua. Um Mecânico solitário, que ocupava a extremidade dianteira da engenhoca, estava sentado em uma pequena saliência da face plana do monstro de metal, movendo longas alavancas.

— O que é isso? — Mattie gritou acima do rugido e do silvo da besta mecânica ao passar por ela.

— É uma lagarta — o Mecânico gritou de volta. — Ela pode transportar dez pessoas de uma só vez.

— E se elas estiverem indo para lugares diferentes? — Mattie perguntou.

O Mecânico não respondeu — Mecânicos costumavam muitas vezes ignorar perguntas estúpidas, especialmente se elas viessem de autômatos e orientais — e conduziu a lagarta de metal pela rua. Mattie teve a sensação de que em breve mais delas estariam rastejando pelas ruas estreitas, importunando pedestres e besouros e assustando lagartos.

Ela percebeu que seus pés, por vontade própria, estavam levando-a para a casa de

Loharri. Era natural, supôs — estivera nesse mercado muitas vezes, no topo da colina que levava à casa branca, quase escondida por roseiras crescidas em profusão.

Loharri dava pouca atenção às plantas agora que Mattie, que as tinha plantado, não estava lá para cuidar delas. O verde que parecia tornar-se mais volumosamente audacioso com o passar dos anos. Havia dez anos desde que plantara as rosas e agora elas estavam formando uma esplêndida cerca viva. As primeiras flores de pálido vermelho cravejavam os galhos espinhosos, um chamariz de beleza escondendo suas intenções assassinas. Mattie imaginou que um dia as plantas tomariam a casa, enterrando Loharri dentro... ela quase poderia viver com esse pensamento, se não fosse pela chave que ele usava no pescoço. Mattie circundou a casa para verificar as plantas no quintal dos fundos e teve que lutar para abrir caminho através das rosas que obstruíam a porta dos fundos. Elas agarravam sua saia com seus espinhos.

Testou a porta — destrancada, como de costume — e abriu-a.

Apesar da brilhante luz exterior, a cozinha permanecia em aveludada escuridão. Essa casa tinha uma qualidade especial de luz, que suavizava tudo dentro dela com espectros dourados, e isso era agradável. Os olhos de Mattie precisaram de um segundo para ajustar-se e os objetos familiares entraram em foco — a lareira generosa, o brilho de chaleiras e panelas suspensas sobre a mesa no centro, a solidez reconfortante e o cheiro amadeirado das tábuas, o autômato no canto...

O autômato virou-se para ela e Mattie tardiamente percebeu que era uma mulher — escandalosamente seminua, sem corpete e até mesmo sem uma saia, vestida apenas com um avental branco, transparente o bastante para revelar as curvas do corpo de carne sob ele. Mattie desviou o olhar rapidamente.

— Sinto muito — disse ela.

— Não por isso — disse a voz familiar. — Eu só estava pegando um copo de água. Onde você esteve?

Mattie se atreveu a olhar para o rosto da mulher. Iolanda encolheu os ombros e a tira fina de suas vestes escorregou, revelando um ombro redondo e sardento.

— Você parece surpresa.

— Não sabia... que você gostava dele — disse Mattie.

Iolanda se aproximou em silêncio, descalça.

— Não gosto — sussurrou. — E, no entanto, aqui estou eu. E aqui está você.

Mattie alcançou a porta.

— Volto mais tarde.

— Está tudo bem — disse Iolanda, agarrando Mattie pelo pulso. — Não fique tão tensa. Ela arrastou-a para dentro, gritando: — Loharri! Veja o que encontrei!

Ele estava em sua oficina e, felizmente, estava vestido.

— Não precisa gritar assim. Não ensinam boas maneiras no Palácio?

— Não há mais um Palácio — Iolanda disse alegremente. — O Duque está de mudança.

— Para onde? — Loharri e Mattie disseram em uma só voz.

— Para sua mansão de verão, à beira-mar. — Ela fez um gesto vago e riu.

Mattie pensou que nunca tinha visto Iolanda assim — tão cheia de energia, de um modo vertiginoso, escondendo algo. E o fato de estar aqui sem roupa... Ela decidiu ponderar as implicações mais tarde, quando não estivesse tão distraída.

Loharri aparentemente pensou o mesmo.

— Por que você está tão feliz? — murmurou, e fingiu estudar uma mola de cobre com maior atenção do que seria justificada. — Ansiosa para se banhar no mar?

Iolanda riu como uma criança. Mattie não viu nada suspeitoso nisso.

— Eu não irei. Ficarei aqui. Muitos de nós decidiram ficar.

— "Nós" significa, naturalmente, os cortesãos — Loharri disse, largando a mola sobre a bancada e pegando um relógio semidesmontado; o coração de outro autômato, Mattie imaginou.

— Sim. Você ouviu esses maravilhosos rumores que...

— Eu os ouvi durante todo o dia e não há nada de maravilhoso sobre eles. Se me convocarem para mais uma reunião de emergência, deixarei esta cidade miserável e irei para o mar junto com o Duque.

— Você não irá. Ama este lugar tanto quanto eu e está morrendo de vontade de descobrir o que está acontecendo.

Loharri balançou a cabeça.

— Crianças. Vocês são todos idiotas, crianças mimadas que não reconhecem o perigo, porque não têm noção do que é. Pessoas morreram no Palácio, sabe.

Iolanda fez beicinho.

— Não seja um desmancha-prazeres. Não foram muitas — empregadas domésticas e cozinheiros, só.

— E é claro que isso não importa — disse Loharri, franzindo a testa.

— Eu nunca disse isso. É que só poucas pessoas saíram feridas. E autômatos. — Ela bufou, contrariada, e valsou para fora da oficina.

Loharri sorriu para Mattie.

— Falando em autômatos. O que posso fazer por você?

"Você pode me dar a minha chave", ela queria dizer. Em vez disso, perguntou:

— Você já viu essas lagartas mecânicas?

— Ah, sim. Adoráveis, não? E as pernas não danificam as ruas tanto quanto os besouros ou até mesmo as garras dos lagartos. E podem correr mais rápido do que qualquer um deles. Vai custar um pouco mais para construir e estabelecer rotas regulares, mas a longo prazo vão pagar-se só pelos custos de reparação.

— Eu não gosto delas — disse Mattie.

Loharri encolheu os ombros.

— Então você fez todo o caminho até aqui para expressar seu descontentamento com a forma como a Mecânica gerencia a cidade? Ou será que a sua Sociedade a mandou aqui?

— Não. Mas estamos fazendo nossa própria investigação. Pode me ajudar? — Ela juntou as mãos em súplica.

Loharri suspirou.

— Por que você sempre tem que me pedir coisas?

— Porque eu não posso resolver tudo sozinha — disse ela com uma inclinação coquete da cabeça. — Você vai me ajudar?

— Depende do que você precise.

Mattie pensou um pouco. Não queria dizer-lhe muito, mas não viu outra maneira de obter a informação de que precisava a não ser sendo direta. Invadir o escritório onde os Mecânicos mantinham seus registros parecia arriscado, e Bokker lhe dissera para não fazer nada

perigoso.

— Posso confiar a você um segredo? — ela perguntou, embora soubesse a resposta.

Ele pareceu assustado.

— Sim. É claro. Já traí sua confiança?

— Não.

— Do que você precisa, então?

— Apenas alguns registros dos Mecânicos. Nada de importante, apenas para saber se vocês emitiram medalhões de substituição — pensamos que alguém poderia ter pedido explosivos fingindo ser um Mecânico.

— Eu posso fazer isso. Essa não é uma má ideia, na verdade.

— Você gostaria de ter pensado nisso?

— Tive uma ideia ainda melhor. Não aguento esperar até que os Alquimistas fiquem sabendo. Eu apostaria dinheiro que eles tentarão nos impedir, mas o Duque não estará mais aqui para dar-lhes seu apoio, então acredito que não haja nada que possam fazer. — Ele riu suavemente.

Mattie conhecia-o bem o bastante para saber que apenas uma invenção sua o deixaria contente assim.

— Uma máquina. Um autômato, mas sem corpo, apenas a mente pura como a sua, só que maior. É como uma centena de seus cérebros juntos, feitos para analisar. Nós contamos o que aconteceu e ele descobre quem tinha mais a ganhar e, portanto, quem é o responsável e o que devemos fazer em seguida. Incrível, não?

— A resposta não mudaria dependendo do que você contasse?

Loharri parou de sorrir e a olhou com desconfiança.

— Claro que sim. Então, vamos dizer-lhe tudo.

— Você não sabe tudo. Ninguém sabe.

Loharri franziu a testa.

— Sério, Mattie. Nós sabemos o suficiente sobre esta cidade e o que está acontecendo aqui para dar informações suficientes para a máquina descobrir coisas. E imagine, uma máquina racional que pode revelar o futuro! Nós não precisaremos mais de conselhos dos Monges de Pedra... não que eu tenha pretendido isso, mas talvez, com essa máquina, outros venham a perceber quão ridículos eles são.

— Talvez. Eu duvido que seria muito mais confiável.

— E eu duvido que você saiba do que está falando — disse Loharri, e sua cicatriz empalideceu e a pele em torno dela virou uma sombra púrpura, indicando uma redistribuição alarmante de sangue. — Vá amanhã de manhã ao edifício do Parlamento e eu terei a lista de medalhões que estão faltando para você. Mas agora estou ocupado.

— Obrigada.

Iolanda esperava por ela na cozinha, perto da porta.

— Passo na sua casa mais tarde — sussurrou com seus lábios quentes roçando a orelha de Mattie. — Tenho uma grande encomenda para você.

Mattie percorreu todo o caminho até o matadouro na zona sul da cidade com pensamentos

atribulados colidindo em sua mente, como vinha ocorrendo ultimamente. Pensou na presença de Iolanda seminua na casa de Loharri e em seu entusiasmo sobre a demolição do Palácio; pensou em Sebastian e suas palavras sobre as gárgulas, mas, mais ainda, tentou encontrar um motivo para ele, um Mecânico que tivera familiaridade com a alquimia, manter tal proximidade com o Palácio. Não importava como lidasse com aquilo em sua cabeça, ela falhava, pois parecia ainda suspeito.

Passou por uma fábrica expelindo fogo e arrotos de vapor, obscurecendo o céu. Era uma área ruim, cercado por bairros pobres, onde pequenas oficinas pariam autômatos brutos destinados às minas e fábricas. Ela tinha ouvido rumores de que pessoas trabalhavam nas minas também — eram mais flexíveis, podendo atingir as passagens mais distantes. Seus dedos também eram mais rápidos e precisos, e, se houvesse uma avalanche ou uma mina desabasse, eram mais baratas para substituir do que os autômatos.

Várias lagartas corriam a toda velocidade para longe da fábrica, transportando metais das minas das colinas ao sul. O brilho opaco de ferro e cobre ficou mais evidente à luz das chamas da fábrica e Mattie recebeu o bafo quente de enxofre com o vento.

Passou correndo. Não gostava da fábrica, tanto que a visão do matadouro encheu-a de alívio.

Os açougueiros a conheciam de vista, como a maioria dos Alquimistas, e acenavam para ela ao passar pelos locais de destrinchamento até os tonéis de madeira cheios de partes não aproveitáveis de animais. Ela acenou para alguns colegas catando partes nos barris, com os narizes fechados com grampos de madeira. Mattie não achava o cheiro desagradável e moveu-se sem pressa.

Pegou uma folha de papel de cera de uma pilha e caminhou ao longo da fileira de barris, buscando olhos. Viu uma mulher alta inclinada sobre um barril. Sua pele era de uma tonalidade escura familiar.

— Níobe — ela chamou.

A mulher olhou para cima e sorriu.

— Mattie. Eu não sabia que você usava partes de animais.

— E eu não sabia que você as usava também.

Níobe segurava um frasco de vidro, cheio até a metade de sangue escuro e espesso.

— Nós não costumamos usar, mas eu aprendi um pouco de alquimia de sangue em minhas viagens. — Ela entregou o frasco para Mattie.

— O que isso faz? — Mattie perguntou.

Níobe sorriu.

— Vamos! Pegue seus olhos e eu lhe mostrarei.

CAPÍTULO VIII

As ruas da cidade são como veias em uma folha, caminhos em nosso próprio labirinto. Nós mantemos nossas mãos na parede o tempo inteiro, invisíveis, cinza em pedra cinzenta. Nós nos achatamos contra as pedras e rastejamos em pequenos movimentos rápidos, como monstruosas lagartixas. Nós seguimos as duas mulheres — uma é mecânica, a outra é um desconhecida para nós, estrangeira, uma criança das dunas de areia e filha da terra vermelha, não da pedra. Ambas cheiram a sangue e escondem sua excitação, ambas carregam potes cheios de vermelhidão escura e viscosa, que espirra conforme elas andam, colidindo com as paredes do frasco, e nos lembra o oceano que nunca vimos, mas muitas vezes imaginamos.

Achamos engraçado que ultimamente nós não possamos amar nossos filhos — os filhos da pedra, as crianças que primeiro se estabeleceram em nossa criação, pois eles não parecem mais nos amar também. Eles destruíram o que nós construímos, pensam que nós já não existimos. Nossos alimentadores não são recarregados hoje e seguimos com fome. De alguma forma, parece apropriado.

Lembramo-nos de outra mulher nascida da terra vermelha do outro lado do mar. Lembramo-nos dos braços finos, dos dedos como garras de aves. Seu rosto coberto por uma teia de rugas, seus olhos escuros, fatigados. Sua voz suave e acentuada, sempre aquecida pela promessa ilusória de salvação.

— Por que vocês me escolheram? — ela nos perguntou em um momento em que suas mãos estavam cansadas demais para se mover e seu coração estava pronto para desistir. Por que eu?, o grito lamentoso de cada alma solitária na cidade, tão sozinhas quanto no dia em que nasceram. Nós não podemos explicar esse sentimento, essa devoção melancólica, como o cheiro de flores de tília na noite de luar azul. Só a sentimos, sentimos a ausência do amor à pedra, à cidade, e sentimo-nos arrancados de nosso solo. E procuramos a salvação de todas as crianças não amadas do mundo.

No caminho, Níobe apiedou-se do olhar triste de Mattie e confidenciou que a alquimia de sangue tinha muitos usos — feitiços de amor e adivinhações, bem como propósitos mais obscuros. Ela disse para Mattie que, em sua terra natal, o sangue animal era usado para prender temporariamente espíritos inquietos, forçando-os a divulgar seus segredos e usar sua natureza incorpórea para espiar o tempo ainda não revelado, mas acessível aos espíritos, já que não estavam presos aos limites físicos.

— Quão distante no futuro eles podem ver? — Mattie perguntou, fascinada.

Níobe sorriu.

— É imprevisível. Às vezes, eles confundem o futuro e o passado ou mesmo com o presente. É tudo a mesma coisa para eles. Sabe onde poderíamos apanhar alguns espíritos?

— Sim. O Fumante de Almas tem vários. Mas duvido que ele abriria mão de qualquer um deles.

— Fumante de almas? — Níobe perguntou, franzindo a testa. — O que é isso?

Mattie explicou o que o Fumante de almas fazia para viver e contou a Níobe sobre Ilmarekh e seu triste estado.

— Ninguém é feliz neste lugar? — Níobe perguntou.

Mattie considerou um pouco antes de responder.

— Alguns são. Todos são, em um momento ou outro. Aposto que mesmo Ilmarekh é feliz ocasionalmente.

— Não foi isso que eu quis dizer — Níobe disse, mas não elaborou melhor. Em vez disso, ela apressou o passo e cantarolou uma melodia que Mattie desconhecia, balançando a jarra cheia de sangue no ritmo da música.

Mattie correu atrás, muito curiosa sobre a alquimia de sangue.

— Eu me pergunto se Ilmarekh concordaria em deixar-nos prender uma alma ou duas antes que chegue a ele. Ou talvez ele ache que é crueldade.

Níobe riu.

— Paciência, Mattie. Deixe-me mostrar-lhe algumas coisas simples hoje. Além disso, se eu for ver o Fumante de Almas com você, ele não roubará minha alma também?

— Ele não rouba — Mattie sentiu-se como a protetora de Ilmarekh. — A alma pode decidir se juntar ao resto. Acredite em mim, ele não precisa de outra voz sussurrando para ele.

— Ele deve ser mais louco do que um peixe de briga. Você tem amigos estranhos.

— Somente pessoas estranhas querem ser amigas de uma máquina — respondeu Mattie.

Níobe riu-se.

— Acho que sim.

Mattie olhou para Níobe, depois olhou em volta. Estavam na parte do distrito que ela raramente visitava e ela percebeu que havia muitos rostos escuros entre os transeuntes. Fazia sentido para ela que estrangeiros tivessem escolhido morar próximos uns dos outros — as pessoas pareciam gostar daquelas de sua própria espécie.

Níobe parecia conhecer muitas delas. Ela constantemente sorria e acenava, e as pessoas sorriam e acenavam de volta. O cheiro que escapava das portas e janelas, abertas por conta do clima quente, deixou os sensores de Mattie em chamas com sua estranheza — reconheceu sândalo e incenso de algum tipo, fermento de pão, frutas frescas e algo desconhecido cozinhando.

— Parece haver muito mais do seu povo aqui desde minha última visita — disse Mattie.

Níobe encolheu os ombros.

— As pessoas se mudam para cá, trazem suas famílias. Eles ajudam muito umas às outras. Quando cheguei aqui, eu não tinha nada comigo, só minha bolsa e um endereço. E essas pessoas eram estranhas para mim, mas elas me trataram como se fosse da família, me acolheram, me ajudaram a encontrar um lugar. Sem elas, eu nunca teria descoberto como me unir à Sociedade e obter uma licença de Alquimista. Temos que ficar juntos. Eu aposto que você fica junto com seu povo também.

Mattie sacudiu a cabeça negativamente. A visão dos autômatos na reunião dos Mecânicos, movendo-se como uma procissão de cegos, surdos e mudos, e tão inconscientes do mundo como as mesas ao redor deles, pipocou em sua mente. Ela não queria nada com eles.

— Por que não? — Níobe insistiu, ao mesmo tempo fazendo uma assustadora careta de mentira para um bando de crianças pequenas que corriam pelas ruas com enorme felicidade.

— Eu não sou como eles. Bem, como a maioria deles. Existem alguns poucos autômatos

inteligentes por aí, alguns deles são até emancipados. Mas, você sabe, ninguém gosta da presença deles. E eles... nós nem sequer gostamos de nós mesmos.

— Estou surpresa em ouvir isso.

Níobe entrou por uma rua estreita demais para o tráfego, animada apenas por alguns poucos pedestres. Havia um zumbido baixo no ar, um zumbido suprimido de uma multidão de vozes a certa distância, e Mattie adivinhou que estavam se aproximando do mercado.

— Pensava que autômatos inteligentes eram valiosos.

— São caros, mas não valiosos. Substituímos pobres servos — um autômato tem a vantagem de não falar por trás nem reclamar. As tarefas em si não precisam de uma mente muito engajada.

— E os Mecânicos e os Alquimistas tem muito para esconder. Eu entendo.

O mercado era vasto e Mattie lamentou não visitá-lo mais vezes. Havia muitas barracas que vendiam ervas e minerais e pedaços de animais selvagens raros. Ela não conseguia deixar de parar em cada uma delas, esticando o pescoço para ver uma bela exibição de cascos de javali ou garrafas com óleo de ouro de origem incerta.

Níobe seguia fazendo perguntas ocasionais sobre o uso de plantas. Ela parecia ignorante de suas propriedades e gostava de ouvir Mattie explicando que duas pilhas de pequenas flores secas e azuis eram, na verdade, diferentes: uma era de lavanda e a outra, de verônica, e cada qual possuía propriedades únicas.

Níobe cheirou as flores e riu e disse para Mattie que, de onde ela viera, todas as plantas foram subdivididas em “de sangue”, “de água”, plantas com seiva amarela e as que curavam náuseas. Ela apontou para salamandras secas e insistiu que somente as vivas eram apropriadas para aproveitar seus poderes elementais, depois demorou-se com grandes pedaços disformes de rocha, os dedos longos rastreando veias prateadas de metais preciosos e a voz macia recitando afinidades com o fogo de enxofre ou vulcânico. Mattie não conseguia lembrar a última vez que tinha sido capaz de perder-se em uma conversa tão completamente. Perdera a noção do tempo — o sol estava começando a se inclinar para o oeste quando elas finalmente emergiram do campo de batalha dos mercados, ambas carregadas com seus ingredientes preciosos e professando surpresa mútua por terem conseguido passar ilesas diante da tentação irresistível.

Entraram em uma das ruas laterais e Mattie reconheceu a joalheria — a única na cidade que vendia lápis-lazúli, madrepérola e grandes pedaços de âmbar. Mattie costumava ir lá com Loharri — ele escolhia pedras preciosas para seus projetos enquanto ela navegava através das pilhas de âmbar, à procura de peças com insetos ou bolhas de ar aprisionadas no tempo.

Como se respondendo a seus pensamentos, Loharri surgiu, saindo pela porta da loja de joias. Seus olhos afiados detiveram-se em Mattie e na companheira dela e demoraram um pouco para encontrar o olhar de Mattie.

— Passeando pelo gueto? Não se preocupe, eu também. Quem é sua amiga?

— Eu sou Níobe. Perdoe-me por não apertar sua mão. — Ela encolheu os ombros, desculpando-se por seus muitos pacotes.

— Está perdoada. O que tem na jarra?

— Sangue de ovelha. Qual é seu nome?

Loharri franziu a testa um pouco.

— Loharri é meu nome. Sou membro da Sociedade Mecânica. Certamente você já ouviu

falar de nós?

Niobe assentiu. Se ela sentiu-se deslocada ou intimidada, não o demonstrou, e Mattie ficou maravilhada com a diferença em seu comportamento em relação ao último encontro dos Alquimistas.

— Eu ouvi falar de vocês. Vocês são aqueles que constroem todas essas fábricas que tornam impossível dar um passeio pelo rio.

Mattie encolheu-se — Loharri não gostava de ser desafiado, nem que alguém se dirigisse a ele de maneira familiar.

Loharri produziu o mais frio sorriso de seu repertório.

— Tudo tem seu preço. No entanto, conseguimos fazer coisas boas: eu fabriquei sua amiga — disse, apontando para Mattie. — Tenho certeza que ela falou sobre mim.

— De passagem — disse Mattie. Ela achou mais fácil ser rude com ele quando Níobe estava por perto. — Niobe é uma Alquimista também.

— Eu percebi. — Loharri deu um aceno superficial de cabeça. — Vocês devem me desculpar, mas tenho uma reunião de negócios para ir. Vejo você amanhã, Mattie.

Níobe virou-se e observou-o desaparecer na esquina. Ela então sorriu para Mattie.

— Que figura!

— Sim. — Mattie estava indecisa se deveria sentir-se orgulhosa ou envergonhada por ele.

— O que aconteceu com o rosto dele?

— Eu não sei. Ele raramente me diz alguma coisa sobre si mesmo.

Níobe suspirou e começou a subir as escadas.

— Eles nunca o fazem — comentou em voz baixa, aparentemente dirigindo-se para alguém que não Mattie.

A oficina de Níobe provou ser tão difícil quanto fascinante. Seu laboratório apertado, menor do que o de Mattie, era duas vezes mais desordenado.

Mattie aprendeu a queimar sangue e refiná-lo através de um longo alambique sinuoso; Níobe mostrou-lhe como misturar a essência de sangue — um pó negro que cheirava a chifre queimado e ferrugem e que se desintegrou nos dedos de Mattie — com a resina viscosa de árvores raras. Moldou com a massa pegajosa uma figura minúscula e imbuiu o homúnculo1 sem vida com poderes curativos ou destrutivos — o que não pareceu importar para o homúnculo, que absorvia tanto o veneno quanto o antídoto com igual facilidade. Níobe discursou demoradamente sobre as propriedades do sangue — sua afinidade com os metais e com a terra, sua capacidade de transformar qualquer elemento em seu caráter mais básico e potente. Aquilo adorava carne humana, o comando que possuía sobre a mente humana, o poder bruto da cura e da ruína.

— Será que funciona em autômatos? — Mattie perguntou.

Níobe encolheu os ombros.

— Eu nunca tentei, mas acho que sim. Você é feita de metal...

— E osso — Mattie interveio. — Osso de baleia.

— E cabelo humano — Níobe disse, olhando para os cachos escuros de Mattie, que mal chegavam nos ombros. — Isso é incomum.

— Sim — concordou Mattie. — Eu não conheço nenhum outro autômato feito dessa maneira, nem sei por que Loharri me fez assim.

— Você sabe onde ele conseguiu o cabelo?

Mattie sacudiu a cabeça.

Níobe sorriu e se espreguiçou, afastando-se da bancada. Ela precisava acender a lâmpada, já que a escuridão se fazia, e as vozes altas e tensas das crianças emudeceram e logo foram substituídas por aquelas dos adultos, provenientes das pessoas conversando sentadas em suas varandas ou ao pé de suas janelas, falando com os vizinhos do outro lado da rua — uma rua tão estreita que as pessoas em lados opostos quase podiam tocar as mãos se quisessem. Mattie estava junto da janela, ouvindo as vozes da noite, mais ressoantes, ao que parecia, do que durante o dia, e mais gentis, calmas, embaladas após o jantar e pelo sono iminente. Muitas falavam em uma língua que Mattie não entendia, mas o som a acalmava da mesma forma.

A casa na frente da oficina de Níobe tinha as janelas abertas e o apartamento no segundo andar possuía uma jardineira repleta de flores de íris, pequenas lavandas, azuis como a noite, brancas e brilhando na escuridão.

Mattie sentiu o aroma doce e amargo das flores. Níobe ficou ao lado dela.

— Esta é minha hora favorita do dia. Sinto que posso viver aqui e amar esta cidade.

— Eu gosto muito dela. Eu me sinto... invisível e, ainda assim, uma parte dela.

— Invisível é bom — disse Níobe.

— Loharri não entendia isso. Ele sempre quis me exibir, mesmo quando eu preferia morrer a ter que sair.

— Claro que ele não entende. — Agora que estavam sozinhas, Níobe não se preocupava em esconder seu desprezo. — Apesar da cicatriz... como você espera que ele saiba o que é vergonha, se nunca em sua vida teve que se esconder?

Mattie encolheu os ombros. Os ossos de metal em seus ombros emitiram um som seco.

— Talvez ele tenha. Sei tão pouco sobre ele. Ele tem muitas amantes e os outros Mecânicos o odeiam.

Níobe riu.

— Quem imaginaria isso!

— Mas é verdade. Hoje... — Ela interrompeu-se de repente, lembrando a promessa sussurrada por Iolanda.

— Hoje o quê? — Níobe perguntou.

Mattie sacudiu a cabeça.

— Nada. Acabei de me lembrar de uma coisa. Eu tenho que ir.

— Está ficando tarde, de qualquer maneira. — Níobe bocejou. — Apareça em breve, sim? Eu gosto de trabalhar com você.

— Farei isso — Mattie prometeu. — Obrigada por me ensinar! Na próxima vez eu ensinarei você.

Desceu ruidosamente as escadas, respirando o doce aroma da noite. A zona leste era vasta e ela tinha um longo caminho a percorrer de volta para casa.

Resolveu correr. Segurou suas saias, seu saco de vísceras e o frasco de sangue debaixo do braço e correu como o vento. Loharri a desencorajara a correr; suas juntas eram delicadas

e ele não queria que elas se desgastassem muito rápido. Mattie decidiu que isso não a machucaria. Além disso, gostava de correr.

Seus pés bateram nas pedras com um ruído alto, alarmante, mas Mattie não se importou. A brisa fresca lavava seu rosto de porcelana e seu cabelo jogado para trás era como as asas de uma ave noturna. Suas saias, desajeitadas e volumosas, engatadas por seus joelhos, farfalhavam enquanto corria. Ela não precisava de ar e não sentia cansaço, e o movimento rítmico a ajudava a pensar.

Ela se sentia mais íntima de Níobe do que de qualquer outra pessoa. Ela adorava Ogdela, mas a velha nunca tinha esquecido o abismo entre elas. Níobe era menos educada do que Ogdela, ocasionalmente, em seus comentários sobre Mattie; no entanto, havia um abismo menor entre elas. Mattie resolveu que ensinaria suas fórmulas favoritas para ela, mesmo descobrindo-se tão zelosamente reservada como qualquer outra Alquimista.

Ela só diminuiu o passo ao ver sua casa e a marca do boticário nas janelas do andar de baixo.

Ajeitou a saia e caminhou com passos calmos, à espera de encontrar uma nota irritada de Iolanda ou um mensageiro entediado.

Em vez disso, descobriu Iolanda em pessoa. Sua jovialidade matutina havia desaparecido e ela franziu a testa para Mattie e levantou dos degraus onde estava sentada.

— Onde você esteve?

Mattie ergueu o frasco de sangue. O nariz de Iolanda enrugou-se.

— Isso é nojento! E cheira como uma ovelha morta.

— Você gostaria de entrar? — Mattie perguntou, e tomou caminho para subir as escadas.

Uma vez do lado de dentro, Iolanda marchou diretamente para a cozinha.

— Posso pedir-lhe que me sirva um licor? — perguntou em um tom mais educado do que antes. Mattie serviu-lhe um copo de brandy de groselha que guardava para os visitantes, especialmente para os mais perturbados. Iolanda bebeu atirando a cabeça para trás com um movimento rápido e fez uma careta. — Obrigada. A situação tem sido enervante para mim.

— Minhas desculpas — Mattie disse suavemente. — Você não me deu uma hora exata, e eu tinha coisas para fazer.

— Eu entendo — disse Iolanda. — De qualquer jeito, tenho um pedido para você. Basta dar-me um segundo para organizar meus pensamentos.

Mattie serviu-lhe mais um copo e esperou, paciente.

Alguns vaga-lumes iluminavam de amarelo a escuridão azul lá fora. Mattie perguntou-se de onde vinham.

As memórias de Mattie possuíam formas. Algumas eram oblongas e macias como um cobertor grosso sobre o rosto de um homem adormecido, outras tinham arestas cortantes, e era preciso pensar com cuidado para não se machucar. Outras ainda assumiam formas de cones e cubos, com juntas de metal e penas de pavão, e em sua mente confusa cresciam ainda mais a cada dia, acumulando formas ainda mais estranhas, assim como Loharri juntava cada vez mais tralhas em sua oficina.

Para lembrar-se de coisas, ela tinha que deixá-las chegar a ela, e os sons e as visões ao redor surgiam em formas livres. Caso contrário, teria que escolher em meio à confusão, em desespero por nunca encontrar a peça pertinente de seu passado em meio ao caos.

Ver Iolanda sentada em sua cozinha, distraidamente rolando o copo vazio para trás e para

a frente entre as palmas das mãos, lembrou Mattie de uma noite na cozinha, um ou dois anos atrás. Loharri tinha aparecido inesperadamente e estava chovendo, e seu terno de lã preta estava encharcado, e o casaco de dobras pesadas impregnadas de água, como as asas quebradas de uma gárgula. Água se acumulava na aba de seu chapéu qual uma calha de chuva.

— Você tem alguma coisa para beber? — perguntou ele.

Mattie sempre mantinha uma garrafa para seus clientes — a maioria precisava beber algo antes que pudesse falar livremente de seus problemas e enfermidades, de sua necessidade de fazer o jardim crescer ou de corrigir a coluna torta de uma criança má. Naquela época, o negócio era melhor do que hoje — as pessoas ainda preferiam comprar uma poção para fazer um serviçal dormir menos e trabalhar mais a comprar um autômato; ainda confiavam mais em Alquimistas do que em Mecânicos.

Ela tinha muitos clientes e comprava uma garrafa de brandy de fruta por semana.

Loharri sentou-se pesadamente, não se preocupando em tirar o casaco encharcado de chuva, e ela teve que tirar os braços apáticos dele das mangas, levantando-os, e cuidadosamente remover o chapéu da cabeça dele, tentando não derramar mais água do que o inevitável. Pendurou a casaco nas costas de uma cadeira ao lado do fogão e encheu-lhe um copo. Loharri bebeu e em seguida falou. Mattie nunca o tinha visto assim antes, embora ela estivesse familiarizada com as mudanças de humor dele e a propensão para o tédio. As palavras saíram da boca dele em um fluxo constante e Mattie entendeu pouco. Ele falou de pessoas que ela desconhecia, de lugares que nunca havia visitado.

— Por que eles estão com medo de nós? — ele disse melancolicamente. — Estamos apenas tentando ajudar, nós estamos fazendo as coisas serem melhores do que são. Sem nós, eles nem sequer teriam água encanada, e ainda assim... — Sua voz foi sumindo e Mattie considerou se seria indelicado perguntar quem eram “eles”, já que adivinhava que “nós” se referisse aos da Mecânica. — Você é minha única esperança — ele murmurou com o álcool borrando sua voz. — Você é a única coisa que fiz e que vale a pena.

— Eu não sou uma coisa — disse Mattie.

— Não é o momento para isso. O ponto é que eu não tenho nada além de você.

Ela confortou-o da única maneira que sabia: deixou-o acariciar seu cabelo com os dedos trêmulos. Ela tolerou suas mãos inquietas, deixou-as emaranhar-se em seus cabelos, deixou que ele a puxasse para perto e tocasse seu rosto com os lábios.

— Sinto muito — ele sussurrou e serviu-se de outra bebida.

Em seguida, falou mais uma vez das paredes opressivas e os céus escuros que trovejavam e expeliam raios, da clausura em pedra, da mente rompendo com a tirania da cidade das gárgulas. Não importava como os da Mecânica modificassem e reconstruíssem, o antigo mal permanecia ameaçando acordar a qualquer momento e tragá-los todos, trazendo-os de volta para a pedra de onde a cidade nascera. Depois, ele falou sobre a nova estrada que a Mecânica estava explodindo nas colinas, a estrada que chegaria ao mar e traria prosperidade e razão.

— Shh — Mattie disse, e acariciou seu ombro. — Beba.

Ele obedeceu, depois ficou em silêncio e pensativo por algum tempo, e Mattie manteve-se acariciando seu ombro, sem ter certeza se ainda o confortava ou se era livre o suficiente para dizer-lhe duramente para ir para casa.

Ela nunca conseguia odiá-lo. Estivera à beira disso muitas vezes, mas nunca o fizera. Ela

tinha aprendido sobre ressentimento e irritação quando vivia com ele, e sobre o frio desejo, mas também houvera alegria e simpatia, piedade e gratidão.

— Esta cidade está sempre observando você, sempre — ele murmurou e puxou Mattie para mais perto, os braços envolvendo sua cintura e o rosto enterrado em suas saias. Mattie pensou então que era um pouco triste que ele procurasse conforto ao abraçar uma máquina — mas ela tentou, e, ao tentar, ameaçou partir seu coração pela metade.

Essa memória era tão viva que não podia fazer nada, só segurar suas mãos.

Iolanda levantou os olhos do copo e sorriu timidamente.

— Sinto muito. Eu estava perdida em pensamentos.

— Eu também.

— No que estava pensando? — Iolanda perguntou.

— Em Loharri. Ele parece tão vulnerável às vezes.

Iolanda levantou as sobrancelhas e tomou outro gole.

— Sério? Eu nunca vi isso nele.

— Talvez não.

Mattie sentou-se no banquinho da mesa da cozinha. Não estava cansada, mas sabia que as pessoas apreciavam estar no nível dos olhos das outras, mesmo de seus interlocutores.

— No que você estava pensando?

— Em minha encomenda para você. Não é fácil para mim perguntar, mas... você pode fazer algo que obrigue uma pessoa a ouvir-me?

— Ouvir ou obedecer? — Mattie perguntou.

Iolanda deu de ombros.

— Qualquer um deles seria ótimo. Eu preciso da atenção de alguém para persuadi-lo, mas, se você puder ajudar com a persuasão, não recusarei.

Mattie observava os vaga-lumes piscando lá fora. Ela sabia sobre compulsão, ela entendia coerção — como apenas um autômato com sua chave nas mãos de outra pessoa poderia entender. É verdade, Loharri era bom, ele nunca a ameaçara, mas o fato de que ele poderia fazê-lo se assim quisesse era o bastante. E, se ela fora coagida, seria errado da parte dela fazer com que outros também o fossem?

— E para quem é? — Mattie perguntou.

— Para seu mestre — respondeu Iolanda sem desviar o olhar. — Eu prometo que não vou prejudicá-lo.

— Não — disse lentamente. — Está tudo bem. Eu realmente não me importo se o fizer.

Iolanda arqueou uma sobrancelha.

— Mesmo?

Vagalumes enchiam sua janela, o candeeiro solitário na cozinha deveria estar parecido como um de seus irmãos para eles, preso dentro de uma incompreensível barreira impenetrável, sozinho como uma bolha de ar aprisionada em âmbar. Os pobres coitados se esforçavam para passar pelo vidro, não percebendo que qualquer possibilidade de reconhecimento era apenas uma ilusão.

— Sim. Faça o que quiser. Você quer que ele a ame? Para contar-lhe seus segredos? —

Bateu seus dedos de metal na tampa do frasco, enviando ondas através do interior do líquido vermelho pegajoso. — Eu estou aprendendo alguns truques novos e posso prendê-lo a você com sangue. Poderá fazer com ele o que quiser.

— Algo me diz que você vai pedir mais do que dinheiro por esse serviço — disse Iolanda. As maçãs do seu rosto estavam coloridas de álcool ou emoção, alegria ou medo, e quem poderia diferenciá-los, de qualquer maneira?

— O que você quer?

— Minha chave. Tudo o que eu quero é minha chave e ele a tem. Você não pode roubá-la, pois está ligada a ele. Mas ele pode dá-la a você e não quer dá-la para mim.

Iolanda tocou a mão de Mattie.

— Coitadinha. Eu não tinha ideia

— Você entende, então?

Iolanda assentiu.

— Mostre-me uma mulher que não entenderia. Eu prometo que tentarei pegar sua chave de volta.

— Não prometa. Apenas tente. Quanto ao resto, não me diz respeito.

Iolanda levantou-se do assento.

— Eu a verei em breve.

---

[1] *Um dos objetivos da alquimia é a criação de vida artificial a partir de materiais inanimados. O homúnculo é uma alegoria que diz respeito também à criação, pela arte, de novas entidades, sejam elas objetivos finais ou intermediários (N. do T.).*

CAPÍTULO IX

Mattie foi aos portões do leste assistir ao Duque e sua corte partirem da cidade.

Apesar dos telégrafos públicos tranquilizarem a população dizendo que a medida era temporária, um ar desconfortável pairou sobre a multidão, em sua maioria silenciosa, às vezes pontuada pelo choro das crianças, que não faziam nada para melhorar o clima.

— Eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo — disse uma mulher em um vestido cinza escuro descolorado por muitas lavagens.

O homem de pé ao lado dela concordou, mas seus olhos miravam a distância.

— Ah, isso está acontecendo mesmo. — Ele cuspiu no chão. — O pai dele deve estar agora se arrastando para fora do túmulo. Os Monges de Pedra devem ser denunciados por essa traição. É hora deles fazerem alguma coisa útil. Desonra é o que isso é.

Os primeiros besouros que transportavam os cortesãos e os servos, ladeados por colunas de autômatos, passavam pela multidão. Houve algumas vaias e algumas maldições pouco sóbrias, mas a maioria das pessoas permaneceu em silêncio. Aparentemente, Mattie não era a única que entendia a despedida do Duque por seu valor simbólico.

Olhou para a multidão, movendo os olhos separadamente para se concentrar em diferentes partes da comitiva, e viu um poucos Alquimistas conhecidos, mas não se sentiu obrigada a cumprimentá-los. Procurou por Iolanda e Níobe e esperou não ver Loharri. O que quer que tivesse ocorrido entre eles, não se sentia ansiosa para enfrentar o homem que havia traído. Não fora ao edifício da Mecânica no dia anterior, não obtivera as informações sobre os medalhões desaparecidos. Faria isso amanhã, pensou, ou no dia seguinte, ou talvez no seguinte. Não poderia suportar olhar nos olhos dele, castanhos e pesados e que sempre lhe pareciam ver diretamente dentro de seu coração e sempre perdoá-la, mesmo não tendo feito nada que precisasse ser perdoado.

Agora, pelo menos, ele teria uma razão.

A multidão dissipou-se fungando como um animal de grande porte. Uma menina pequena, erguida acima da multidão sobre o ombro de sua mãe, cantava em voz baixa, tímida, e as pessoas sussurravam. Os ouvidos sensíveis de Mattie captavam pedaços de conversas próximas e distantes. Ninguém se sentia bem com as férias do Duque.

— As gárgulas não nos deixarão — uma voz masculina atrás de Mattie disse. — Os Monges de Pedra ainda estão entre nós. Por que ele é tão especial que seu traseiro precise ser salvo a despeito do que aconteça com a cidade?

— O que ele fará? — alguém perguntou. — Nada, ele nunca fez nada durante anos. O Parlamento decidirá como sempre fez. Nada mudará.

— Ele estava aqui apenas para sentar-se em seu palácio — o homem que falara primeiro disse. — Se ele não faz nada, por que pensa que pode nos cobrar tributos?

O murmúrio foi abafado quando o som estridente de metal e pancadas pesadas atingiu a rua. Mattie esticou os olhos e vislumbrou o resto do cortejo, os lagartos gigantes resplandecentes em suas escamas castanhas e douradas, suas garras de mercúrio e prata, arrastando carruagens abertas atrás de si.

À medida que chegavam perto, Mattie viu pessoas muito bem-vestidas, envoltas em metros de seda e brocados duros de pedras preciosas; viu como sorriam e acenavam para a

multidão. O próprio Duque, um homem de meia-idade bem barbeado e de olhos cansados, vinha de mãos dadas com sua esposa, suas filhas, tudo muito bonito e altivo, olhando para a frente deles, intencionalmente ignorando a plebe que os criticava.

Junto da família ducal, uns poucos homens e mulheres amontoados, normalmente felizes por serem agraciados com vantagens que o Duque conferia, agora olhavam com medo, percebendo que os favores de um homem poderoso muitas vezes possuíam um lado negativo.

A guarda, em armadura completa, dirigia pequenos besouros em torno das carruagens como um escudo protetor. Aqueles que tinham trazido vegetais podres começaram a atirá-los. A guarda fez um movimento em direção à multidão e os legumes cessaram.

Mattie olhou para a rua. A caravana se aproximava em lagartas mecânicas que apitavam com vapor, transportando os cortesãos vestidos com um pouco menos de extravagância do que a família ducal e seus favoritos. Estavam menos protegidos pela guarda e tudo o que havia nas mãos da população descontente foi atirado contra eles com entusiasmo e com algumas explosões verbais. Mattie estava pronta para partir assim que as primeiras carruagens do cortejo se aproximaram dos portões ao leste, deixando a cidade melancolicamente, não obstante as garantias transmitidas pelo telégrafo.

Era quase como se uma parte da cidade se soltasse, deixando o lugar de alguma forma incompleto, embora não fosse necessariamente pior. Havia uma sensação de liberdade em ter um vazio que poderia ser preenchido com algo novo.

Um homem empurrou Mattie ao passar por ela. Estava vestido com o hábito dos Monges de Pedra, mas não se movia com a humildade habitual do clero. Ele atravessava a multidão empurrando-a com os ombros. Mattie deu passagem, e assim fizeram outros.

O homem passou e só então Mattie percebeu que sua mão direita estava no fundo do bolso do hábito. Ela achava que ele estava prestes a lançar uma maçã estragada ou um nabo contra os cortesãos e julgou tal comportamento inadequado para um monge.

Agora, o homem estava parado na rua, a poucos passos do carro ducal. O objeto que ele extraiu do hábito não era nem uma fruta nem um vegetal, mas uma grande garrafa preenchida com um líquido claro e transparente.

Os guardas viraram os besouros na direção dele, gritando avisos, e sacaram mosquetes, apontando para o homem e ordenando que recuasse.

O homem atirou a garrafa no carro e abaixou-se assim que os primeiros tiros soaram.

E tudo virou um caos — Mattie foi empurrada e quase caiu, as pessoas a seu redor gritavam e corriam e várias pessoas da primeira fila da multidão caíram, derrubadas pelos tiros de mosquete. Mattie não conseguia desviar o olhar.

A garrafa explodiu com um surto de fogo que tomou conta da lateral do carro ducal.

Os lagartos giraram, tentando escapar do fogo, e se enroscaram, suas caudas chicoteando loucamente, derrubando o transporte. Os lagartos das carruagens que se seguiam empinaram, virando, alguns arrastando as carruagens para o meio da multidão.

O fogo se espalhou, envolvendo outros dois carros. Seus passageiros, sob os destroços, tinham suas roupas e cabelos em chamas.

A multidão empurrou Mattie para longe da explosão e ela só viu lascas de fogo ardente e uma mulher sangrando, o rosto esmagado nas pedras do calçamento sob destroços em chamas. Um lagarto gigante, com suas escamas brilhantes e vermelhas, teve a perna quebrada, a carne vermelha contorcendo-se sobre fragmentos de ossos rosados. Gritava com uma voz estranha,

como um choro infantil.

Mattie nunca tinha ouvido nada mais que um silvo ocasional de um lagarto.

Ela se esforçou para enxergar sobre as cabeças da multidão acotovelando-se em fuga. Viu os autômatos lentos e estúpidos ainda executando a ação para a qual foram feitos, começando a limpeza entre os destroços, recolhendo os fragmentos sangrentos dos corpos dilacerados pela explosão inicial. Não havia onde colocá-los, de modo que foram empilhados no meio da rua — membros ensanguentados, corpos carbonizados, os ossos do lagarto, a madeira quebrada das carruagens. Ninguém dava importância a eles — a rua foi limpa.

Mattie foi levada junto com a multidão em pânico. Viu a pilha horrível construída pelos autômatos crescendo conforme eles trabalhavam, lentos e em nada perturbados com o ocorrido.

Até onde Mattie podia se lembrar, aquela fora a coisa mais horrível que já vira.

Ficou tão abalada com os acontecimentos que foi procurar por Loharri. No caminho, parou no telégrafo, que estava repleto como ela imaginara. O número de mortes fora menor do que esperava; duas filhas do Duque foram mortas. O Duque, juntamente com sua esposa e a filha sobrevivente, ficaram gravemente queimados.

Os Monges de Pedra estavam cuidando deles graças a sua vasta farmacopeia e a ajuda das gárgulas. Pessoas sussurravam que o evento havia levado as gárgulas a deixar o esconderijo e que elas acompanhavam os feridos, empoleiradas no telhado do templo.

Loharri não estava em casa e ela se dirigiu para o distrito ducal, esperando encontrá-lo na Câmara dos Mecânicos, no Parlamento. Ela percebeu a tolice de suas intenções logo que se aproximou do Parlamento repleto de movimento, de autômatos e pessoas, de Alquimistas e Mecânicos.

Uma lagarta mecânica despojada de seus assentos estava na rua, soltando vapor. Oito lagartos em fila dupla aguardavam pacientemente na frente de um trenó baixo. Mattie supôs que os Mecânicos estavam evacuando material valioso do Parlamento, com medo de outro ataque, e que Loharri provavelmente não encontraria tempo para ela.

Passou pelas portas abertas do ossuário e não pôde resistir a espreitar lá dentro. Os sepulcros fechados, embutidos no chão, não ofereceram uma vista interessante, mas as pilhas de ossos ao longo das paredes e os crânios organizadas nos cantos nunca deixaram de fascinar Mattie. Loharri havia lhe dito que os ossos eram de Duques anteriores e de suas mulheres, cortesãos e favoritos, filhos e servos. Os crânios brilhavam suavemente quando os raios solares, através das portas abertas e de densas nuvens de pó, atingiam as superfícies amarelas, as cúpulas das testas altas e arredondadas, os soquetes oculares misteriosamente escuros, gotejando incontável tristeza e sabedoria.

— Na sabedoria há muita tristeza — Loharri costumava dizer. Mattie concordou enquanto observava os crânios. Eles cheiravam a velhos pergaminhos e terra seca desintegrando em pó.

Ouça.

Um sussurro fraco lhe chamou a atenção. No começo, achou que fosse apenas o vento aprisionado no interior, chacoalhando ossos antigos.

Ouça.

De novo.

Ela entrou, observando através do crepúsculo os restos mortais. Apenas ossos, mas então teve um vislumbre de movimento com o canto de um olho. E, como em um truque ótico que os artistas inventassem para entreter a plateia — no qual se deveria olhar para um amontoado de folhas esperando ver um cervo, um lagarto e um pássaro gigante, e, desde que fossem vistos, não se poderia deixar mais de vê-los —, ela viu as asas dobradas e a mistura de pele cinza com pedra, as cabeças pesadas com chifres e olhos em fenda, as mãos dobradas e os joelhos dobrados.

As bocas abertas como fissuras na pedra antiga, a sussurrar palavras.

Ouça, eles disseram em uma só voz, a voz da pedra na qual a cidade fora esculpida. Vamos contar uma história para você.

Temos a noção do tempo como um inimigo, mas nós não poderíamos dizer quão rápido o tempo passou até ouvirmos os batimentos cardíacos humanos, contando os segundos. Milhões de batimentos cardíacos atrás, quando você ainda não estava aqui, nem a mulher oriental, a forasteira, a filha da terra vermelha, havia dois meninos.

Três meninos, talvez. Nós não conseguimos lembrar e às vezes confundimos a morte e o sono, o sono e o esquecimento. Mas, em todo caso, lá estavam eles, crianças selvagens que viviam de restos e frutas podres deixadas na praça do mercado depois que o mercado se foi. Eles tinham esquecido de como falar e apenas rosnavam para pombos e cães vadios que vinham atrás dos restos e cuspiam e sibilavam para a passagem dos Monges de Pedra, que eram o maior medo de todas as crianças, órfãs ou não.

Nós choramos muitas vezes. Os Monges carregavam nosso nome e tudo que eles fazem é atribuído a nós. Mas o que podemos fazer? Nós somos fracos e estamos morrendo, e eles enchem nossos alimentadores, por isso mantemos nossos pensamentos para nós mesmos, empurramos o cascalho para nossas bocas às pressas, vivendo com a culpa, e não falamos. Mas os meninos, os meninos... aquele de cabelos negros e olhos estreitos é tão bonito, apesar da sujeira e dos piolhos; o outro tem cabelos brancos como um homem velho e se move de quatro, como um caranguejo sentindo seu caminho; o outro é calmo e pequeno e chora frequentemente. Ele é mudo e lamenta sua angústia com soluços pelos becos da noite, e nós zelamos pelas crianças, como olhamos por todo mundo que está marcado para a destruição nas pedras de amolar do mundo.

Não há nada que possamos fazer além de vigiá-los.

Mattie surpreendeu-se com o bater da porta atrás dela e as gárgulas silenciaram, misturando-se de volta às paredes circundantes.

— Quem está aqui?

— Só eu — respondeu Mattie. — Desculpe-me, Mestre Bergen.

O Mecânico de idade avançou para perto dela. Seu coxear era mais pronunciado hoje,

acompanhado pela batida de uma bengala.

— Mattie? O que você está fazendo aqui?

— A porta estava aberta. Eu estava procurando Loharri.

— Claro que sim. — Sua voz era paternal, calma, e o olhar, gentil e remelento. — Estamos um pouco ocupados hoje aqui, mas ele está por perto. Posso ajudá-la a procura-lo, se quiser.

Mattie seguiu para a saída.

— O que está acontecendo?

— Você já ouviu sobre o Duque, é claro.

— Claro — Mattie ecoou. Decidiu não lhe dizer que estivera lá, pois tal informação seria um impedimento para ele responder às suas perguntas, além de reviver o medo e o nojo que sentira assistindo aos autômatos reunindo membros.

— Terrível, não é?

— Sim — disse Bergen sem muita convicção. — Terrível. E agora, quem será o próximo?

— O senhor não deixará a cidade, não é?

— Querida, não, que língua afiada a sua. — Ele deu uma risada fraca. — Por que sair e deixar os urubus alquímicos usufruírem de tudo o que construímos aqui?

— Eles não são urubus — disse Mattie, evitando por pouco o uso de “nós”.

Bergen balançou a cabeça.

— Talvez fiquemos muito cautelosos na velhice. De qualquer maneira, estamos apenas retirando os arquivos e máquinas, no caso de decidirem bombardear o Parlamento. É preciso ter cuidado — tempos sombrios, tempos sombrios.

Caminharam até o prédio do Parlamento. Mattie teve o cuidado de conter seus passos de modo a não ultrapassar Bergen. Ele continuou falando sobre intrigas e os Alquimistas malditos, sobre como as coisas já não eram o que costumavam ser, e Mattie não viu nenhuma razão para argumentar sobre o último ponto.

Dentro do edifício do Parlamento, o caos era ainda maior do que fora. Mattie colidiu com pessoas que andavam sem prestar atenção e evitou um autômato que carregava uma pilha de papéis, alta o suficiente para escondê-lo completamente.

Olhou em volta mas não viu Alquimistas. Amaldiçoou sua covardia — se conseguisse a lista dos medalhões perdidos a tempo, talvez sua Sociedade não precisasse ter medo de pôr os pés no Parlamento.

— Ele deve estar nos arquivos — disse Bergen. — Ficarei por aqui agora, mas você deve encontrá-lo seguindo todo o caminho até as escadas, no quarto andar.

Mattie espremeu-se no meio da multidão, indo contra o fluxo de pessoas e autômatos. Os degraus de pedra sob seus pés eram usados, côncavos, e seus pés pisavam nas depressões feitas por muitas gerações de pés humanos, dando-lhe conforto e uma sensação fugaz de pertencer a uma grande tradição. Mesmo que ela não pudesse nem votar nem ser eleita, mas sentiu-se como parte dela.

A multidão diluiu-se depois que passou do segundo andar, onde ficavam os escritórios, e quase desapareceu por completo no quarto andar. Quando pôs os pés dentro da cripta silenciosa dos arquivos, parecia que ela era a única pessoa lá — não, a única pessoa na terra, tão desolado o lugar era.

Encontrou Loharri a uma mesa pequena escondida ao fundo, atrás de pilhas de documentos manuscritos impressos e papiros.

— Loharri — ela chamou.

Ele sacudiu a cabeça como se saindo de um sono profundo.

— Qual é o problema, amor?

— Eu sei que é um momento ruim — disse ela. — Mas a lista dos medalhões.

Ele aquiesceu.

— Aqui está. Copiei para você na noite passada. Que bom que você veio.

Ela pegou o pergaminho oferecido, com apenas uma dúzia de nomes mais ou menos.

— Obrigada — sussurrou. A culpa se abatia sobre ela de novo. — Eu não posso acreditar que você se lembrou.

Ele sorriu sem jeito.

— Eu alguma vez já me esqueci de você? Já quebrei uma promessa?

— Não. Mas, com tudo o que está acontecendo... eu pensei que você tivesse coisas melhores para fazer.

— Mas você ainda assim veio — disse ele com um encolher de ombros, e afastou a pilha de papéis à sua frente. — Vê? Grandes acontecimentos podem abalar os fundamentos, mas ainda nos lembramos de nossas pequenas promessas inconsequentes. E eu apostaria dinheiro que tudo continua como sempre — pessoas comendo, crianças chorando, casais brigando e fazendo amor. Essas pequenas coisas edificam de verdade, a cidade, não. Nem Duques ou palácios, nem mesmo as gárgulas. Como está indo seu trabalho? Já encontrou Sebastian?

— É difícil. Eu estou em um novo território — nossas fórmulas são todas para as necessidades das pessoas, não das gárgulas. Imagine se você tivesse que criar um mosquete para criaturas com oito braços e sem pernas.

Ele riu.

— Elas não correriam, mas poderiam recarregar muito mais rápido. Mas eu entendo seu ponto, querida menina. Pedra não é carne.

— Nem metal. Eu não sei nem como começar a pensar nisso. Quero dizer, eu farei, mas não tenho ideia do que faz sentido e do que não funciona.

Ele balançou a cabeça.

— Eu a avisarei se algo me ocorrer. Há qualquer outra coisa de que você precise?

Ela pensou na história das gárgulas e mentalmente amaldiçoou Bergen por tê-la interrompido .

— Apenas uma pergunta. Conhece o Fumante de Almas?

O sorriso dele permaneceu, mas mudou, como se sua alegria fosse drenada e apenas o fantasma dela ficasse para trás.

— Não. Não posso dizer que conheça o cavalheiro. Eu já o vi, é claro.

— Alguma vez o conheceu? Quando você era criança?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez. Esta cidade não é tão grande assim, e você sabe como as crianças são, sempre correndo em bandos. Mas por quê? Ele disse alguma coisa?

— Não. Só queria saber. Ele parece muito solitário e doente.

— Isso se deve ao trabalho. — Loharri limpou a garganta. — Agora, se não se importa...

— Claro. Você tem trabalho a fazer. Eu o verei em breve — disse Mattie.

Quando ela se virou para sair do arquivo, ouviu uma voz fraca chamando o nome de Loharri do andar de baixo. Ela inclinou a cabeça, escutando.

— Você ouviu? Alguém está chamando por você.

— Eles podem vir aqui. — O bom humor dele se fora, substituído por amargor. —O que sou eu, um garoto de recados?

— Eu acho que é Bergen — Mattie respondeu. — É difícil para ele subir as escadas.

Loharri soltou um suspiro e amaldiçoou em voz baixa, mas se levantou e seguiu Mattie, descendo as escadas. Eles encontraram Bergen no meio do caminho entre o segundo e o terceiro andares.

— Loharri — disse o velho, ofegante. — Venha rápido! Os guardas prenderam o homem que atirou a bomba no Duque.

Mattie agradeceu às suas pedras da sorte por Bergen ser demasiado atrapalhado para prestar atenção nela e seguiu atrás dele e Loharri para a prisão adjacente ao edifício do Parlamento. O velho usava a bengala como se fosse uma enxada, atingindo as pedras com a ponta de metal. Mesmo Loharri, que era de passos longos, estava contendo-se o suficiente para manter-se junto com o velho, e Mattie trotava atrás, levantando as saias um pouco mais que o apropriado, o que era perdoável diante das circunstâncias.

Os guardas lotavam o pátio da prisão, seus besouros chocando-se uns contra os outros e o silvo de vapor soando quase idêntico ao chiado da respiração de Bergen — agradável simetria, Mattie pensou, já que Bergen fora o inventor dos besouros e parecia certo que eles replicassem hábitos de seu criador em tal harmonia.

Os guardas blindados olharam ameaçadoramente para Bergen e Loharri, com olhos desconfiados, pelas fendas estreitas de seus elmos de bronze, mas deixaram-nos passar; Loharri agarrou o cotovelo de Mattie e arrastou-a junto, sem dar a eles a chance de perguntar-lhe qualquer coisa ou questionar sua entrada.

— Obrigada — Mattie sussurrou. Sua bondade era uma facada.

— Se alguma vez alguém lhe trouxer aborrecimentos — ele sussurrou de volta —, basta dizer-lhes que você é minha. Engula seu orgulho e apenas diga isso, tudo bem?

— Tudo bem.

— Promete?

— Prometo.

Seu coração estava prestes a estourar os rebites que o prendiam ao conjunto e explodir em uma chuva de metal e molas e rodas dentadas.

Entraram por um arco baixo, decorado, como tudo nesse edifício, com esculturas de gárgulas, uma demonstração de gratidão da cidade, do tempo em que as gárgulas eram fortes o suficiente para fazer surgir uma prisão, a pedido da cidade.

A prisão crescera grande e robusta, com uma porta monolítica que exigia 20 homens para movê-la. Não havia janelas nem dutos de água ou de ar, bem como, tendo origem na pedra, era fria no inverno e quente no verão, e muitos presos não duravam tempo suficiente para experimentar os dois extremos, morrendo antes. Mas ela era usada para os presos condenados por crimes graves; aqueles considerados culpados de delitos menores eram transferidos para as minas de cobre ao sul ou para os campos do norte, onde morreriam mais lentamente e lado a lado com pessoas que não tinham feito nada de errado além de terem nascido em um lugar desagradável.

Já encontraram o prisioneiro dentro da prisão. Estava vestido com o hábito de um Monge de Pedra, rasgado no ombro, expondo uma ferida grande com crosta de sangue. A pele de seu ombro, lisa e castanha, estava manchada com sangue e machucada, e seus lábios grossos se abriam e fechavam, respirando rápido.

Mattie percebeu que as mãos algemadas estavam unidas por um dispositivo de latão, consistindo de vários semicírculos de metal aninhados um dentro de outro, agarrando os pulsos do homem em uma treliça de sobreposição. Ela também viu uma depressão lateral na figura do homem, onde o manto batia aparentemente sem tocar no corpo.

— As costelas dele estão quebradas — ela sussurrou para Loharri.

Ele balançou a cabeça e apertou os olhos para ela, como avisando para permanecer em silêncio. Dois Mecânicos e um Alquimista cercaram o homem, mas eles não estavam infligindo nenhuma violência sobre ele, embora seus rostos tensos dissessem a Mattie que eles queriam muito fazê-lo.

Bergen prendeu a respiração e dirigiu-se ao prisioneiro:

— Estava trabalhando sozinho ou tem cúmplices?

O homem apenas o fitou, os olhos assustados e a boca repuxada.

— O bastardo não consegue nem falar direito — um dos Mecânicos disse.

— Ou ele não fala nossa língua.

Bergen limpou a garganta e se aproximou do prisioneiro. Falou lentamente e em voz alta, como se faz com uma criança ou com débeis mentais:

— Sozinho? Você sozinho?

O prisioneiro engasgou.

— Eu não fiz nada — sussurrou.

Mattie puxou a manga de Loharri. Ele franziu a testa e empurrou sua mão.

— Que foi? — uma expressão feroz torceu seu rosto.

— Ele não é o homem certo — Mattie sussurrou.

Ela não percebera como a sala estava em silêncio até que seu sussurro ressoou e fez todos olharem em sua direção.

— Não é o homem certo — disse Mattie mais alto, dirigindo-se a Bergen e todos os outros. — Eu estava lá, eu vi. O homem que atacou a caravana era muito maior. E não era um oriental, ele era local. Eu vi a mão dele. Era cor-de-rosa, como a sua. — Ela apontou para a mão de Bergen segurando o punho de sua bengala.

Um silêncio tenso encheu a sala, palpável, quebrado apenas pelo tique-taque do coração de Mattie e pela respiração irregular do preso, que a observava com uma esperança quase religiosa em seu rosto e a boca aberta.

— Bobagem — disse Bergen, afastando-se.

O resto dos Mecânicos tossiu e arrastou os pés.

— Loharri — um deles disse. — Talvez você deva levar seu autômato para fora. Ele parece propenso à histeria. Eu acho que todas as mulheres são assim, mecânicas ou de carne.

Loharri não disse uma palavra e deu um leve empurrão em Mattie.

— Vá embora agora. Eu a verei em breve.

Mattie virou-se para a porta com o olhar do preso implorando-lhe para não deixá-lo. Ela fez um movimento contido com sua cabeça e saiu, e os olhos em pânico do homem, o branco proeminente e ofuscante como os das ovelhas no matadouro, queimaram sua memória.

CAPÍTULO X

Nós seguimos a menina pelas ruas barulhentas, caminhando com suas partes mecânicas que não vêm da pedra. A menina anda como se cega, tropeçando, e ouvimos o zumbido do coração como a lamentar profundamente dentro dela, rangendo com lágrimas que ela nunca derramará. Nós estamos contentes de que ela não esteja mais no lugar da tristeza, onde muitos de nossos filhos morreram e outros tantos se comportaram mal.

Contentes por ela estar no caminho de casa, nós saltamos de telhado em telhado, telhas que nossos dedos agarram como degraus; nossas asas equilibrando-nos, mantendo-nos firmes. Nós a seguimos no labirinto inverso dos edifícios, o reflexo negativo das ruas entre eles.

Vemos um pequeno homem de cabelos brancos que costumava se mover como um caranguejo quando era pequeno, mas que já aprendeu a andar ereto, com dignidade e graça. Ele fala agora, e estamos orgulhosos dele, tão orgulhosos como estamos de qualquer um que gostemos de seguir. Ele segue na direção do prédio de onde a menina acabou de sair, as ruas pulsantes convergindo no feio coração de pedra da cidade, e quase desejamos não a ter construído.

Todos fogem à sua aproximação; as criaturas sem alma, como nós, são as únicas imunes a seus encantos repulsivos. Lembramo-nos do tempo em que ele engoliu a primeira alma como nos lembramos de todas as outras incontáveis que subiram na fumaça inalada por sua boca amorosa. Ele não faz nada senão amar.

O pátio da prisão está cheio de gente, mas todos fogem quando ele se aproxima. As pessoas vão para o prédio da prisão, para esperar lá dentro. O único homem sozinho no pátio é o estranho — terra vermelha, mar salgado, mãos amarradas, pés agrilhoados, sem para onde correr.

O homem de cabelos brancos, o Fumante de Almas, está diante dele, silencioso e calmo.

— Você está pronto? — pergunta ele. Seus olhos cor de leite fitam sobre a cabeça do estranho o infinito das paredes da prisão.

O estranho sacode a cabeça para os lados, o movimento frenético de uma criança aterrorizada.

— Shhh — o cego faz com a boca. — Shhh. — Ele tem o rosto do prisioneiro em suas mãos e o estranho fica mole e dócil. As mãos do cego são suaves e gentis e tocam os lábios do estranho, que tenta manter a boca fechada, mas é inútil. Sua alma, sentindo a companhia de muitas outras, pressiona-o por dentro e ele finalmente exala forte. Seus lábios esfregam-se contra o cego e se abrem, e os dois homens ficam por um tempo olho no olho, boca a boca, e ouvimos o assovio da alma escapando, vemos os olhos do estranho tornando-se brancos e vazios como as nuvens, e ouvimos o tilintar de suas algemas caindo com ele na calçada, disforme como água.

Um autômato descerebrado entra no pátio e se aproxima do homem cego, que está imóvel, o peito estreito incrivelmente expandido.

— Você cumpriu com seu dever — o autômato diz em uma voz dissonante, sem qualquer emoção ou compreensão. — Escreva seu relatório amanhã de manhã, alguém o buscará.

Lamentamos que ele tenha que fazer isso. Lamentamos que, entre todas as almas que não conseguiram encontrar descanso, a este também ele tenha sido negado em favor de obter

confissões. Sabemos que nossas crianças são pobres — falam de nunca matar ninguém, mas se afastam para o Fumante de Almas tirar a vida daqueles que elas não se dão ao trabalho de matar. Nós não queremos que seja assim, mas o que podemos fazer? Não somos nada além da sombra de uma memória distante, sussurrando nas calhas de chuva, escalando ao longo dos telhados; nós não somos nada além de decorações sobre o edifício, distraindo-os com nossos corpos grotescos e asas membranosas. Temos ouvido falar de outras cidades onde os edifícios são decorados com estátuas de anjos com asas douradas, mas duvidamos que esses anjos algum dia tenham estado vivos ou mesmo sejam verdadeiros. A maioria das coisas bonitas não o são.

Lamentamos não ter terminado a história que começamos a contar para a menina — nossa compreensão de tempo é vaga, mas persiste um sentimento de que ela teria sido útil para a menina. Resolvemos contar em breve e, dessa vez, tentar com vontade, talvez agarrar suas saias e implorar. Ouça, deveríamos dizer, ouça.

Nós voltamos nossa atenção para o homem e o autômato no pátio da cadeia. O autômato dá suas ordens mais uma vez. O homem de cabelos brancos concorda e volta para casa. As lembranças e o terror da alma recém-inalada se debatem fortemente dentro dele, como água em um balde.

Conforme os dias passavam, Mattie percebeu mudanças preocupantes no ar — embora ela raramente deixasse a oficina nesses dias, preocupada com seu trabalho. Ela tentava alcançar o significado das palavras de Sebastian, compreender a própria alma da pedra. Com tal propósito, os queimadores arrotavam chamas azuis e os alambiques preenchidos com pedra moída foram aquecidos até brilhar com uma luz vermelha.

Estudou a transformação da pedra. Ela tornava as chamas amarelas e azuis e por vezes verdes, podia ser dissolvidas em Água Régia (uma mistura de ácido nítrico e ácido clorídrico concentrados) e, com calor suficiente, partes dela sublimavam, deixando para trás uma carcaça dura.

A pedra era complexa, como Mattie percebeu, e consistia de muitos minerais tão misturados que não se podia ter nenhuma esperança de separá-los para o estudo individual. Teve que deduzir sua composição a partir de seu comportamento durante as muitas transformações a que foi submetida.

Mattie também ensinou Níobe — não sobre a alquimia do sangue, mas a dos elementos e suas manifestações. Ela descreveu as salamandras que viviam no fogo e os lagartos de ouro e as undinae — pequenas meninas autômatas feitas de barbatanas e membranas em vez de braços e pernas. Níobe riu, dizendo que ela era capaz de imaginar as salamandras, e Mattie não se importou. Ela ofereceu pequenos sacrifícios para as salamandras, queimando algumas ervas aromáticas junto com a pedra, pedindo-lhes para ajudá-la a resolver o enigma das gárgulas.

Mas a alquimia de pedra não era a única coisa que ocupava seus dias e noites. Já que não tinha necessidade de sono, Mattie era capaz de realizar, em um único dia, o dobro de trabalho de qualquer outro alquimista. Trabalhava a pedra durante o dia, quando a luz era brilhante o suficiente para ver as cores espectrais e emanações; durante a noite, praticava a alquimia de

sangue.

Um acordo era um acordo, e ela aprendeu o novo ofício com sombria satisfação. Fez um pequeno homúnculo de sangue de carneiro, com o coração tecido dos cabelos de Iolanda e de Loharri. O homúnculo ainda estava à espera de ser despertado, a fim de enredar a alma de Loharri. O processo levou mais tempo do que queria. Seu aprendizado fora prejudicado por sua incapacidade de fazer perguntas pertinentes para Níobe — ela tinha vergonha de perguntar sobre compulsão e negação da vontade e temia que, se Níobe descobrisse sobre tais práticas, ela pensaria mal de Mattie. Então, Mattie esperou a noite; a noite era para isso.

Durante o dia, ajudou Níobe a decifrar as receitas de seu pequeno livro de casca de bétula e explicou-lhe as propriedades das ervas e dos metais e dos olhos de ovelha. Ela mostrou-lhe como misturar elementos que reduziam febre e deixavam sem nuvens a mente perturbada. O dia era para a cura.

Com o passar dos dias, Mattie percebeu uma crescente inquietação em Níobe.

A consciência culpada de Mattie era restrita à superfície de sua mente, enviando solavancos para seu coração, fazendo ranger e gemer cada vez mais rápido seu relógio, alto e rápido como a canção de algum grilo demente.

— O que há de errado? — Mattie perguntou-lhe, finalmente, quando as duas ficaram lado a lado na bancada do laboratório, moendo ervas para a extração de óleos essenciais, cada uma perdida em seus próprios devaneios particulares. — Você está brava comigo?

Níobe ergueu os olhos do aludel perfumado.

— O quê? Claro que não, Mattie. Você é a única amiga que tenho, por que eu ficaria brava com você?

Mattie encolheu os ombros, seu pilão de moagem contra o interior de porcelana da argamassa.

— Você parece chateada ultimamente.

— É porque estou mesmo, mas não tem nada a ver com você. — Níobe suspirou e agitou as ervas, incentivando os óleos a se expressarem. — Você fica em casa e não vê. Mas, se viesse ao meu bairro, você saberia.

— O que está acontecendo lá? — Mattie tentou não se sentir muito culpada por não visitá-la. Este, entre seus crimes, lhe pareceu o mais trivial.

— Os guardas parecem enxames de moscas pretas. — Níobe cruzou os braços sobre o peito como se nele crescesse de repente o frio. — Eles pensam que fomos nós, os estrangeiros, que explodimos seu palácio e seu Duque.

— Por que eles acham isso? Eu vi o homem que prenderam, e era o homem errado... Tentei dizer a eles, mas não quiseram me ouvir.

— Claro que não. Eles decidiram culpar aqueles de quem não gostam. Levaram o joalheiro e os encadernadores. Eles questionam todos, homens e mulheres, e ameaçaram chamar o Fumante de Almas cada vez que dizemos algo contra eles. Metade dos orientais deixará a cidade.

— O Fumante de almas é um bom homem — disse Mattie.

Níobe riu.

— Acho que sim, até o momento em que ele suga sua alma para fora de você.

— Ele não tem escolha. E eu não tenho alma.

Níobe encolheu os ombros.

— Nós todos temos nossos fardos.

— Você pode ficar comigo. A menos que queira ir embora daqui, voltar para casa.

Níobe balançou a cabeça.

— Eu pensei nisso, mas não voltarei para casa. Não agora. Não darei a eles essa felicidade.

— Então, fique aqui. É seguro, e eu posso protegê-la dos Mecânicos.

Níobe sorriu um pouco.

— Você? Proteger-me? Eles não vão ouvi-la.

— Mas vão ouvir Loharri. E eu tenho dinheiro para subornos, muito dinheiro.

Níobe balançou a cabeça lentamente.

— Suponho que não precise gastar com comida.

— Não. — Mattie cruzou as mãos, implorando. — Fique comigo, eu prometo que compro comida para você.

Níobe riu e abraçou Mattie, os seios macios contra o peito de Mattie, de metal duro, pressionando o buraco da fechadura do coração de Mattie. Mattie abraçou-a de volta, culpada e agradecida.

— Obrigada, Mattie. Eu adoraria ficar um pouco. Dois é sempre mais seguro do que um.

Mattie pensou que poderia contar qualquer coisa para Níobe — bem, quase tudo. Ela relutou em confessar seu uso indevido da alquimia de sangue e, em vez disso, decidiu confiar seu segundo segredo mais incômodo.

— Níobe — sussurrou, embora não houvesse ninguém lá para ouvi-la. — Conheço um homem com uma pele como a sua... Ele está escondido, mas eu me preocupo que agora eles comecem a prestar mais atenção a ele e o encontrem. O que acha que eu deveria fazer?

— Depende. O que ele fez para ter que se esconder?

— Ele me disse que não era culpa dele. Eu sei que às vezes o que as pessoas dizem para você não é a verdade; só não sei quando começo a acreditar.

Níobe balançou a cabeça.

— Mattie, abençoado seja seu coração de relógio. Você não decide acreditar, você acredita ou não.

— Eu não ousaria não acreditar em alguém só porque as pessoas mentem às vezes.

— Neste caso, você deve avisá-lo de que ele está em perigo. Consegue fazer isso sem pôr a si mesma em perigo? Se alguém a vir conversando com um suspeito, e, acredite em mim, ele é um suspeito, seu influente mestre não salvará suas pequenas peças de metal.

Mattie pensou um pouco.

— Sim. Eu acho que consigo, só precisamos esperar escurecer.

— Ótimo. — Níobe sorriu. — Onde vou dormir?

Mattie, apesar de saber preparar camas, não tinha nenhuma. Decidiu fazer uma bela cama macia para Níobe no local mais quente, junto da lareira da cozinha. Além disso, seria o mais longe possível da bancada que o apartamento permitia, pois não queria incomodar Níobe com seu trabalho noturno.

Ela encontrou um par de colchas dado a ela por clientes agradecidos, mas pobres, e fez uma pilha de seus vestidos. Uma vez que a cobriu com as colchas, a cama adquiriu aparência bastante satisfatória — não de pobreza, mas de capricho.

Mattie gostou e Níobe, também.

O sol ainda estava alto o suficiente no céu quando elas caminharam até o mercado para comprar algumas provisões para Níobe. Mattie percebeu alguns olhares suspeitos em direção a Níobe e alguns comerciantes, sem rodeios, se recusaram a negociar com elas.

Níobe apenas deu de ombros, apesar de Mattie adivinhar que a intensidade da cor nas bochechas dela significava que estava mais perturbada do que demonstrava. No entanto, Mattie a levou para a barraca que vendia uma boa variedade de ervas e tentou distraí-la, explicando a utilidade das plantas.

— Veja — ela apontou para a planta seca com flores roxas. — Essas folhas são em forma de coração, o que significa que são adequadas para os problemas do coração.

— Você está se referindo ao coração real ou aos problemas amorosos?

— Os últimos. Vê? Sua forma não é de um coração real, mas de seu símbolo.

— O símbolo de um símbolo. Percebi. Que tal isto? — Ela apontou para a jarra de vidro cheia de flores frescas e vermelhas, as três pétalas pingando néctar.

— Isso é para o fígado. Viu os três lóbulos?

— E isto? — Níobe pegou um tronco seco com uma estranha fruta marrom, atravessada por fissuras. — Problemas do cérebro?

Mattie assentiu.

— Essa é a assinatura da planta, sim. Cada planta tem uma. As de seiva vermelha são usadas para purificar o sangue, as de seiva amarela limpam infecções urinárias, e assim por diante. Veja, é fácil. Difícil é extrair os produtos químicos de dentro delas.

— Entendo. Cada planta tem um remédio, contanto que você possa descobrir como obtê-lo.

— Essa é a parte difícil. É por isso que é essencial manter um diário e registrar toda transformação, então, se você encontrar algo, pode recriar o processo e compartilhá-lo com o resto da Sociedade.

— Se eu quiser.

— Se você quiser.

— Você vai comprar alguma coisa? — a dona da barraca perguntou. Não houve hostilidade em sua voz e seu rosto expressava uma indiferença cuidadosamente cultivada.

— Só um punhado de samambaias e dois de carnívoras aquáticas — disse Mattie, pagando as compras. — Obrigada, Marta.

Marta murmurou um reconhecimento e Mattie e Níobe trocaram olhares.

— Vamos para casa — Níobe disse logo que pegou um pedaço de pão e algumas azeitonas. — Eu estou ficando cansada de toda essa hostilidade.

Mattie meneou a cabeça, concordando. Ela não tinha percebido quão rígidas estavam suas costas, quão tensos estavam seus músculos. Só estar ao ar livre já fora cansativo para ela; não conseguia imaginar como Níobe conseguia, com seu corpo de carne fraca. E ela vinha suportando isso há muito mais tempo do que Mattie.

Mattie pegou a mão de Níobe em um gesto de apoio.

— Não — Níobe sussurrou. — Você não deve fazer isso. É perigoso.

Mas ela não soltou sua mão.

— Não me importo — sussurrou Mattie com os dedos entrelaçados aos de Níobe, metal contra carne, molas contra osso.

A noite caiu e nós ouvimos a menina nos chamar e saltamos sobre os abismos que se abrem abaixo de nossos pés, no precipício dos telhados. Corremos e reencenamos nossa história em nossas mentes, e ainda há esperança em nossos corações subterrâneos. A secreta esperança de que a menina vá abrir a janela, o rosto de porcelana azul inexpressivo como o nosso, e nos dizer que não temos mais o que temer. Nós suprimimos a esperança e resmungamos em voz alta, não, não, isso não acontecerá. Ela só quer ouvir nossa história, e vamos contá-la para ela. Ouça.

Corremos até as escadas de incêndio e deslizamos através das paredes, saltamos, corremos, rastejamos e finalmente alcançamos a janela alta, a luz amarela quente derramando-se dela, abundante de mariposas brancas. Vaga-lumes piscam dentro e fora, acima do telhado. Um rouxinol está começando sua canção sobre as árvores próximas, e nós paramos por um instante para ouvir seu trinado doce.

Ouça, nós sussurramos para a menina enquadrada na janela. Sua saia larga flutua, sua cintura apertada pelo cinto brilha com rebites de bronze. É tão pequena que poderíamos envolve-la com uma mão e pensaríamos se havia alguma coisa ali além de uma articulação de metal que mantém as partes inferior e superior de seu corpo juntas.

Ela parece tão frágil.

Há outra sombra na sala, e sentimos o cheiro de uvas maduras e da generosa terra vermelha. A segunda mulher suspira profundamente, mas permanece quieta.

— Ouçam — diz a menina antes que possamos dizer uma palavra. — O homem que enche seus alimentadores está em perigo.

— Ele se foi — sussurramos de volta. — Ele partiu no dia que você o conheceu, e os monges estão negligenciando nossos alimentadores.

Nós nos sentimos patéticos, queixando-nos assim, e mordemos o resto de nossas palavras.

— Para onde ele foi? — a menina pergunta em pânico.

— Ele está se escondendo. Ele está se escondendo nas vigas de armazéns, nos telhados e nas calhas. A cidade é seu berço.

— A próxima vez que vocês o virem, digam-lhe para ter cuidado. Digam a ele para vir me ver quando estiver escuro.

Nós vemos a outra mulher e não queremos falar na presença de estranhos. Nós nos sentimos tímidos e recuamos para longe da janela.

— E a história que vocês começaram a me contar?

Nós respiramos profundamente e nos aproximamos novamente.

Havia três meninos.

Os três meninos não esperavam que suas vidas fossem mudar, até os monges os levarem. Nós não podíamos vê-los no orfanato, pois não tem janelas, e só pressionado nossos ouvidos

contra o frio da pedra morta, cortada por mãos humanas, desmembrada e muda, poderíamos ouvir os fantasmas de suas vozes.

Nós os víamos quando os monges os levavam para passear no pátio à noite, quando não havia ninguém em volta para ver seus rostos magros e seus dedos brutos do trabalho duro, a pele de suas mãos arrancada.

Vimos os Alquimistas e os Mecânicos que vinham à noite para o pátio, iluminado apenas pela distante lua azul, e eles escolhiam entre as crianças, selecionando as ágeis e as inteligentes. O resto, as que ficavam para trás, eram treinadas para outros empregos. Todas amaldiçoando-nos, porque nós só observamos, mas o que mais poderíamos fazer?

Vimos algumas das crianças menores, o menino que chorava frequentemente entre elas, enfiadas em pequenas gaiolas que limitavam seu crescimento, mantendo seus corpos pequenos e atarracados, suas pernas curvas, seus braços simiescos com o passar do tempo, finos o suficiente para passar entre as barras de suas gaiolas e crescerem livres. As crianças foram destinadas para os poços das minas, para recolher as pedras preciosas dos escombros com seus dedos finos e flexíveis.

Claro, nem todas podiam suportar tal tratamento e muitas morreram. O menino que chorou muitas vezes murchava em sua jaula e todas as noites ele parecia menor e mais pálido. Encolhia-se no chão, e chorava, e pedia ajuda em sua língua animal. O menino cego, sentado ao lado dele, sussurrava, tentando confortá-lo.

O menino bonito com grandes olhos castanhos aprendeu rapidamente a língua. Tanto os Alquimistas como os Mecânicos vieram olhar para ele com interesse.

Os monges pediram um alto preço e eles voltaram para regatear. Uma vez, um Mecânico disse que o menino era bonito demais para ser inteligente. Na noite seguinte, ele saiu para o pátio com o rosto enfaixado.

O menino que chorava muito morrera um dia antes de eles levarem o menino que não era mais tão bonito. O menino cego segurara sua mão durante seu último suspiro. O menino cego sentira a presença da alma desencarnada, aquosa e disforme, e ele a trouxera para o seu peito, a alma do rapaz morto, aninhada dentro dele, como um rosto de criança em um travesseiro, como a pedra em nossas mãos.

Os monges deixaram o menino que não era mais bonito cortar o cabelo do menino morto e, quando ele saiu do prédio, sua mão era segura com firmeza por um Mecânico com um ligeiro coxear.

A história dos gárgulas ficou cativa com Mattie e ficou girando em sua mente, mais e mais. O fato de Ilmarekh ser órfão, particularmente, não a surpreendeu, mas o fato de que ele tinha escolhido essa profissão, que para ele era um ato de desespero e bondade, a tocou de uma maneira que não poderia explicar nem mesmo para Níobe.

Ela também ficou confusa com o papel desempenhado por Loharri, especialmente a parte sobre o cabelo do menino morto. Nunca pensara nele como um homem sentimental. Mesmo em suas frequentes visitas ao orfanato, ele parecia irritado e amargo em vez de pensativo ou perturbado. Ela resolveu que perguntaria a ele na primeira oportunidade, mas, por agora, havia muitas outras coisas com que se preocupar, e uma que ganhava de outras preocupações,

devido a sua urgência.

Ela foi ao telégrafo público para ver as notícias, ver se Bokker tinha respondido à sua missiva, enviada havia uma semana, contendo a lista dos medalhões dos Mecânicos em falta. Para sua surpresa, encontrou apenas advertências para permanecer em casa.

Parecia que os Mecânicos haviam aumentado o ritmo da construção das lagartas; pedidos de besouros adicionais para os guardas e os trabalhos na máquina com que Loharri tinha ficado tão entusiasmado haviam levado à necessidade de aumentar a produção das minas de carvão e metal. O Parlamento, liderado por Bergen e seus Mecânicos, deslocara camponeses para trabalharem nas minas, onde o trabalho era cheio de perigos e a capacidade de raciocínio exigida não era adequada para os autômatos.

Por sua vez, os autômatos foram enviados para os campos para substituir os camponeses, cujo trabalho era repetitivo e simples, e onde não estavam propensos a precisar de substituição.

Mattie compartilhou a notícia com Níobe no café da manhã, isto é, Níobe comeu o café da manhã e Mattie sentou-se à mesa em solidariedade.

Níobe balançou a cabeça.

— Eles vão se rebelar, especialmente com o Duque tão gravemente doente.

— Como você sabe? — Mattie perguntou.

Níobe encolheu os ombros.

— Você só pode forçar uma pessoa até certo ponto. Eu já vi isso acontecer antes.

— O que vai acontecer?

— Tumulto, provavelmente. Se os Mecânicos forem inteligentes, eles vão enviar imediatamente guardas para sufocá-los antes mesmo que comecem. Vão dar dinheiro às pessoas, o dobro dos salários dos mineiros. Se não... Se uma rebelião nas minas vier, a cidade vai ficar paralisada sem carvão.

Mattie estava prestes a responder quando alguém bateu na porta. Apenas Loharri batia com tal insistência arrogante, e Mattie foi abrir.

Para sua surpresa, era Sebastian.

— As gárgulas me disseram que você estava me procurando — disse ele.

CAPÍTULO XI

Mattie clicava agora com maior determinação do que nunca. A encomenda de Iolanda retrocedera em sua paisagem mental como uma forma incômoda, empurrada para o fundo e encravada entre outras preocupações sobre as quais não queria pensar agora, mas encaixando-se bem no lado de sua curiosidade sobre Loharri e o cabelo do menino morto. Dois pensamentos juntos, como dentes interligados de duas engrenagens.

Em vez disso, estava preocupada com as gárgulas e Sebastian, que se tornara não oficialmente seu protegido, assim como Níobe. Não havia nenhuma razão para Mattie proteger Sebastian, muito menos para lhe dizer que os Mecânicos estavam interessados em seu paradeiro e que os guardas estavam ansiosos para deter qualquer estrangeiro e entregá-lo ao Fumante de Almas. Mas, ainda assim, ela se sentia compelida a fazê-lo — um sentimento vago, mas persistente de proximidade por conta da mãe dele.

Quando Beresta rompera o coro de vozes gritando pela boca de Ilmarekh, fora para dizer:

— Encontre meu filho... Ele mora no distrito oriental.

Na época, Mattie assumira que o sussurro torturado de Beresta fora para o benefício de Mattie, para ajudá-la a resolver o problema das gárgulas. Agora, já não tinha tanta certeza assim. Sentia-se como se, do além-túmulo, Beresta confiasse seu filho aos cuidados de Mattie, e ela não poderia ignorar tal pedido.

Mas seu lar estava ficando lotado. Entre Níobe e sua cama perto da lareira e o grandalhão Sebastian enrolado no canto do laboratório, perto do cano de esgoto, quase não havia lugar suficiente para Mattie ficar de pé, muito menos caminhar. Então, ela passou os dias trabalhando na bancada , pulverizando e sublimando pedra e correndo para o mercado para comprar comida para seus hóspedes.

Alguma coisa tinha que mudar em breve, e ela precisava de conselhos.

Evitou Iolanda por enquanto, e Loharri era a última pessoa que ela gostaria de alertar, pela natureza de sua hesitação e pela presença de Sebastian.

Quando fechava os olhos, em vez do descanso do constante estímulo, visões de cabelos a atormentavam. Via o cabelo do menino morto enrolado como uma serpente, dormindo contra a pele nua e lisa do estômago de Loharri, e os fios de Loharri e de Iolanda entrelaçados em uma traição disfarçada de amor.

Mattie estremeceu. Calçou os sapatos e se dirigiu para a porta.

Sebastian acordou.

— Aonde vai? — disse com uma voz áspera de sono.

— Para fora — respondeu Mattie.

Sebastian sentou-se. Seu rosto se franziu em uma carranca de suspeita. Mattie tinha aprendido a maioria das expressões dele e esta era tão familiar quanto seu sorriso. Os desenhos do rosto dele estavam entranhados profundamente em sua memória, como as receitas alquímicas que nunca esquecia porque não podia.

— Para fora, onde?

— Falar com sua mãe — Mattie disse baixinho. — Fale baixo ou acordará Níobe.

— Posso ir também?

— Você sabe que não pode. Mas vou transmitir a ela suas lembranças. Alguma pergunta que eu deveria fazer a ela?

Sebastian balançou a cabeça, o rosto relaxado e pensativo.

— Não seria certo. Os mortos estão mortos. Não?

— Não até que o Fumante de Almas morra.

Mattie saiu. Lá fora, a cidade abraçou-a, o doce ar noturno, azul e denso como a água da Lagoa Estorninho, misteriosa e proibida. As ruas pareciam diferentes, os edifícios torcendo-se e apoiando-se perigosamente sobre as ruas, as janelas fechadas e gemendo de forma inaudível. Por vezes, Mattie pensara ter perdido o caminho de alguma forma, e mesmo os marcos familiares adquiriam um ar ameaçador. Isso um pouco antes de Mattie perceber que os postes de luz estavam apagados — sem dúvida, os Mecânicos se preparavam para a escassez de carvão.

Ventava fora dos portões e o campo aberto não proporcionava obstáculo à ventania, e Mattie teve que enrolar suas saias em torno das pernas, tão firme quanto pôde, com medo de que o vento as transformasse em velas e a levasse embora para o céu negro e salgado com os cristais das estrelas. Loharri lhe dissera que não havia ar entre as estrelas e era por isso que as pessoas não poderiam viver lá, mas Mattie não precisava respirar e imaginou-se flutuando no vazio negro, apenas com suas memórias por companhia.

Correu até a colina, em direção ao farol que brilhava da janela iluminada, e o vento trouxe o cheiro doce do fumo de ópio.

Ilmarekh não pareceu surpreendido por sua visita. Logo que ela bateu na porta, ele gritou:

— Entre, Mattie.

Ela entrou.

— Como sabia que era eu?

— Quem mais poderia me visitar no meio da noite?

— Os agentes da justiça.

Ele apontou para um canto antes vazio da sala, onde agora um pequeno e portátil telégrafo brilhava com seus botões de latão e hastes de cobre.

— Eles precisam tanto de mim que instalaram essa máquina. É ouvi-la, e só preciso ir até a prisão. — Deu um suspiro. — Não gosto disso, Mattie. Toda vez que digo para eles que a alma não escondia nenhum segredo, eles riem e me dizem para continuar procurando.

— Sinto muito — disse Mattie, referindo-se às almas dos inocentes e ao próprio Ilmarekh. — Você não pode recusar?

— Eles os matarão de qualquer maneira. Ou a prisão o fará. Dessa forma, as almas estão seguras comigo. Nunca lhes faltará companhia. Eu escuto as histórias que contam, Mattie — que histórias! Eu não sabia quão diferente era o mundo e quão belas eram as cidades de pedra branca e telhados de ouro. Eles me falam sobre jardins tão perfumados que minha cabeça flutua. E o mar, Mattie, o mar! Alguma vez você já viu o mar?

— Não — respondeu ela. — Mas quero ver.

— Você deveria. Você pensa que é como a Lagoa Estorninho, só que maior, mas não é nada assim. Tem ondas enormes! Elas se elevam como paredes sólidas de vidro verde, cheias de ameaça e alegria. E ele muda de cor — de azul para verde e para preto em segundos, é a coisa mais bela que se pode imaginar, especialmente quando as ondas quebram na praia,

cobrindo-a com espuma branca.

Ilmarekh apertou as mãos pequenas de passarinho ao peito. Mattie desviou o olhar.

— Fico feliz que esteja tirando algo disso.

O sorriso de Ilmarekh se apagou.

— Eu não sou o único.

Mattie sentiu-se mal — pensou que, para uma alma condenada à morte, mesmo um lar temporário compartilhado com centenas de outros habitantes era, de certa forma, um benefício.

— Sinto muito. Eu não quis dizer isso.

Ilmarekh encolheu os ombros e sentou-se em seu colchão.

— Claro que você quis. Eu não a culpo.

Não havia razão para culpá-lo por executar as decisões dos outros, e Mattie sentou-se ao lado dele.

— Posso falar com Beresta?

— Ela não tem falado ultimamente. Isso acontece — por vezes, as almas que já se ouviram falar muito e constroem em torno de si um casulo e não posso alcançá-las.

— Ela pode nos ouvir?

— Acho que sim.

— Beresta... Seu filho está a salvo. Ele envia seus cumprimentos.

Ambos esperaram pela resposta e finalmente os olhos dele se arregalaram como se estivesse prestes a vomitar. Em vez disso, veio um sussurro.

— Diga-lhe que eu sinto falta dele — disse Beresta. — Você encontrou a cura para as gárgulas?

— Ainda não. Sebastian me disse para quebrar o vínculo com a pedra, e eu tenho tentado...

— Ele está se alimentando bem? — Beresta interrompeu-a um pouco mais alto desta vez. — Ele parece bem?

— Sim — respondeu Mattie, suprimindo um suspiro melancólico. — Ele é um homem forte agora. Ela decidiu não mencionar os detalhes do exílio e os esconderijos de Sebastian.

— Isso me deixa muito feliz. Agora, sobre o vínculo... Você não pode libertar uma coisa de sua fundação. Ela seca como uma planta desenraizada ou flutua para longe como um barco sem amarras. Antes de quebrá-las, encontre algo que possa ligá-las, algo que esteja vivo.

— Obrigada — disse Mattie.

Beresta se calou e Ilmarekh suspirou:

— Acho que ela ainda está aqui. Acabou? Ou há outras almas com quem você queira falar?

O menino morto, Mattie quis responder, mas mordeu o lábio. Ainda não, disse a si mesma. Ela tinha preocupações mais prementes do que decifrar esse segredo de Loharri.

— Eu estou hospedando algumas pessoas que estão se escondendo da polícia. No meu apartamento.

— O que elas fizeram?

— Nada, assim como aquelas que você já engoliu.

A face pálida de Ilmarekh tornou-se rosada com vergonha ou raiva, Mattie não tinha certeza.

— Entendo. O que você quer de mim?

— Não posso arriscar que sejam descobertas. Você pode me dizer onde eu poderia escondê-las de forma que não possam ser encontradas?

— Aqui. Apesar de estarem perto de mim, isso serviria ao seu propósito.

Seu rosto distorcido e seus lábios tremeram, como se estivesse segurando de volta um gemido. E então os espíritos falaram:

— Leve-os para as fazendas — aconselhou um. — Não há nada além de autômatos lá desde que fomos conduzidos para as minas, assombradas, amaldiçoadas.

— Leve-os para a zona ocidental, onde podem se misturar — gritou outro.

— Não! O que você é, um idiota? A guarda praticamente vive por lá, arrastando qualquer coitado e exilando todos que puderem.

— Deixem esta cidade amaldiçoada, voltem para casa! — mais uma voz gritou.

Lábios contorcidos com centenas de espíritos, Ilmarekh lutava pelo controle e seu pequeno corpo tremia em enormes espasmos.

— Para o subterrâneo!

— Não, para as fazendas!

Assim que o ataque dos espíritos começou a diminuir, outra voz, suave como seda e muito persuasiva, disse:

— Existem outros como eles. Como você. Uma resistência, uma revolta crescente. O que começou com apenas alguns poucos, agora...

— Como você sabe? — Mattie perguntou desconfiada. — E, se você sabe disso, os guardas também não saberiam?

— Não — Ilmarekh disse com sua voz normal. — Eu não digo a eles o que sei. Sou um carrasco e não um delator... a não ser que seja a confissão de um crime real.

— Então, você sabe sobre a resistência? — Mattie perguntou, ainda cética.

Ilmarekh assentiu.

— Você tem amigos em altos escalões?

Quando Mattie voltou para casa, já era manhã e as gárgulas no telhado do templo estavam delineadas contra o céu cor-de-rosa com estrias de nuvens douradas.

No caminho, ela considerou se confiava em Iolanda o bastante para fazer-lhe algumas perguntas. Cada vez que pensava nisso, lembrava da alegria dela ao deixar o Duque e seu desejo de ficar para trás, para ver que mudanças maravilhosas aconteceriam.

Sua alegria fora muito óbvia. Se ela estivesse realmente envolvida com algo ilegal, não seria de esperar que a escondesse melhor? Mattie sentiu as engrenagens chanfradas em sua cabeça girarem acima da velocidade habitual e sentiu o calor da fricção à medida que fabricava pensamentos febris, um após o outro.

Loharri, pensou ela. Talvez devesse conversar com ele.

Ela manteve o pensamento longe, momentaneamente preocupada que ele a tivesse construído de tal forma que corresse para ele para pedir ajuda ou conselhos a cada vez que precisasse. Seria ele assim tão calculista? Infelizmente, pensou, seria, sim.

Esse era exatamente o tipo de coisa que ele teria feito — mas isso invalidaria sua

vontade de ajudar?

Perturbada e febril, ela alcançou seu prédio. Tropeçou ao subir as escadas com a cabeça em chamas. Sentiu cheiro de cabelo queimado e, quando tocou o rosto, descobriu que, abaixo da superfície fria da porcelana, o metal chiava as raízes de seu cabelo ardiam lentamente.

Sebastian estava acordado. Deu uma olhada para Mattie e foi até a bancada. Pegou um pedaço de pano que ela usava para secar vidro, molhou-o na pia e envolveu a cabeça de Mattie com ele. Vapor subiu de sua testa e ela sentiu os olhos se retraírem profundamente em sua cabeça, contra sua vontade. Seus pensamentos borbulharam para a superfície, o vapor escapou com um assobio lento através dos soquetes dos olhos e seu coração acelerou com um batimento irregular.

São os espíritos, pensou. São Loharri e Iolanda e Sebastian e as gárgulas e muitas coisas para me preocupar e muitos perigos para evitar.

Isso a quebrou.

Cega agora, ouviu a voz preocupada de Níobe.

— O que há de errado com ela?

— Não sei — respondeu Sebastian. — É o superaquecimento.

— Você consegue consertá-la?

Mattie sentiu os dedos ásperos de Sebastian pesquisando sob a linha de sua mandíbula e nas laterais.

Não, ela quis dizer, mas coisa alguma saiu da caixa de voz.

Sebastian tirou fora o rosto, expondo-a, desamparada e nua, para o mundo.

— Oh— Níobe sussurrou. — Ela é... tão complexa.

Sebastian suspirou.

— Sim, ela é. O homem que a construiu... Eu nem sei como chamar isso. Nunca vi nada parecido.

— Então, você não pode consertá-la — disse Níobe.

Os dedos de Sebastian sondavam algo sensível dentro dela.

— Eu poderia tentar... não sei mais o que fazer.

— Chame Loharri — Níobe disse. — Não há nada mais a fazer.

Mattie queria pedir que não, não era uma boa ideia. Por meio de um grande esforço, conseguiu apoiar a cabeça no ombro e mais vapor escapou através de algum mau funcionamento da vedação.

— Chamarei Loharri — Níobe disse. — É melhor você encontrar um lugar para se esconder.

— Você não pode sair — respondeu Sebastian. — Não é seguro.

— Encontrarei alguém para levar a mensagem.

Os ouvidos de Mattie captavam um assobio persistente, mas mesmo com o barulho ela podia ouvir a janela ser aberta e a voz forte de Níobe chamando sobre os telhados e sobre a cidade abaixo:

— Gárgulas! Gárgulas! Sua amiga está em perigo!

Em seguida, o som ficou mais alto e cessou de repente, e toda e qualquer sensação abandonou o corpo fragilizado de Mattie.

Nós ouvimos o chamado e corremos por todo o caminho, perguntando-nos se deveríamos ser tratados com mais dignidade do que meros prestadores de serviços. Mas a garota está mal — o rosto arrancado e o resto tão quebrado que teríamos chorado se pudéssemos. Então, temos pressa. As pessoas nas ruas torcem o pescoço para nos ver sobre os telhados na clara luz do dia, sem tempo para nos esconder, e elas apontam e gritam. Devem pensar que foram os recentes acontecimentos no palácio e nos portões que nos perturbaram tanto.

A casa onde a garota foi feita, onde costumava viver, é quase invisível devido à parede sólida de ervas daninhas e roseiras. Há um estreito caminho que conduz por entre a vegetação até a porta. A casa se destaca do resto e não temos escolha a não ser descer e correr pelo chão, como velozes cães cinzentos, correndo sobre as quatro patas através da cerca viva perfumada. Aquilo nos fere, os ramos chicoteiam nossa pele dura e cinzenta e nós pensamos nas pequenas fissuras que estão começando a aparecer e se, esta noite, outro de nós deixará de existir para reduzir-nos a um número menor e deixar-nos mais fracos.

Batemos na porta educadamente.

Uma mulher atende a porta. O vestido solto desliza, escapando de seus ombros redondos: uma mulher com cabelos emaranhados e olhos sonolentos que os esfrega com os punhos qual uma criança. Ela os esfrega novamente, como se esperasse que desaparecêssemos de volta para seus sonhos, mas continuamos ali, teimosos.

— Posso ajudar? — pergunta cautelosamente.

— Precisamos falar com o Mecânico que mora aqui.

— Sobre o quê? — Seus olhos estão acordados agora, curiosos.

Nós hesitamos.

— É sobre a menina mecânica.

Ela arqueja.

— Mattie? Ela está bem?

— Ela está quebrada. Precisamos conversar com o dono da casa.

Ela se afasta e nos chama para entrar, mas nós permanecemos do lado de fora, onde não seremos facilmente capturados. Ela desaparece dentro da casa e nós esperamos nos arbustos, escondidos dos olhos curiosos dos transeuntes.

Então, ele sai com um pequeno saco de ferramentas e nós o reconhecemos, embora ele tenha crescido alto e magro e curvado, com o olhar estreito, e seu rosto já não seja bonito. Ele traz consigo o paletó e sai para a varanda onde o esperamos.

— Onde ela está?

— Em casa. O rosto foi retirado e ela está quebrada.

— O que aconteceu? — pergunta ele, mas já estamos longe. A mensagem foi entregue.

Mattie acordou com o toque familiar.

Estendeu os olhos com cuidado, com medo de que ainda não fosse capaz de ver.

O rosto severo de Loharri entrou em seu campo de visão. Ela desviou o olhar para Níobe, de pé junto à janela, a testa enrugada de preocupação, com os braços cruzados sobre o peito.

— O que você fez? — Loharri perguntou.

Mattie, no chão, sentou-se e tocou o próprio rosto para se certificar de que estava de volta no lugar. Sebastian a tinha visto nua, ela se lembrava disso. Não considerou o pensamento totalmente repelente, ela gostara da maneira como os dedos calejados ajustaram-se sob seu queixo e como rapidamente e sem remorso ele...

— Mattie!

Ela surpreendeu-se com a voz insistente de Loharri.

— Nada! Eu não fiz nada errado.

Loharri balançou a cabeça.

— Mattie. Você nem sabe por que ficou assim, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Estava trabalhando demais.

Seu rosto permaneceu tranquilo, mas ela reconheceu o movimento leve e lento de sua mandíbula, como se estivesse tentando não cerrar os dentes.

— Você ficou doente porque resistiu ao desejo de me ver. Eu lhe disse que sempre deve fazê-lo. Não disse?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu não sabia.

— Espere um pouco — Níobe disse e deu um passo adiante. — Você colocou armadilhas na cabeça da pobre menina e nem disse a ela? Só para ter certeza de que ela não ficaria longe de você?

— Não fale assim comigo! — exclamou Loharri sem sequer olhar Níobe. — Você está esquecendo seu lugar. Os alquimistas a deixaram entrar e você já pensa que é uma igual?

Níobe se encolheu como se recebesse um tapa, mas seus olhos brilharam.

— Não seja rude — pediu Mattie e cruzou as mãos trêmulas sobre o coração. Lembrou-se do temperamento de Loharri — por vezes, falava duro assim, mas isso passava.

— Sinto muito — disse Loharri para Níobe. — Eu aprecio que tenha me chamado aqui para cuidar de Mattie, mas, por favor, não se meta em coisas que não lhe dizem respeito.

Níobe não respondeu e Loharri voltou sua atenção para Mattie.

— Agora, o que você quer falar comigo?

— Sobre o bombardeio — Mattie respondeu. — Eu disse que vocês pegaram o homem errado e ainda assim vocês o mataram.

— Como sabe disso?

— As gárgulas. E vocês continuam prendendo as pessoas e expulsando-as da cidade e...

— Basta! — Loharri interrompeu-a e esfregou o rosto. — Também não gosto disso, Mattie, mas é política. As pessoas estão inquietas e precisam de alguém para culpar.

— É isso? — Níobe perguntou. — Essa é a sua desculpa?

— Não é uma desculpa — disse Loharri. — As coisas começaram a mudar quando vocês apareceram.

— Pessoas aparecem em nossas cidades — disse Níobe, ofendida — e nós não fazemos alarde sobre isso.

— Fariam, se seu próprio povo estivesse perdendo empregos para os estrangeiros.

— As pessoas estão perdendo empregos para as suas máquinas. Vocês mecanizam tudo, tornando tudo eficiente a despeito da felicidade do seu povo, e você quer saber por que eles não estão felizes?

Loharri levantou-se e virou-se para Níobe.

— Não tente se colocar entre mim e meu autômato. Sério. Não tenho nenhum interesse em encontrar bodes expiatórios e não contarei a ninguém sobre a sua presença aqui, você não precisa se preocupar com isso. Mas se eu tiver que remover Mattie de perto de você, eu farei isso. Ela não precisa da sua influência.

Ele agarrou a bolsa de ferramentas e saiu porta afora antes que Mattie tivesse chance de poder dizer obrigado ou adeus.

Níobe esperou que o som de seus passos na escada desaparecessem e riu.

— Que homem desagradável — disse ela.

— Na verdade, ele não é. Ele tem seus problemas, mas é melhor do que a maioria. Você só precisa conhecê-lo um pouco melhor.

— Não tenho nenhum desejo de conhecê-lo melhor. — Níobe deu um rápido abraço em Mattie e um tapinha em seu ombro. — Não se preocupe! Todos temos amigos que outros odeiam. Só não deixe ele que ele a machuque.

— Eu tenho outros planos.

Mattie alcançou a prateleira sobre a bancada e pegou uma jarra selada com uma tampa de vidro, com a figura do homúnculo de sangue visível dentro.

A ajuda de Níobe provou ser inestimável — ela era versada nos usos mais obscuros da alquimia de sangue e conseguiu fazer o homúnculo se mover cantando palavras estranhas. Ele vacilou e borbulhou ao longo da bancada, para trás e para a frente, sibilou e praguejou. Seu coração, tecido a partir de duas tranças coloridas, pulsava com raiva.

— Como funciona? — Mattie perguntou.

— Esta criatura, enquanto viva, controla a vontade de duas pessoas como se fosse uma só. Qualquer uma delas que a alimente comandará a outra pessoa.

— O que ela come?

— Sangue. Não é óbvio?

— Direi para Iolanda comprar sangue de cordeiro.

Níobe balançou a cabeça.

— Se ela quer comandar o outro, tem que alimentar o homúnculo com seu próprio sangue. Não se preocupe, ele não come muito, só uma picadinha de agulha pode saciá-lo por uma semana. Quanto mais tempo você alimentá-lo, mais forte ele ficará, mas os comandos duram um curto período de tempo.

Mattie olhou para a criatura, sentindo medo dela e, todavia, fascinada.

Assim como Mattie, ela fora feita, não nascida, e ainda assim Mattie não sentia nenhum parentesco com ela. A coisa, viscosa e orgânica, não era como ela, de metal puro e ossos e superfícies duras e brilhantes.

Também não era vulnerável à criatura e era incapaz de comandá-la, pois não tinha sangue

para alimentá-la.

Ocorreu-lhe que sua ligação era somente com as gárgulas e sua afinidade com a pedra, de pele dura e existência atormentada. Ela se sentiu triste ao perceber que libertá-las de seu destino significaria quebrar o vínculo que sentia com elas e, ainda assim, recusar-se seria indelicado.

— Em que você está pensando? — Níobe perguntou.

— Em Sebastian. Você acha que ele é confiável?

— Acho que sim. Ele disse que voltará hoje à noite para se certificar de que está tudo bem.

Mattie estava confusa.

— Você acha que ele realmente se preocupa comigo?

— Claro que sim. Ele...

Níobe parou e agarrou o braço de Mattie, girando -a para deixá-la de frente para a luz da janela, para poder melhor olhar em seus olhos.

Mattie não pôde evitá-la.

— O que foi?

— Oh, amadas baleias no mar! Você está apaixonada por ele, não está?

— Eu não sei. Deveria estar?

— Não percebi que você podia... Oh, meu Deus. O que estou dizendo? Claro que você pode. E está! É por isso que aquele bastardo colocou armadilhas em você, é por isso que ele a está perturbado. Ele sabe que você ama alguém, Mattie. O que vai acontecer com você?

Mattie pesou as palavras.

— Eu não sei. Não tenho história acumulada suficiente para saber dessas coisas. Pedirei a Iolanda que me proteja. — Apontou para o homúnculo. — Vou pedir a ela que faça com que ele me dê minha chave de volta.

CAPÍTULO XII

Iolanda não demorou muito para aparecer. Irrompeu pelas portas em um turbilhão de cabelo selvagem e saias resplandecentes.

— Mattie! Você está bem?

Mattie assentiu.

— Estou bem.

— O que aconteceu?

— Loharri — disse Mattie. E explicou o dispositivo plantado em sua cabeça e sua necessidade desesperada de obter a chave de volta. Ela precisava de Loharri fora de sua cabeça e de seu coração.

Iolanda sorriu para isso.

— De fato. Sei exatamente o que você quer dizer. — Ela seguiu Mattie para o laboratório e deu um passo para trás quando viu Níobe. — Quem é ela?

— Níobe. Ela é minha amiga. Estava me ajudando com o seu pedido.

— Ah.

Iolanda atravessou o laboratório até seu lugar habitual na cozinha e riu ao ver a pilha de vestidos de Mattie coberta com um cobertor.

— Que aconchegante! Você está dormindo aqui?

— Sim — Níobe respondeu sem nenhum constrangimento ou raiva. — Mattie não tem necessidade de cama, então tivemos que arrumar uma para mim.

— Uma colega Alquimista... Obrigada por ajudar Mattie. Vou pagá-la também.

— Não há necessidade.

— Claro que há. — Iolanda sentou-se, brincando com uma longa trança de seu cabelo encaracolado. — Há sempre necessidade de dinheiro.

— Iolanda só emprega mulheres — disse Mattie a Níobe.

— Como é que permitem que você faça isso? — Níobe perguntou, visivelmente alerta com Iolanda.

— Ninguém percebe — Iolanda respondeu e ambas riram.

Mattie não entendeu muito bem o que era tão engraçado sobre ocultar a si mesma, sobre ter permissão para fazer o que se desejasse quando ninguém estivesse olhando. Elas, as mulheres, eram como as gárgulas, Mattie pensou. Respeitadas em palavras, mas escondidas das vistas de quem manda na cidade, vivendo na escuridão, nos interstícios secretos da vida.

— Tudo bem, então — disse Iolanda e serviu-se da garrafa com licor de pera. —Vamos ver o que vocês cozinharam para mim.

Mattie tirou o homúnculo de sangue para fora de seu jarro.

— Eca! — exclamou Iolanda. — O que é isso?

O homúnculo pareceu reconhecer Iolanda pelo cabelo enrolado em seu peito e cambaleou até ela, agarrando suas saias com as mãos de dedos atarracados e deixando rastros sujos na seda fina.

— É melhor colocá-lo no frasco. — Níobe colheu a criatura, que não opôs qualquer resistência a voltar para sua prisão de vidro, e tampou o frasco antes que pudesse sair. Entregou-o para Iolanda.

— Não! — Iolanda estudou a criatura através do vidro com seus lábios carnudos torcidos com nojo. Níobe explicou como alimentar o homúnculo e Iolanda pareceu ainda mais em dúvida. Virou a jarra para lá e para cá, mas não importava quanto tentasse impedir que aquela coisa embrionária e cega a encarasse: o homúnculo sempre conseguia virar-se para ela.

— Eu nem sei se vale a pena. Não me interprete mal, aprecio seu trabalho. É só que...

— Ótimo — Níobe disse alegremente. — Tenho certeza de que Loharri pagará o dobro por ele. Seu cabelo está no homúnculo também, para que ele possa comandá-la.

Iolanda franziu a testa e em seguida riu inesperadamente.

— Tudo bem. Você conseguiu me convencer, menina inteligente. Diga, gostaria de uma cama mais agradável do que aquela que você tem agora?

— E o que isso implica? — Níobe perguntou, ainda sorrindo.

— Venha ficar comigo. Ninguém vai perturbá-la.

— O que terei que fazer?

Iolanda deu de ombros.

— Remédios simples. E companhia. A maioria dos meus servos são autômatos, não tão inteligentes como Mattie, e eles são terrivelmente conservadores. Na verdade, não falam nada, só ouvem e fazem o que eu mando que façam.

— Pode ser. Mas de que você realmente precisa?

Iolanda balançou a cabeça em desespero simulado.

— Quero que você fique de olho nessa coisa horrorosa que acabou de me confiar. Eu não quero vê-la nem ouvi-la. Ela parece que quer me morder.

— Ela não tem dentes — Mattie argumentou.

Iolanda continuou como se nem sequer tivesse ouvido a interjeição de Mattie:

— Eu não vou tratá-la como uma escrava. Sei como são os Alquimistas. Basta cuidar dessa coisa para mim, tudo bem? Eu prometo protegê-la.

— Você é muito gentil — disse Níobe.

— Tudo bem, então! Pegue suas coisas! — Iolanda empurrou o frasco com o homúnculo para as mãos de Níobe, ansiosa para se livrar dele. — Vamos, vamos!

Enquanto Níobe corria para arrumar suas roupas e seus ingredientes alquímicos, Mattie ficou em seu banco sozinha, incapaz de articular bem sua mágoa. Não culpava Níobe por ter escolhido um acordo melhor e uma proteção maior do que Mattie podia oferecer. Ela nem se importava que isso significava que ela escolhera ficar com Iolanda e não com Mattie. Mas fora ferida bem no núcleo daquilo que ambas tiveram, um momento de apreço e confiança mútua, apesar do abismo que se supunha existir entre elas.

As mulheres de carne tinham algum vínculo secreto do qual Mattie não compartilhava. Isso significava que estava excluída dos pensamentos delas, como igualmente excluída da conversa. Ela era apenas uma máquina, um ferro-velho só reconhecido quando era conveniente. Por um momento, lamentou trair Loharri com elas; ele, pelo menos, nunca a fizera sentir-se excluída.

Assim que Níobe se foi, Mattie procurou distrair-se com seu trabalho com a pedra.

Ela tinha misturado um resíduo de sangue com pó de pedra e dado ao homúnculo a forma de um coração. A essência de sangue agitou a pedra e despertou o homúnculo. Mattie começou a fazer uma emulsão de vários minerais e pedras preciosas para alimentar o homúnculo, para que conversasse com ela e divulgasse seus segredos, revelando a escravidão das gárgulas.

Sentia-se tão perto de conseguir. Então, ouviu uma batida na porta.

Enquanto Mattie ia à porta, em apenas três passos, muitos pensamentos correram por sua mente como pombos assustados. Era Níobe, pensou ela, que havia voltado para pedir desculpas e ficar com Mattie, apesar da inconveniência, porque elas eram amigas; ou era Iolanda, segurando em suas mãos o cabo fino da chave de Mattie; ou era Loharri, que viera para levá-la para casa para sempre, porque não podia confiar nela fora de sua vista, nem mesmo com as engrenagens traiçoeiras tiquetaqueando em sua cabeça, monitorando seu coração atrás de qualquer sinal de dúvida nele.

Mattie abriu a porta.

Sebastian — a única possibilidade que ela não tinha considerado, porque estava com medo das insinuações de Níobe, zumbindo subsônicas no fundo de sua mente. Você está apaixonada, você está apaixonada, a voz de Níobe brincava com ela, e ele não a ama, porque você não é nada além de um autômato que pode ser deixado de lado logo que uma pessoa consiga o que quer. Você não é nada.

Sebastian agarrou as mãos dela e sorriu.

— Mattie? Está tudo bem!

Ela balançou a cabeça e retirou as mãos dele.

— Loharri me consertou.

O rosto dele ficou sombrio.

— Desculpe-me, eu não podia ficar.

— Está tudo bem — disse Mattie. — Ninguém esperava que você fizesse isso.

— Não. — Ele franziu a testa e se sentou à mesa, na cadeira recentemente desocupada por Iolanda. — A culpa é minha. Não tenho praticado ser sociável faz tempo, você sabe o quanto a gente pode esquecer? Pode imaginar? Eu não poderia voltar à Sociedade agora, mesmo se eles me pedissem.

Mattie olhou para ele com desconfiança. Parecia tão estranho, sempre indo e vindo em horários incomuns, aparentemente intocável para qualquer membro da guarda ou da Mecânica. Como uma gárgula, escondida e com o dom de tornar-se invisível, um dom natural, Mattie pensava.

— Seu nome estava na lista — disse ela.

— Que lista? — Ele pareceu desorientado pela mudança de assunto, mas sorriu. — Do que você está falando, Mattie?

— Os medalhões da Mecânica dados como desaparecidos. Eu vi a lista.

— É? Tenho certeza de que havia outros.

— Sim, havia. — Mattie fez uma pausa e disse: — Você não quer saber o porquê da lista?

Ele forçou um sorriso.

— Por que, Mattie?

— Porque só a Mecânica pode legalmente pedir explosivos aos Alquimistas. Nós suspeitamos que talvez houvesse um medalhão roubado envolvido na explosão.

Sebastian encolheu os ombros.

— Eu não sei nada sobre isso, Mattie. Pergunte às gárgulas — elas me viam todo santo dia. Elas sabem que eu não estava envolvido em nada. Não importa se os Mecânicos querem me culpar.

— As gárgulas reclamam que os alimentadores estão vazios.

— Tenho certeza de que os monges vão encontrar alguém para enchê-los — disse Sebastian e seu rosto tornou-se sombrio. — Se é que não o fizeram ainda.

— Talvez.

Mattie não suspeitava dele, não realmente. Mas certas questões roíam as bordas de seus pensamentos, deixando um padrão de treliça, de dúvida e confusão. E não podia esquecer que ele era um Mecânico que conhecia algo de alquimia. Quem poderia dizer quanto ele herdara de sua mãe? Talvez a Mecânica aperfeiçoasse sua arte, tornando as coisas mais e mais complexas a cada dia, mas os explosivos eram feitos da mesma maneira há séculos. Os Alquimistas apreciavam a tradição e a camaradagem mais do que a eficiência. Níobe estava certa sobre isso.

— Então, vai começar a suspeitar de mim agora? — perguntou Sebastian.

Os anos passados no trabalho simplório com um balde de cascalho haviam deixado sua marca no discurso dele. Ela notava isso quando ele se tornava defensivo, com uma pretensa ingenuidade quando questionado ou confrontado.

Mattie sacudiu a cabeça.

— Eu nunca suspeitaria de você, Sebastian.

Ele sorriu, ainda em dúvida.

— E por que isso?

Ela não via sentido em fingir — a máscara era parte dela, o rosto real, suas características de menina.

— Níobe acha que eu o amo — disse.

Sebastian parou de sorrir e seus olhos desfocaram, distantes. Ela o fizera sentir-se estranho, Mattie percebeu — todos se sentiam estranhos quando tinham que dizer não para alguém que tinha sido bom para eles. E ocasionalmente, apenas por gratidão, eles diziam sim.

— Estou lisonjeado. Mas mesmo as pessoas podem se confundir com tais coisas... porque você mal me conhece.

— Mal o conheço.

Ele tossiu e levantou-se com um ar de determinação. Não havia nenhum lugar para ir, então ele andou o comprimento dos passos da cozinha para a porta, três para a frente e três para trás.

—Você já viu a nova engenhoca que a Mecânica está construindo? — perguntou depois de um tempo.

— Não — respondeu Mattie.

— Eles a estão construindo perto do lago, não muito longe do parque. Você realmente deve ir vê-la — é fascinante. Chamam-na de Calculadora.

— Oh, sim. Loharri a mencionou. É a máquina que supostamente vai descobrir as respostas e encontrar os responsáveis pelos atentados e nos ajudar a descobrir como controlar e defender a cidade.

— Sim. Puxa, você sabe um monte de coisas antes de se tornarem de conhecimento

público, não?

Mattie assentiu.

— Loharri não esconde segredos de mim. E os Mecânicos sempre falam livremente quando estou presente. Acho que eles não me levam a sério.

— Este é o problema deles. Confie em mim. Você vai vê-la?

— Você quer que eu vá? Por quê?

— Pensei que você gostaria de conhecer uma outra máquina muito inteligente.

Mattie sacudiu a cabeça.

— Ela não é inteligente. Ela só analisa — qualquer máquina poderia fazer isso.

— E por que não fazem?

— Porque elas não conhecem todos os parâmetros. E o mesmo é verdade para essa máquina. Ela não sabe de tudo, é incapaz de decidir o que é importante.

De qualquer maneira, Mattie foi ver a Calculadora no dia seguinte.

De longe, era possível ver sua chaminé, acima das árvores do parque, cinza e branca, às vezes colorida de amarelo dos gases sulfurosos. A máquina em si a decepcionou — Mattie nunca ousara pensar em tal palavra aplicada dessa forma, mas esperava um autômato inteligente que se parecesse com ela. Em vez disso, era uma engenhoca gigantesca com pistões de metal, expelindo vapor de tubos múltiplos e aberturas cobertas com grades.

Era como uma casa com raiva, silvando e cuspindo, e ela não sabia por que estava assim.

Havia vários engenheiros trabalhando nos painéis quadrados nas laterais da Calculadora. Loharri estava entre eles, e o instinto de Mattie foi de virar as costas e correr para casa antes que ele a visse. Ela se virou e correu para a segurança da rua, onde estaria escondida de seus olhos, entre os edifícios e a multidão.

A ausência de rostos escuros era perceptível para Mattie. Ela andava desconfortavelmente no meio da multidão, tão homogênea que Mattie se destacava como um telhado vermelho no distrito das gárgulas.

— Mattie!

Ela se virou com um gemido de desespero para ver Loharri correndo atrás dela.

— Espere! — Ele desacelerou para uma caminhada um pouco mais digna em meio à multidão, longo e sinuoso como uma enguia. — Você não tem que fugir cada vez que me vir e me fazer persegui-la pelas ruas. Não parece certo.

Mattie encolheu os ombros.

— Eu não estava fugindo. Só não gosto da sua Calculadora.

Ele sorriu, exibindo rapidamente os dentes muito brancos.

— Por favor, não me diga que está com ciúmes.

— Claro que não. — Mattie mudou de pé, desconfortável, enquanto estudava o rosto dele com atenção para qualquer mudança sutil induzida pela alquimia de Níobe. — Eu só acho que ela é barulhenta e suja.

Ele riu e se inclinou com uma mesura exagerada.

— Você, é claro, é muito mais bonita.

Mattie bufou.

— Já ocorreu a você que ser bonita pode não estar à altura da minha ambição?

— Sim. Isso me preocupa um pouco, na verdade. Você foi feita para ser agradável aos olhos e interessante em uma conversa, não para fugir e ir trabalhar em um projeto que, francamente, não é muito diferente do absurdo que os Monges de Pedra praticam.

— Por que você os odeia tanto?

Ele encolheu os ombros.

— Eles não são racionais, minha querida. — Essa era sua desculpa-padrão para qualquer antipatia aos outros. — Tudo bem, as gárgulas criaram a cidade. Foi muito gentil da parte delas, mas não vejo por que nós deveríamos adorá-las.

— Não adorá-las. Alimentá-las e ajudá-las quando precisam. E talvez ouvir o que têm a dizer.

— Claro. É para isso que temos os monges, em primeiro lugar: para alimentar e ajudar. E agora, aparentemente, você se juntou às fileiras dos ajudantes e dos ouvintes. Por que eles precisariam do resto de nós?

Ninguém nunca mencionava o tráfico de crianças, as horríveis criaturas deformadas, coloquialmente conhecidas como aranhas devido aos corpos redondos e aos membros longos e finos, que emergiam das minas a cada noite. Honestamente, Mattie estava contente por não ter que vê-las — as histórias que ouvia eram o bastante.

Mattie observou o tráfego, agora principalmente de lagartas e poucos lagartos, o fluxo de seu assobio habitual gemendo e o metal fazendo barulho contra a pedra.

Isto é o que esta cidade era, pensou. Metal contra pedra, a luta constante, e Mecânicos contra Alquimistas. Só que agora não havia dúvida sobre quem havia ganhado. Os Mecânicos haviam conquistado a supremacia, era a cidade deles agora.

— Em que você está pensando? — Loharri perguntou.

— Nada. E tudo. O Fumante de Almas... você sabia que ele viveu no orfanato?

— Sim. — Loharri fez uma careta. — Tenho que voltar agora — a Calculadora não está funcionando bem.

— Qual é o problema? — Mattie perguntou.

Loharri encolheu os ombros.

— Nós pedimos que nos dissesse como aumentar o fornecimento de carvão e ela disse para enviarmos todos da cidade para cavar nas minas.

Mattie riu.

— Ela não é só feia, é também estúpida.

— Você pode estar certa. Mas nós sabemos qual é o problema e podemos corrigi-lo.

Loharri virou-se. Mattie acenou depois dele ter se virado, longo e estreito, vestido de lã preta apesar do calor do sol.

— Isso é o que você sempre diz — sussurrou quando certa de que ele não poderia ouvi-la.

Com Mattie, fora assim: as primeiras semanas de vida foram passadas na bancada ou em estado semimontado. Ela mantivera pedaços de memórias, mesmo que se assustasse com a visão de suas próprias pernas descarnadas e as várias faces de porcelana olhando para ela, com suas órbitas vazias, enquanto ela gritava, nua e sozinha.

Loharri chamava a isso de “dores do crescimento” e ela concordava pelo menos com a primeira parte. Ele continuava encontrando novos problemas e novas soluções que, por sua

vez, causavam mais problemas, até que Mattie tivera a certeza de que nunca conseguiria andar, nunca seria curada.

E então, como que por um milagre, tornara-se completa e funcional.

Em seus momentos mais fragilizados, Loharri chamara isso de uma intervenção celestial.

Fosse qual fosse a causa, aqui estava ela agora, e a voz do Loharri ainda soava em seus ouvidos. “Agora eu sei qual é o problema, posso corrigi-lo”.

Voltou para casa e encontrou Sebastian com um de seus livros — aquele sobre a história das gárgulas. Ela observou o perfil dele por um tempo, a testa plissada de preocupação, os olhos baixos. Talvez Níobe estivesse certa; talvez Mattie estivesse mesmo apaixonada. Ou talvez fosse desespero para se ver livre de Loharri.

Sebastian olhou por cima do ombro e sorriu.

— Mattie. Eu estive pensando sobre o que me disse anteriormente. Não tive a intenção de rebaixá-la, não quis insinuar isso... — Sua palma grande acariciou o cabelo curto distraidamente. — Como posso explicar?

— Você não pode amar uma máquina. Eu entendo.

Ele balançou a cabeça.

— Não é isso. Eu simplesmente não sei... como.

Sua pele macia e suave atraiu a mão dela e ela tocou seu peito e sentiu o pulsar do sangue sob os dedos e viu o rubor florescer um segundo depois.

— O que você está fazendo? — Sebastian perguntou sem se afastar.

Lembrou-se das palavras, mesmo que nunca houvesse as dito antes.

— Fazendo amor — ela sussurrou.

Sebastian permaneceu sentado, seus olhos negros olhando para ela de soslaio, como se não soubesse o que fazer.

Mattie estava especialmente perdida em ideias e se abaixou e colocou os braços ao redor dele. Seus dedos tocaram-lhe o peito, o rosto pressionado contra a parte de trás do pescoço dele. Ele agarrou seu braço e puxou-a para a frente dele.

— Vamos dar uma olhada em você. Sabe, eu não tenho ideia de como você é debaixo desse vestido.

Seus dedos agarraram o tecido da saia, levantando-o com discrição logo acima dos tornozelos. Ele estudou os ossos duplos, brilhantes e belos, unindo-se à junta de metal que os mantinha juntos e as partes traseiras dos pés de metal — dedos dos pés e calcanhares de madeira. Ele prosseguiu debaixo da saia dela, seus dedos quentes acariciando a articulação redonda do joelho, roçando a superfície polida do interior de sua coxa, longa e curva, e descansou os dedos contra a placa de metal lisa entre as pernas.

— Assim, não — Mattie sussurrou e trouxe a mão dele para seu peito, pressionando a palma dela contra a pequena janela de vidro.

Ele finalmente entendeu e puxou-a para seu colo. Baixou o tecido que escondia o peito dela e sua boca encontrou a fechadura como que por instinto.

Ela congelou — uma mistura perturbadora de medo e vertigem de prazer quando a língua dele circundou a circunferência do buraco da fechadura. Ele forçou a ponta da língua uma,

duas vezes, e sentiu o dilúvio vibrante de vida dentro dela. Todo o seu corpo respondeu, balançando no ritmo de seu batimento cardíaco. Ela se contorcia no colo dele e os beijos e os dedos acariciando-a fizeram crescer o prazer.

Ele puxou o vestido por seus ombros, tocou suas reentrâncias e relevos como teclas de piano, os dedos dele emaranhados em seus cabelos. A boca dele pressionada contra seus lábios e depois contra os seios, e depois os lábios novamente.

Mattie correu para o Fumante das Almas — parecia que ele e seus muitos fantasmas eram os únicos com que ela ainda podia falar.

Tomada pela confusão, enquanto corria pelas ruas, Mattie sentia-se tão viva e tão diferente. Em busca de qualquer distração para evitar que sua mente se trancasse por dentro com um único pensamento ("Eu o deixei me tocar. Eu o fiz me tocar."), ela parou no telégrafo público. O pequeno vestíbulo que recebia o aparelho e os muitos metros de fio vomitava incessantemente, registrando notícias e transmitindo mensagens, amontoadas bem em frente dela como um grotesco parasita intestinal em um emaranhado sem fim. Os funcionários, sentados em seus pequenos nichos, eram protegidos do público por barras espessas.

— Alguma coisa para os Alquimistas? — Mattie perguntou.

O atendente, um rapaz ruivo chamado Janus, bocejou:

— Nada desde três dias atrás.

Mattie sentiu uma pontada de culpa por não ter verificado há muito tempo.

— Posso ver?

O rapaz foi verificar na enorme caixa de metal, dividida em centenas de gabinetes particulares, onde as mensagens importantes ficavam durante uma semana antes de serem descartadas.

— Está muito tranquilo hoje. Você teria passado maus momentos aqui na semana passada.

O atendente de ombros e cotovelos ossudos, que se movimentava como se estivesse amassando massa, riu-se.

— Sim, e dois dias atrás tudo piorou. Há tantas notícias ruins que você só quer fechar os olhos e ficar num canto, não?

— O que aconteceu há dois dias? — Mattie perguntou.

— O Duque morreu. A esposa e a filha dele recuperaram-se o bastante para se juntarem ao resto da corte.

— Obrigada.

A mente de Mattie tentava descobrir o que isso significava para a cidade, e, tão caóticos como eram seus pensamentos, sentiu que as mudanças já estavam em movimento, grandes blocos de pedra despencando lentamente do lugar, bloqueando coisas como o portão da cadeia, fechando-o, selando toda luz e esperança.

— Aqui está sua mensagem — o funcionário ruivo disse. — Está codificada.

Mattie pegou o anel do bolso e rapidamente leu a mensagem. Teve que lê-la várias vezes, pois seus olhos deslizavam para fora das palavras, recusando-se a absorver seu significado. A mensagem era de Bokker, que vasculhara os registros da Alquimia.

Um dos nomes na lista de medalhões desaparecidos da Mecânica surgira, o de Sebastian.

O medalhão dele fora usado por um homem que encomendara uma grande quantidade de explosivos. Além disso, Bokker dizia que o homem do medalhão era alto, mas usava um capuz escondendo o rosto e, pela cor de suas mãos, o Alquimista pensara que se tratasse de um oriental — Bokker foi especialmente enfático em mencionar esse detalhe, com o fato de que poucos orientais eram admitidos no Liceu e muito menos na própria Sociedade.

Mattie deixou o prédio do telégrafo sentindo um frio em seu coração, espalhando-se para fora, congelando todas as suas emoções. Tentou pensar nisso logicamente. Talvez o medalhão de Sebastian estivesse listado porque fora perdido ou roubado, talvez alguém estivesse usando-o. E, no entanto, ela sabia que o medalhão estava na lista porque ele não conseguira devolvê-lo depois de banido. Talvez o tivesse perdido mais tarde, talvez ele não tivesse nada a ver com isso. Ainda assim, além de coincidir com seu desaparecimento e sua proximidade com o palácio, ele se encaixava no padrão geral por sua insistência em não deixar a cidade. Não importando como Mattie julgasse a questão, não havia nenhuma maneira de pensar naquilo sem invocar uma complexa trama de conspiração — o que, como ela sabia, quase nunca era verdade.

Esperava que Ilmarekh lhe oferecesse alguns conselhos, mas sabia que isso estava além de conselhos, além de sua capacidade de animar-se com meras palavras.

Ela precisava fazer algo...

Depois de ter tomado a decisão, marchou para longe dos portões.

Passou pelas fábricas sob as nuvens baixas de fumaça e fuligem suspensa, através do bater incessante das máquinas, os barracos e as pessoas de olhos velhos que passavam o último de seus dias à procura do sol em meio à neblina interminável, expelindo pedaços cinzentos de seus pulmões.

— Amigos em posições influentes — Ilmarekh tinha dito a ela na última vez.

Iolanda.

Mattie estava disposta a fazer vistas grossas no momento e pedir a Iolanda um de seus favores prometidos. Ela precisava saber o que era certo fazer e como os dois se encaixavam no interior da máquina da cidade, agora, mais metal do que pedra.

CAPÍTULO XIII

Mattie seguiu para o norte, para o distrito rico, ao redor do antigo palácio, onde as casas eram poucas, porém espaçosas, envolvidas por jardins delicadamente cuidados e sebes altas que, com muito bom gosto, contribuíram para a paisagem e ainda para manter privados os negócios de seus proprietários.

Seus passos ressoavam nas ruas largas e tranquilas, ladeadas por árvores antigas que suavizavam todos os outros ruídos em um silêncio aveludado, que a fez ciente de seus próprios ruídos.

O distrito abastado se estabelecera a uma boa distância dos portões, situado no coração da cidade de pedra, abraçado pelo semicírculo do distrito do Palácio, ao sul, e do parque, ao norte. Algumas lagoas ali tinham nomes que Mattie desconhecia, mas mesmo elas pareciam diferentes do Lago Estorninho — a água aqui era pura como o cristal, com os mais básicos reflexos de tons azuis, cardumes de peixes vermelhos e cor de laranja no emaranhado verde-esmeralda da vegetação aquática, com suas sombras riscando rápidas estrias na areia branca ao fundo.

Mattie tinha estado ali apenas uma vez e procurava pela casa de Iolanda.

Não sabia como a reconheceria, só que ela o faria — cada casa fora elaborada especificamente para seu proprietário, e Mattie pensou que seria capaz de perceber o gosto de Iolanda com facilidade.

Passou um longo tempo vagando entre as casas, estudando o ferro ornamentado nos portões, procurando qualquer sinal da presença de Iolanda. A maior parte estava vazia desde que seus habitantes deixaram a cidade, mas algumas abrigavam sinais de vida, música suave e risos flutuando no ar, junto com um tilintar de pratos e copos.

Mas as portas estavam trancadas, e não importava quanto procurasse, não viu nenhum sinal de Iolanda.

Estava pronta para desistir e voltar, agora perdida no labirinto das ruas largas e calmas. Sentiu-se ainda mais estranha nesse lugar misterioso e teve vontade de correr com medo. Foi quando ela viu as pessoas nas ruas.

Elas também não pertenciam ao luxo daquele lugar. Vestiam roupas baratas, ásperas e cobertas com pó, e suas faces magras eram manchadas com partículas de carvão, absorvidas a tal ponto que nenhum sabão poderia retirá-las. Andavam em silêncio, em formação cerrada, os olhos estranhamente luminosos em seus rostos escurecidos. Várias delas carregavam tochas que lançavam uma luz laranja perturbadora nas árvores e ruas.

Mattie saiu do caminho, achatando-se contra uma cerca de ferro. Sentiu-se calma com as barras contra o metal das costas enquanto observava a procissão silenciosa e sombria passar. A maré dos mineiros não se esvaiu — ela encheu a rua, e Mattie sentiu o gosto de carvão e o calor no ar.

Havia outros também, não tão sujos quanto o resto, apenas extremamente magros e silenciosos. Por um momento, Mattie pensou que essas pessoas eram fantasmas vomitados pelo Fumante de Almas e materializados em carne através de alguma perversão da natureza, graças à nojenta magia de fumaça e metal que tomara a cidade, tornando a carne mais e mais obsoleta a cada dia, e essa carne indesejada agora andava, perdida pelas ruas.

No início, nem sequer viram Mattie, mas, conforme mais e mais homens chegavam, ela reparou em alguns deles olhando em sua direção quando um deles, no final da coluna passando por ela, disse:

— Ei — chamou, quebrando o silêncio. — Não deveríamos fazer algo com esse ferro-velho aqui?

Ela teve medo, pois vários homens deixaram seus lugares na coluna, criando um turbilhão e vindo até ela.

— Eu não fiz nada para vocês — disse Mattie.

— Ela fala — um deles disse, perplexo. — Quando você aprendeu a falar?

— Eu sempre falei. Não sou como as outras máquinas. Sou emancipada.

O homem estudou-a, o rosto estreito com barba por fazer e impenetrável.

— Nós ouvimos sobre as máquinas inteligentes — disse ele, finalmente.

— O que o governo fez com a gente — um dos companheiros acrescentou. — Foi você? Foi você que tirou nossa terra e nos jogou nas minas?

— Pegou nossos campos — disse outro.

Mattie sacudiu a cabeça e cruzou as mãos.

— Não. Não fui eu, eu juro. Sou apenas uma Alquimista, faço pomadas. Vocês estão procurando a Calculadora no Lago Estorninho?

— Nós vamos chegar lá no devido tempo — o primeiro homem disse. — Agora, a questão é: o que fazer com você!

Mattie sentiu a violência contida no conjunto dos ombros tensos deles, no aperto sutil de dos punhos, punhos desproporcionalmente grandes em braços finos.

Um grito de algum lugar à frente da procissão rasgou o silêncio e os sons de vidro quebrado e confusão. Mais gritos, mais ruídos e um fio de fumaça suja enrolou-se no céu como um arabesco.

Os interlocutores de Mattie foram obrigados a desviar o olhar, esticando os pescoços para ver melhor.

Mattie escapuliu.

O homem mais próximo dela deu um gemido de surpresa quando ela o empurrou e, em um reflexo, seu punho acertou-a na bochecha. Ela sentiu rachaduras abertas em seu rosto, mas já corria, o assobio do vento penetrando nas fissuras de sua máscara de porcelana.

A multidão havia se espalhado e ela não teve problemas para tecer seu caminho entre eles. Era mais rápida do que qualquer um deles, e eles pareciam preocupados demais para prestar atenção nela. Seus pés batiam na calçada, mas, em vez de ressoar alto como antes, eram quase inaudíveis na cacofonia de destruição que surgira atrás dela.

Ouviu uma mulher gritar e pensou que os manifestantes tinham quebrado as portas em algum lugar e estavam destruindo as casas. Havia vidro sendo quebrado, um cheiro de madeira queimando — e mais alguma coisa — cabelo?

Mattie tentou não pensar em Iolanda e Níobe. Ainda se sentia culpada por ser incapaz de encontrá-las, embora não soubesse se seria bom tê-lo feito.

Sentiu uma lasca de porcelana separar-se de seu rosto e cair tinindo sobre o pavimento.

Só desacelerou seus passos quando estava certa de que os manifestantes tinham ficado para trás, mas, mesmo assim, caminhou rapidamente e próxima das paredes dos edifícios. Não havia ninguém nas ruas e apenas ocasionalmente via um rosto preocupado aparecer entre

persianas — um sinal de que os manifestantes já tinham passado pelo local. Conforme se aproximou do distrito do Palácio (ainda o considerava dessa maneira, mesmo não havendo mais Palácio), viu vários besouros dos guardas indo na direção contrária. Eles estavam indo para o Parlamento, organizando-se, e ela respirou um pouco mais aliviada. O motim acabaria logo, e ela só esperava que isso ocorresse antes de Iolanda e Níobe serem feridas. Ela se sentia culpada por seu ressentimento anterior, como se seus pensamentos pudessem tê-las colocado em perigo.

Não a deixariam entrar no edifício do Parlamento, então ela se dirigiu para a casa de Loharri, mais perto do que a dela. E ainda não estava pronta para encarar Sebastian.

Sebastian.

Pensou em contar a Loharri onde ele estava, sobre o medalhão desaparecido e os explosivos. Certamente tinha motivo suficiente e, no entanto, todo o seu ser gritava contra a ideia. Não importava se ele explodira o palácio, não importava se estava envolvido nos motins de alguma forma. Ela simplesmente não poderia traí-lo. Não precisava pensar nisso agora. Em vez disso, perguntou-se se Iolanda estaria visitando Loharri e assim tivesse sido poupada do destino terrível que Mattie tentava com dificuldade não imaginar.

A porta estava trancada, mas Mattie decidiu esperar. Graças aos arbustos, ela poderia se sentar na varanda da frente, escondida pela parede verde cravejada de rosas cor de creme e vermelhas, bebendo de sua doce fragrância.

Viu o céu tornar-se mais azul e cuidadosamente tocou o rosto, explorando as novas rachaduras. Estendeu os olhos para dar uma olhada e seu coração quase parou — eram tantos, pedaços inteiros de porcelana faltando, expondo as engrenagens brilhantes por debaixo. O canto dos lábios estava rachado e horrível, quase imitando a lesão de Loharri — ela também tinha metade do rosto mutilada agora.

A diferença era que ele poderia substituir o dela.

Loharri chegou em casa quando as sombras do telhado haviam crescido o bastante para tocar as paredes da casa e chegar até as janelas, gradualmente consumindo a parede de baixo para cima. As roseiras já escuras e a fragrância das flores noturnas perfumavam a brisa. Mattie captou jasmim e gardênias, magnólias e lilases no ar espesso da noite e quase não percebeu o som de passos familiares no caminho.

Loharri sorriu para Mattie, mas seus olhos permaneceram cansados. Suas roupas estavam amarrotadas como se tivesse dormido com elas. A gola branca e os punhos de sua camisa traziam manchas de óleo. Suas mãos estavam sujas por semicírculos negros de fuligem sob as unhas normalmente limpas.

— Você está bem? — perguntou ele. — Venha, acenderei o fogo.

Loharri ainda significava “lar”, não importava o quanto ela se ressentisse disso.

— Você parece cansado. Viu o motim?

Ele sorriu.

— Sim, eu vi. Eles queimaram algumas casas e fizeram uma algazarra na frente do Parlamento. Mas agora eu só quero um banho, um sanduíche e uma bebida agradável. Venha para dentro.

— Eu não quero perturbá-lo — disse Mattie.

Suas palavras soaram superficiais, mesmo para ela, já que ambos sabiam que a presença de Mattie nunca representaria um aborrecimento para ele.

Ela seguiu Loharri para dentro e foi como se tivessem acabado de voltar de uma de suas excursões — como voltar para casa após uma longa ausência. O cheiro que ela não notara quando morava ali era óbvio agora — metais e óleo, um fraco perfume de rosas flutuando através das janelas abertas, chá de um copo deixado na cozinha — tudo muito cativante em sua familiaridade .

— Vá tomar seu banho, Loharri. Vou lhe fazer um chá e um sanduíche.

— Eu tenho um autômato para isso.

Ela inclinou a cabeça.

— Não me importo.

— Como quiser.

Os passos dele sumiram no interior da casa e ela ouviu alguns sons baixos enquanto vasculhava a caixa de gelo à procura de queijos e carnes frias. Ouviu a água a correr, o farfalhar de roupas caindo no chão, um splash e um suspiro cansado.

Loharri parecia estranhamente subjugado, considerando os acontecimentos das últimas semanas e especialmente hoje. Talvez o funcionário do telégrafo estivesse certo; talvez fosse o momento em que a resposta mais razoável era suspirar e ignorar tudo, porque o coração não pode absorver toda a miséria do mundo. Talvez devessem ficar na cozinha. A chaleira borbulhava alegremente sobre o fogão à lenha, as chamas da lareira lançando um brilho nas paredes escuras, falando sobre coisas sem importância e assistindo à dança elaborada dos vaga-lumes do lado de fora.

Loharri aparentava o mesmo quando voltou à cozinha, com o cabelo pingando água no colarinho de sua camisa limpa. Levantou a mão e disse:

— Não quero falar sobre o que aconteceu.

— Nem eu — disse Mattie. — Estou preocupada com Iolanda — você a viu hoje?

Ele balançou a cabeça e deu-lhe um olhar penetrante.

— Desde quando vocês duas tornaram-se “melhores amigas para sempre”? Ela se preocupa com você, você se preocupe com ela...

— Ela comprou algumas pomadas minhas — disse Mattie; uma meia verdade, em vez de uma mentira deslavada ou uma confissão. — Ela parece boa. E você gosta dela, não?

Ele se acomodou à mesa e bebeu o chá.

— É complicado, Mattie.

Ela inclinou a cabeça.

— Tudo é complicado com você.

— É uma falha de caráter. — Sorriu e então olhou para ela. — Não se preocupe, ela ficará bem. Mas o que aconteceu com seu rosto? Você caiu de novo?

— Sim. Não... Estava olhando a fumaça sobre a cidade e dei de cara em um poste de luz.

Simplesmente ridículo demais para ele acreditar.

— Oh, Mattie. Eu não tenho nada para você agora, mas talvez um dos protótipos funcione.

— Protótipos?

— Não acha que eu me conformaria com um só design sem tentar outros, não é? Venha,

vou lhe mostrar.

— Coma agora. Não irei a lugar algum.

— Com medo de ficar em casa sozinha?

— Não. — Com medo de estar em casa com outra pessoa, ela pensou, mas não o disse em voz alta. — Coma seu sanduíche.

Ele obedeceu, ainda sorrindo.

— Você não me odeia tanto quanto faz parecer, não é, Mattie?

— Não fale com a boca cheia. Eu nunca disse que odiava você.

— Mas se esforça para fazer parecer que sim. Palavras não são necessárias, querida menina, e você sabe muito bem que eu não sou inteiramente tolo. Certamente você esperava me seduzir com alguns de seus maneirismos.

— Eu só não quero que você me toque. E quero minha chave.

— Eu a deixarei para você em meu testamento. Você não vai me matar, vai?

— Pensarei nisso.

Ele não a achava perigosa — se achasse, não brincaria com isso e não fingiria que sua raiva era de fato uma preocupação. Ele ocasionalmente gostava de fazer uma insinuação de render-se à vontade dela, mas apenas porque ambos sabiam que ele tinha mais poder. Esperava que Iolanda estivesse bem.

Ela não se importava com o sentimento egoísta dessa vez. É claro, sua preocupação com Iolanda era mais sobre Iolanda e Níobe do que sobre o homúnculo de sangue, mas não podia negar que a criatura borbulhante e pequena era objeto proeminente em seus pensamentos.

— Isto está bom — disse ele. Terminou a refeição e recostou-se na cadeira, esticando as pernas longas com um suspiro profundo. — É como nos velhos tempos.

Mattie inclinou a cabeça.

— Você queria me mostrar uma coisa?

Ele a levou para sua oficina, que parecia mais confusa a cada dia. Em meio às pilhas de sucata de metal e engrenagens, ele encontrou uma grande caixa, estranhamente bem conservada e perfeitamente coberta com palha. Nela havia vários rostos e Mattie ficou surpresa ao descobrir que eram todos diferentes do que ela usara até então. Rostos com narizes finos e narizes arrebitados, lábios cheios e estreitos, testas altas e baixas e uma grande variedade de maçãs do rosto.

— Este se parece com você — disse Loharri, e pegou uma máscara que realmente tinha alguma semelhança com o rosto que Mattie se acostumara a reconhecer como seu — um rosto com bochechas arredondadas, infantis, e olhos arregalados, com uma boca pequena sorrindo, como se por algum segredo indizível.

— Eu gosto deste.

O rosto que Mattie escolhera possuía uma pintura simples, com características que não sugeriam nem jovem, nem experiente. Comum. Mattie suspeitava que Loharri o considerara um fracasso e só o mantivera porque raramente jogava algo fora, devido à chance de que pudesse vir a precisar daquilo.

Loharri fez uma careta.

— Não sou homem de normalmente criticar meu próprio trabalho, mas lamento dizer que você não tem gosto artístico, Mattie.

— Posso ficar com esta máscara?

Ele encolheu os ombros.

— Por que não? É apenas temporária.

Ele a ajudou a colocá-la e lhe deu um longo olhar avaliador.

— Não está mal. Mas, diga uma coisa, minha doce máquina, diga-me — da última vez que a visitei, você já estava sem seu rosto. Como conseguiu isso?

— Eu não me lembro — Mattie mentiu. — Eu não me lembro muito daquele dia — só que Níobe estava lá para me ajudar.

— Ela não é uma Mecânica.

— Não que eu saiba — Mattie respondeu com cautela. — Será que é preciso ser um Mecânico para retirar meu rosto?

— Isso certamente ajudaria.

Loharri olhava para ela ainda com uma curiosidade suave em seus olhos, que Mattie achou inquietante.

— Se houvesse outro Mecânico lá, você me diria, não?

— Claro. — Ela fez sua voz tão firme quanto conseguia. — Por que não diria?

— Isso é exatamente o que estou tentando descobrir — Loharri disse, sorrindo.

Sentimos uma estranha sensação de parentesco com as pessoas que estão queimando a cidade, não por suas ações, mas porque elas vieram da pedra como nós. O chão se abriu e as expeliu, uma multidão inteira com tochas e rostos magros, como se nascessem da pedra e surgissem na superfície por magia, taciturnas e insatisfeitas com o mundo como era.

E então vimos os homens-aranhas deformados rastejando para fora, seus braços longos e fracos agarrando as pedras, lutando para sair por estreitas passagens onde os diamantes e esmeraldas e rubis escondiam-se, onde apenas pequenos corpos e dedos longos podiam alcançar, pois eles os retiravam com a ajuda de suas pernas deformadas e finas, fracas de tanto se agachar. Seus olhos avermelhados piscam mesmo quando o sol está se pondo e as sombras são longas e de veludo macio. Imaginamos se essas crianças de pedra nos sucederão e se elas são a razão para nosso declínio, se a pedra planejou isso séculos atrás, e se estamos voltando para o lugar de onde viemos e se outros surgirão em nosso lugar. Mas eles parecem fracos, e nós sabemos que foram moldados por mãos humanas — as mãos que os aprisionaram em gaiolas, onde seus corpos não poderiam crescer. Sabemos que eles têm dificuldade para respirar e podem facilmente sufocar enquanto dormem — cada noite de sono é um jogo para eles.

Como é para nós, supomos.

Nós os seguimos enquanto engatinham e mais deles emergem da terra, tão pálidos, tão cegos, tão indefesos na superfície. Eles vêm na sequência dos primeiros distúrbios e veem a luz laranja colorindo o horizonte raiado de fumaça negra. Não é como se lembram da última noite, mas esta foi diferente também — eles não entraram na cidade, mas, em vez disso, rastejaram para seus barracos fora da muralha da cidade, para dormir e sonhar com a morte. Hoje à noite, eles passaram pelos portões e nós os seguimos, curiosos.

Eles nos percebem — não sabemos como, mas o fazem, e seus olhos vermelhos nos veem enquanto nos agarramos à muralha da cidade e sobre os edifícios.

— Não tenham medo — coaxam e arrulham, chamando-nos com a voz estrangulada.

Em suas mãos eles trazem gemas azuis, verdes e vermelhas, as pedras ainda se agarrando às suas arestas ásperas e irregulares. Eles oferecem as pedras preciosas para nós e não podemos resistir após termos passado fome por tanto tempo.

Nós descemos à terra, ao mesmo nível deles, e comemos as pedras em suas mãos. Seus dedos finos tocam nossos rostos com admiração e cuidado, escorregam pelos precipícios abruptos de nossas maçãs do rosto e nariz.

O gosto das pedras frias nos faz recordar profundezas subterrâneas e, de repente, sentimos saudades de casa.

— Venham conosco — eles chamam e arrulham. — Venham conosco, ajudem-nos como não nos ajudaram antes.

— Mas o que podemos fazer? — perguntamos com os cacos de esmeraldas e rubis ralando os dentes desgastados. — Nós só podemos observar.

— Venham conosco — dizem eles e acenam. — Há pedras descendo por esses túneis e grandes passagens sinuosas. Cristais crescem nos tetos baixos e musgo floresce cobrindo as paredes.

— Nós não podemos. — E nos afastamos com as migalhas de pedras a caírem de nossos lábios. Nós escalamos as paredes de novo e os seguimos em torno da cidade em sua marcha lenta, exploratória. Eles não nos dão mais atenção, fingindo que se esqueceram de nós. Mas nós sabemos bem. Eles têm medo de nós, medo de que vamos proteger nossa cidade, e eles querem nos atrair para os túneis, onde estaremos fora de seu caminho, no abraço suave de nossa casa. Mas não podemos ir. A cidade é nossa responsabilidade — ainda que só possamos observar.

Eles rastejam em direção às fogueiras, atraídos, como todas as criaturas que vivem no escuro. Há homens com tochas em toda parte e eles não estão queimando nada agora, mas fugindo — ouvimos o barulho distante dos besouros e os gritos de seus condutores e tiros de mosquete pelas ruas. As janelas estão fechadas, e nem mesmo os comerciantes abandonam a segurança das casas ao ouvirem os sons de vidro quebrando. O odor forte de fumaça e jasmim fazem o ar cantar, fazem a escuridão mais profunda, muito mais tristonha. Os edifícios ao leste estão escondidos pela escuridão, mas aqueles a oeste estão delineados em preto contra o céu laranja e brilhante, que depois escurece, pulsando como um coração vivo.

Nós somos também atraídos pelas chamas e seguimos a procissão, rastejando em direção a ela. Nós gostamos da fuligem no ar e quase choramos ao ver os jardins áridos, os membros enegrecidos das árvores mortas ainda exalando o calor do fogo recente, e assistimos a uma faísca ocasional correr ao longo das fissuras da madeira queimada. As janelas foram quebradas e não há mais riso ou música; os tiros e gritos vão longe agora e o silêncio paira sobre o lugar, anteriormente belo, como uma mortalha. Nós queremos saber para onde foram todas as pessoas que ali viviam. Em seguida, viramos as costas, pois não podemos ter uma resposta.

Mas a massa rastejante e efervescente de pessoas abaixo não foi contida ainda — nós as vemos rastejando sobre as cinzas quentes e o entulho, nós ouvimos suas vozes tensas chamando umas às outras. E estão voltando.

Rastejam pelas ruas silenciosas, contornando os sons de luta, distantes agora; rastejam para os portões enquanto a cidade ao redor deles permanece muda, mas acordada — há tensão

no ar, tensão que normalmente desaparece quando as pessoas dormem, mas esta noite estão todos observando atrás das janelas, os olhos brilhando ocasionalmente através das aberturas estreitas. Eles observam e rezam, e, assim como nós, não sabem o que fazer. Eles permanecem dentro das casas porque se aventurar lá fora significaria que seriam obrigados a fazer alguma coisa. Em vez disso, escolhem a segurança duvidosa da noite de vigília — até mesmo as crianças não estão chorando — e observam como nós, deprimidos e quietos, enquanto os mineiros de gema exploram a cidade que deixaram quando crianças, em pequenas jaulas, falando uns com os outros em tons de admiração.

E nós pensamos a mesma coisa que as pessoas trancadas nas casas pensam — ou, ao menos, gostamos de pensar que elas pensam sobre isso; nós gostamos de pensar que, ao olhar as aranhas humanas e seu rastejar rápido, mas incerto, elas sussurram para si mesmos: o que nós fizemos?

CAPÍTULO XIV

Mattie esperava Loharri acordar e à toa escolheu xeretar sua geladeira.

Ele parecia ter ido ao mercado um dia antes e ela inalou o cheiro de alimentos que não podia consumir — figos e romãs, uvas frescas e leite de coco. Ficava satisfeita somente com o aroma deles.

Pensou que os figos — vermelho-escuros, quase roxos — lembravam minúsculos corações e o suco das romãs era da cor do sangue humano. Ela não tinha seus instrumentos, mas na cozinha amassou a polpa de figo desajeitadamente com os dedos, sussurrando as palavras secretas que tinha aprendido, as palavras que Ogdela insistira que poderiam curar o coração do mundo se pronunciadas corretamente e com suficiente convicção. Derramou o suco de romã sobre a polpa vermelha e Loharri, ainda sonolento, tropeçou ao entrar na cozinha.

— Que cheiro bom — ele disse com a voz ainda rouca de sono.

Mattie assentiu. Ela gostava do odor das pessoas logo após o sono, almiscarado e quente, que a fazia sentir-se em casa e em paz.

— Quanto estrago eles fizeram?

Loharri deu de ombros e pegou com os dedos uma gota da mistura de figo e romã.

— Mmmm. Delicioso! Quanto ao estrago, eu realmente não sei. E não quero saber, sinceramente. Não acho que os cofres da cidade tenham dinheiro suficiente para um esforço decente de reconstrução.

— Você está pensando em reconstrução? — Mattie observou-o comer. Não era o coração do mundo, mas, se ela pudesse consertar o coração dele, já seria o suficiente. — Como você sabe que eles não voltarão?

Ele parou de comer.

— Você acha que voltarão?

— Acho que podem. Os guardas os chutaram para fora da cidade neste momento, mas...

— Eu entendo seu ponto. — Loharri terminou a refeição e espreguiçou-se. — O que será que eles querem?

Mattie lhe contou sobre os homens que a atacaram no dia anterior.

— Eles não gostam de ser substituídos por máquinas. Eles não gostam de ser forçados a trabalhar nas minas. Não posso culpá-los.

— Todos temos um papel a desempenhar. Caso contrário, a sociedade não poderia funcionar.

— Eu nunca ouvi isso de pessoas pobres — disse Mattie.

— Nem todos podem ser Mecânicos. Ou Alquimistas ou cortesãos.

— Eles não querem isso. Só querem ser camponeses novamente. Só.

Loharri suspirou.

— É melhor eu ir verificar a Calculadora. Estava muito bem vigiada, mas ainda assim...

Mattie sacudiu a cabeça. Surpreendeu-a como Loharri parecia pouco preocupado com o motim. Ele parecia vê-lo como uma inconveniência menor — não era capaz de compreender que era o fim daquele mundo ou, pelo menos, que a cidade havia mudado fundamentalmente. Para ele, os Mecânicos ainda estavam no controle, os negócios continuavam como de costume e os motins nada mais eram que uma ruga menor no tecido da vida, facilmente suavizada e

esquecida.

— Acho que você não entendeu. Eles voltarão em maior número. E tomarão a cidade.

Loharri riu.

— Você e seu excesso de dramatização. Sua imaginação está fugindo ao controle.

— Olhe pela janela. Diga então que tudo está como era antes.

Ele obedeceu, indiferente. Olhou para fora, sobre as roseiras e as ruas entupidas pelo tráfego de lagartas, lagartos, homens, mulheres e crianças, em veículos e a pé, a maioria com pressa. Apesar da comoção, as pessoas permaneciam curiosamente calmas, até mesmo as crianças não choravam. As lagartas eram metal contra metal e os lagartos davam um ocasional resmungo; esses eram os únicos sons perturbando a rua.

— Perderam suas almas, seu brilho. — Loharri observou. — São menos que gado.

— Eles não são estúpidos. Estão com medo. Talvez você devesse ter medo também.

Ele olhou para a rua, a mão apoiada na guarnição da janela. Mattie desejava poder ver seu rosto quando ele disse:

— Você sugere que eu fuja também?

— Não. Mas pode começar a levar isso a sério. Talvez parar de procurar bodes expiatórios e procurar os verdadeiros culpados. Ou ouvir as queixas deles e negociar um acordo. Ou apenas descobrir o que aconteceu com os cortesãos.

— Quem se preocupa com eles?

— Eu me preocupo. Iolanda também estava lá.

Ele balançou a cabeça sem se virar.

— Não estava. Fui lá ontem, mas os autômatos dela me disseram que ela havia deixado a cidade. Acho que ela se mudou para beira-mar, como o resto deles. Ficou entediada... mas talvez soubesse do que estava por vir.

— E Níobe?

— Sua amiga Alquimista? — Ele se virou, sorrindo. — Ela trocou você por Iolanda?

Mattie assentiu.

— Hm. Aparentemente, há uma conspiração feminina pelas minhas costas. O que era exatamente que você estava fazendo para Io? E o que essa menina tem a ver com isso?

— Iolanda comprou perfumes de nós duas — disse Mattie.

Ele fez uma careta.

— Querida, você não acredita que eu seja tolo o bastante para acreditar nessa besteira?

— Mas é verdade.

— Você é uma péssima mentirosa, Mattie, e sabe tão bem quanto eu que, mesmo se ela realmente comprasse alguma bobagem perfumada de você, não seria essa a base da sua associação. Embora eu aprecie seu esforço em ser parcialmente verdadeira. — Ele riu. — Você não vai me dizer, não é?

Mattie sacudiu a cabeça.

Ele realmente não poderia puni-la, pensou; os dias em que ele tinha poder suficiente sobre ela para tirar-lhe os olhos, para que ela tropeçasse cega pela casa, eram passado. Ainda assim, ela temia que ele encontrasse outra forma de puni-la pela desobediência.

Em vez disso, ele disse:

— Vou me vestir e ver o que está acontecendo no Parlamento. Você será bem-vinda para vir junto comigo, é claro, especialmente se tiver qualquer ideia a respeito de quem é o

verdadeiro culpado.

— Eu não tenho.

— Não importa. Seu líder, Bokker, deve saber.

Mattie esperou que se aprontasse, ouvindo os passos suaves de meias e o farfalhar de roupas. Claro que Bokker sabia sobre Sebastian — é claro que ele contaria à Mecânica, para afastar a suspeita sobre os Alquimistas. E eles o procurariam, e ela só esperava que não fossem até sua casa, mesmo ele não estando mais lá.

Sentiu uma pontada forte de culpa quando pensou sobre a última vez que vira Sebastian. Ela conseguira criar uma considerável distância do ocorrido para pensar nisso agora, mas a vergonha e a confusão permaneciam intensas. Disse a si mesma que nada havia feito de errado, que isso era o que as pessoas deveriam fazer quando se apaixonam e, no entanto, ele tinha sido o único além de Loharri a tocar seu lugar secreto.

Imaginou como seria dar-lhe sua chave, deixá-lo girá-la — em vez disso, recuou com o pensamento. Se viesse a recuperá-la, pensou, ninguém a não ser ela jamais a tocaria.

Ela a giraria o bastante para que nunca mais precisasse de outra pessoa para sentir-se viva.

Eles tiveram que abrir caminho na multidão por meio de empurrões, por todo o caminho até o Distrito Ducal, onde o Templo e o Parlamento ainda estavam de pé, mas separados da fervilhante vida ao redor deles tais quais relíquias de uma era passada.

Eles não combinavam, Mattie pensou, assim como as gárgulas no telhado não pertenciam mais ao mundo que as rodeava. Pela primeira vez, duvidou de sua missão — talvez não devesse interferir na ordem natural das coisas, talvez fosse melhor deixar que as gárgulas passassem ao reino das lendas. Talvez estivessem se transformando em pedra simplesmente porque não havia mais lugar para elas neste mundo.

No entanto, não era verdade, Mattie disse a si mesma. Haveria sempre refúgios onde as coisas antigas nascidas da pedra poderiam sobreviver. Não havia motivo para deixá-las ir simplesmente porque o mundo estava mudando. Introduzir o novo não teria que significar descartar o velho. Teria?

— Em que está pensando? — Loharri perguntou.

Estavam se aproximando do Parlamento, desértico em contraste com o resto da cidade, com poucos guardas a protegê-lo — parecia que todos estavam ansiosos para ir embora e Mattie duvidava de que o edifício estivesse aberto.

Para sua surpresa, uma vez que entraram, foram escoltados por vários guardas.

— Reunião de emergência — informaram. — Gostaria de deixar seu autômato aqui?

— Não, eu quero que ela entre junto comigo — respondeu Loharri.

Eles não discutiram — aparentemente, tinham coisas mais importantes com que se preocupar, e Mattie seguiu Loharri para o segundo andar em uma sala escura e dominada por uma grande mesa de carvalho. Quase todo o Parlamento, alguns Mecânicos e poucos outros Alquimistas sentavam-se em torno dela.

Loharri tomou um assento e Mattie permaneceu de pé atrás da cadeira dele, perto da parede, nas sombras, onde só deixava transparecer sua presença com um brilho ocasional de

metal ou um clique ou outro.

Ouviu a conversa dos homens e a mesma sensação de descrença e medo que sentira na cozinha do Loharri desceu sobre ela — falavam como se a destruição fosse um evento temporário, um tornado perturbador, mas fugaz. Falavam sobre a contenção e a reconstrução, falavam sobre as reformas, como se a cidade em si não tivesse virado de cabeça para baixo; Bokker balbuciou sobre os medalhões em falta e a necessidade de encontrar Sebastian ou quem quer que pudesse estar com o medalhão dele. A Mecânica confirmou que tal medalhão nunca fora entregue após a expulsão de Sebastian e que sabia-se que ele tramava algo.

Nesse ponto, Loharri virou-se para olhar para ela. Mattie permaneceu imóvel, seu novo rosto misericordiosamente branco como o antigo.

— O que foi? — ela sussurrou. — Precisa de algo?

Ele balançou a cabeça e voltou-se.

Mattie ouviu Bokker e Bergen discutirem sobre as medidas que precisavam ser tomadas, como localizar Sebastian e o que precisariam fazer para evitar tumultos.

— Corte a cabeça e o corpo morre — disse Bokker, e o resto assentiu sabiamente.

Mattie queria gritar para eles que não era assim tão simples, não era só Sebastian, havia outros. Milhares de mineiros e camponeses, os trabalhadores das fábricas autômatas e aqueles que limpavam o lixo das ruas; eles provavelmente nem sabiam sobre Sebastian e não sentiriam falta dele.

Mattie deixou a reunião em silêncio, seus passos abafados pelo tapete espesso, suas saias sussurrando contra a parede. Ela empurrou a multidão, indo para os portões. Queria ter certeza de que Ilmarekh não fora prejudicado pela violência, indefeso e sozinho em sua casa, cego e fraco.

Os portões estavam guardados agora — os guardas como moscas, suas lagartas de cor negra e o ar esfumaçado e acre. Aqueles que saíam da cidade não eram detidos e ela deslizou à frente dos olhos escondidos dentro dos elmos.

Correu até o morro e bateu na porta do Fumante de Almas. Ele estava lá, felizmente, e bem, sentado junto à lareira, onde as chamas ainda ardiam, com o cachimbo na mão pálida. Sorriu quando ouviu os passos dela e acenou com o cachimbo festivamente.

— Estou contente que você esteja bem — ele disse.

— Estou feliz que eles não o tenham machucado.

Ele sorriu um pouco, mexendo os dedos nos botões de seu colete.

— Por que o fariam? Eu sou simpático a eles.

— Não importa. Isso não importa para eles.

Ela tinha compreendido algo na noite passada e o terror do entendimento pesava bastante em sua mente. Não importava o que pensara ou fizera — uma vez percebida como inimiga por uma força maligna, ela seria tratada como tal. Aqueles que se orgulhavam de sua inteligência e capacidade de governar e os que se rebelavam contra eles eram exatamente como os autômatos inconscientes, coletando os corpos e membros em meio à carnificina, e como os guardas cruzando o Distrito Oriental para prender quem quisessem e entregá-los ao Fumante de Almas. Não havia diferença alguma; Mattie tinha se enganado ao pensar que sim, ao pensar

que eles a ouviriam.

— Não acho que você saiba do que está falando — Ilmarekh respondeu com uma careta. — Eu posso ser útil para eles. Sou útil. Você está é com medo da mudança.

— Claro que estou! — Mattie bateu seu pé e toda a casa tremeu. — Todo mundo deve ter medo de mudança — pessoas morrem em tais ocasiões.

— Tem que piorar antes de melhorar.

— Talvez.

Mattie passeou pela sala estreita. Pelo menos, ele reconhecia que a mudança estava acontecendo, ao contrário dos velhos no Parlamento.

— Eu vi os Mecânicos e os Alquimistas hoje... Eles estão falando em reprimir os tumultos. Desarmar a situação, como chamam. Os mineiros receberão salários — ou melhor, uma promessa disso, ao menos. Não acho que eles tenham dinheiro suficiente para isso, mas, se prometerem, creio que será o suficiente. Você acha que será suficiente?

— Receio que possa ser. São apenas pessoas, Mattie. Elas não querem queimar prédios e matar pessoas.

Mattie não estava segura quanto à alegada docilidade dos homens que quase a mataram no dia anterior, mas não discutiu.

— Só tenha cuidado — disse ela.

Ilmarekh assentiu e caminhou desengonçado até a lareira, tateando em busca de uma brasa com que pudesse acender o cachimbo. Mattie encontrou uma para ele e segurou-a perto do tubo enquanto ele soprava a haste. O ópio, resinoso e úmido, pegou fogo com relutância, e Mattie sentiu o cheiro doce e enjoativo. Os espíritos agitaram-se logo que os tufos de serpentina de fumaça ondularam, saindo das narinas dilatadas de Ilmarekh — as almas escaparam pela boca aberta, balbuciante, em uma cacofonia de vozes indistintas, fragmentos de palavras e exclamações de dor.

Mattie esperou que eles se acalmassem e resolvessem entre si quem teria a voz única; eles pareciam sempre tão falantes quando Mattie estava por perto, e ela pensou que provavelmente não gostassem de falar uns com os outros — se é que podiam falar uns com os outros.

— Eles o deixam em paz quando você dorme? — Mattie perguntou.

Ilmarekh balançou a cabeça, lutando pelo controle sobre sua boca e voz.

— Eu não tive um sonho há décadas.

— Você merece isso! — um dos fantasmas gritou.

— Deixe-o em paz — outro interrompeu. — Ele não é senhor de si.

Sua voz foi novamente truncada sob o ataque de muitas almas prementes por detrás, enchendo sua boca e seus olhos com suas formas etéreas. Gritavam e imploravam por sua vez, uma após a outra — contra a injustiça disso ou daquilo, sobre negócios inacabados. Cada uma delas parecia ter algo a dizer para Mattie, porque ela era a única pessoa que poderia ouvi-las sem medo de ter sua alma sugada.

Mas talvez não — pensou nas gárgulas e quase gritou ao se dar conta de que elas também seriam capazes de escutar a ira e as queixas dos espíritos sem qualquer risco. Será que a alma de um morto romperia o vínculo delas com a pedra? Mattie não sabia, mas pensou que valia a pena investigar. Na próxima vez que falasse com elas, perguntaria sobre isso.

Agora, ela precisava ouvir.

— O que vocês sabem sobre Sebastian? — perguntou Mattie. — O que vocês sabem sobre os explosivos?

Ilmarekh e seus fantasmas curiosamente emudeceram.

— Eu prometo que não contarei a ninguém. Eu preciso saber... para mim.

— Eles não lhe dirão — sussurrou Ilmarekh. — Você o encontrou, não?

— Sim, mas preciso saber o que ele tem a ver com tudo isso. Eu quero ajudá-lo, mas preciso saber.

— Por quê? — a voz de Ilmarekh mudou para um tom mais alto, e Mattie adivinhou que era Beresta, preocupada com o destino de sua prole.

— Porque o medalhão de Mecânico dele foi utilizado para comprar explosivos. Tanto os Mecânicos quanto os Alquimistas já sabem sobre isso e sabem que ele está na cidade. Ele foi apenas banido antes, mas agora toda a guarda o está caçando. Eu quero ajudar, mas preciso saber que tipo de risco estou assumindo.

Outra alma empurrou Beresta para longe — Mattie podia imaginar isso, uma nítida impressão de dois fantasmas disformes e transparentes em um cabo de guerra — e falou com um forte sotaque oriental.

— Eu conheço o homem — a alma disse. — Eu não fiz nada errado, mas fui morto porque era um estrangeiro. Vocês não nos tratam bem nesta cidade. Vocês não tratam ninguém bem, nem mesmo os seus. Muitos estão infelizes — não é uma surpresa que estejam se unindo para pôr fim a essa injustiça?

— Então os orientais estavam envolvidos nisso tudo? — Mattie perguntou.

Ilmarekh encolheu os ombros.

— Alguns, sim, outros, não. Eu não estava e agora me arrependo disso. Eu os culpava, mas agora percebo que não era culpa daqueles que planejaram, não era culpa dos que se rebelaram.

Ilmarekh suspirou e falou com sua própria voz:

— Perguntei a você sobre seus amigos em altos escalões. Você falou com eles?

Mattie sacudiu a cabeça envergonhada.

— Não tive chance. Eu... — Tinha estado tão ocupada tramando contra Loharri que não conversara com Iolanda quando pudera. E agora, como encontraria Iolanda e Níobe?

— Eu posso ajudá-la — disse outro fantasma. — Posso falar sobre onde eles se reúnem — mas você estará por sua conta e risco. Se eles não confiarem em você, estará morta.

Mattie inclinou a cabeça, concordando.

— Só me diga quando e onde.

— Não é muito longe — disse o espírito. — Ninguém vem até esta colina maldita. Se você descer a encosta norte à meia-noite, verá a entrada de uma mina abandonada. É fechada durante o dia, mas à noite as aranhas abrem-na. Você pode ver no escuro?

— Sim.

— Isso não a ajudará. É tão escuro lá, tão escuro, que nem mesmo uma tocha a ajudará.

Mattie esperou anoitecer ouvindo o vento aumentar lá fora. O cachimbo do Fumante de Almas se apagara e os espíritos exaustos praticamente silenciaram, apenas ocasionalmente

sussurravando avisos sombrios e queixas mesquinhas.

Ilmarekh parecia ter caído no sono diante da lareira fria, e Mattie via os movimentos bruscos de seus lábios sussurrando palavras desconcertantes. Olhou para a janela, esperando a lua subir e as constelações organizarem-se na ordem apropriada para a meia-noite.

Beresta timidamente usava da trégua para convencer Mattie.

— Meu filho é um menino bom — sussurrou como se não quisesse acordar os outros. — Um homem bom. Ele não faria nada para machucar ninguém.

Ele quase me matou quando eu o conheci, pensou Mattie, mas não pronunciou essas palavras em voz alta. Estava bem familiarizada com os argumentos habituais que o povo usava. Você não conta, você é uma máquina. Você é feita de metal, você não tem alma. Como se isso importasse.

Beresta entendeu o silêncio dela.

— Você discorda.

— Não acho que ele seja ruim. Acho que posso até amá-lo.

— Mas você... — a voz de Beresta veio embargada e baixa em um protesto reflexivo.

— Eu fui feita para sentir dor.

O espírito recuou sua forma translúcida, encolhendo para perto dos lábios de Ilmarekh, tal qual água.

— Que tipo de homem construiria uma máquina que sente dor?

Mattie não viu necessidade de responder — ambas sabiam disso. Era necessária uma certa crueldade — crueldade disfarçada de preocupação. A dor a ajudará a aprender melhor. Dessa forma você não se danificará. É para seu próprio bem.

Mas Mattie não conseguia decidir-se por culpá-lo.

— Eu também posso sentir prazer — disse Mattie.

— Isso parece ainda mais cruel — Beresta sussurrou.

— Por quê?

— Você sabe. Máquinas se quebram. Sempre, todas quebram, não importa o que os Mecânicos digam.

— As pessoas morrem — Mattie disse e acrescentou: — Até mesmo os espíritos.

— E ainda assim você trabalha para reverter a morte.

— Não o fazemos todos? — As palavras saíram de sua boca por sua própria vontade, mas ela sentiu imediatamente que era verdade, no fundo de seus ossos de metal.

O que mais todos estavam procurando senão evitar o desaparecimento?

Alquimistas curavam os doentes e faziam misturas para alegrar a existência. Mecânicos construíam, despejando sua fria paixão em coisas mais duráveis do que sua própria carne. Até as gárgulas de pedra deixavam um rastro no mundo para além de seus corpos litificados.

— São pensamentos sem propósito — disse Beresta. — É melhor você ir, ou ficará sonhando acordada até de manhã.

Mattie olhou para o céu e a constelação do Lagarto estava quase alinhada com a Carruagem. Correu porta afora sem se despedir e começou a descer a encosta com o vento empurrando-a nas costas e esbofeteando suas saias.

Estava escuro e teve que estender os soquetes de seus olhos, forçando os diafragmas o bastante para deixar entrar a pouca luz espalhada pelas encostas da Crânio de Carneiro.

Viu a abertura do poço — preto sobre preto, o contorno quadrado apenas insinuado, ao

mesmo tempo em que ouviu vozes humanas. Ficou parada, escutando o batimento cardíaco quase inaudível sob o ruído do cascalho cedendo aos passos desajeitados e vozes baixas. Dois homens surgiram contornando a montanha, pretos e alaranjados às chamas de suas tochas, que se agitavam com o vento. Perguntou-se em primeiro lugar por que não traziam lanternas, mas supôs que fossem pobres ou não quisessem atrair atenção.

Não havia onde se esconder e ela ficou imóvel, mesmo depois que a luz das tochas arrebatou-a da escuridão, e não teve dúvida de que os homens podiam vê-la.

Ambos estavam vestidos com camisas de linho bruto, e sem sobretudos, apesar do frio no ar. Tinham as faces escuras, coloridas não pela natureza, mas por anos nas minas.

— Aonde você está indo? — perguntou um deles. Não pareciam amigáveis.

— Eu estou procurando por Sebastian — disse ela. — Sou amiga dele.

— Quem é Sebastian? — o primeiro homem perguntou, e seu companheiro sussurrou em seu ouvido. — Oh — o primeiro homem disse. — Ele lhe disse para vir aqui?

— Sim — disse Mattie. — Pelo menos, ele não disse para não vir. — Ela esperava que uma desculpa imperfeita tivesse a aparência de verdade.

— Tudo bem — disse o segundo homem. — Venha, então. Mas se você for uma espiã...

— Olhe para ela — o primeiro interrompeu. — Se enviassem um espião, não escolheriam alguém menos óbvio?

Mattie seguiu-os para dentro do poço, descendo por uma escada de madeira áspera e por um túnel onde o ar quente escapava, como se tivesse sido expirado de pulmões humanos várias vezes. Ela tentou pensar em algo para dizer a esses homens tão estranhos, tão diferentes de qualquer pessoa que ela conhecera, mas a conversa habitual sobre o tempo pareceria frívola e perguntas sobre a ocupação deles... não lhe cabia fazer.

Depois, eles seguiram um pouco mais para baixo, as chamas das tochas ardendo como se sufocadas pela falta de ar, mas os homens não pareciam incomodados. Chegaram acima de um grande nicho escavado na parede de pedra, atrás dos suportes de madeira e andaimes que mantinham o túnel a salvo de um colapso. O homem mais próximo de Mattie puxou uma estranha engenhoca — um cinto de couro com suas extremidades costuradas e um aparelho pequeno e redondo montado no cinto; Mattie reconheceu-o como sendo uma lamparina de bronze em miniatura. Seu companheiro ajudou a acendê-la com a tocha e a lamparina brilhou com uma luz branca, brilhante. Ele prendeu a correia em sua cabeça e a lamparina cortou uma faixa de luz através da escuridão úmida do túnel.

— Eu imaginava como vocês trabalhassem lá na escuridão — disse Mattie e retraiu os olhos de volta para o rosto, estreitando a abertura dos diafragmas. — É uma engenhoca bastante inteligente.

— Se você estava curiosa, por que não veio ver antes? — o homem com a lâmpada na cabeça perguntou, continuando ao longo do túnel.

Mattie hesitou.

— Acho que você não estava realmente querendo saber — continuou o homem. Não havia raiva em sua voz, apenas a amargura habitual de uma pessoa infeliz. — Você só pensou nisso agora para forçar uma conversa.

— Sim — admitiu Mattie. — Eu não conheço ninguém como vocês.

— Ou qualquer um que trabalhe para viver — o segundo homem disse e cuspiu.

— Eu trabalho. Eu sou uma Alquimista.

— Você faz parte da elite. — O homem riu, fazendo com que o feixe de luz saltasse para cima e para baixo. — Está tudo bem. Há alguns poucos de vocês ajudando-nos. Eu não direi não a uma mão amiga.

Mattie estava começando a se perguntar sobre a mesma questão. Mesmo que alguns poucos Alquimistas ou Mecânicos ou cortesãos não estivessem felizes com a maneira como as coisas estavam, eles tinham pouco em comum com esses homens brutos, a ponto de duvidar que qualquer aliança fosse significativa.

— Existem outras minas como esta? — perguntou ela.

Os homens riram.

— É claro que sim — o segundo deles disse. — O subsolo está repleto de minas, como um favo de mel. Vocês, da cidade, acham que andam em terra firme e nem sabem o que está debaixo de vocês.

— As minas se estendem sob a cidade?

Os homens fizeram que sim com a cabeça.

— Não existem saídas para não incomodar as senhoras bonitas e os comerciantes, mas há minas por lá.

— Eu quis dizer outras minas onde as pessoas se reúnem.

— Claro. Há pontos de encontro em quantidade, só que eu não direi onde.

— Eu não estava perguntando.

— Que bom, porque eu não diria.

Eles se calaram, mas agora havia outras pessoas e outros feixes de luz — vinham de trás e dos túneis laterais, e logo Mattie encontrou-se andando em meio a uma pequena multidão. Ela olhou para os rostos na esperança de encontrar alguém familiar, mas eram todos iguais, os mesmos homens que a atacaram no dia anterior. Mas agora pareciam diferentes, como se as leis da superfície não se aplicassem a Mattie aqui.

Ela zumbia e clicava, sentindo-se encurralada e fora de seu lugar.

E se eles decidissem virar-se contra ela?

E se Sebastian se negasse a reconhecê-la?

Quem sentiria falta dela, sem nem sequer saber aonde tinha ido?

Mattie não gostou de pensar nas respostas.

CAPÍTULO XV

Nós não podemos deixar de pensar nas minas, penetrando nas profundezas da pedra, correndo para cima e para baixo. Nós não podemos deixar de pensar em todas as pessoas lá embaixo. Elas parecem gostar disso, e vemos as figuras furtivas achando estarem invisíveis na escuridão, lançando-se pelas ruas que serpenteiam abaixo de nós.

A cidade tem cheiro de fumaça e nós achamos que esse cheiro é mais apropriado para o outono do que para a primavera, esse cheiro de folhas queimadas e amargura. Ele nos lembra do subsolo, do ar sufocante, do enxofre e do magma fervendo não muito abaixo.

Nós não entendemos por que eles tiveram que mudar a cidade que nós construímos, assim como não entendemos agora por que eles querem destruí-la. Confusos e perturbados, nós nos aproximamos nos telhados, asa roçando asa, nossas bocas mudas, pesadas com palavras não nascidas e o gosto de pedras preciosas ainda fresco.

Nós não gostamos que a menina de metal vá ao subsolo, tememos que a pedra que nos deu nascimento a leve para longe de nós, assim como os livros, assim como os livros. Sentimo-nos egoístas e indignos por considerar mais relevantes nossa morte iminente e sua relutância em nos ajudar diante de suas outras preocupações. Mas supomos que ela não possa ajudar a si mesma. Tentamos manter nossa fé e nos apegamos uns aos outros, como se um toque de mãos pudesse impedir nossa carne grosseira de se tornar pedra, como se não acordássemos com nossos braços em volta ainda uns dos outros: outros frios, indiferentes e mortos.

O ponto de encontro se localizava nas entranhas da terra — quente e abafado, com cheiro de tabaco para cachimbo e ópio. Sua doçura enjoativa lembrou Mattie de Ilmarekh.

Ela esperava algo semelhante às reuniões dos Mecânicos e dos Alquimistas — mesas compridas com fileiras intermináveis de cadeiras ao redor, em círculos concêntricos, como as ondas depois de uma pedra jogada no Lago Estorninho.

Em vez disso, sentia-se como no telégrafo ou nos escritórios do Parlamento — as pessoas iam e vinham e o telégrafo chilreava; ela perguntou-se de onde o aparelho de telégrafo teria vindo, mas depois lembrou que aquele no casebre de Ilmarekh parecera ausente quando o visitara pela última vez.

O amplidão do túnel iluminado pelas lanternas penduradas não era grande coisa, apesar da escuridão de dois túneis — dois círculos de nada — limitando-o. Havia cadeiras e mesas, um amontoado de móveis e papéis e almofadas; eram como um amontoado de entulho, e Mattie concluiu que a maioria daquelas coisas fora salva do lixo.

Algumas pessoas vinham e outras partiam e toda essa atividade parecia coordenada por algo na parede do fundo da caverna, ao lado da boca escancarada do túnel. Mattie aproximou-se humildemente, como quem pede desculpas antecipadamente.

Várias cadeiras foram empilhadas contra a parede de pedra e uma estrutura de andaimes improvisados fora construída com tábuas de caixotes, como aqueles caixotes habitualmente

encontrados vazios e partidos nos fundos do mercado depois que este fechava. Cheiravam levemente a pêssegos e madeira seca ao sol.

As pessoas falavam em voz baixa, os recém-chegados vinham dizer olá e alguns deles recebiam pacotes e documentos.

Dois homens apareceram do túnel, arrastando entre si uma caixa de vime grande, e Mattie, sem nem sequer olhar, adivinhou o que estava dentro dela. Eles puseram o caixote contra a parede e se viraram para voltar ao túnel quando um deles percebeu Mattie.

Ele virou-se para olhar para ela.

— O que você está fazendo aqui?

— Procurando por Sebastian.

— Ele está chegando — disse o homem, desaparecendo novamente dentro do túnel.

Mattie olhou em volta, procurando rostos conhecidos, mas não conseguiu encontrar nenhum. Ela passou o tempo estudando a multidão e, para sua surpresa, alguns dos presentes não pareciam tanto com mineiros ou camponeses: tinham roupas finas e mãos limpas, e suas afetações claramente entregavam uma posição mais elevada na vida do que o resto dos presentes. Estavam segregados em seu próprio grupo e conversavam em voz baixa, por vezes lançando olhares para as pessoas ao redor.

Mattie percebeu que eram todos muito jovens e bem-vestidos — jovens herdeiros, Mattie supôs. Socialites com muito tempo livre. Ela deveria ter adivinhado que eles estariam envolvidos em algo assim. Pareciam pessoas com que Mattie estava acostumada, então aproximou-se deles.

— Ei — disse um jovem com cabelos tão claros que aparentava não possuir sobrancelhas. — Eu sei quem você é, é o autômato que costumava estar nas festas de Bergen.

— Mattie. Meu nome é Mattie.

O rapaz sorriu.

— É isso mesmo. Sou Aerin. Prazer em conhece-la; eu a vi muitas vezes, mas acho que não fomos devidamente apresentados.

— Encantada — disse Mattie, apertando a mão estendida por ele. Sentiu-se de repente em casa e achou estranho que aqueles que a desprezavam e que nunca a viram como algo merecedor de consideração a fizessem sentir-se mais à vontade. — Estou surpresa em vê-los aqui.

O homem deu de ombros, riu e apontou para seus amigos.

— Nós todos estamos aqui porque estamos preocupados com o sofrimento do homem comum.

— Foram vocês que explodiram o palácio? — Mattie perguntou.

— Bastante categórica — a mulher de pé à direita de Mattie disse. Ela tinha olhos bem delineados e um ar geral de langor que Loharri teria achado atraente.

— Claro — um dos cortesões murmurou. — Ela é uma máquina, um instrumento.

Alguns dos outros riram.

— Não foi que eu quis dizer, Cedrik — disse a mulher sem sequer olhar para o detrator de Mattie. Ela sorriu para Mattie. — Não preste atenção nele, querida. Ele é doido. Agora, para responder à sua pergunta, sim, nosso grupo está envolvido. Na verdade, a explosão inicial foi feita para mostrar às pessoas que estamos do lado delas. Depois disso, elas tinham que acreditar que categoricamente nos desligamos do governo da cidade e de seus objetivos.

Repudiamos nossos pais e as vantagens por nascimento conferidas a todos nós.

Mattie pensou que, aparentemente, as vantagens renegadas não incluíam roupas, mas meneou a cabeça educadamente.

— É muito nobre da sua parte. — Sua mente fervia com perguntas e, finalmente, escolheu a mais premente. — Iolanda está bem?

— Por quê? — disse a mulher. — Você a conhece?

Mattie assentiu.

— Ela está bem? Eu fiquei tão preocupada quando... quando as casas foram incendiadas.

— Ela está bem — respondeu a mulher. — Nunca esteve melhor. Ela e aquela nova criada não estavam lá. Elas estão seguras e bem.

— Níobe não é uma criada. Ela é minha amiga. Onde estão? Aqui?

— Não — o homem chamado Cedrik disse. — Temos diversos esconderijos seguros... mas é claro que você me perdoará por não divulgar a localização deles.

— Claro. — Mattie olhou para a boca do túnel, ansiosa por ver Sebastian. — E este lugar aqui?

— É um entre muitos. Apenas uma célula, mas há muitas outras. É um bom lugar para se reunir e distribuir suprimentos e ficar sabendo das notícias, principalmente para aqueles que não podem mostrar a cara na cidade.

Mattie imaginava se Ilmarekh teria lhes dado seu aparelho de telégrafo voluntariamente — claro que tinha. Mattie esquecia que aquela aparência frágil escondia uma arma notável e as pessoas tinham medo dele, sentiam-se em perigo pela mera proximidade. Claro que ele tivera que livrar-se dela, ou os espíritos a utilizariam para falar com aqueles que tinham deixado para trás.

Lembrou-se de algo que Ilmarekh dissera a ela em seu primeiro encontro. Os espíritos, dissera ele, não tinham raiva dos vivos, só queriam ajudar. Ajudar os outros era a única maneira de provar que se importavam.

Olhou para o aparelho, sentindo respeitá-lo ainda mais.

Mattie ouviu uma voz familiar na boca do túnel e, focando os olhos, seu coração vacilou e tiquetaqueou mais alto quando lembrou daqueles olhos semicerrados, em êxtase, a boca sorrindo pressionada contra seu peito... Suprimiu a crescente onda de vergonha e se adiantou para cumprimentá-lo.

O sorriso dele sumiu e os olhos se arregalaram por um momento, Mattie notou.

— Mattie. Como você me encontrou?

Ela encolheu os ombros.

— Não foi difícil. Eu preciso saber uma coisa.

— Pergunte, então — disse ele com um toque de irritação. — Tenho muita coisa para fazer.

— Foi você? Foi você quem comprou os explosivos?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Deixei-os usar meu medalhão. Agora você já sabe. Mais alguma coisa que queira saber?

Você me ama?, queria perguntar, mas havia muitas pessoas ali e seus rostos, seus olhos a observá-la de soslaio, como com vergonha de admitir que estavam realmente olhando. Em vez disso, disse:

— Os Mecânicos e os Alquimistas sabem que era o seu medalhão. Eles estarão procurando por você e, desta vez, procurando de verdade. Você não pode mais ir à cidade.

— Eles descobririam, mais cedo ou mais tarde — disse com um encolher dos grandes ombros. — Mas obrigado por me dizer. Serei cuidadoso. — Ele passou de um pé para outro e passou a mão pelo cabelo. — Talvez você devesse ir... há muito por fazer e não há nenhum motivo para se envolver e se comprometer assim.

Mattie percebeu que ele estava embaraçado — e não apenas pelo que haviam feito anteriormente, mas por sua mera presença ali. Não queria que seus amigos soubessem que ele era amigo de uma máquina.

— Quando o verei de novo? — Ela não sabia por que era importante fazê-lo admitir que ele a conhecia, que era seu amigo.

— Eu não sei, Mattie. Mas você é bem-vinda a qualquer momento. Por favor, venha me visitar.

Não havia mais nada para dizer e Mattie se despediu e foi embora.

O caminho de volta através do túnel, sozinha e naquele escuro tão denso que nem mesmo seus olhos podiam penetrá-lo, parecia mais escuro do que antes, quando havia pessoas a seu redor.

Ela queria ter podido esperar por alguém para sair, só para não ter que seguir sozinha, mas Sebastian parecia ansioso para vê-la ir embora.

Imaginou coisas escondidas na escuridão, coisas terríveis que poderiam dilacerá-la em pedaços, membro por membro, engrenagens, rodas dentadas, até que nada sobrasse dela a não ser uma pilha de peças de reposição, assim como aquelas que ocupavam a maior parte da oficina de Loharri. Seus pensamentos se voltaram para ele — estaria zangado com ela por tê-lo deixado tão abruptamente? Ficaria feliz em vê-la de volta?

As paredes de pedra cinza por trás das vigas lembravam a cor das gárgulas — suaves e frias como suas peles, e Mattie, mesmo sem certeza, achou que era a pedra da qual vieram, a rocha sólida de onde nasceram. Porém, já não era tão sólida, atravessada por túneis e minas. Talvez por isso as gárgulas estivessem perdendo sua força, seu poder, Mattie pensou. As pessoas estavam destruindo a pedra da qual a cidade fora construída; o que se poderia esperar senão um colapso? Ela tateou o chão e as paredes cegamente, até que encontrou umas lascas de pedra e jogou-as dentro do bolso.

Trabalharia para descobrir como essa pedra era diferente de qualquer outra.

O trabalho oferecia o conforto da familiaridade e a preocupação com questões que ela podia controlar — e que não a incomodavam tanto.

Em seu laboratório, Mattie esmagou as pedras cinzentas quase vingativamente e ouviu a queixa dos cristais e seu guincho sob as voltas lentas do pilão. Derramou solventes sobre as migalhas e colocou-as nas chamas, observando atentamente a cor azul e verde das chamas e as

salamandras pequenas que brincavam dentro delas, brincalhonas e travessas como filhotes de cachorro.

Mattie observou por um tempo. Lembrou-se de Ogdela dando-lhe um olhar engraçado quando ela pela primeira vez vira as salamandras.

— O que você está olhando? — Ogdela perguntara-lhe.

— Salamandras — Mattie respondera. — Os habitantes do fogo.

Ogdela bufara.

— Menina boba, você não pode vê-las, então não há nenhum sentido em procurá-las.

— Mas eu posso. Olhe!

Ogdela balançara a cabeça.

— Seus olhos são melhores do que os meus. Melhores do que de qualquer um.

Quando Mattie questionara Loharri sobre seus olhos, ele sorrira com a metade intacta do rosto e dissera algo sobre a luz polarizada e a variação da sensibilidade à luz. Mattie não entendera o significado exato, mas compreendera que isso significava que seus olhos eram especiais. Era ele que, em algumas ocasiões, os retirava — às vezes como castigo, às vezes para aprimoramento.

— Eles estão bons o bastante — Mattie reclamara em muitas ocasiões, quando ele queria trabalhar em seus olhos só mais uma vez. — Por favor, não faça isso novamente.

— Eles poderiam ser melhores. Você poderia ver coisas que ninguém pode ver.

— Eu já posso. E não gosto quando você tira meus olhos, não posso ver nada.

As chamas se apagaram e as salamandras desapareceram.

Mattie remexeu vagarosamente os restos carbonizados da rocha, sua essência queimada nas chamas azuis e verdes, deixando apenas os componentes mais simples e básicos.

Gotejou um pouco de sangue de ovelha sobre eles, acrescentou as ervas e os elementos e um pequeno cristal para animá-lo, para fazê-lo obedecer a ela.

O homúnculo tomou forma e Mattie colocou-o no mesmo pote que o homúnculo anterior, feito de pedras comuns, antes que a aparição de Sebastian a interrompesse.

O homúnculo borbulhou. Parecia do mesmo tamanho dos outros, e Mattie rapidamente despejou a essência mineral dentro do frasco para alimentar os dois, apertando a tampa. Ela viu como as duas criaturas absorveram sua oferenda. Eles então lutaram e lutaram entre si, e por um tempo isso não pareceu ter sentido, até que Mattie percebeu que as mãos e braços deles haviam se fundido. Então os ombros e, em seguida, os estômagos. Mattie pensou que logo ela estaria de posse de um homúnculo muito maior quando aquele feito da pedra das gárgulas abriu a boca com um assobio baixo e borbulhante de sangue seco e arrancou a cabeça do adversário. O outro homúnculo, sem cabeça agora, se debatia, e Mattie se perguntava se ele era capaz de sentir dor.

O homúnculo feito da pedra das gárgulas devorou seu adversário caído, envolvendo-se em torno do corpo sem vida e assimilando-o, pouco a pouco.

— Hum — fez Mattie. — Eu gostaria de saber o que isso significa.

O homúnculo borbulhava e ria e batia seus punhos disformes contra o vidro que o rodeava. Bolhas cor-de-rosa se formaram em sua boca sem lábios e o homúnculo abriu-a, como se quisesse falar. Mattie hesitou; ela queria ouvir o que a coisa tinha a dizer, mas sentia-se perturbada por seu comportamento. Níobe não avisara sobre a possibilidade de canibalismo homuncular. Ela também não dissera que essas coisas poderiam falar ou, pelo

menos, tentar. Talvez Níobe não soubesse.

Mattie sentiu um formigamento elétrico em seus dedos, como quando algo de especial acontecia.

Ela afastou-se do frasco e caminhou ao longo da bancada, com o coração soando como um grilo na noite de julho. Não estivera preparada para criar algo tão inesperado — e horrível. Por um momento, lutou contra a tentação de simplesmente destruir a criatura, arremessá-la com seu frasco hermeticamente fechado à lareira e fugir do apartamento, arremessá-la na rua e deixar que as garras dos lagartos e as pernas segmentadas das lagartas mecânicas a despedaçassem e a amassassem em uma raia longa e sangrenta na calçada de paralelepípedos, destruí-la para que ela nunca tivesse novamente a chance de sussurrar seus segredos terríveis com aquela boca mutável.

Ela olhou para fora da janela, desesperada, até perceber que as ruas estavam estranhamente silenciosas.

Pendurou-se para fora da janela para ver até onde pôde, mas não parecia haver nenhum sinal de perturbação. Ela estava prestes a fechar as janelas quando ouviu um estalar distante, mas inconfundível de tiro de mosquete — e brados, ficando mais desorganizados e dispersos logo depois.

Mattie quis correr ao Parlamento para ver se estava tudo bem, para ver a Calculadora inacabada e para se certificar de que ainda estava de pé. Conseguia imaginá-la em sua mente, elevando-se e ressoando e expelindo arrotos de fumaça, como uma fundição em miniatura rodeada por uma falange de raivosos Mecânicos... Loharri estaria lá com certeza, pensou, pronto para defender a Calculadora.

O som de vidro quebrando arrancou-a do seu devaneio.

O vaso estava quebrado no chão — o homúnculo em seu interior devia ter lutado para empurrá-lo além da borda da bancada e agora reunia-se em uma forma humana, movendo-se em direção a Mattie com suas pernas moles, sem ossos. Ele assobiava e balbuciava e Mattie deu um passo para trás, sentindo a borda dura da janela às suas costas.

O homúnculo, quase na altura de seu joelho, estendeu as mãos para ela e os dedos das mãos pequenas deixaram manchas escuras em sua saia.

Seu assobio borbulhante ficou mais alto e ele puxou a saia para baixo.

Mattie se ajoelhou ao lado da criatura, sentindo repulsa, mas intrigada. A boca nojenta formou outra bolha cor-de-rosa e assobiou — sangue fervendo, sussurro das ondas que atingem as costas arenosas — estranhas palavras. Mattie inclinou-se.

— Ouuuuuuçaaaa — o homúnculo sussurrou com seus lábios próximos à orelha dela.

As crianças da pedra surgiram à superfície em plena luz do dia, e nós as vemos com certa surpresa. As aranhas e os mineiros, os que têm cheiro de terra macia e grãos (e, pensamos, não deveriam estar no subterrâneo), todos eles estão lá, com medo, mas ainda assim eufóricos. Carregam armas — a maioria, pesados machados e enxadas, mas há alguns poucos mosquetes, a filigrana de prata brilhando em suas coronhas.

Queremos pedir-lhes para serem gentis, mas o pensamento é ridículo.

Seus olhos estão apertados devido ao brilho do sol, podemos ver claramente. Eles não

querem viver no subterrâneo, e não podemos culpá-los.

Surgem como cigarras, em grande número. Sabemos dos túneis e minas sob a cidade, onde eles e outros como eles escavaram durante séculos — como cigarras — até que um dia perceberam que, em vez de escavar para o lado, eles deveriam ir para cima, para cima, em direção ao sol, onde poderiam ser o que sempre sonharam.

Nós fizemos o mesmo antes deles — pelo menos, imaginamos que o fizemos, não podemos lembrar nossas vidas antes da pedra estremecer e vomitar-nos na luz do sol, cruel e bela, onde apenas o basalto sob nossos pés parecia familiar.

As crianças da cidade — nosso filhos — correm diante da visão deles, exceto aqueles envoltos em metal, brilhando como grandes besouros iridescentes. Avançam a pé e em suas pequenas monstruosidades mecânicas, que os carregam por aí em suas costas, metal sobre metal, e nós queremos saber se há alguma carne nelas.

Um dos mineiros dispara o primeiro tiro e o homem de metal cai para trás. Uma fonte de sangue quase engraçada jorra de onde o metal de sua cabeça não se junta ao metal de seu peito, e achamos que existe carne por debaixo, e não é apenas nossa imaginação.

Os homens de metal disparam contra a multidão, e muitos tombam.

E em seguida outras pessoas surgem — das casas, das vielas, muitas nas costas de lagartos e vestidas com roupas caras; há também os filhos da terra vermelha, comerciantes da pele escura e artesãos que tentaram estabelecer aqui suas casas, e não podemos mais ver. Nós fugimos da carnificina, cientes de desrespeitar nosso dever eterno de observar, mas nossos olhos se recusam a se fechar ou desviar e nossos pés nos levam contra nossa vontade através dos telhados.

Em outras ruas, em outros lugares, vemos a mesma cena — sangue e lagartos eviscerados, os monstros de metal desprovidos de seus pilotos colidindo com as paredes dos prédios, o metal escaldante, os derrames de carvão, as casas em chamas. Nós não reconhecemos a cidade e fugimos para nossa única esperança, para a garota que pode nos ajudar.

Observamos por sua janela, preocupados que ela possa estar morta e esquartejada em algum lugar, o tique-taque de seu coração silenciado, a janela no peito quebrada. Mas ela está viva e em casa, e nós suspiramos de alívio, e nos perguntamos por que ela está ajoelhada ao lado da criatura que tem cheiro de sangue e pedra, a criatura que está sussurrando na concha perfeita de seu ouvido.

Ela está tão absorta por suas palavras que não escuta a porta abrir atrás dela, e nós não podemos alertá-la.

CAPÍTULO XVI

Mattie foi surpreendida quando alguém bateu em seu ombro e saltou, ficando de pé com os punhos fechados. Loharri sorriu. Seus olhos observaram o homúnculo com grande interesse.

— O que é isso, Mattie? Você fez isso?

— Sim.

— O que ele faz?

— Eu estou tentando fazer com que ele me obedeça. Eu o fiz a partir da pedra das gárgulas e agora quero obrigá-lo a libertá-los... mas quero encontrar outra coisa para ligar a elas, em primeiro lugar.

— Fascinante — Loharri disse e desviou o olhar do homúnculo. Seus olhos pareciam frios agora e Mattie sentiu outra onda de terror rastejante. E se ele advinhara que ela fizera um homúnculo para Iolanda? Será que suspeitava de que Mattie aprendera o poder de prendê-lo? Ela pensou na primeira vez que vira Ogdela e Loharri com medo; como ela invejara o poder então! E ainda agora desejava que ele não soubesse do que era capaz, que ele não olhasse para ela como se avaliando um inimigo.

— Não é seguro aqui. Eles tomaram o distrito norte. A guarda os está segurando, mas eles estão avançando na direção leste. É melhor que você venha comigo. Traga essa coisa junto.

— Mas...

— Eu não estou pedindo. Estou lhe dizendo. Você virá comigo. Traga-o com você.

Entorpecida, Mattie obedeceu. Exatamente como antes, e não importava o que tivesse acontecido com ela, não importava quão poderosa ou emancipada fosse, ela ainda fazia o que lhe era dito, porque não poderia fazer o contrário, porque ele a fizera assim.

Como as gárgulas obedeciam à pedra — ou seria o contrário?, ela não conseguia lembrar —, obedeceu Loharri e, muda, acomodou o homúnculo na rede de sua saia.

Ele balançou e assobiou e manchou o tecido marrom escuro com um vermelho mais escuro; Mattie não se queixou e seguiu Loharri.

A entrada do boticário no andar de baixo estava fechada com tábuas.

Ele não disse uma palavra e Mattie teve um pressentimento sombrio.

A cidade combinava com seu humor, o tráfego era escasso e parecia haver menos pessoas nas ruas. Ela ouvia tiros de mosquete ocasionais, vindos do leste, e o ar cheirava a fumaça e pólvora. Mas isso não preocupava Mattie, pelo menos não tanto quanto a Loharri. Seus passos irritados e seu comportamento lacônico de decepção com tudo indicavam um inevitável castigo.

Ele não pode tirar meus olhos, Mattie pensava, não pode mais fazer isso!

E, quando perguntou a si mesma como o impediria, não teve resposta.

Os guardas estava ocupados e, mesmo se não estivessem, interfeririam com um Mecânico de alto gabarito desmontando sua criação?

Desejou que pudesse chorar. Sua liberdade era apenas uma ilusão. Ela fora emancipada porque Loharri permitira, portanto, não tinha poder algum. Tudo o que ela tinha havia sido dado ou permitido por ele. Mattie perguntou-se se era possível odiar alguém mais do que ela

odiava Loharri naquele momento.

E onde estava Iolanda? Provavelmente ocupada com outras coisas, provavelmente segura nos subterrâneos, com Níobe a seu lado, ambas mulheres de verdade, que compartilhavam um vínculo que Mattie não compreendia nem poderia esperar partilhar. Iolanda a defenderia, é claro — se estivesse aqui para defendê-la e se isso não interferisse com seus planos. Proteger Mattie, ajudando-a a conseguir sua chave de volta, não era uma prioridade, e ela aguardaria sua vez até que controlasse Loharri. Esperaria quanto tempo fosse necessário.

Não tinha a ver com amor, Mattie agora sabia; tinha a ver com obter acesso aos segredos dos Mecânicos. Quando seus colegas conspiradores tomassem a cidade, então ela usaria sua influência para construir uma aliança com os Mecânicos, para domá-los.

— Bokker é um bom Alquimista — disse Loharri sem olhar para ela.

Ansiosa para manter qualquer ilusão de cordialidade que pudesse vir dele, Mattie assentiu.

— Ele é, sim. Você estava trabalhando com ele nas defesas da cidade?

— Não. Ele terminou o projeto que eu precisava terminar — aquele no qual você estava trabalhando antes de começar a trabalhar com as gárgulas. Lembra-se? Você pediu-me permissão para fazer uma pausa, mas eu não esperava que você o abandonasse completamente.

— Sinto muito. — Um sentimento de alívio encheu-a — era apenas um projeto bobo, então ele a perdoaria em breve. Por que seria importante agora? Como um jogo, uma curiosidade, ela continuou. — Eu me lembro, você queria um produto químico capaz de capturar imagens para você. Sovina demais para pagar os pintores.

Ele sorriu.

— De fato. Mas Bokker fez o que eu queria — graças à sua lista. E eu trabalhei em como gravar não só imagens, mas também sons. Posso ver pessoas movimentando-se e ouvir o que é dito sem estar presente. Muito divertido.

— Eu pensei que você estivesse preocupado com a Calculadora.

— Eu estava, mas você também tem suas distrações, não é?

Mattie assentiu e baixou a cabeça, pensativa.

— Sinto muito.

— Fazemos o que temos que fazer — disse com um encolher de ombros.

Permaneceram em silêncio até o distrito ocidental e a casa dele. Ele parou na frente dela, acariciando as chaves no bolso. Destrancou a porta e Mattie seguiu-o mansamente para dentro.

— Eu tenho um rosto novo para você — disse Loharri, trancando a porta atrás deles. — Venha para a oficina, e eu vou fixá-lo.

— Eu gosto deste.

— Eu, não. — Pegou Mattie pelo cotovelo e arrastou-a para a oficina.

O homúnculo, dormindo pacificamente até então nas dobras de sua saia, acordou e protestou.

— E faça essa coisa calar-se. — Loharri retirou seu casaco, deixando-o no chão. — Realmente não estou com disposição, Mattie. Diga-lhe que, se ele não ficar quieto, vou espalhá-lo nas paredes.

O homúnculo aparentemente não precisava de intermediários e calou-se de imediato.

— Ponha-o no chão e sente-se.

Mattie obedeceu e o homúnculo sentou-se sobre suas pernas líquidas, mas não saiu do

lado de Mattie, segurando as saias dela como se tivesse medo de deixá-la ir.

Loharri não parecia incomodado com sua presença — apenas fez uma cara ranzinza e contornou a criatura em um amplo arco. Cavoucou na pilha de lixo em sua oficina.

Mattie observou-o extrair de lá outra face — uma réplica exata da anterior — e quis ser capaz de chorar. Nenhuma outra resposta pareceu conveniente quando percebeu que estava prestes a ser forçada a voltar para dentro do molde do qual estava trabalhando com tanta vontade para escapar.

— Você não vai tirar meus olhos, não é?

— Claro que não.

Ele tocou sob seu queixo e retirou o rosto. Em vez de colocar o novo imediatamente, ele mexeu em algo na cabeça de Mattie. Ela ouviu o clique fraco e perdeu a sensibilidade em seus membros. Tentou se mover, mas seus braços pendiam moles dos lados e as pernas ficaram muito pesadas agora.

— O que você fez? — ela sussurrou.

— É apenas uma botão de desativação temporária. Você não sentirá nenhuma dor — de fato, você não sentirá nada. E não ficará tentada a correr.

Ele começou a mexer dentro dela novamente e Mattie encolheu-se, sentindo o conteúdo de sua cabeça, as engrenagens delicadas, rangeram sob os dedos de Loharri.

— Não deixe que isso a incomode — disse ele, e virou a cadeira onde ela estava sentada para a parede, uma parede branca, lisa, sem nada interessante pintado nela. Ele substituiu mais peças e os olhos de Mattie emitiram dois feixes de luz que se encontraram na parede, criando duas circunferências parcialmente sobrepostas.

— Está tudo bem — disse ele. — É algo bem bacana, de verdade — a química de Bokker captura imagens em um rolo de cobre rotativo e o mesmo rolo grava o som. E tudo que você vê e ouve é escrito nele. É como a sua memória, mas agora eu posso ver também.

— Há quanto tempo isso estava aqui?

— Desde aquela vez em que você... quebrou. Eu não sou tolo, Mattie, percebo as coisas. Quando você mente, quando Iolanda mente — ela se acha tão inteligente que não esconde seus sentimentos, mas os faz soar como uma piada. Mas agora vamos ver o que realmente aconteceu.

A luz que partia de seus olhos a cegara, mas ainda assim ela podia ver através da neblina: formas vagas em movimento, os paralelepípedos das ruas da cidade pulando para cima e para baixo no ritmo de seus passos. Os cabelos crespos de Iolanda, seu olhar piedoso quando se aproximou com o rosto a ocupar a maior parte da visão de Mattie. Níobe de pé perto da janela, olhando para elas de braços cruzados.

O rosto de Sebastian apareceu, zombando — Mattie ficou surpresa de vê-lo tão claramente. Seu rosto próximo, os lábios sorrindo... em seguida, a imagem ficou escura e Mattie lembrou com vergonha que seus olhos haviam se retraído, então ela ficara cega, alheia a tudo senão o prazer das mãos de Sebastian em seu peito.

Loharri fez um som baixo — de surpresa ou aborrecimento, Mattie não saberia dizer. Ele tocou em algo na cabeça de Mattie e a imagem desfocou. Loharri praguejou entredentes, mas se calou quando o rosto pálido do Fumante de Almas tomou toda a parede e os gritos e sussurros dos mortos escaparam de seus lábios. E então as trevas dos túneis, os rostos dos cortesãos... a voz de Mattie perguntando sobre Iolanda.

— Interessante — disse Loharri. Sua expressão permanecia tranquila, mas ela podia ver a veia inchada no rosto mutilado. — Eu sabia que você estava escondendo algo, mas isso, Mattie, isso... Tenho que ir agora falar com Bergen. Você ficará aqui e conversaremos quando eu voltar.

Ele pegou o casaco e vestiu-o, com movimentos eram lentos e premeditados.

Mattie queria suplicar-lhe que lembrasse que ele a amava. Mas o gelo em seus olhos disse-lhe que estava além da súplica, estava além do perdão, talvez até mesmo além da consideração que se dá à criatura mais insignificante.

Ela podia viver com isso, pois agora estava além do desmantelamento vingativo.

Ele se virou para sair, mas parou abruptamente.

— Ah, eu quase me esqueci: precisarei deles para mostrar tudo aos meus colegas.

Seus dedos frios e precisos fecharam-se ao redor de seu olho esquerdo, depois do direito. Ela gritou, mas sua única resposta foi o barulho da porta batendo, o giro de uma chave e passadas rápidas nos degraus.

Mattie não sabia quanto tempo havia se passado.

Contara seus batimentos cardíacos no início, mas desistiu depois de 2 mil. Desejava poder ver o sol e, se ela se esforçasse o bastante, poderia imaginar como estaria fora da janela da oficina de Loharri — a janela grande com algo de cobre, fechada por uma delicada gaiola de ramos de rosas negras, tais qual ferro fundido.

Era sempre tão calmo ali, tão silencioso — Loharri tinha dito muitas vezes que ele gozava o silêncio do ar, a ausência de som, o que tornava fácil imaginar que essa casa fosse o único lugar que existia, cercado por uma bolha infinita de espaço luminoso e vazio. E agora Mattie se dava conta de que, mesmo que gritasse por socorro, seus gritos seriam abafadas pela sebe densa e, de qualquer modo, as pessoas estavam agora acostumadas a gritos e corriam para se esconder, ao invés de correrem para ajudar.

Algo frio, molhado e desagradável tocou os lábios de Mattie; sangue e enxofre.

O assobio conhecido lhe deu certeza: o homúnculo escalara seu corpo insensível e agora sussurrava em seu ouvido, sua voz indistinta e borrada pelo gargarejo de seu discurso.

— Eu posso ajudar. Quer ajuda?

— Você viu o interruptor? — Mattie perguntou, seu desgosto pela criatura de certa forma atenuado pela esperança que ela a ajudasse.

— Siiimmm — ela sussurrou. — Eu vejo tudo.

— Você pode pressioná-lo?

Um som semelhante a um sorver com força indicou o progresso do homúnculo. Houve um som de metal e um choque súbito correu através dos braços e pernas de Mattie. Ela dobrou-se de dor, atirando o homúnculo no chão.

— Você está bem? Sinto muito.

— Siiimmm — balbuciou. — Quer que eu encontre novos olhos para você?

— Sim, por favor. Você é um sujeito esperto.

— Claro. Eu sou terra. Eu sou pedra.

O homúnculo moveu-se ao chão da oficina e, mesmo que Mattie não pudesse vê-lo,

imaginou o rastro de sangue negro que ia deixando. Ouviu os sons de um vasculhar lento e trabalhoso e pensou que ele precisava se esforçar bastante para escalar a pilha de peças rejeitadas. A limitação de seu tamanho representava uma contradição quase cômica às suas pretensões grandiosas, mas Mattie não estava inclinada a achar graça em qualquer coisa agora. A terra, ou pelo menos sua essência, fizera diferença. Ela se perguntou se os gnomos, os elementais da terra, eram parecidos com o homúnculo. Ela se perguntou se de algum modo a criatura podia se mover através de pedra sólida com a mesma facilidade que se movia através do ar.

Descartou o pensamento tão improvável e, cuidadosamente, estendeu os braços e pernas, despertando para a vida com choques e formigamentos elétricos.

Tateou ao redor com os dedos. Estava familiarizada com a oficina e, depois de alguns minutos investigando as imediações, lembrou-se de como costumava navegar pelo toque. Mesmo o toque era supérfluo após um dia de escuridão e ela desenvolvera novos sentidos, que lhe permitiam sentir quando as paredes estavam muito próximas e contornar os obstáculos.

Mattie sentiu seu caminho até a pilha de peças e a forma de seus olhos enfiados nela, longos cilindros com travas no final que trancavam os talos.

Seus dedos sentiram engrenagens, rostos, placas de metal, pedaços de armaduras, bobinas, válvulas e peças de motor.

Reconheceu todos eles e ficou momentaneamente satisfeita.

O homúnculo trabalhava a seu lado em sua ebulição calma e assobios sempre presentes. Ela imaginou a bagunça que estavam fazendo — derrubando peças, algumas sujas de sangue de carneiro, e sentiu uma pequena e sombria pontada de satisfação. Deixe-o limpar depois, ao menos uma vez. Quando ele voltasse, ela teria desaparecido. Estaria a caminho para encontrar Iolanda e pedir-lhe para acelerar seus planos sobre Loharri. E para avisar Sebastian, é claro.

— É isso? — o homúnculo sussurrou e colocou alguma coisa em suas mãos.

Ela se acostumara o suficiente para não recuar com o toque das mãos dele, como um beijo molhado. Colocou os dedos em torno de um pequeno cilindro pesado.

— Sim, é isso. Obrigada. Tem outro?

— Não — respondeu o homúnculo.

Mattie montou o cilindro em seu soquete. Era um olho velho, descartado anos atrás, e Mattie tentou aceitar o embotamento de sua visão, um manto cinza de poeira que parecia agarrar-se a tudo.

— Não importa, está bom por enquanto, mas é melhor irmos.

Ela recolheu a criatura em sua saia e alisou a saia branca por debaixo.

Queria ao menos estar um pouco apresentável e não se parecer com o autômato louco de um olho só, coberto de sangue de carneiro, com as saias na cintura, expondo suas longas pernas de metal.

— Vá para o lessssssste — disse o homúnculo aninhado profundamente na rede da saia de Mattie. — Eles não vão procurar por você lá.

— Não. Vamos para o norte. Tenho que ver o Fumante de Almas e avisar Sebastian.

O homúnculo não deu outros conselhos e não fez mais perguntas. Pareceu ter adormecido, embalado pelo som de seus passos.

Nós andamos em pequeno número. Podemos contar quantos há de nós nos dedos de duas mãos e dois pés. Não nos incomodamos, não queremos (com medo) lidar com nossa diminuição. Em vez disso, assistimos ao desmoronar da cidade. Há combates, e parece que nunca cessam — ao menos, tempo suficiente para que esqueçamos como a cidade era antes da fumaça e do fogo, antes das ruínas crescentes e prédios eviscerados, antes do Lago Estorninho estar cheio do metal queimado dos pedaços de motores a vapor mutilados e das engrenagens de um cérebro autômato grande o bastante para tomar decisões, mas pequeno demais para prever as consequências

Nós esquecemos rapidamente agora. Nossa memória depende de quantos de nós se lembram; quantos mais de nós, melhor é nossa lembrança. Os lagartos não mais arrastam carruagens atrás de si; alguns estão soltos nas ruas, em pânico cego.

Os autômatos são poucos e a maioria está em pedaços ou foi mandada para as fazendas. A fábrica de papel, bem como todas as outras, parou logo após os comboios de carvão terem cessado de atravessar as portas da cidade. O ar tem uma qualidade diferente — madeira queimada, barro e pedra em vez de metal e carvão queimado.

Estamos ainda tentando decidir se é melhor assim.

Nós vemos os guardas, seus besouros abandonados, suas armaduras abandonadas (são muito pesadas para caminhar com elas), seguindo em direção aos portões da cidade. Eles não têm esperança de retomar as fazendas ou as minas. Levam um prisioneiro entre eles, e percebemos que eles procuram o Fumante de Almas — alguém tem que ser sacrificado em situações assim. Ou talvez queiram negociar com os rebeldes e o homem caminhando de cabeça baixa, com as roupas encharcadas da chuva, represente todo o seu poder de barganha. Nós não temos certeza, mas nos preocupamos com o garoto cego, sozinho em seu barraco.

Os telégrafos de toda a cidade continuam com seu falatório a vomitar infinitas fitas de papel cobertas de mensagens que ninguém lê — ninguém mais precisa ler. Em breve eles ficarão sem papel, e podemos imaginá-los bicando sem tinta o ar vazio. Nós nos perguntamos por quanto tempo a água continuará fluindo.

Os mercados estão tranquilos agora, já pouco resta para comprar além do milho do ano passado e nabos. Vemos mulheres de olhos assustados — quão depressa aprenderam a mover-se entre os prédios — mantendo-se sempre perto dos cantos. Os comerciantes abandonaram os mercados ao ar livre também, as barracas encostadas contra os muros.

As crianças se foram, como se tivessem desaparecido durante a noite — sabemos que não é verdade, sabemos que algumas estão trancadas e outras foram levadas por seus pais para fora da cidade; outras, ainda, foram mandados para viver com parentes em outras cidades, onde possam ser crianças, enquanto os adultos esperam o horror se abater sobre eles. Mas parece-nos que eles abandonaram a cidade que os desapontou, e tentamos imaginar como seria fugir para sempre, dando nossas costas sulcadas para a cidade. Imaginamos os sons do mar e do cheiro da terra vermelha, os cheiros de especiarias diferentes e o sabor de rochas estrangeiras, feitas de pedra calcária nascida junto ao mar e não das compressões cruéis e quentes da terra. Ponderamos trabalhar em um circo, como imaginamos que todo mundo faz — de braços cruzados, não de forma séria, mas melancolicamente.

Há uma certa tentação na alegria proibida de tal abandono.

E então a chuva começa a cair, uma chuva tingida de preto pela fuligem, gotejando a partir das bordas e lamentando-se nas calhas, rugindo e correndo para as ruas como tubos de um órgão, como uma canção. Nós olhamos uns para os outros e observamos a chuva negra em nossos olhos endurecidos, deixando faixas pretas por nossas faces. E de repente não temos certeza se é o céu ou se somos nós que estamos chorando.

Olhamos à nossa volta e lamentamos, nós lamentamos o fato de que, mesmo após o fim da cidade, a pedra permanecerá. Nós lamentamos a cidade em ruínas, a construção inacabada, o palácio demolido, as casas destruídas.

Mesmo que ela possua o direito de ser arruinada, nós ainda podemos sentir tristeza, não podemos? Não podemos?

E a chuva cai.

Nós observamos uma figura solitária cambalear pelas ruas segurando algo contra seu peito. Reconhecemos nossa menina de metal, nossa amiga, e rastejamos para mais perto. Ela não parece bem com seu único olho e o homúnculo de sangue que ela embala ao peito, protegendo-o da chuva. O homúnculo grita como se a água o ferisse. A menina dá guinadas, meio cega, mas mesmo assim segue em direção ao norte.

Imaginamos sua caminhada assim quebrada, mas inquebrável, para sempre, com o homúnculo em seu peito chorando em incessante borbulhar.

Observamos com suspeita — não somos de sangue e osso, não somos da planta mágica, e mesmo assim sentimos uma afinidade estranha com a criatura patética, tão suave que é quase líquida. E ainda, de algum modo, ela cheira a pedra, à pedra cinza que nos deu à luz; quando fechamos nossos olhos, vemos camadas e finos cumes, inclusões minúsculas de granito preto e cristal de quartzo brilhante. De alguma forma, a criatura está relacionada conosco, e não sabemos se isso é bom ou ruim, mas gostamos dela como se fosse um parente desagradável.

E a menina está bem — podemos ver em seus passos, cambaleando, cambaleando na grama (onde está o azul iridescente das asas da libélula?), o brilho de seu único olho refletindo apenas a chuva que cai sobre nós.

Ela somente nos vê quando descemos para a rua e ficamos à sua frente, um muro de corpos cinzentos listrados de preto.

— Eu sei como ajudá-los — ela sussurra.

— Shhh — nós respondemos. — Isso pode esperar. (Não pode). Nós vamos cuidar de você primeiro. Aonde está indo?

— Ao Fumante de Almas — ela responde.

Nós contamos a ela sobre a guarda. Seus dedos estão apertados contra o tecido encharcado de sua saia e ela embala o pacote com o homúnculo, o filho monstruoso, mais perto de seu peito de metal.

— Temos que nos apressar, então. Conhecem uma maneira rápida de chegar lá?

Nós assentimos e a envolvemos, ela e seu pacote, em um abraço protetor. Ela fica em silêncio, tão cansada agora. E então nós voamos.

CAPÍTULO XVII

Pela primeira vez em sua vida, Mattie estava cansada.

Não fora construída para sentir fadiga, para experimentar esgotamento — a cartilagem, o metal e as molas que a mantinham, o conjunto era incansável, desde que utilizado corretamente. Mas agora, deitada no apoio formado pelos braços entrelaçados das gárgulas, ela sentia seu único olho se retrair em sua cabeça e sua mente gritar a permissão de apenas descansar, desligar e não ter que zumbir nunca mais.

Seu coração batia com um tique-taque irregular e, depois de cada tique, Mattie temia que o próximo taque não viesse.

A cirurgia de Loharri em sua cabeça, arrancando o dispositivo oculto e seus olhos, havia danificado algo — algo importante, ela temia. Mesmo após o homúnculo religá-la, sentia com estranhamento suas extremidades, desajeitada, como se envolta em lã.

Seus pensamentos iam e vinham, lentos e cegos, correndo como animais presos no mesmo círculo compulsivo.

Estava quebrada, pensou, e tinha chegado a hora em que Loharri não a consertaria, não importando quanto pedisse de mãos juntas, quanto inclinasse graciosamente a cabeça para olhar para ele timidamente.

Fora ele quem a quebrara, com descuido intencional.

Iolanda, pensou. Iolanda o obrigaria a fazer o que ela queria — ela o faria consertar Mattie e dar-lhe a chave, ela o faria ser bom para ela e perdoar sua traição.

Ma,s antes que pudesse falar com Iolanda, precisava ter certeza de que o Fumante de Almas estava bem. Por que isso era tão importante, ela não tinha certeza.

Talvez porque ele abrigasse o espírito de Beresta, mãe de Sebastian, ou talvez porque ela se sentisse responsável, pois, não importava quão inadvertidamente, fora ela quem revelara à Mecânica que o telégrafo que deram fora usado para interceptar suas mensagens e que ele escondia segredos deles.

Os guardas dariam cabo dele — à distância, de modo a não colocar em perigo seus próprios espíritos, usando a armadilha que trouxeram com eles — e continuariam até a entrada da mina na Crânio de Carneiro, para baixo, através da passagem escavada sob a cidade... Mattie não queria continuar com esse pensamento. A realidade era muito amarga, mesmo para sua capacidade diminuída.

— É tudo minha culpa — sussurrou como um feitiço, sem deixar que o significado das palavras alcançasse sua mente.

As gárgulas ouviram e balançavam-na nos braços, acalmando-a, embalando-a.

— Shhh — sussurravam como se ela fosse uma criança. — Shhh.

Mattie não ousava olhar para baixo, para as ruas abaixo, e observou os tentáculos das nuvens baixas riscando o céu. Era tão cinza agora e, ainda assim, claro — o cinza azulado da parte inferior de uma pomba, o brilho azul de metal bem polido.

Ela nunca vira um céu assim, liberto da fumaça e das emanações diárias da cidade.

— É sempre assim — as gárgulas sussurraram, quase inaudíveis acima do assobio do vento. — Aqui é sempre claro e belo. É por isso que raramente voamos.

Aquilo fez sentido para Mattie. Às vezes, era melhor não ver, não saber.

O vento arrancou seu cabelo, o cabelo que pertencia a alguém, e seus olhos observavam o céu límpido acima.

As gárgulas pousaram ao pé da colina e Mattie sentiu seus pés vacilarem. Segurava o homúnculo mais apertado à medida que ele se agitava, balbuciava e borbulhava.

Mattie duvidava de que fossem capazes de chegar à cabana sem serem descobertos. Mesmo as esquivas gárgulas estavam expostas nessa encosta, fora de seu elemento.

Os homens da guarda haviam cercado o barraco de Ilmarekh e seu chamariz ainda estava entre eles. Seu olhar cabisbaixo indicava que ele estava consciente de seu destino iminente e não o aprovava. Os guardas pareciam estranhamente vulneráveis sem suas armaduras, e Mattie achou difícil acreditar de que costumava sentir algum parentesco com eles devido à visão de suas carapaças de metal.

O homúnculo em seus braços lutava para soltar-se, debatendo-se contra o confinamento de sua saia. Ela desembrulhou o pacote terrível e sangrento.

— O que foi?

— Deixe-me ir. Eu posso ajudá-la, ajudá-la.

Mattie considerou a proposta. O homúnculo era pequeno o suficiente para esgueirar-se entre os guardas sem ser detectado, só precisava parar de borbulhar tanto.

— O que você vai fazer? — perguntou ela.

— O que eu fui feito para fazer — respondeu o homúnculo, já livre de seus braços.

As gárgulas, amontoadas perto do chão, as asas abaixadas, pareciam pedras na encosta. Mattie agachou-se junto delas, acompanhando o progresso do homúnculo pela colina.

Os guardas gritaram e um deles descarregou o mosquete.

O vento levou suas palavras, mas Mattie supôs que estavam pedindo a Ilmarekh para sair. Então, deixaram o prisioneiro à porta do barraco e recuaram alguns passos, os mosquetes mirando a porta.

— Precisamos ajudá-lo — disse Mattie para as gárgulas. — Vocês podem fazer algo, eles não vão atirar em vocês. Salvem-no como vocês me salvaram.

— O que podemos fazer? — As gárgulas sussurraram pesarosamente, mas endireitaram-se e abanaram as asas.

— Parem! — Mattie gritou para os guardas.

Alguns deles se viraram e abaixaram suas armas em reverência quando viram o bando de gárgulas e uma menina mecânica tropeçando em seus calcanhares.

Eles não viram o homúnculo.

A porta se abriu e Ilmarekh, vestido como se estivesse para sair, ficou no limiar, a bengala tocando o chão. Vestia seu usual casaco preto com uma camisa muito branca por debaixo, seu rosto e mãos apenas um tom mais escuro do que o cabelo branco.

As pernas de Mattie vergaram sob ela, como se as articulações estivessem soltas, e ela mancava à frente das gárgulas, ciente da crescente distância entre eles, incapaz de desviar o olhar de Ilmarekh — um silhueta desenhada em preto e branco emoldurada pela porta, com apenas um respingo da cor: o homúnculo a seus pés.

— Fiquem longe! — Um dos guardas gritou para as gárgulas que se aproximavam. — Isso não lhes diz respeito!

As gárgulas hesitaram, em sua submissão de sempre. Os guardas, confusos, ergueram os mosquetes. O prisioneiro, um homem de pele escura, desprezado, engasgou e soltou-se, e

Mattie percebeu que a alma dele estava se esforçando para juntar-se a seus irmãos e irmãs.

Com seu olho novo, porém inferior, ela não podia ver a forma da alma e lamentou — queria poder vê-lo retirá-la dos lábios do homem, transparente e iridescente como uma bolha de sabão, espiralando até Ilmarekh e alegremente desfazendo-se dos medos de seu antigo proprietário.

O homem caiu de joelhos e depois sobre seu estômago e ficou imóvel.

Os guardas não podiam esperar mais e viraram os mosquetes.

Não houve tempo para as gárgulas fazerem qualquer coisa e vários tiros soaram.

Ilmarekh, ainda recuperando-se da absorção de uma nova alma, gaguejou com a boca cheia de sangue. O sangue derramou-se sobre o homúnculo de Mattie e ele absorveu a oferenda ansiosamente, avidamente, e só então os guardas repararam nele.

Mattie viu também — as almas, tufos de fumaça, escapavam do corpo prostrado de Ilmarekh, esparramado sobre uma poça de sangue que se espalhara rapidamente. A julgar por seus gemidos e seu praguejar, os guardas podiam vê-las também.

As gavinhas das almas estenderam-se e todos, incluindo Mattie, deram um involuntário passo para trás, afastando-se dos tufos, assobios e contorções.

Apenas o homúnculo permaneceu parado onde estava.

As almas o encontraram e o perpassaram; por um momento, o homúnculo pareceu uma carcaça de ovelha — vermelha e atravessada por fios brancos de mármore; e ele borbulhava e assobiava, fervendo de pé, ainda resistindo.

O ar irrompeu através dos lados e de seu rosto, enviando pequenas nuvens de névoa vermelha. Gradualmente, as erupções mais violentas diminuíram e o homúnculo, parado ali, fervendo e borbulhando, parecia maior agora, tão grande quanto uma criança de 3 anos de idade e mais sólido, como se as almas lhe conferissem uma aparência de carne e vida.

Mattie assistiu ao desenrolar do estranho acontecimento, esquecendo-se de sua dor e fadiga, incapaz de desviar o olhar. O entendimento demorou um pouco para chegar, mas, quando o fez, floresceu com certeza radiante, e ela riu — um som repentino, um guincho que arrancou até os homens da lei de seus devaneios.

Todos falavam ao mesmo tempo, pedindo explicações e apontando para o homúnculo em silêncio, calmo, no centro de violentos eventos. Eles discutiam se deveriam destruí-lo, perguntavam-se de onde viera, perguntavam uns aos outros o que tinha acontecido, incapazes de compreender a transição.

Era a pedra, Mattie queria dizer. O homúnculo era a essência da pedra, agora inoculado com os espíritos dos mortos. Agora, cada pedra da cidade, cada edifício antigo estava vivo, com inúmeros espíritos, todos sussurrando suas tediosas histórias.

Era hora de cumprir sua promessa para com as gárgulas.

Mattie se virou em direção a elas e disse.

— Agora. Agora ele é de vocês. A essência da pedra e os espíritos dos mortos estão vivos dentro dessa criatura e ela quebrará o vínculo que os prende a seu destino. Aceitem os espíritos das pessoas mortas e levem-nos com vocês. A pedra não pode mais lhes fazer mal.

Os guardas deviam ter percebido que foram testemunhas de um importante acontecimento. Baixaram as armas e deixaram que as gárgulas passassem entre eles, deixaram que pegassem o homúnculo, manchando suas garras. A cada toque, ele visivelmente diminuía. As gárgulas o passaram de uma para outra e, conforme o homúnculo se reduzia, as garras delas ficavam

coradas de um profundo vermelho e uma mudança se iniciava.

Suas couraças mudaram da cor cinza para um leve azulado, a cor da argila das margens do rio, e suas faces se coloriram com um brilho que Mattie nunca tinha visto.

Já não pareciam esculpidas em pedra, mas meras criaturas de carne. Carne que não durava, mas ela decidiu não pensar nisso agora.

Haviam pedido a liberdade, não a imortalidade, e fora isso que ela lhes dera.

Ela desejou poder falar com Beresta só mais uma vez, o fantasma tímido da mulher que fora a primeira Alquimista a trilhar essa estrada. Mattie imaginou se Beresta ficaria orgulhosa por seu trabalho ter sido concluído, se ficaria feliz com a realização de Mattie.

Desejou que Ilmarekh não precisasse morrer para libertar as almas que tinha consumido e perguntou-se como seria ele, se não fosse tão assombrado por elas. Perdera o amigo que nunca conhecera — o amigo que poderia ter tido.

Nós não temos palavras para descrever o que está acontecendo. Sabemos que devemos fazer algo para ajudar a menina que nos ajudou, mas nos sentimos deslumbrados, inundados com a experiência de estar separados da pedra.

Nós nos sentimos flutuando, desenraizados, como nuvens. Sem peso.

A cidade aparece atrás de nós e, pela primeira vez, nos sentimos separados dela, flutuamos sem corpo, enquanto ela continua a ser substancial e estacionária e estranha.

Nós olhamos à nossa volta com novos olhos — como a menina que está sentada ao chão por algum motivo; não pensamos se a vimos sentar. Os guardas não sabem o que fazer conosco, e sentimos por eles, porque nós entendemos como era usar a carapaça dura e protetora e ficar na encosta, expostos, com dois homens mortos deitados no chão, simples objetos, assim como a cidade e a colina. Nós sentimos o cheiro marinho e salgado do sangue em nossas mãos e no ar que inspiramos, com o peito absorvendo o cheiro da queima — o barraco do Fumante de Almas está queimando; será que deixou uma chama acesa? Mas é o sal que sentimos, seu cheiro mais forte do que tudo, agitando memórias dentro de nós, memórias que não temos o direito de possuir.

Nós lembramos da viagem através do mar, liso como vidro, o navio na calmaria durante dias nessa superfície verde; lembramos dele se enrugar como seda sob o primeiro sopro de vento, nos recordamos das ondas e dos terríveis precipícios que se abriam entre elas, nós lembramos da sensação de nosso estômago pulando para a garganta enquanto o navio escalava a crista de uma onda hesitante para depois despencar, acompanhado por gritos de terror e euforia.

Nós lembramos das cidades que nunca visitamos, as vidas que não vivemos, os filhos e os netos e o envelhecimento inevitável dos pais; lembramos os cheiros de cardamomo e do calor tropical, úmido; da terra fofa e vermelha, tão generosa e tão árida quando cultivada.

Nós lembramos da dança nas praças da cidade — quadrados franjados com prédios baixos, que eram muito mais ar do que pedra; nós lembramos das tintas brilhantes que as crianças usavam para pintar a si mesmas e às outras, rindo.

E então nossa visão enxerga nossa cidade de pedra, mas através dos olhos dos forasteiros; o imponente edifício esculpido em pedra. Nós nos vemos empoleirados nos

telhados; nossas asas, silhuetas afiadas contra o céu desbotado.

Nós vemos a seriedade cinza e a beleza austera, que não convida à apreciação, mas ainda assim a exige. Nós sentimos tonturas e balançamos nossas cabeças, deslumbrados e extasiados. E então as outras vozes despertam dentro de nós, as almas das pessoas que foram arrancadas do morto que está a arrefecer no chão.

Nós ouvimos uma multidão de vozes sussurrantes, insistentes.

— Ouçam — dizem elas. — Basta ouvir.

Mattie forçou-se a ficar sobre as pernas frouxas. A articulação do joelho direito ficava alternadamente travando e soltando, mas não deu atenção a isso.

Não sentiu nenhuma satisfação em sua realização, mas sim um vazio que não sabia como preencher — não havia mais nada a fazer. Seus pensamentos deslocaram-se lentamente em sua mente, como se as engrenagens clicassem com hesitação incomum. Sebastian, Iolanda e Níobe, nenhum deles se importava com ela. E havia Loharri, que não a queria por perto nunca mais. E havia a chave — sua chave, a chave que lhe devolveria a vida. Quando fosse dona de si, encontraria um Mecânico para consertar o que havia de errado com ela. E, no entanto, nada disso parecia importante perto das gárgulas, transformadas por sua alquimia.

Elas a cutucaram gentilmente, ainda admiradas com suas novas mãos.

— Não deveríamos ir atrás deles?

Ela olhou os dedos que apontavam, com vida real pulsando gloriosamente dentro deles.

— Atrás de quem?

— Deles.

Então ela esforçou-se para que o olho saísse das gárgulas para o objeto de sua atenção — os guardas marchando obedientemente em direção à boca da mina. Havia um número suficiente deles para abrir a entrada camuflada, Mattie pensou.

— Não. Eles têm mosquetes. Eles nos matarão — a vocês também. Vocês não são mais o que costumavam ser, lembrem-se disso. Agora, são mortais. Podem ser mortas.

Os rostos das gárgulas mostraram o medo e ela apressou-se em tranquilizá-las.

— Eles não farão nada a não ser que vocês os provoquem. E segui-los agora seria provocá-los. Vamos, vocês devem conhecer outras formas de chegar ao subterrâneo.

As gárgulas balançaram as cabeças, todas juntas, como sempre faziam.

— Há um lugar secreto dentro da cidade, próximo do distrito que queimou primeiro.

— Vocês podem me levar até lá?

Elas não responderam, mas a colheram novamente, segurando-a firme, e voaram.

O tempo da viagem permitiu a Mattie pensar de maneiras das quais ela não era capaz quando precisava andar ao mesmo tempo. Ela pôde forçar seus pensamentos em um padrão organizado, empilhá-los uns sobre os outros, para decidir as prioridades.

Ilmarekh estava morto e ela procurava pelos outros.

Precisava de sua chave para que pudesse cuidar de si mesma, não necessitando da ajuda de ninguém ou sendo condescendente com falsas amizades.

E, para obter a chave, precisava de Iolanda. Mas não apenas como amiga; Mattie poderia invocar um favor prometido. E depois disso sua indiferença poderia ser plena, dando a saber que ela não precisava mais deles.

Talvez então Sebastian pudesse amá-la de novo.

As gárgulas pousaram já dentro dos portões do norte. Mattie ainda sentia as pernas presas, mas acalmou-se e inclinou-as algumas vezes, certificando-se de que a flexibilidade ainda estava presente.

— Onde é? — Mattie perguntou.

As ruínas do orfanato se elevavam por trás dela.

As gárgulas apontaram para o que pareceu ser um pequeno poço no solo — coberto com grama queimada pelo sol e bastante comum. Quando olhou mais de perto, ela descobriu uma mancha irregular no solo, apenas um vão fino de forma assimétrica.

As gárgulas se reuniram em torno da abertura e, com seus dedos nela, levantaram a laje de pedra, com a grama ainda agarrada a ela, e Mattie sentiu a exalação úmida e escura da boca da mina, o cheiro familiar do ar velho e da pedra subterrânea e quente.

— Vocês vêm? — perguntou às gárgulas.

Elas menearam a cabeça em uníssono.

— Temos que ir agora, mas a veremos novamente.

Mattie desceu ao subterrâneo sem olhar para trás. Não havia nenhum motivo para assistir às figuras aladas sobrevoando a cidade quando estava prestes a descer para um lugar sombrio. Seu novo olho não permitia enxergar na escuridão e ela manteve uma das mãos na parede do túnel, sentindo seu caminho com um pé.

Seu progresso foi lento e trabalhoso, e Mattie se preocupava ainda se teria tomado um rumo errado em algum lugar e agora estivesse descendo em direção a um poço abandonado, onde ela nunca seria encontrada e se descobriria incapaz de encontrar o caminho de volta. Tomava notas mentais das depressões na parede, de qualquer característica distinta que sentisse ao chão — um machado abandonado, trapos.

Quando Mattie viu um brilho fraco nas paredes do túnel, não se atreveu a acreditar que estava chegando ao fim de sua jornada. Poderia ser um defeito do olho ou alguma vida subterrânea fluorescente, poderia ser qualquer coisa. Não permitiu que a esperança a dominasse até que o brilho tornou-se constante, um ponto convidativo de luz branca com raios finos que se irradiavam a partir dele, e a respiração quente do túnel trouxe o cheiro de óleo de lamparinas acesas e vozes humanas.

Ela saiu para a luz e o espaço era tão subitamente amplo e livre que ela gritou de alívio e angústia. Seu olhar demorou tanto tempo para ajustar-se à iluminação da caverna que as pessoas a seu redor pareceram-lhe borrões.

Faziam perguntas, mas suas palavras zumbiam como uma só, como o som das moscas que agora enxameavam as ruas, e, em vez ouvir, ela falou. Contou sobre os guardas que desciam pelo outro túnel. Disse-lhes que a Mecânica sabia de tudo.

Sentiu braços envolvendo-a e, por um momento, pensou que pertenciam às gárgulas, que de alguma forma as criaturas transformadas a tinham seguido no escuro do subterrâneo. Ela apertou o olho e reconheceu o rosto de Níobe perto dela, com Iolanda logo atrás. Ambas

pareciam mudadas — a aparência delgada e os olhos pareciam mais sábios do que antes.

— Loharri — Mattie disse para Iolanda. — Ele sabe dos túneis e sabe sobre você e os outros cortesãos. Não deixe que ele chegue até você, não deixe que ele pegue o feitiço.

Iolanda balançou a cabeça.

— Não se preocupe com isso agora, Mattie. O que aconteceu com você?

As pernas de Mattie tremeram.

— Precisamos de um Mecânico aqui — Níobe gritou para o interior da caverna. —Esta mulher está doente.

Isso foi gentil e atencioso, Mattie pensou. Níobe e Iolanda fizeram questão que ela se sentasse perto da parede, sobre uma pilha de caixotes vazios. Tudo na caverna parecia catado da superfície e o cheiro de mofo das frutas podres se agarrava às caixas.

— O que aconteceu com você? — Níobe perguntou. E acrescentou em um sussurro baixo: — Sinto muito.

Mattie lhe contou como vagara pelo bairro queimado preocupada com elas, contou sobre a agressão e a traição de Loharri, sobre a morte do Fumante de Almas e a transformação das gárgulas.

— Você foi muito inteligente — Níobe interrompeu sua história. — Estou feliz que tenha conseguido!

— Obrigada por sua ajuda — disse Mattie. — As coisas que você me ensinou foram úteis.

Níobe assentiu.

— Tenho que dizer o mesmo de você. Estive cuidando dos feridos e não poderia tê-lo feito sem o conhecimento das plantas. Obrigada por me ensinar.

— Espero que sejamos capazes de ensinar uma a outra novamente, em breve — disse Mattie. Ela sentia-se vulnerável e agarrou-se ao calor da voz de Níobe, apesar de suas resoluções anteriores. — Será muito mais agradável do que... isto. — Ela traçou um arco no ar com o braço, indicando a situação.

Níobe sorriu para ela.

— De fato. Acho que todos estão ansiosos para a luta acabar. Mas acho que depois será diferente.

— Eles sempre precisarão de alquimistas — disse Mattie. — Enquanto as pessoas se machucarem, elas precisarão de nós.

Iolanda ouviu a conversa com a expressão impaciente que parecia adquirir sempre que ela não estava falando.

— Está tudo muito bom. Mas não posso acreditar no que aquele desgraçado fez com você.

Mattie balançou a cabeça e se encolheu ao ouvir o clique do pescoço e a dificuldade de fazer um movimento tão simples.

— Tenho certeza de que ele sente o mesmo por mim. Eu o traí.

Iolanda deu de ombros.

— Você teve um motivo melhor.

Mattie não sabia ao certo se algumas razões poderiam ser mais importantes do que outras, mas sentia-se cansada demais para discutir. Após sua explosão inicial de verbosidade, parecia ter ficado sem palavras, e então ouviu Níobe e Iolanda chamando um Mecânico

novamente. O coração de Mattie gemeu com batimentos que pareciam cada vez mais distantes uns dos outros. E por que isso importaria? Se seu coração parasse, ninguém senão Loharri seria capaz de reanimá-la. E talvez com o passar do tempo ele a perdoasse.

Enquanto isso não acontecia, ela poderia permanecer assim, imóvel, esperando a raspagem suave da chave penetrando na fechadura, uma volta lenta e um clique que a traria de volta. Talvez fosse melhor esperar até que fosse perdoada e as coisas se arranjassem lá fora, para que ela pudesse despertar para uma aparente normalidade. Seria bom somente dormir, longe do caos, e acordar no mundo onde Loharri não a odiaria. Mesmo em seu estado lamentável, Mattie percebeu que isso provavelmente não aconteceria.

— Iolanda — disse Mattie. — Por favor, use logo o homúnculo.

— A decisão não é minha... — Iolanda explicava.

Mattie ergueu a mão.

— Eu sei. Você quer esperar até que tenha o controle da cidade. Mas eu não posso esperar tanto tempo. Pegue minha chave para mim, por favor. Mesmo que meu coração pare, você pode dar corda. Basta pegar minha chave, eu lhe suplico.

Iolanda assentiu.

— Farei isso, prometo. Não se preocupe. — Olhou por cima do ombro e jogou as mãos para o ar. — Finalmente! Já era tempo de aparecer um Mecânico!

Como Mattie esperava, era Sebastian.

Ele cutucou os pés de Mattie.

— Vamos — disse suavemente. — Venha à minha oficina e vamos tentar consertá-la.

— Minha chave — Mattie sussurrou.

— Shhh. Não se preocupe. Vamos colocá-la de pé.

Mattie meneou a cabeça e procurou não se preocupar. Seguiu-o através de um corredor largo e breve até outra caverna que cheirava a metal, óleo de máquina e explosivos.

CAPÍTULO XVIII

Nós olhamos para tudo com novos olhos, olhos com a percepção da carne e não da pedra. Já não estamos prestando atenção aos edifícios, mas sim ao zumbido das moscas que parecem estar por toda parte. Sentem nosso suor e pousam em nossos lábios e olhos, seu zumbido é alto e de alguma forma impuro. Nós estremecemos e as afastamos de nossos rostos, mas continuamos a sentir o toque gorduroso de suas pequenas patas.

E o cheiro... Autômatos estão limpando as ruas, mas poucos sobreviveram aos tumultos. Mesmo aqueles que conseguiram estão em mau estado — tropeçam a todo instante e alguns de seus membros estão faltando. Estão agora recolhendo os corpos dos guardas mortos deixados para trás. Os mineiros carregam os seus depois do combate, mas vemos o cansaço em seus olhos e achamos que, em breve, abandonarão seus corpos também.

O cheiro de lixo podre está em todos os lugares, e levamos algum tempo para perceber que ele está vindo dos corpos mortos, despojados de suas roupas e armas rudimentares. Reconhecemos os comedores de carniça também, escondendo-se nas sombras — as crianças de olhos claros e selvagens, soltas depois que os Monges de Pedra deixaram a cidade.

De repente, sentimos medo e apreensão, nus em nossa carne perecível, e só por um momento gostaríamos de poder voltar a ser pedra em vez de apodrecer, estar presos novamente dentro da prisão de pedra em lugar de reduzidos às almas imateriais, como aquelas dentro de nossas cabeças. O momento passa. Não há nenhuma utilidade em lamentar decisões irreversíveis. Temos que viver com elas, e nós tentamos.

Nós nos movemos em direção ao prédio do Parlamento. As janelas tornam-se amarelas com a luz, mesmo que seja da manhã, e sabemos que eles estão lá dentro por toda a noite, preocupados demais para lembrar de conservar o óleo, que acabará em breve, assim como tudo mais na cidade.

Nós escalamos as paredes e nos agachamos nas janelas. Eles não nos veem espreitando o interior. Estão muito preocupados e parecem esgotados, ásperos — seus olhos estão vermelhos e inchados, e suas bochechas, moles, cinzentas e escuras. E, por conta de nos agarrarmos às estreitas janelas, sentimos os músculos tensos das pernas, sentimos nossos dedos relaxando sua pegada aos caixilhos das janelas, e de repente nós entendemos — de verdade — quão cansadas essas pessoas estão, quão vulneráveis e feridas. Assim como aqueles que lutam nas ruas abaixo, assim como os que aguardam nos túneis, assim como os comerciantes da praça do mercado e seus clientes mais medrosos.

Uma explosão sacude o ar com raiva e uma rajada de vento quente e quase sólida nos arranca de nosso poleiro. Nós nos recuperamos estendendo nossas asas para evitar a queda e pousando suavemente, com dignidade e graça.

Olhamos ao redor para localizar a origem da explosão, mas não podemos ver se falta algum edifício; seria preciso estar mais alto, longe do chão. Nós ouvimos um tilintar suave e olhamos para cima, para ver os cacos de vidro chovendo das janelas destruídas do Parlamento, caindo como cristais de gelo irregulares; é um milagre não termos sido feridos. Nós escalamos a parede, nossos corpos contra ela, para que os homens que agora estão olhando para fora pelas janelas — Alquimistas e Mecânicos de barbas por fazer e olhos congestionados — não possam nos ver, mas eles nem sequer olham em nossa direção. Estão

apontando para o oeste, para os distritos onde a destruição foi maior.

Lembramos da disposição da cidade em nossas mentes — muitas casas em sua maioria, e os alojamentos dos guardas não estão muito longe do portão ocidental, e há telégrafos e os mercados e as fábricas.

Todos eles parecem ser alvos igualmente prováveis. E nenhum deles importa.

Foi a segunda vez que Mattie encontrou-se nua na presença de Sebastian. Por sua leveza e sua maneira de fingir que brincava, ela supôs que ele pensasse nisso também.

Queria perguntar-lhe agora por que ele fizera amor com ela — teria sido um fetiche de um Mecânico apaixonado por dispositivos intrincados, e fora fácil expressar seu carinho, uma vez que o dispositivo se assemelhava a uma menina, ou fora outra coisa?

Ela não sabia como, mas sua mente preguiçosa se recusava a fazer o trabalho, por mais estritamente necessário que fosse — ou seria outro modo de autopreservação que Loharri construíra nela, responsável pelo desejo ridículo de viver, apesar da mortalidade inevitável?

Sebastian lubrificou as articulações e ajustou as minúsculas engrenagens em seus joelhos. Doeu só um pouco.

— Misericórdia — disse Sebastian. — Queria que você não sentisse como outros autômatos.

— Há um módulo na minha cabeça que me desconecta de qualquer sensação. Só que eu realmente não sei onde é exatamente. Eu não gostei muito da última vez que ele foi usado, acho que é por isso que estou tão mal agora.

— Eu não vou tocá-lo — Sebastian prometeu. — Mas tenho que verificar dentro da sua cabeça para me certificar de que não há nada quebrado.

— Da última vez, você disse que não sabia como eu funcionava.

— E não sei. Mas posso ver se as engrenagens estão desalinhadas ou se os conectores estão faltando.

— Acho que precisarei que alguém me dê corda em breve. Preciso que Iolanda consiga minha chave.

— Eu farei isso — disse Sebastian. Sua voz soou tão séria que Mattie acreditou nele. — Eu prometo que conseguirei. — Ele refletiu, sério, com a mão segurando o queixo distraidamente. — Talvez eu possa fazer um molde do buraco da fechadura e fazer uma chave nova. Tenho todo o equipamento aqui.

Claro que Mattie pensara nisso. Claro que eles poderiam fabricar chaves — Iolanda e os outros tinham acesso a todas as fechaduras importantes na cidade. Assim, eles colocavam os explosivos onde quisessem.

Em sua confusão, as paredes da caverna mal-iluminada, a matéria sólida sob a gaze das sombras a fez recordar os painéis escuros da oficina de Loharri. Cheiravam igual, e era tão confuso e Sebastian tornou-se Loharri em sua mente e depois voltou a ser ele mesmo novamente. Talvez por isso o pensamento de uma segunda chave nas mãos de outro Mecânico a tenha enchido de pavor.

— Não. Deixe Iolanda ou Níobe pegarem minha chave — eu não quero mais uma chave, não quero que ninguém mais a tenha, só eu.

Sebastian sorriu.

— Nem mesmo eu?

— Principalmente você. Sem ofensa.

— Não me ofendi. Talvez uma chave temporária? Eu a daria a você imediatamente.

O irritante módulo de sobrevivência fez-se presente de novo.

— Sim — Mattie sussurrou, e sombras escuras cresceram em torno dela. — Apenas temporária.

— Precisarei de um molde — disse Sebastian.

Mattie acenou, autorizando-o, e acompanhou-o retirar a bolha de vidro de uma lâmpada e aquecer o bulbo de metal sobre as chamas. Quando começou a crepitar, com cheiro de metal quente, ele deixou cair um pedaço de cera dentro, deixando-a amolecer, mas não derreter. Virou-a para baixo em sua palma e soprou a massa em seus dedos. O pedaço de cera era transparente nas bordas e Sebastian rolou-o em suas mãos, deixando-o esfriar um pouco, apertando entre seus dedos.

Quando a cera quente e perfumada tocou sua pele, Mattie engasgou. Seu toque fora tão vivo, tão gentil. A cera maleável foi empurrada para a abertura da fechadura e Mattie ficou tensa, à espera do virar de uma chave que não veio; é claro, era bobagem esperar a chave, e ainda assim não podia extinguir completamente a antecipação e o entusiasmo.

— Fique parada — Sebastian sussurrou.

Pressionou a massa de cera com a mão e Mattie desviou o olhar. Não porque se sentisse desconfortável (embora isso fosse verdade), mas porque ele era o Mecânico agora, os lábios franzidos de concentração e os olhos estreitos. Ele só pensava na tarefa à frente, esquecendo tudo sobre Mattie. Pareceu que seus pensamentos lentamente sugeriram que ele era como Loharri. Não achou o pensamento nem reconfortante nem perturbador, apenas esquisito.

Sebastian extraíra a cera e olhou para ela.

— Filho da puta — praguejou.

— O queê?

Sebastian balançou a cabeça.

— Olhe!

A cera se parecia com um simples cilindro estreito, desprovido de quaisquer marcas.

— Não se parece com a minha chave — disse Mattie.

— Claro que não. É protegida! A abertura externa é mais estreita do que o mecanismo interno.

— Acho que ele me disse certa vez que era uma chave complexa.

— Isso é um eufemismo. Uma vez que esteja dentro, ela se expande e encaixa nas ranhuras. Não posso fazer uma cópia disso.

Mattie baixou os olhos.

— Ele não queria que eu fosse capaz de obter uma cópia. Mesmo se eu tivesse pensado nisso antes, não poderia tê-la feito.

Sebastian olhou para ela.

— Você nunca pensou nisso antes?

Mattie sacudiu a cabeça e as articulações do pescoço chiaram.

— Sempre pensei nela como a única chave. Se houvesse mais uma, seria... desconcertante.

Ela esforçou-se para captar o pensamento que se manteve piscando nas bordas de sua mente. Finalmente, conseguiu.

— Será que Iolanda lhe contou sobre a coisa na minha cabeça?

— Não. Que coisa na sua cabeça?

Ela lhe contou sobre Loharri e sobre a sua traição.

Ele ouviu com as mãos cruzadas atrás das costas, o rosto impassível. Mas ela sabia que ele estava chateado: a partir dos tendões em seu pescoço, da maneira como se destacavam de sua pele.

— Tem certeza de que ele o tirou? — perguntou.

Mattie meneou a cabeça positivamente.

— Não importa agora — disse Sebastian, estendendo a mão para o rosto dela. — Vou dar uma olhada dentro da sua cabeça de qualquer maneira. Vamos ver o que está aí dentro, está certo?

Mattie não protestou — era apenas mais um castigo, pensou, sua punição por ter feito algo errado. Ela submeteu-se às mãos de Sebastian, descolando seu rosto e retirando para fora o olho, seus dedos fortes escavando com indiferença fria em sua cabeça. Sentiu-o movendo interruptores e ajustando as engrenagens, e às vezes ela desmaiava, apenas por um segundo, mas sempre voltava.

Ele encontrara a chave que a fazia imóvel.

— Sinto muito. Tenho que desligá-la por pouco tempo. Eu prometo que você se sentirá melhor depois.

Quando Mattie voltou a si, a qualidade da luz na caverna permanecia a mesma. Por que mudaria? Afinal de contas, o subterrâneo era tão profundo que o exterior não se atrevia a penetrá-lo. Mas parecia que o tempo tinha passado; o nível de óleo nas lamparinas parecia menor e Sebastian parecia mais velho, uma sombra escura de barba crescera em seu rosto.

Mattie ficou aliviada por acordar e ser capaz de ver. Sentia-se melhor, virou o pescoço sem problema e seus pensamentos fluíam mais rápido e suaves, sem os empecilhos irritantes de palavras ou memórias faltando.

Ele conseguira consertá-la, pelo menos parcialmente.

— Obrigada. Eu me sinto bem melhor.

Ele balançou a cabeça.

— Não há de quê.

Mattie hesitou.

— O que eu faço agora?

Ele encolheu os ombros.

— O que você quiser. Embora eu não a aconselhe ir para a superfície — ainda há luta por lá. — Ele passou as mãos pelos cabelos. — Não sei o que estão esperando. Nós estamos bem debaixo deles! E ainda assim constroem fortificações. Eles agora têm uma máquina que detecta vibrações, cada ataque à superfície foi antecipado. Explosivos parecem ser a solução, mas...

Ele parou de falar abruptamente e acenou com a mão no ar.

— Vá, Mattie. Encontre suas amigas. Eu tenho coisas para fazer.

Seu coração ainda reclamava ocasionalmente e as batidas permaneciam irregulares. Mas não havia nenhum motivo para estar de mau humor ou para que ele a tratasse como um inconveniente.

Mattie encontrou uma das lamparinas que as pessoas usavam em suas cabeças no subterrâneo e passou a explorar sozinha o local. Os túneis se ramificavam e se multiplicavam em cavernas. A intrincada rede era repleta de surpresas.

Mattie vagava pelo labirinto e ocasionalmente encontrava esconderijos de explosivos ou alimentos, roupas ou equipamentos, por vezes, grupos de pessoas; algumas eram aranhas e observavam Mattie silenciosamente com seus olhos escuros e fundos. Na penumbra, seus olhos brilhavam no fundo de suas órbitas como as joias que as aranhas, muitas vezes, carregavam em suas longas mãos, tais quais mementos, pensou Mattie. Ou talvez só ficassem extasiadas com o brilho suave.

As aranhas raramente falavam — Mattie achou que era difícil para elas, com suas respirações sibilantes. Elas fizeram Mattie sentir-se desconfortável.

Quando passava por pessoas nos túneis, tentava não olhar para as caixas que carregavam e não perguntava a que parte da cidade se destinavam.

Ela não perguntou também sobre o que acontecera com os guardas que tinham descido ao subterrâneo e se eles não haviam encontrado nada a não ser os túneis abandonados.

Outras vezes, ela ajudava Níobe a cuidar dos feridos — havia poucos deles, e as duas Alquimistas não tiveram problemas em misturar poções e unguentos suficientes. Só conversavam sobre alquimia. Mattie compartilhou seus pequenos segredos e invenções sobre o uso de folhas de babosa ou flores de camomila e ensinou Níobe a fazer uma bebida forte e azeda com galhos de amora verde, para aplicá-la nas bandagens e fazer parar sangramentos. Contou sobre suas misturas com um senso de urgência. Ela nunca o fizera antes em voz alta; tinha medo de que seu coração pudesse parar a qualquer instante e queria passar o máximo possível de seu conhecimento.

Níobe também não falava sobre isso, mas mantinha-se alerta e atenta.

A ansiedade em Mattie só aumentava. Não havia nenhum sinal de mudanças e ela temia que seu corpo, embora habilmente remendado por Sebastian, se esgotasse antes que pudesse ver o homúnculo usar sua alquimia de sangue em Loharri.

Precisava da chave e começou a sentir sua ausência como uma dor surda no peito.

Mattie não sabia mais se era manhã ou noite.

Deixou Níobe cuidar sozinha dos doentes e foi percorrer os túneis, mas seu coração não estava nisso. Foi procurar Sebastian em sua oficina. Ele tinha ido embora, mas ela achou o cheiro de metal e óleo de uma familiaridade reconfortante. Sentou-se em um caixote e esperou o momento em que pudesse voltar para a superfície e ver as gárgulas novamente.

Houve um barulho abafado de panos e Iolanda entrou na oficina.

Mattie sorriu e Iolanda se sentou ao lado dela e esfregou seu ombro suavemente. Ela parecia tão subjugada agora. Seu semblante era triste e sua carne não mais irritava Mattie — era apenas carne cansada. Mattie queria saber para onde fora sua alegria, sua alegria

saltitante, e perguntou-se se Iolanda estava decepcionada com tudo.

Iolanda sorriu e suspirou e trouxe a cabeça de Mattie ao colo. Mattie resistiu no início, mas Iolanda tomou uma escova com cerdas curtas e densas de sua manga.

— Deixe-me escovar seu cabelo. Você se sentirá melhor.

Mattie cuidadosamente descansou a cabeça sobre a carne macia da coxa de Iolanda e fechou seus olhos. A escova sussurrou através dos fios do cabelo de Mattie — não era seu de verdade, e pensou no menino morto, e pensou em Loharri e o que fizera com que ele escondesse o cabelo por tanto tempo, e por que ele o prendera ao couro cabeludo metálico de Mattie. Deveria ser a mesma coisa que obrigara o Fumante de Almas a tragar a alma do menino morto — compaixão e o desejo de se lembrar.

Eles poderiam realmente ser tão semelhantes?

Logo os ataques repetitivos da escova a embalaram e parou de pensar. Em vez disso, imaginava as coisas que diria para Loharri se o visse novamente, quando o visse novamente, corrigiu-se. Se não por bem, ela o veria submetido à vontade de outrem — talvez ele então finalmente entendesse e não se zangasse mais com ela.

— Ele deveria estar aqui conosco — disse Iolanda.

— Você quer dizer Loharri?

Iolanda afastou a escova e acariciou o cabelo de Mattie.

— Sim. Ele tem tantas razões para odiar esta cidade como qualquer um de nós.

— Eu não a odeio — disse Mattie. — Estou aqui embaixo por acaso.

Iolanda não pareceu ouvi-la.

— Eu simplesmente não o entendo. Ele me disse que viveu no orfanato, ele deveria ficar feliz de vê-lo explodir. Mas, em vez disso, ele vai e converte as lagartas em barricadas e enche-as de armas.

— É por isso que ainda estamos aqui? Eles ainda estão lutando?

— Ainda — respondeu Iolanda. — Ele e todas as pessoas estão resistindo ao curso natural do progresso. O que você acha disso, Mattie?

Decepção — toda vez que pensava que Iolanda estava interessada nela, era apenas um pretexto para fazer perguntas a Mattie sobre os interesses de Iolanda. Mattie deu de ombros, o ombro de metal batendo contra a coxa de Iolanda. Mas em sua mente pensou que o comportamento de Loharri era totalmente razoável. Ela sabia como fora difícil conseguir algo, chegar a uma posição de alguma influência, e abrir mão de tudo isso era insuportável. E, ao contrário dela, Loharri não esperava manter seu poder — a Mecânica era o inimigo, e era importante demais para escapar sem que percebessem. Ele não estava defendendo a cidade, ele estava se defendendo. Sentia-se próxima dele agora que sabia o que o desejo de sobreviver era capaz de fazer. Afinal, ela havia concordado com uma chave duplicada e ficara desapontada por não poder tê-la.

Os dedos de Iolanda brincavam com o cabelo de Mattie distraidamente.

— Às vezes eu me pergunto, Mattie, pergunto-me sobre as coisas que fazemos... Você já fez coisas que não esperava fazer? Coisas que só.... aconteceram?

— Sim. Ultimamente, tenho a sensação de que não tenho feito nada além disso.

Iolanda riu. Mattie sentou-se.

— Não se esqueça da minha chave — implorou.

— Não esqueço. Sei que ela é importante para você.

Mattie agarrou a mão dela.

— Não é apenas importante. É tudo para mim, e eu odeio deixá-la nas mãos de outra pessoa, mesmo as suas. Por favor, tente entender.

Iolanda balançou a cabeça.

— Eu entendo. Acho que talvez seja algo que temos em comum: o desejo de ter a vida de alguém em nossas mãos, mesmo quando não funciona e é pior no final.

Mattie meneou a cabeça, concordando. Iolanda levantou de seu assento, alisando as saias.

— De qualquer maneira, não posso esperar mais para ver o sol. Espero que possamos chegar à superfície em breve.

Mattie concordava que teria que ser em breve.

E então, chegou a hora de ir.

Iolanda estava ao mesmo tempo animada e com medo, e Níobe apenas franziu a testa, os lábios apertados em uma expressão de determinação.

— Estamos indo para a superfície — Iolanda informou Mattie.

Ela não precisava dizê-lo. Mattie já tinha adivinhado a partir do movimento febril que começara na parte da manhã e da interminável fila de mineiros e aranhas arrastando as caixas com explosivos e os mosquetes, junto com as caixas de balas.

Ela não tinha certeza se a resistência da cidade tinha sido subjugada ou se os mineiros estavam se preparando para um último assalto.

— Já viu? — Iolanda perguntou.

— Vi o quê?

— Se precisa perguntar, então você não viu — Níobe disse, sorrindo. — Venha, eu vou lhe mostrar. Sebastian já aprontou quase tudo.

Mattie seguiu Níobe através dos túneis, maravilhada com a facilidade com que Níobe navegava no labirinto. O raio de sua lanterna arrancava da escuridão as veias espumantes de minério nas paredes. Mattie nunca fora tão longe e se sentia diferente.

O ar ficou frio e a condensação escorreu pelas paredes. Os andaimes de apoio eram escassos e Mattie imaginou que eram túneis pouco utilizados.

— Sente o cheiro do rio? — Níobe perguntou.

— Sim. Estamos sob a cidade, não estamos?

— Não muito longe da fábrica de papel. Aqui, as minas se aproximam dos esgotos e é por isso que elas foram abandonados. Eles não conseguiam cavar mais sem o risco de danificar os esgotos ou inundar as minas, se chegassem muito perto do rio.

— Podemos chegar à cidade por aqui?

Níobe encolheu os ombros.

— É possível. Mas, primeiro, olhe só para isso!

Ela levou Mattie até uma grande caverna onde a água chegava ao tornozelo e escorria ao longo das paredes, através de pequenos canais. Havia vozes humanas lá, também, e o tinir de metal e o cheiro acre de fumaça.

Elas se moviam com cuidado, os pés incertos no chão lodoso e escorregadio, e algo

grande começou a tomar forma na escuridão.

Mattie engasgou no momento em que discerniu as verdadeiras dimensões da engenhoca.

Era tão alta como dois homens grandes e erguida sobre uma multidão de pernas articuladas, como um caranguejo gigante. Os rebites da carapaça da criatura eram incompatíveis, alguns de cobre, outros brilhando. No centro da máquina havia uma pequena torre e através do vidro Mattie viu um homem lá dentro.

A engenhoca gemeu e tremeu, e as engrenagens giraram fortemente dentro dela.

— O que é isso? — Mattie perguntou.

— Uma arma — Níobe respondeu. — Sebastian a construiu — outros ajudaram também, é claro. Suspeito que seja por isso que os mineiros tolerarem nossa presença. Eles não gostam da Mecânica nem de máquinas, mas, se forem usadas em sua vantagem...

Mattie contornou a máquina e viu-se olhando para o cano de um canhão curto e largo. Ela não tinha dúvida de que a engenhoca seria apropriada para vencer as barricadas na superfície, bem como os guardas e seus mosquetes.

— Impressionada? — Níobe perguntou.

Mattie meneou a cabeça sem dizer nada. Estava impressionada, embora talvez não da forma como sua amiga quisera dizer. Junto com seu medo em proporções alarmantes, da máquina e de sua óbvia capacidade destrutiva, Mattie sentiu alívio porque havia uma finalidade na coisa, fervendo e tremendo com os movimentos ocultos de seu mecanismo. Seria capaz de terminar o combate e seria capaz de superar a resistência da cidade. Mattie teve vergonha ao perceber que não se importava verdadeiramente com quem ganharia; tudo o que ela queria era que isso acabasse para poder ir para casa e retomar o trabalho com unguentos, depois de pegar a chave, é claro; mas, caso contrário, queria que as coisas voltassem a ser como eram. Não importava quem estaria governando a cidade — enquanto continuassem construindo tais máquinas, as pessoas sangrariam e haveria trabalho para uma Alquimista. Orgulhosamente, pensou que ela era uma das boas — afinal, conseguira liberar as gárgulas da escravidão, a única a realizar uma tarefa tão difícil entre aqueles que haviam tentado.

E isso tinha que significar alguma coisa.

CAPÍTULO XIX

O mundo da superfície atacou Mattie com sua luz brilhante e fumaça acre.

Ela subira a partir da recém-explodida saída, galgando desajeitadamente uma escada improvisada a partir de pedaços de um andaime, seguindo Níobe e com Iolanda atrás. Mattie esperava que a luta estivesse já resolvida e teria que assistir apenas às consequências, e não ao derramamento de sangue de verdade.

Estava cercada de pessoas — a maior parte, cortesãos, mas Níobe e alguns mineiros permaneceram próximos.

— A cidade é nossa agora! — um dos mineiros gritou.

— Não é bem assim — o cortesão de cabelos claros respondeu. — Nós ainda precisamos que a luta termine para que o poder seja transferido de forma ordenada. Precisamos da rendição dos Mecânicos.

Caminharam pelas ruas vazias e silenciosas. Não havia corpos mortos nem lagartos, mas uma nuvem baixa e cinzenta pairava sobre a cidade e o ar recendia a pólvora. Uma fina camada de poeira envolvia tudo: as calçadas de paralelepípedos, os toldos dos prédios ainda de pé, os restos retorcidos das lagartas abandonadas e empilhadas nas ruas.

O boato era de que a luta ainda continuava no distrito ocidental, onde os guardas e os Mecânicos ocupavam uma posição de defesa entre o Lago Estorninho e a fábrica de papel, com a barricada de lagartas e o que restara da Calculadora.

Mattie podia avaliar a qualidade defensiva de todo aquele metal, mas ficou apreensiva quando eles se voltaram para o oeste.

Iolanda carregava o frasco com o homúnculo — ela o alimentara bem e a criatura, cheia de sangue, mal cabia em sua jarra. Iolanda franziu a testa, preocupada.

— Eu me pergunto se minha influência pode durar tempo suficiente para que ele faça o que deve.

— Para entrar no Parlamento, você quer dizer. Vocês poderiam ter utilizado explosivos.

Iolanda balançou a cabeça.

— Há muitos documentos importantes lá dentro. Além disso, se queremos que as pessoas se voltem para nosso lado, temos que tomar o poder de maneira legítima, não à força.

Mattie suspeitava de que Iolanda não estivesse exatamente mentindo, mas simplesmente não contando toda a verdade. Os rebeldes queriam o apoio do partido no poder, porém, que fosse restrito e transitório. Legitimá-los aos olhos do povo era uma preocupação — os Mecânicos sempre conversavam sobre isso em suas reuniões, assim como os Alquimistas, mas geralmente essas conversas aconteciam antes da eleição.

Mattie ficou surpresa ao saber que uma violenta revolução não estava livre também de tais considerações.

Eles não ousaram se aproximar do Lago Estorninho, onde os tiros de mosquete ressoavam entre as mansões evisceradas, abandonadas por seus proprietários ricos. Mattie pensou que todo mundo que era capaz de se mudar já o fizera, e só os pobres e os teimosos ficaram para trás.

Era por isso que estava tão silencioso — as pessoas que ainda permaneciam na cidade não se aventurariam pelas ruas sem necessidade. Os vitoriosos ganhariam uma cidade vazia e

mutilada para governar, e Mattie não podia imaginar por que alguém quereria isso.

Eles pararam não muito longe do lago e Iolanda se agachou e balançou o homúnculo, tirando-o de sua prisão vítrea. Ele caiu na calçada com uma pancada molhada e pôs-se de pé em suas pernas moles e desossadas.

— Vá — Iolanda ordenou. — Vá e traga-o para mim.

O homúnculo partiu em direção ao som dos tiros e da estrutura desajeitada e cinza à distância, na outra margem do lago.

Mattie experimentou no ar o gosto de metal quente e carne, pólvora e ruínas de pedra.

— O que fazemos agora? — perguntou para Iolanda.

— Vamos esperar seu mestre. Nossas tropas foram instruídas a deixá-lo passar ileso.

As pessoas se estabeleceram nos degraus de entrada dos edifícios e na calçada.

Mattie só queria ver Loharri pela última vez, pegar a chave e ir para casa. Visualizou em sua mente o pequeno apartamento situado sob o telhado, que era tão quente no verão. Sentia saudades de sua bancada, com todo o seu equipamento cuidadosamente disposto, e temia que os olhos das ovelhas em conserva pudessem ter estragado com o calor. Sentia falta do bater constante da porta do boticário no andar de baixo, do ranger dos passos nas escadas, anunciando um cliente. Sentia falta de não ter outras preocupações além de perder o prazo de uma poção para um importante cliente ou pesquisar uma receita obscura. Era pelo retorno da simplicidade em sua vida, como costumava ser, que ela ansiava.

Nós assistimos às aranhas rastejando pelas ruas, infinitamente fascinados.

Nós as seguimos, tentando conciliar a visão das crianças que eram com as criaturas deformadas lá embaixo, vasculhando pilhas de lixo e cadáveres.

Com a maioria dos autômatos destruídos, elas assumiram seus postos de trabalho, separando e limpando, recolhendo o que poderia ser útil e empilhando o resto e queimando-o. Incêndios ardem por toda parte, um lembrete surpreendentemente suave das folhas outonais no ar amargo.

Tememos que sejam esquecidas e deixadas de lado em breve — elas não são tão úteis quanto os homens de rostos escuros e olhos claros que vieram das minas, suas roupas manchadas cobrindo ombros salientes e braços grossos. Tememos que as aranhas sempre devam peneirar lixo, incapazes de fazer mais do que isso, e nós resolvemos protegê-las tanto quanto pudermos.

Nós as seguimos pelas ruas que foram recentemente abandonadas pelos combatentes, onde os corpos ainda podem ser encontrados deitados de bruços ou sobre as costas; nós preferimos como fazem as aranhas — que sempre viram os mortos sobre seus estômagos antes de buscar em seus bolsos coisas de que os mortos não mais precisarão. Em seguida, elas os arrastam para os montes que se tornarão fogueiras em breve.

A superfície do Lago Estorninho é lisa e cinza, assim como o céu acima dele, assim como as fortificações erguidas em sua margem distal. Está tranquilo agora e parece-nos quase deserto — nós quase acreditamos na ilusão, mesmo sabendo que há pessoas agachadas atrás das barricadas, algumas olhando para o inimigo através de fendas entalhadas em metal, as mãos apertadas no mosquete, enquanto outros rastejam para os suprimentos e voltam com

alimentos ou balas. Sabemos também que existem homens escondidos nos edifícios, em cada porta de entrada ao longo da rua, à espera de uma oportunidade para atirar.

Notamos uma estranha criatura — diferente, pois não tem cheiro de pedra — cambaleando em torno da lagoa. Tomamos posição para observar seu progresso. Gostaríamos de saber se a menina mecânica está por perto ou se ela está entre os que estão escondidos, esperando para atacar as barricadas. Gostaríamos de saber se a criatura está levando uma mensagem importante, e nós decidimos protegê-la. Mas isso pouco significa; os homens nas barricadas não prestam atenção a ela, que sobe e penetra nas defesas, e nós a seguimos. Aqui, a céu aberto, é difícil nos escondermos, mas nós deslizamos das sombras às franjas dos arbustos esparsos do lago, pairamos escondidos no véu de fumaça. Vemos, por trás das barricadas, um labirinto de fortificações e caixas, pessoas e autômatos. Nós pairamos na névoa cinza e observamos — não temos medo de sermos vistos, todos estão olhando para as ruas e não para o céu.

O homúnculo segue na direção do homem deitado ao chão, dormindo, descansando ou morto. Não, não está morto, ele levanta a cabeça e vê a criatura. Ele se senta lentamente, lentamente, e nós o reconhecemos por seu rosto desfigurado. Ele segura o braço direito junto ao peito com a mão esquerda e vemos a manga direita escura de sangue.

Ele olha para o homúnculo como se o reconhecesse e sorri.

— Venha cá, menino — diz ele e estende seu braço ferido. — Venha cá, vou alimentá-lo.

O homúnculo cambaleia para mais perto e bebe as gotas que caem preguiçosas dos dedos do homem.

— Aí está — diz o homem, que sorri com um lado da boca. Seus movimentos são lânguidos, como se tivesse acabado de acordar, e mesmo quando seus olhos piscam olhando para cima, para nos ver, ele não parece assustado nem apressado. Ele fala com a criatura: — Você vai ser meu amigo agora, não vai?

A coisa balbucia afirmativa e lambe a piscina de sangue no chão e incha, como um naco de pão aumenta de tamanho quando molhado.

O homúnculo incha quase até arrebentar bebendo do sangue do homem ferido — que não é mais belo, sussurramos para nós mesmos. Nunca mais, pois não há como voltar atrás com essas coisas. O homem ferido fica de joelhos e depois de pé, forçando contra o chão o braço bom. A ferida fica maior e sangra mais. As pessoas nas barricadas olham para cima — as expressões são semelhantes, faces encovadas e meio cobertas pelas barbas por fazer.

— Aonde você vai, Loharri? — diz uma delas, um homem mais velho com uma pitada generosa de cinza em sua barba e cabelos longos. — Os Alquimistas estão chegando para cuidar dos feridos, e eles terão algo para estancar o sangramento.

— Olhe ao seu redor. Ninguém vem.

— Você não vai esquecer seu Juramento Mecânico, não é? — o homem mais velho diz.

Loharri balança a cabeça.

— Eu não estou esquecendo coisa alguma. Mas eu vou, vou falar com eles, e, se você quiser atirar nas minhas costas, fique à vontade.

— Você não tem nenhuma autoridade para negociar — diz o homem mais velho.

Loharri sorri e olha para o homúnculo que está a seus pés, apenas uma bola gorda de sangue.

— Eu tenho tanta autoridade quanto você. Isso não é muito. Mas é o suficiente para ver o

que podemos salvar.

Ele olha para a pilha de metal com tristeza em seus olhos, a mesma tristeza que sentimos quando olhamos para baixo, para as crianças de nossa cidade que não podemos ajudar. Então, caminha entre as barras de metal retorcidas, da altura de um homem, e sobe sobre as folhas de papelão ondulado empilhadas umas às outras.

Uma vez que ele alcança o topo, para e pensa, agachando-se para recuperar a estabilidade, mas podemos ver que faz um grande esforço para permanecer na posição vertical. Ele procura nos bolsos e tira um lenço, que costumava ser de cor branca em algum momento de sua existência, mas agora tem uma crosta de sangue e sujeira.

Ele acena-o no ar; seus oponentes são invisíveis, mas ele sabe que eles o têm na mira de seus mosquetes. Ele acena o lenço, duro como uma tábua, no ar para sinalizar suas intenções pacíficas, e começa sua descida lenta em direção ao lago.

Mattie observava Iolanda mordendo os lábios e andando para lá para cá.

Eles fizeram em uma das casas abandonadas um posto de observação e, a julgar pelo cheiro de urina e trapos queimados, não eram os primeiros a ter feito tal coisa.

O lugar tinha sido uma bela residência — um bom papel de parede, branco com delicadas flores azuis, dizia bastante sobre o gosto e a riqueza, e os restos dos pisos de madeira, agora arrancados e arrastados para fazer fogueiras, eram polidos e limpos.

Não havia móveis e estavam todos acampados ao chão, aparentemente muito felizes por estar em qualquer outro lugar que não uma mina subterrânea.

Havia talvez 20 pessoas ali, principalmente cortesãos e alguns poucos mineiros armados com machados e um par de mosquetes. As caixas com explosivos foram empilhadas na cozinha, bem longe das vistas. Os homens com armas guardavam a entrada, mesmo sem qualquer perigo evidente. Mattie tinha certeza de que os homens na barricada do lago não lançariam um ataque ofensivo.

Ela ouviu os sons distantes da carnificina provocada pela máquina de guerra de Sebastian e questionou se o edifício do Parlamento sobrevivera.

Todos falavam com entusiasmo sobre como os bolsões de resistência tinham sido dizimados e que em breve poderiam começar a reconstrução.

Falavam sobre o retorno dos camponeses aos campos e em como melhorar as condições nas minas. Mattie ouviu alguns amigos de Iolanda discutindo em sussurros se os mineiros e os camponeses estariam aptos a governar e se eles deveriam estabelecer um conselho temporário, composto pelos cortesãos que tinham abandonado suas posições, e sobre o que fazer com os guardas depois de tudo; afinal, estavam apenas seguindo ordens.

E uma vez que o poder mudasse de mãos, os guardas não teriam motivo para não servir ao novo governo, teriam?

E um novo Fumante de Almas teria que ser nomeado — pena que os monges tinham fugido, mas certamente eles poderiam encontrar um. Talvez entre as aranhas, que realmente não poderiam servir para coisa melhor.

Por alguma razão, a conversa fez Mattie sentir-se triste — pensou que as coisas sempre aconteciam a seu redor, mas sem que ela tivesse qualquer papel direto nelas. A vida corria a

seu redor como uma correnteza flui ao redor de uma pedra solitária, que, não importando quanto queira, é incapaz de qualquer ação.

Mattie sacudiu a cabeça. Afinal, não gostaria que fosse diferente — estava feliz em poder se recolher em um canto calmo, onde não tivesse que olhar para a máquina de Sebastian atacando as barricadas, esmagando metal e carne com suas pernas enormes e disparando fogo com o canhão.

Uma das sentinelas postadas na porta entrou.

— Ele está chegando — sussurrou para Iolanda, e Mattie sentiu uma pequena vibração em seu peito ao pensar que voltaria para Loharri novamente. — Ele está ferido — disse o sentinela. — É melhor sair, é seguro deste lado do lago.

Iolanda assentiu e se dirigiu para a porta; Níobe e Mattie seguiram-na, dispostas a não perder a rendição de Loharri.

Mattie estava ansiosa agora, já que seu objetivo estava tão próximo. Podia imaginar o peso da chave em sua mão, quase podia senti-la deslizando para dentro e clicando, tensionando a mola de seu coração, fazendo-a sentir-se bem novamente.

Ela viu Loharri bem perto e, pela maneira como andava, rigidamente e ainda vacilante, lembrou de quando conhecera o Fumante de Almas.

Deu a volta para olhar pela frente da casa, passando sobre os canteiros de flores pisadas. Não havia dúvida — era a mesma casa onde ela vira Ilmarekh consumir um espírito inquieto. Teve um sentimento vertiginoso do tempo girando em torno dela e atirando-a ao ponto onde tudo começara, mas agora Ilmarekh estava morto e as gárgulas eram de carne.

Loharri tropeçou, os pés pisando em uma poça de sangue que parecia mover-se junto com ele — Mattie achou ser o homúnculo, trazendo-o para seu cativeiro.

Iolanda se aproximou dele e eles pararam a poucos passos de distância da casa.

Mattie observou seu rosto, esperando por qualquer sinal de reconhecimento, mas o olhar dele deslizou para longe como se ela fosse um fragmento de um céu vazio, uma pedra em uma parede comum. Ele só olhou para Iolanda, com os lábios apertados, como se estivesse tentando não falar.

— Loharri — disse Iolanda. — Eu preciso que você faça algo por mim. Fale com Bergen e com os outros Mecânicos. Diga-lhes que eles não têm nada a temer. Diga-lhes que estamos dispostos a fazer uma trégua.

Loharri balançou a cabeça lentamente, seu olhar ainda persistente no rosto de Iolanda, um sorriso distraído formando-se em seus lábios. Mattie agarrou a mão de Níobe.

— Algo não está certo — sussurrou. Era apenas uma vaga sensação, um sentimento irracional de medo que se abateu sobre ela do nada, mas se recusava a ir embora.

Níobe sorriu.

— O que quer dizer, Mattie?

— Eu não sei — ela sussurrou. — Mas vamos embora.

Iolanda lançou para Mattie um olhar reconfortante e falou com Loharri.

— Diga-lhes que serão poupados. Convença-os de que eles precisam nos ajudar. Faça o que for preciso, mas garanta a rendição dos Mecânicos, mesmo que você tenha que matar Bergen para tomar o lugar dele. Agora, dê-me chave de Mattie e então vá.

A mão esquerda dele, pálida e deselegante, procurou a corrente. Mattie sentiu uma ansiedade dolorosa quando ele puxou lentamente, da corrente sob a camisa, uma cintilante

chave. Suas mãos estenderam-na e Iolanda aproximou-se para pegar a chave, porém Loharri perdeu o equilíbrio e tropeçou para a frente. Seus lábios roçaram o cabelo de Iolanda e ele segurou o ombro dela para recuperar o equilíbrio.

Ele se endireitou lentamente e pressionou a chave na mão de Iolanda.

— Vá agora — disse Iolanda, esquivando-se dele.

Loharri olhou para Mattie apenas por um momento, mas ela sentiu retornar o mal-estar ao notar o sorriso lento que conhecia tão bem torcendo a boca dele.

— Mattie. Ajude-me. Estou fraco, é difícil andar. Preciso que você me ajude.

— Vou ajudá-lo também — disse Níobe.

Loharri reconheceu sua bondade com um aceno de cabeça e Níobe agarrou o braço não lesionado dele, deixando Mattie sustentar o outro lado.

Iolanda voltou para a casa e o homúnculo finalmente se desprendeu de Loharri e seguiu Iolanda, uma vez que sua missão estava concluída.

Começaram a descer o terreno em direção aos restos enormes de lagartas diversas e aquilo que Mattie presumiu que costumava ser a Calculadora. Mas ela não podia deixar de atirar olhares por cima do ombro.

Viu Iolanda, com a chave ainda na mão, entrar na casa, e se arrependeu de não tê-la tomado. Apenas alguns metros mais, ela disse a si mesma, e poderei ir até ela e pegar a chave para nunca mais deixá-la.

Quase no meio caminho até a barricada, Mattie ouviu uma comoção atrás de si.

Ela e Níobe se viraram simultaneamente para ver a explosão de fogo através da porta da casa. Um pilar de chamas envolveu a residência instantaneamente, antes do impacto do ar sólido tirá-las do chão.

Mattie chiou na calçada e sentia-se incapaz de suportar a força do golpe. Seu rosto bateu nas pedras e de repente se espatifou em mil pedaços, e ela ficou atordoada demais para cobri-lo. Lutou para apoiar-se, para ver o cilindro sólido de fogo onde a casa costumava estar. Sentiu o tilintar de detritos chovendo na forma de pedras.

— Mattie — Níobe engasgou ao lado dela. Seu rosto estava machucado e um arranhão cruzava sua bochecha inchada de sangue. — Você está bem?

Ela meneou a cabeça.

— O que aconteceu?

Os olhos de Níobe encontraram Loharri deitado na calçada, virado para baixo. Mattie soube que estava vivo quando ouviu seu riso baixo.

Níobe se arrastou até o Mecânico prostrado e apertou o ombro dele com violência.

— O que você fez?

Ele riu ainda mais, não resistindo a Níobe, que o balançava pelo braço como um boneco de pano em suas mãos. Ele não precisava explicar — Mattie repetiu em sua mente seu tropeço, seus lábios tão perto do ouvido de Iolanda.

Iolanda estava morta. Morta porque o homem que Mattie costumava chamar de seu mestre sussurrara uma palavra de comando no ouvido dela e ela obedecera, comandada por fios de seu cabelo trançado no coração homuncular.

— Como você sabia? — Níobe gritou para Loharri. — Como ativou o homúnculo?

O braço não lesionado de Loharri tremeu, sacudindo a mão. Seus dedos estavam quebrados como os de Mattie, mas não havia dúvida de que apontava para ela.

— Foi o dispositivo na minha cabeça — Mattie sussurrou. — Sinto muito! Eu não sabia que ele tinha visto.

— Não é culpa sua — disse Níobe sem olhar para Mattie, mas para a residência queimando.

Loharri parou de rir.

— Sim, é sua culpa — disse ele.

Os dedos quebrados de Mattie enrolaram-se em punhos deformados.

— Como ousa! — ela disse, momentaneamente esquecendo a casa em chamas e as pessoas em seu interior, superada pela raiva. — Eu vou... — Sua voz fugiu.

Loharri não respondeu. Ele não estava mais rindo, mas em silêncio na poça escura que se espalhava. Sangue jorrava de sua luva rasgada.

Mattie precisou de um momento para perceber o que tinha acontecido.

— Ele está morto — disse Níobe, empurrando a forma inerte com a ponta do sapato. — Sangrou até morrer.

Mattie agarrou os ombros do homem morto.

— Acorde! — Ela lhe deu uma sacudida vigorosa. — Acorde, seu desgraçado! Você tem que me fazer uma nova chave. Você tem que fazer!

Ele permaneceu em silêncio e imóvel. Os punhos de Mattie atingiram a calçada, soltando lascas de pedra dela, mas anda assim incapazes de acordar um morto.

Haveria tempo para chorar mais tarde, e Mattie choraria por Iolanda e os outros, cujos nomes ela não conseguia lembrar, e sentiu-se mal com isso.

Talvez algum dia fosse capaz de chorar por Loharri também — se sobrevivesse tempo suficiente. Mas, por enquanto, sua mágoa era para si, sem chave e condenada.

— Minha chave — disse Mattie. — Estava na casa.

Níobe olhou para ela com irritação. O sangue escorria de suas orelhas, secando sobre a pele do pescoço em uma trilha de serpentinas.

— Venha — disse ela. — Levante.

Mattie levantou-se. Não tinha certeza se era o choque da perda de sua chave, para sempre irrecuperável, ou uma sensação real, mas seu batimento cardíaco diminuía e a imagem das paredes fumegantes e carbonizadas ia e vinha de seu campo de visão.

Ela se perguntou se Loharri a levara para longe da casa para mostrar sua bondade ou sua maldade, poupando-a da desintegração imediata em favor de uma morte lenta e demorada — se seu último pensamento fora não para vingar a destruição da cidade, mas para punir Mattie por desobedecer-lhe.

Não importava agora, Mattie disse a si mesma. Não havia razão para um homem morto ter tanta influência sobre ela.

Ela deveria tentar ajudar, deveria viver o tempo que lhe restava da melhor forma que pudesse. Suas pernas fraquejavam, mas ela segurou Níobe pelo cotovelo, firmando-a.

— Vai dar tudo certo — Mattie sussurrou, mesmo sabendo que não.

Ela olhou para cima, procurando as gárgulas; tinha certeza de que elas a estavam seguindo, rastejando nas calhas de chuva ao longo dos telhados, pairando nas nuvens espessas de fumaça.

— Engraçado — disse, dirigindo-se às nuvens baixas. — Agora, chegou minha vez de ficar imóvel, e ninguém pode evitar isso.

Grandes asas dispersaram a fumaça conforme as gárgulas desceram para a rua e pousaram a seu redor.

— Podemos ajudar? — disseram todas em uma só voz.

— Não, mas não importa. Eu vou para casa. Vocês são bem-vindas para vir comigo se quiserem.

Ela deu um último olhar para as ruínas fumegantes e para a figura solitária de Níobe e para o corpo prostrado de Loharri, e caminhou para o leste.

As gárgulas seguiram por seu caminho habitual, ao longo das sarjetas, rastejando ao longo da fachada, apenas por hábito, uma vez que não havia mais transeuntes para vê-las. Elas se agarravam às paredes com os dedos das mãos e as garras dos pés e sua presença era um consolo mudo.

A casa de Mattie ainda estava de pé, embora o boticário no primeiro andar tivesse sido demolido e queimado e todas as pomadas e curativos tivessem desaparecido. Apenas um fraco cheiro de aloé permanecia sob o cheiro de madeira queimada.

Nas escadas estava faltando o degrau mais baixo, e Mattie teve que pegar sob as saias seu pé, para levantá-lo. Ela podia sentir o cheiro de ervas amargas e os olhos estragados de ovelhas no andar de cima, um aroma familiar que trouxe à sua mente a bancada e o farfalhar de páginas em seus livros.

Ela só queria tocá-los novamente, mas, em vez de se apressar-se, ela hesitou.

Mattie olhou por cima do ombro para as formas aladas espalhadas nas sombras e agachadas em locais estreitos.

Pensou em como o lugar ficaria quieto com o silêncio de seu coração.

O bater de asas do lado de fora compensaria — ou ao menos deveria.

EPÍLOGO

E assim ficou a cidade, diferente, mas eterna.

Todo mundo precisa se adaptar, encontrar um novo nicho na paisagem mutável, encontrar uma fissura onde se encaixar. Alguns dos ex-moradores voltaram, mas outros nunca o fizeram — não o Duque falecido, nem sua família.

Mas as vozes dos mortos sussurram para nós todos os dias e aprendemos a viver com o fluxo constante de suas lembranças e arrependimentos.

Nós nos escondemos nas calhas de chuva e nos telhados, nós deslizamos nas sombras, nós passamos a noite em prédios abandonados e nos restos da Calculadora.

Partes dela ainda zumbem e expelem restos fantasmagóricos de vapor acre.

O lugar nos conforta, e é também onde nós a mantemos.

A menina mecânica está quebrada, mas nós a juntamos da melhor forma que podíamos. Ainda assim, ela não acorda e o buraco em seu peito olha boquiaberto para nós, pedindo e desejando. Sabemos o que ele quer e procuramos nos escombros e no lixo dos mercados, nas casas incendiadas, mergulhamos no fundo do Lago Estorninho, nossas asas prateadas agitando bolhas de ar, e nós procuramos nas nuvens.

Às vezes, o Mecânico — uma criança da terra vermelha, do mundo que não está mais tão distante de nós — vem até as ruínas da Calculadora, até suas entranhas metálicas, misteriosas e convidativas. Ele se senta junto da garota por um tempo e depois parte. Nós o deixamos ir e vir quando quer, porque ele parece tão mudado agora. Mesmo seu cheiro mudou; ele agora tem cheiro de papel empoeirado e tinta, e nós suspeitamos que essa seja a causa de sua tristeza.

Nunca falamos a ele sobre nossa busca, nossos voos ao luar sobre os telhados, nossa negociação com as aranhas que passam quase todo o tempo à procura de algo na sujeira da cidade. Mas nós não o deixamos tocá-la, porque é nosso dever consertá-la, é nossa missão encontrar sua chave.

Por vezes, achamos que ela foi derretida no fogo, tornando-se uma massa informe fundida aos blocos de concreto da fundação. Às vezes, pensamos que foi vaporizada pela primeira explosão, assim como a mulher que a estava segurando em sua mão macia.

Mas nós afastamos esses pensamentos.

Ela está lá fora em algum lugar e, se alguém pode encontrá-la, somos nós — e vamos continuar procurando enquanto vivermos.

AGRADECIMENTOS

Tenho um enorme débito de gratidão aos muitos escritores e leitores que me ajudaram com conselhos e amizade: Paul Tremblay, Jay Lake, Catherynne Valente, Nick Mamatas, Paul Jessup, Paul Abbamondi, Sarah Prineas, Hannah Wolf Bowen, Mike Allen, Jessica Paige Wick, Darin Bradley, Ivona Elenton, David Schwartz, Jenn Reese, Forrest Aguirre, Barth Anderson, Jonathan Wood, K. Tempest Bradford, Darby Harn e Amal al Mohtar.

Muito obrigada às pessoas maravilhosa da Prime: obrigada a Sean Wallace por acreditar neste livro e a Stephen Segal pelo design gráfico.

Agradeço a Jennifer Jackson por ser a melhor agente deste mundo.

Por fim, sou eternamente agradecida à minha família — Chris, meu maravilhoso marido, minha mãe, meu pai e minhas irmãs Natasha e Connie, por seu encorajamento e amor.

Obrigado por fazerem parte da minha vida.

Sobre a Autora

Ekaterina Sedia nasceu e cresceu em Moscou, onde seus pais e o restante da família ainda vivem. Mora atualmente em New Jersey, EUA. Escreveu os livros "According to Crow", "The Secret History of Moscow", "The House of Discarded Dreams", "Heart of Iron" e "Moscow But Dreaming", nenhum deles ainda publicado no Brasil. Também organizou várias antologias e possui dezenas de contos publicados em outras tantas.

Contatos:

www.ekaterinasedia.com

Sobre a Editora

A **Tarja Editorial** é uma editora dedicada a literatura fantástica. Tem como missão publicar autores contemporâneos, nacionais e estrangeiros. E como ação o pioneirismo, ditando tendências com as primeiras publicações de contos de Steampunk nacional, New Weird Fiction no Brasil, mush-up brasileiro, coletâneas de contos Queer, entre outros sucessos. Não somos ainda a maior editora brasileira de gênero, mas somos a que mais cresce a cada ano.

Contatos:

contato@tarjaeditorial.com.br

www.tarjaeditorial.com.br

www.facebook.com/TarjaEditorial

Conheça também os outros livros digitais da mesma qualidade...

Jeff VanderMeer

"Em A Situação, [o autor] criou um mundo de humor surreal, tristeza estupefata e artifício meticuloso. É como se os romances de Sinclair Lewis e Joshua Ferris tivessem sido invertidos, sacudidos e cortados em pequenos pedaços até eles se parecerem com uma criação de Terry Gilliam. Que uma história que se curva tão resolutamente em sua própria lógica possa ser tão pungente é de causar perplexidade." - *Kevin Brockmeier*

"Pegue Dilbert, ponha-o dentro de Gormenghast, acrescente pesadelos biotecnológicos em abundância e você terá algo com sabor de A Situação de VanderMeer. A sombriamente hilária história conta as horríveis verdades do trabalho e do local de trabalho modernos. Qualquer um que já tenha tido um colega disfuncional ou tenha trabalhado para uma organização falida vai reconhecer as maquinações e os monstros aqui . - *Margo Lanagan*

A Situação

the skeleton

CYBER BRASILIANA

. bilhões sob o jugo do 3Murti?
. realidade alternativa pós-cyber?
. Norte decadente e 3 potências no eixo-sul?
. Hipermundo: simples realidade aumentada?
. a tecnologia nos afasta do espiritual?
. quem abriria mão de tudo?
. e se "tudo" for "nada"?
. como ser definitivo?
... *[processando]* ...

UM ROMANCE PÓS-CYBERPUNK DE

RICHARD DIEGUES

TARJA

Leia os três livros da série

do autor

ALEXANDRE HEREDIA

Catrina é uma garotinha que sofre de uma terrível doença e está prestes a sofrer uma cirurgia. Ogres é um gigante, príncipe no Reino de Todos os Olhos, e tem em mãos o diário de Catrina. Gamon é o príncipe herdeiro, irmão de Ogres, um albino acrobata, conhecido como "Exibicionista Branco". Loire é a jovem pela qual os príncipes são apaixonados, que ganha o diário de Catrina das mãos de Ogres, que é tomado dela por Gamon, que é trocado de universo com Catrina, que tem que cruzar o Reino dos Sonhos, indo até os confins do Reino dos Pesadelos e salvar o universo. Confuso? Você ainda não viu nada! Tem muito mais

Catrina e o Reino de Todos os Olhos é o segundo livro da coleção Universo de Todos os Olhos, um romance para ser lido dos 8 aos 80 anos de idade.

Jeff é um garoto que sofre de uma rara doença do sono, e dormiu por 20 anos. Na verdade, ele **era** um garoto, pois quando acorda se tornou um homem. Ele passou esses 20 anos vivendo em um reino de sonhos e pesadelos, e quando finalmente retorna ao lar, descobre que trouxe junto consigo uma demoníaca Criatura, que se alimenta do sofrimento de crianças, e que levar quantas conseguir para o Reino dos Pesadelos. Jeff se embrenha em uma luta para devolver a Criatura para seu reino, enquanto tem que fugir de vários perigos, e ainda precisará superar o fato de que cresceu e o mundo não é mais como se recordava.

Resvalamentos, a Chave dos Reinos é o terceiro livro da coleção Universo de Todos os Olhos, um romance para ser lido dos 10 aos 100 anos de idade.